

WANDERLEI PACHECO

**O PROCESSO DE PENSAMENTO E AÇÃO EM
TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO**

Orientador: Professor Doutor Francisco Alberto Arruda Carreiro da Costa

Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa
Faculdade de Educação Física e Desporto

Lisboa

2023

WANDERLEI PACHECO

O PROCESSO DE PENSAMENTO E AÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Tese defendida em provas públicas para a obtenção do grau de Doutor no Curso de Doutoramento em Educação Física e Desporto, na Especialidade de Didática da Educação Física e Desporto conferido pela Universidade Lusófona, no dia 19 de abril de 2023, perante o júri, com o Despacho de Nomeação nº 01/2022, de 5 de dezembro de 2022, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor Jorge dos Santos Proença Martins, Professor Catedrático e Diretor da Faculdade de Educação Física e Desporto - ULusofona, por delegação do Reitor da Universidade Lusófona;

Arguentes:

Prof. Doutor João Herculano Pessanha de Carvalho, Professora Adjunto da Escola Superior de Educação e Comunicação (Universidade do Algarve);

Prof. Doutor José Henrique dos Santos, Professor Adjunto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Brasil);

Vogais:

Prof^a. Doutora Lúcia Cristina da Fonseca Gomes, Prof. Auxiliar da Faculdade de Educação Física e Desporto, Universidade Lusófona;

Prof. Doutor Mário Luís Castro Guimarães, Professor Auxiliar da Faculdade de Educação Física e Desporto, Universidade Lusófona;

Orientador:

Prof. Doutor Francisco Alberto Arruda Carreiro da Costa, Prof. Catedrático da Faculdade de Educação Física e Desporto, Universidade Lusófona.

Co-orientador:

Professor Doutor Walter Jacinto Nunes (membro não integrante do júri).

**Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa
Faculdade de Educação Física e Desporto**

Lisboa

2023

EPÍGRAFE

“Talvez não tenha conseguido fazer o melhor.
Mas, lutei para que o melhor fosse feito.
Não sou o que deveria ser, mas, Graças a DEUS,
não sou o que era antes”.

Martin Luther King

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo:

Ao meu pai *DJALMA PACHECO (in memoriam)*, que certamente ficaria muito orgulhoso e feliz por uma nova transcendência alcançada.

A minha mãe *VALDELICE DE ARAGÃO PACHECO (guerreira mulher)*, por amor incondicional as suas crias, apoio de incentivo e compreensão em todos os momentos da minha vida. Principalmente, profissional e acadêmica.

Aos meus irmãos adorados *VALTER DE ARAGÃO PACHECO, WILSON PACHECO (in memoriam)* e *JORGE PACHECO*, pela parceria e convívio diário.

Ao meu filho *VICTOR DE OLIVEIRA PACHECO*, por ser o estímulo de força e perseverança para que eu possa superar todas as dificuldades encontradas no meu caminho.

Aos meus sobrinhos *PABLO DE OLIVEIRA PACHECO, ALINE DIAS PACHECO, THAISSA DE OLIVEIRA PACHECO e em especial JÚLIA DIAS PACHECO (afilhada)*, por me proporcionar a emoção dupla de ser tio e padrinho.

Aos meus sobrinhos-netos *HELENA PACHECO BARCELLOS DE RESENDE e BERNARDO DIAS CAMPELO*, por me fazer crer, que enquanto houver a inocência pura de uma criança sempre existirá a esperança de mundo melhor.

A parceira *FERNANDA MORAES GRAÇA*, pelo carinho, atenção, compreensão e companheirismo durante esta difícil trajetória.

AGRADECIMENTOS

Ao professor orientador Dr. *FRANCISCO ALBERTO ARRUDA CARREIRO DA COSTA* pela orientação, acolhimento e por ser uma referência acadêmica.

Ao professor coorientador Dr. *WALTER JACINTO NUNES* pela amizade, apoio e inspiração a minha participação no mundo acadêmico.

A professora Dra. *MIRYAM BONADIU PELOSI* pela orientação informal, apoio constante e por ser uma das principais incentivadoras deste caminho.

Ao parceiro e amigo particular, mestre *FRANKLIN VELLOZO* pelo seu apoio na realização deste estudo juntos aos treinadores de tênis.

Aos alunos-atletas *ANA CAROLINA ALVIM, PABLO PASSOLS e KARLA GONÇALVES* pela amizade, ajuda nas traduções e incentivo constante nesta trajetória profissional e acadêmica.

A Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias pela oportunidade e concessão de uma bolsa de estudo para a realização deste sonho.

Aos professores do Curso de Doutorado em Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Aos colegas e amigos do Curso de Doutorado em Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Aos funcionários do Curso de Doutorado em Educação Física e Desporto da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Aos atletas juvenis, aos alunos particulares de tênis, aos docentes e discentes do Curso de Educação Física e Desporto da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

RESUMO

A presente investigação teve o objetivo de analisar a relação entre o pensamento e o comportamento pedagógico do treinador de tênis, a partir de seus relatos e das observações de suas ações durante a sessão de treino, com o intuito de evidenciar o que ocorre entre o discurso e a prática.

Trata-se de um estudo de caso baseado no modelo descritivo e na abordagem qualitativa, cuja mostra foi constituída por 14 treinadores de tênis *expert* em treinamento de atletas juvenis da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro.

Para obtenção das informações, relativas ao pensamento do treinador, foi utilizada uma entrevista semiestruturada composta por seis objetos de investigação e, para o comportamento do treinador, foi aplicada a observação em diferido, que significa uma análise posterior das intervenções pedagógicas do treinador de tênis no contexto real, por meio de áudio e vídeo.

Os resultados do estudo revelaram que grande parte das intervenções pedagógicas dos treinadores nas sessões de treino apresentou congruência entre o discurso. Todavia, em alguns temas fundamentais para o desenvolvimento da carreira dos atletas juvenis, foi observada a divergência entre o discurso e a ação pedagógica dos treinadores.

Palavras-chave: Pensamento, Comportamento, Treinadores de Tênis, Intervenção Pedagógica

ABSTRACT

The present study aims to analyze the relationship between a tennis coach's thinking and their pedagogical behavior, based on their reports and the observations of their actions during a training session, with the purpose of highlighting what happens between the discourse and the practice.

This work is a case study grounded on the descriptive model and the qualitative approach. Its sample consisted of 14 tennis coaches who are expert on training youth athletes from the West Zone of the city of Rio de Janeiro.

To obtain information regarding the coach's thinking, a semi-structured interview comprised of six research subjects was carried out. For the coach's behavior, the research counted on the application of a deferred observation, which means a subsequent analysis of the tennis coach's pedagogical interventions in the real context, through audio and video.

The results of the study revealed that most of the coaches' pedagogical interventions in the training sessions presented congruence with the discourse. However, in some topics that are fundamental to the development of the youth athletes' career, it was observed the divergence between the coaches' discourse and their pedagogical action.

Keywords: Thinking, Behavior, Tennis Coaches, Pedagogical Intervention

RESUMEN

El presente estudio tuvo como objetivo analizar la relación entre el pensamiento y el comportamiento pedagógico del entrenador de tenis, a partir de sus relatos y de las observaciones de sus acciones durante la sesión de entrenamiento, con el propósito de evidenciar lo que se produce entre discurso y práctica.

Se trata de un estudio de caso basado en un modelo descriptivo en un abordaje cualitativo, cuya muestra está constituida por 14 entrenadores de tenis expertos en entrenamiento de atletas juveniles de la Zona Oeste del municipio de Rio de Janeiro.

Para la obtención de los datos relativos al pensamiento del entrenador, fue utilizada una entrevista semiestructurada compuesta por seis objetos de investigación, mientras que para el comportamiento del entrenador fue aplicada la observación en diferido, es decir, un análisis posterior de las intervenciones pedagógicas del entrenador de tenis en el contexto real a través de audio y vídeo.

Los resultados del estudio revelaron que gran parte de las intervenciones pedagógicas de los entrenadores en las sesiones de entrenamiento presentaron congruencia con el discurso. Sin embargo, en algunos temas fundamentales para el desarrollo de la carrera de los atletas juveniles, fue observada una divergencia entre el discurso y la acción pedagógica de los entrenadores.

Palabras Clave: Pensamiento, Comportamiento, Entrenadores de Tenis, Intervenciones pedagógicas

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

A	Auditivo
AC	Auditivo – Cinestésico
AN	Afetividade Negativo
AP	Afetividade Positivo
AV	Auditivo – Visual
AVC	Auditivo – Visual – Cinestésico
C	Cinestésico
CBT	Confederação Brasileira de Tênis
CEP	Comitês de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
CONEP	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
COOP	Cooperação
COSAT	Confederação Sul Americana de Tênis
CP	Critério Performance
CPB	Comitê Paraolímpico Brasileiro
CR	Critério Resultado
CREF	Conselho Regional de Educação Física
CT	Centro de Treinamento
DP	Desvio Padrão
EF	Educação Física
ENTID	Entidades
F	Frequência
Fem.	Feminino
FP	Feedback Pedagógico
FR	Frequência Relativa
FPAN	Feedback Pedagógico Avaliativo Negativo
FPDC	Feedback Pedagógico Descritivo Correção
FPDE	Feedback Pedagógico Descritivo Erro
FPAP	Feedback Pedagógico Avaliativo Positivo
FTERJ	Federação de Tênis do Estado do Rio de Janeiro

IFE	Instrução Finalidade do Exercício
IFRJ	Instituto Federal do Rio de Janeiro
IPTD	Intervenção Pedagógica no Treino Desportivo
I	Interrogativo
IP	Intervenção Pedagógica
ITF	<i>International Tennis Federation</i>
Masc.	Masculino
Max.	Máximo
ME	Ministério do Esporte
Min.	Mínimo
MLB	Máquina Lançadora de Bolas
MS	Ministério da Saúde
MU's	<i>Meaning Units</i>
P	Prescritivo
PD	Prática Desportiva
PE	Protocolo de Entrevista
Prog.	Programa
RT	<i>Ring Target</i>
SC	Sem Critério
SO	Sistema de Observação
TAJ	Treinador de Atletas Juvenis
TAUI	Termo de Autorização de Uso de Imagem
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TQ	Total de Quadras
TTM	<i>Tennis Training Machine</i>
UF	Unidade Federal
USA	<i>United State of America</i>
V	Visual
VC	Visual – Cinestésico

ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE	iii
DEDICATÓRIA	iv
AGRADECIMENTOS	v
RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
RESUMEN	viii
ABREVIATURAS E SÍMBOLOS	ix
ÍNDICE GERAL	xi
LISTAS DE TABELAS	xvi
LISTAS DE FIGURAS	xviii
ÍNDICE DE SÍMBOLOS	xix
ÍNDICE DE FOTOGRAFIA/IMAGEM	xx
INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I	24
1. REVISÃO DE LITERATURA	25
1.1. Pensamento do treinador	25
1.2. Comportamento do treinador	28
1.3. Intervenção pedagógica no treino desportivo	32
1.4. Planejamento do treino desportivo	36
CAPÍTULO II	37
2. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	38
2.1. Introdução	38
2.2. Enunciado do problema	38
2.3. Objetivos do estudo	42
2.3.1. <i>Objetivo geral</i>	42
2.3.2. <i>Objetivos específicos</i>	42
2.4. Hipóteses do estudo	42
2.5. Justificativas do estudo	43

CAPÍTULO III	45
3. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS	46
3.1. Introdução	46
3.2. Métodos	46
3.3. Desenho do estudo	47
3.3.1. <i>Quanto à natureza</i>	47
3.3.2. <i>Quanto à abordagem</i>	47
3.3.3. <i>Quanto á forma de investigação</i>	49
3.3.4. <i>Quanto ao método de procedimento</i>	49
3.3.5. <i>Quanto ao procedimento técnico</i>	50
3.4. Procedimentos éticos do estudo	51
3.5. Caracterização dos contextos de treino participantes	52
3.6. Participantes do estudo	66
3.6.1. <i>Critérios de inclusão</i>	66
3.6.2. <i>Critérios de exclusão</i>	66
3.6.3. <i>Caracterização da amostra</i>	67
3.7. Variáveis analisadas no estudo	68
3.7.1. <i>Variável dependente</i>	68
3.7.2. <i>Variável independente</i>	68
3.7.3. <i>Variável de presságio</i>	68
3.7.4. <i>Variável de contexto</i>	69
3.8. Instrumentos do estudo	70
3.8.1. <i>Referente ao pensamento do treinador</i>	70
3.8.1.1. <i>Elaboração do Protocolo de Entrevista (PE)</i>	70
3.8.1.2. <i>Procedimento específico dos experts-avaliadores no PE</i>	77
3.8.1.3. <i>Ensaio do PE</i>	86
3.8.1.4. <i>Aplicação do PE</i>	87
3.8.1.5. <i>Confiabilidade da transcrição do conteúdo</i>	88
3.8.1.6. <i>Fidedignidade do conteúdo</i>	88
3.8.1.7. <i>Análise do conteúdo</i>	88
3.8.2. <i>Referente ao comportamento pedagógico do treinador</i>	90
3.8.2.1. <i>Recursos tecnológicos utilizados</i>	90
3.8.2.2. <i>Sistema de observação do treinador</i>	91

3.8.2.3. Procedimento para aplicação do instrumento	95
3.8.2.4. Fidedignidade do instrumento	95
3.9. Limitação do estudo	99
3.10. Delimitação do estudo	100
3.11. Controle de fontes de viés	102
3.12. Relação entre as variáveis principais do estudo	103
3.12.1. Procedimento específico da análise da relação	104
3.13. Referencial de análise dos dados do estudo	105
CAPÍTULO IV	112
4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	113
4.1. Introdução	113
4.2. Análise descritiva do pensamento do treinador	115
4.2.1. Fontes de informações	115
4.2.1.1. Influência da formação acadêmica	115
4.2.1.2. Condições atuais de formação de treinador	117
4.2.1.3. Mecanismos de acesso à formação de treinador	119
4.2.1.4. Circunstância da formação continuada de treinador	120
4.2.1.5. Experiência prática comparada aos conhecimentos dos cursos	122
4.2.2. Adequação dos conhecimentos	123
4.2.2.1. Relação entre a teoria e a prática	123
4.2.2.2. Objetivos dos recursos tecnológicos	124
4.2.2.3. Conhecimentos para exercer a função de treinador	126
4.2.2.4. Competência para desempenhar a função de treinador	128
4.2.3. Planejamento do treino	129
4.2.3.1. Importância do planejamento	129
4.2.3.2. Influência do calendário de competição no planejamento	131
4.2.3.3. Participação dos atletas juvenis no planejamento dos treinos	132
4.2.3.4. Avaliação dos efeitos do planejamento	133
4.2.4. Intervenção pedagógica	135
4.2.4.1. Aplicação da instrução no treino	135
4.2.4.2. Estímulo da autoinstrução no treino	136
4.2.4.3. Uso de sugestões ou lembretes no treino	137

4.2.4.4. <i>Uso de exercícios pautados em fases progressivas</i>	137
4.2.4.5. <i>Uso de jogos como exercícios de treino</i>	138
4.2.4.6. <i>Questionamentos aos atletas juvenis</i>	138
4.2.4.7. <i>Ouvir as opiniões dos atletas juvenis no treino</i>	140
4.2.4.8. <i>Elogiar os atletas juvenis no treino</i>	141
4.2.4.9. <i>Organização dos materiais auxiliares no treino</i>	142
4.2.4.10. <i>Critério de organização do grupo de atletas juvenis no treino</i>	143
4.2.4.11. <i>Participação dos atletas juvenis na formação do grupo de treino</i> ..	144
4.2.4.12. <i>Graus de dificuldade no objetivo do treino</i>	145
4.2.4.13. <i>Procedimentos de quantificação das repetições</i>	145
4.2.4.14. <i>Estratégias utilizadas quando não se alcança o objetivo</i>	147
4.2.4.15. <i>Avaliação do objetivo no treino</i>	148
4.3. Síntese dos principais resultados do pensamento do treinador	150
4.3.1. Fontes de informações	150
<i>Formação acadêmica</i>	150
<i>Mecanismo de acesso à formação de treinador</i>	150
4.3.2. Adquação dos conhecimentos	151
<i>Conhecimentos para exercer a função de treinador</i>	151
<i>Competências para desempenhar a função de treinador</i>	152
4.3.3. Planejamento do treino	153
<i>Importância do planejamento</i>	153
<i>Avaliação dos efeitos do planejamento</i>	153
4.3.4. Intervenção pedagógica	154
<i>Questionamento aos atletas juvenis no treino</i>	154
<i>Avaliação do objetivo no treino</i>	154
4.4. Síntese do comportamento do treinador	155
4.5. Comparação entre o pensamento e o comportamento do treinador	158
4.6. Síntese dos principais resultados da comparação entre as variáveis principais	159
4.6.1. Estímulo à autoinstrução	159
4.6.2. Exercícios em fases progressivas	161
4.6.3. Participação dos atletas juvenis	162
4.6.4. Objetivo a ser alcançado no treino	163
4.6.5. Objetivos com grau de dificuldades	164

4.6.6. Quantificação das repetições	165
CAPÍTULO V	166
5. CONCLUSÕES DOS RESULTADOS	167
5.1. Introdução	167
6. RECOMENDAÇÕES	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	169
ÍNDICE REMISSIVO	178
APÊNDICES E ANEXOS.....	179
Apêndice I – Termo de Compromisso e Responsabilidade de Orientação / CEP – IFRJ	180
Apêndice II – Termo de Confidencialidade e Sigilo	181
Apêndice III – Termo de Consentimento Livre Esclarecido	182
Apêndice IV – Termo de Autorização de Uso de Imagem	183
Apêndice V – Protocolo de Entrevista (PE) – Versão 1	184
Anexo 1 – Lei (Pelé) – 9.615 de 1988	189
Anexo 2 – Relação de Centros de Treinamento de Juvenis	191
Anexo 3 – Declaração de Concordância	193
Anexo 4 – Parecer de Aprovação do CEP – IFRJ	194
Anexo 5 – Avaliação do PE / Versão 1 – Língua Portuguesa	197
Anexo 6 – Avaliação do PE / Versão 2 – Didática	205
Anexo 7 – Protocolo de Entrevista – Versão 3	211
Anexo 8 – Exemplar de Avaliação do PE / Versão 3 – Professor Dr. 01	216
Anexo 9 – Exemplar de Avaliação do PE / Versão 3 – Treinador de Tênis 01	221
Anexo 10 – Protocolo de Entrevista – Versão Final	226
Anexo 11 – Exemplar do PE Respondido por um Treinador	231
Anexo 12 – Exemplar do PE Respostas Organizadas em Categorias	239
Anexo 13 – Discordâncias nas Análises Intra-observador	247
Anexo 14 – Discordâncias nas Análises Inter-observadores	251
Anexo 15 – Discordâncias das Análises Intra-observador e Inter-observadores	263
Anexo 16 – Análise Comparativa entre o Pensamento e Comportamento	268

LISTAS DE TABELAS

Tabela 01	– Descrição da amostra	67
Tabela 02	– Parecer do perito em Língua Portuguesa	73
Tabela 03	– Parecer do perito em Didática	74
Tabela 04	– Características do grupo de experts-avaliadores	76
Tabela 05	– Perguntas em concordância e discordância dos <i>experts</i> -avaliadores	77
Tabela 06	– Coeficiente de concordância de Landis e Koch	78
Tabela 07	– Parecer dos <i>Experts</i> – Experiência do treinador	80
Tabela 08	– Parecer dos <i>Experts</i> – Fontes de informação	81
Tabela 09	– Parecer dos <i>Experts</i> – Adequação dos conhecimentos	82
Tabela 10	– Parecer dos <i>Experts</i> – Planejamento do treino	83
Tabela 11	– Parecer dos <i>Experts</i> – Intervenção pedagógica	84
Tabela 12	– Sistema de observação do comportamento do treinador	94
Tabela 13	– Resultados da fidedignidade intra-observador	96
Tabela 14	– Resultados da fidedignidade inter-observadores	97
Tabela 15	– Resultados da fidedignidade intra-observador e inter-observadores	98
Tabela 16	– Diagrama de competições infanto-juvenis	100
Tabela 17	– Correlação parcial entre o pensamento e o comportamento do treinador	103
Tabela 18	– Exame dos dados – Contextos de treinamento	105
Tabela 19	– Exame dos dados – Sociodemográficos da amostra	106
Tabela 20	– Exame dos dados – Fontes de informações	107
Tabela 21	– Exame dos dados – Experiência do treinador	108
Tabela 22	– Exame dos dados – Adequação dos conhecimentos	109
Tabela 23	– Exame dos dados – Planejamento do treino	110
Tabela 24	– Exame dos dados – Intervenção pedagógica	111
Tabela 25	– Influência da formação acadêmica	116
Tabela 26	– Condições atuais de formação do treinador	118
Tabela 27	– Meios de acesso a formação de treinador	120
Tabela 28	– Circunstância da formação continuada do treinador	121
Tabela 29	– Experiência prática comparada aos conhecimentos dos cursos	123

Tabela 30	– Relação entre teoria e prática	124
Tabela 31	– Objetivos dos recursos tecnológicos	125
Tabela 32	– Conhecimentos para exercer a função de treinador	127
Tabela 33	– Competência para exercer a função de treinador	129
Tabela 34	– Importância do planejamento	130
Tabela 35	– Influências do calendário no planejamento	132
Tabela 36	– Justificativas sobre a participação dos atletas no planejamento	133
Tabela 37	– Avaliação dos efeitos do planejamento	134
Tabela 38	– Aplicação da instrução no treino	136
Tabela 39	– Justificativa dos questionamentos feito aos atletas no treino	139
Tabela 40	– Razões argumentativas para ouvir os atletas durante o treino	141
Tabela 41	– Formas de organização dos materiais no treino	143
Tabela 42	– Razões da participação do atleta na formação do grupo de treino	144
Tabela 43	– Procedimentos de quantificação das repetições	146
Tabela 44	– Estratégias utilizadas quando não se alcança o objetivo	148
Tabela 45	– Avaliações do objetivo no treino	149
Tabela 46	– Funções das instruções emitidas pelos treinadores	155
Tabela 47	– Objetivos dos feedbacks pedagógicos	156
Tabela 48	– Critérios dos feedbacks pedagógicos	157
Tabela 49	– Comparação entre o pensamento e o comportamento	158
Tabela 50	– Observações – autoinstrução no treino	159
Tabela 51	– Exercícios pautados em fases progressivas	161
Tabela 52	– Participação dos atletas na organização do grupo de treino	162
Tabela 53	– Definição dos objetivos a serem alcançados no treino	163
Tabela 54	– Aplicação de treinos com graus de dificuldade	164
Tabela 55	– Quantificação das repetições	165

LISTAS DE FIGURAS

Figura 01 – Competências centrais e conhecimento sobre o treinamento	33
Figura 02 – Etapas da pesquisa	46
Figura 03 – Abordagens: qualitativa e quantitativa do estudo	48
Figura 04 – Relação entre as variáveis da pesquisa	49
Figura 05 – Fatos observados da pesquisa	50
Figura 06 – Centro de treinamento 01	52
Figura 07 – Centro de treinamento 02	53
Figura 07 – Centro de treinamento 03	54
Figura 09 – Centro de treinamento 04	55
Figura 10 – Centro de treinamento 05	56
Figura 11 – Centro de treinamento 06	57
Figura 12 – Centro de treinamento 07	58
Figura 13 – Centro de treinamento 08	59
Figura 14 – Centro de treinamento 09	60
Figura 15 – Centro de treinamento 10	61
Figura 16 – Centro de treinamento 11	62
Figura 17 – Centro de treinamento 12	63
Figura 18 – Centro de treinamento 13	64
Figura 19 – Centro de treinamento 14	65
Figura 20 – Diagrama das variáveis do estudo	69
Figura 21 – Fluxograma dos estágios de construção do PE.	70
Figura 22 – Fluxograma das perguntas do PE	72
Figura 23 – Valores relativos da concordância e da discordância.	78
Figura 24 – Mapeamento dos centros de treinamento de juvenis do RJ	100

ÍNDICE DE SÍMBOLOS

Símbolo 01 – Confederação Brasileira de Tênis	101
Símbolo 02 – Confederação Sul-Americana de Tênis	101

ÍNDICE DE FOTOGRAFIA/IMAGEM

Imagem 01 – Gravador de voz digital / Olympus VN721PC	87
Imagem 02 – Filmadora de vídeo / <i>Panasonic Lumix</i> – modelo FZ300	90
Imagem 03 – Tripé para câmara filmadora	90
Imagem 04 – Microfone lapela K037	91
Imagem 05 – Filmadora de vídeo no lado externo	95

INTRODUÇÃO

O treinamento desportivo (TD) de alto rendimento¹ busca alcançar a máxima eficiência do atleta nas competições (Zahradník & Korvas, 2012), no que diz respeito à performance (Resende & Gilbert, 2015) e ao alcance dos resultados (Nogueira, 2014; Vieira et al., 2014). Em função de tais objetivos, utilizam-se práticas sistemáticas das componentes da formação desportiva, em outras palavras, seguir padrões metódicos de treino nos aspectos técnico, tático, psicológico e físico (capacidade motora).

Apesar disso, é imprescindível que o TD seja encarado como um processo pedagógico de caráter científico, que propicie adequação entre teoria e prática e, desse modo, possibilite melhor conhecimento profissional no que se refere à compreensão do conteúdo de treino e à gestão do processo de ensino-aprendizagem das habilidades desportivas (Raposo, 2017).

O processo pedagógico do treinamento desportivo é definido por Mesquita (2015) como um “conjunto de ações intencionalmente organizadas, orientadas à finalidade específica de promover efetivamente a aprendizagem e o desenvolvimento das capacidades do atleta”.

Partindo deste entendimento, o treinador desportivo é visto como um agente importante, em virtude da transmissão de conhecimentos gerais e específicos do esporte, elaboração do planejamento e condução do treinamento (Brandão & Carchan, 2010; Searle, 2012). Porém, estudos revelam que a principal fonte de conhecimento deste agente advém da prática diária e das competições (Blumenstein & Orbach, 2016; Cushion & Lyle, 2016; Mesquita et al., 2014).

Com base em tais compreensões, este estudo pretende discutir a intervenção pedagógica do treinador de esporte individual, o tênis, destinada à orientação técnico-tático de juvenis que, como processo de ensino-aprendizagem, tem contribuído para o desenvolvimento e a construção da carreira desses futuros atletas-esportistas.

Para tal, este estudo alicerça-se no paradigma do pensamento do professor/treinador, o qual, tem como princípio que a intervenção pedagógica no treino desportivo está fortemente relacionada ao pensamento e ao comportamento (ação) do treinador.

Esta premissa suscita as principais questões de investigação: 1) o pensamento do treinador de tênis se associa ao seu comportamento no contexto prático durante a sessão de treino técnico-tático? 2) quais são os aspectos comuns e divergentes entre o pensamento e o

¹ Quando tem a competição e a concorrência como princípio fundamental para sua organização e funcionamento. Submissão às regras, aos gestos técnicos e às exigências de resultados (Costa & Kunz, 2012).

comportamento dos treinadores de tênis, acerca da intervenção pedagógica no treino técnico-tático, destinada à orientação de atleta juvenil?

Para tentar responder estas questões, assumem-se três objetivos: a) descrever o pensamento do treinador, por meio de uma entrevista semiestruturada, organizada em quatro objetos de investigação; b) analisar o comportamento (ação) pedagógico deste treinador, por meio da gravação de áudio e vídeos de um treino; e c) comparar esses relatos do treinador com as observações de suas ações pedagógicas obtidas na sessão de treino com o intuito de evidenciar o que ocorre entre o discurso e a prática.

Para a concretização destes objetivos, recorreu-se aos seguintes métodos de observação: **Direta intensiva**, realizada em dois objetos: a) *contextualização*, que buscou informações acerca da experiência inicial e profissional do sujeito, fontes de conhecimentos, adequação destes conhecimentos; e b) *principal*, que buscou informações sobre o planejamento do treino e a intervenção pedagógica. **Em diferido**, que buscou captar informações a respeito das ações pedagógicas no treino para, em seguida, ligar as ocorrências encontradas nesta ação, com o propósito de descobrir a relação entre elas e a generalização comum dessa relação.

O interesse por este tema decorre da percepção e crença do investigador principal em ajuizar a importância da intervenção pedagógica na formação de atributos² desportivo e individuais do praticante, num contexto sociocultural, além das experiências profissionais como treinador de atletas juvenis, vivências com treinadores (nativos e estrangeiros) e questões do cotidiano de treinamento, no que se refere à maneira de melhorar o desempenho competitivo do atleta juvenil, que resultaram nas inquietações de cunho teórico, científico e prático. Estabelecendo-se, assim, as razões motivacionais deste estudo, a procura de uma reflexão crítica sobre a melhor qualidade da intervenção pedagógica para atuação do treinador de tênis.

Em virtude da escassez de investigações acerca da intervenção pedagógica do treinador de esporte individual, em especial o tênis, este estudo tem a possibilidade de preencher parte dessa lacuna, apresentando para a classe profissional, discussões mais criteriosas de atuação baseada em evidências, no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem-treinamento e à qualidade, exigida pela atual demanda desta área desportiva.

O conteúdo desta investigação está estruturado em cinco capítulos e respectivas seções, além das conclusões e considerações finais do estudo, referências, índice remissivo e anexos, conforme sumário.

²Aspectos psicológico, técnico, tático, capacidade motora, moral, ético, intelectual etc. (www.dicio.com.br).

No Capítulo 1, **Revisão de Literatura**, foram abordados temas relacionados ao objeto de estudo, como: a) o pensamento do treinador, expondo alguns estudos existentes neste domínio do conhecimento; b) o comportamento do treinador desportivo; c) a intervenção pedagógica no treinamento desportivo; e d) o planeamento do treinamento desportivo.

O Capítulo 2, **Apresentação do Problema**, constituído pelo enunciado do problema, versando os argumentos que amparam a escolha do sujeito e a região a ser estudada, os objetivos (gerais e específicos), as hipóteses e justificativas do estudo.

O Capítulo 3, **Métodos e Procedimentos**, compreende: a) desenho do estudo quanto à natureza, à abordagem, à forma, ao método de procedimento e à técnica utilizada; b) procedimentos éticos do estudo; c) caracterização dos contextos de treino envolvidos com o estudo; d) caracterização dos participantes do estudo, critérios de inclusão e exclusão; e) variáveis analisadas no estudo; f) medidas adotadas para evitar potenciais fontes de viés; g) instrumentos do estudo: 1. Referente ao pensamento do treinador: elaboração do instrumento de medição, entrevista, procedimento específico dos *experts*-avaliadores, teste piloto do protocolo de entrevista, aplicação da entrevista, confiabilidade da transcrição do conteúdo, fidedignidade do conteúdo. 2. Quanto ao comportamento do treinador: recurso tecnológico utilizado para registro das ações do treinador, sistema de observação do treinador de tênis, procedimento para aplicação do instrumento, fidedignidade do instrumento; h) limitação do estudo; i) controle de fontes de viés e j) análise estatística dos dados encontrados.

O Capítulo 4, **Apresentação e Discussão dos Resultados**, exhibe e discute os principais resultados da análise descritiva e inferencial, tendo como referência os objetivos do estudo, procurando proceder-se a uma correta interpretação do produto da investigação.

No capítulo 5, **Conclusões e Considerações finais**, são apresentados um resumo dos principais dados obtidos no estudo e as considerações pertinentes no que tange à ampliação da concepção sobre o objeto e/ou se foram descobertos outros problemas, como também, a identificação de propostas para aplicações práticas dos resultados e para novas investigações.

CAPÍTULO I

1. REVISÃO DE LITERATURA

1. REVISÃO DE LITERATURA

1.1. INTRODUÇÃO

Este capítulo pretende apresentar uma análise da literatura sobre os temas relacionados com o propósito do estudo, procurando deste modo, traçar um quadro teórico para a estruturação conceitual desta investigação.

Esta revisão de literatura está organizada em quatro temas: o primeiro refere-se ao processo de pensamento do treinador de ténis, que salienta estas representações mentais em sua função, o segundo trata-se do comportamento deste profissional, que é pautado em conceitos, a terceira a intervenção pedagógica do treinador no treino e por último o planeamento do treino.

1.2. PENSAMENTO DO TREINADOR

Historicamente, o interesse científico pelo processo de pensamento do professor se deu a partir de um painel apresentado na conferência do *National Institute of Education* nos EUA em 1974, a qual apontava, que as ações do professor eram guiadas pelos seus pensamentos. No entanto, a obra mais referenciada nas investigações didática sobre os processos psicológicos do professor foi o estudo de revisão da literatura de Clark e Peterson em 1986, que englobou os domínios de investigação **visível** e **invisível** do ensino (Januário et al., 2009).

O enfoque **visível** retrata-se às ações do professor na sala de aula e as suas implicações quanto ao comportamento do aluno na sala de aula e o seu rendimento. E a **invisível** refere-se os processos cognitivos do professor, i.e., o planeamento: pensamento pré e pós interativos, os pensamentos e as decisões interativas, e as teorias e as crenças. De acordo com Carreiro da Costa (1996), esta perspectiva estuda a parte oculta do ensino, que procura entender o porquê de certos comportamentos e explicar a forma e o motivo do ensino.

Para Zabalza (1994), conhecer, descrever e interpretar os pensamentos, as concepções e as crenças do professor podem propiciar previsões de comportamento, mas não pode predizer o seu comportamento pedagógico na função profissional.

Na perspectiva desportiva, o treinador eficaz é aquele que demonstra a capacidade de aplicar e alinhar a sua experiência no desenvolvimento dos atletas nas áreas de competência, confiança, conexão e carácter em contextos específicos de treinamento (Côté e Gilbert, 2009).

Gomes (2015) evidenciou a importância de se analisar as representações mentais que o treinador desportivo criava sobre a sua atividade profissional, uma vez que estas representações mentais influenciavam os seus comportamentos durante os treinos e nas competições.

Tais representações mentais decorrem de uma análise prévia que os treinadores fazem das suas capacidades e características pessoais (conhecimentos, crenças, princípios e filosofia de treino), das potencialidades dos atletas (atributos físicos, competências psicológicas para o desporto) e das exigências e cobranças externas que tem de enfrentar no quotidiano, i.e., apoios, condições materiais, nível competitivo do atleta e da categoria.

Conforme o paradigma do pensamento do treinador, a intervenção pedagógica no treino desportivo está fortemente relacionada ao pensamento e ao comportamento deste profissional.

Segundo este modelo, o pensamento do treinador se refere a maneira como este agente pensa, conhece e representa a realidade da sua profissão e, conseqüentemente, como soluciona os problemas do dia a dia inerentes ao processo de ensino-aprendizagem-treino de atletas, como constrói as suas convicções e crenças, planejamentos e histórias de vida.

Corroborando esta concepção, o treinador precisa avaliar os seus conhecimentos, as suas concepções e crenças (pensamento) e as suas ações pedagógicas (comportamento) de forma constante para favorecer o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem-treino numa condição mais condizente às necessidades individuais dos atletas, principalmente os juvenis. Em outras palavras, pensar e repensar continuamente a sua capacidade de inovar, não como uma simples escolha, mas sim como um dever de ajudar os atletas juvenis que desejam permanecer competindo.

Alguns estudos direcionaram-se a investigar o pensamento dos treinadores desportivos. Nunes et al. (2021) compararam o processo de ensino-aprendizagem do tênis de campo em crianças de 6 a 8 anos entre as escolas do Brasil (Rio de Janeiro) e da Espanha (Valencia).

O resultado obtido a partir de um questionário com base na escala de *Likert*, revelou que todos os professores de ambos os contextos tiveram pensamentos congruentes na indicação da melhor maneira de ensinar o tênis para esta idade, ou seja, houve unanimidade pelo estilo de ensino participativo, pelo fato de envolver as crianças e os professores em aulas mais dinâmicas, prazerosas e variações de exercícios para torná-las descontraídas, no entanto, sem o abandono das correções necessárias de cada aluno. Concluiu-se que os objetivos das aulas precisam ser elaborados na variabilidade das atividades lúdicas para favorecer a motivação, o prazer, a presteza e a diversão das crianças nas aulas.

Brasil et al. (2017) verificaram os conhecimentos básicos necessários para a intervenção pedagógica no ensino do surf. Para tal, averiguou a percepção de cinco treinadores *experts* na formação de novos treinadores da modalidade, esta amostra se encontrava à época com idades entre 36 e 45 anos. Para a coleta de dados deste estudo qualitativo de casos múltiplos foi utilizada uma entrevista semiestruturada apoiada no uso da técnica de análise de conteúdo. O resultado mostrou que os conhecimentos mais declarados foram: o saber específico do esporte, as ciências do esporte, os alunos-aprendizes, os objetivos das aulas, o papel do treinador, e o conhecimento para estabelecer as relações interpessoais. Conclui-se que o risco inerente à prática desta modalidade exige do novo treinador um conhecimento pedagógico para manter um ambiente favorável a aprendizagem, preservando as sensações de aventura deste esporte.

Gonçalo e José (2020) realizaram um estudo qualitativo com foco nos “Fatores de treino no futebol, i.e., aspectos psicológicos, físicos, táticos e técnicos”. Na sua realização foram entrevistados 10 treinadores com experiência na primeira e segunda ligas portuguesas de futebol profissional. Da análise, destacou-se que todos os treinadores indicaram trabalhar os fatores de treino de forma integrada, assumindo a importância dos fatores psicológicos e objetivando uma forma desportiva constante. Concluiu-se que a abordagem dos fatores de treino relacionou-se com os processos de pensamento do treinador, traduzindo-se na planificação definida, nos pensamentos e decisões interativas, assim como nas suas crenças e reflexões.

Ventura (2011) caracterizou o pensamento do treinador de alto rendimento sobre a importância do processo de *Scouting* na preparação do microciclo de treino em futebol. Efetuou-se uma abordagem qualitativa, no qual foi construída e validada uma entrevista especificamente destinada para esse efeito. Participaram desta entrevista 16 treinadores da Liga Sagres nos anos de 2009 e 2010. Por meio de uma análise de conteúdo das entrevistas, foram selecionadas 1118 unidades de registro, classificadas de acordo com o sistema de análise. Os resultados demonstraram a sistematização do conceito de *Scouting* orientada para os domínios de rendimento e de recrutamento. Identificaram-se duas linhas de tendência pela qual os treinadores perceberam a influência do *Scouting* no processo de preparação do microciclo, tendo sido registrado igualmente diferenças muito relevantes das condições estruturais e orgânicas que os clubes e a que os treinadores estão submetidos. Recomendou-se como orientação de futuro nesta linha de investigação dos processos mediadores da tomada de decisão, estudos-caso, que contribuam para o processo de formação de treinadores e com decisões ao nível da metodologia do treino.

1.3. COMPORTAMENTO DO TREINADOR

O comportamento é um processo que ocorre no tempo e no espaço e recebe influência de uma série de reações cognitivas, tendo como alicerce o conhecimento e as experiências do indivíduo (Todorov, 2017).

No contexto desportivo, o comportamento do treinador influencia o desenvolvimento da performance dos atletas e o seu bem-estar psicossocial (Medeiros Filho & Moraes, 2004). Contudo, no momento em que estabelece os objetivos a serem obtidos nas áreas de treinamento técnico, físico, tático e psicológico referente a modalidade desportiva (Moraes et al., 2010). Por outro prisma, também têm sido associados a experiências de desenvolvimento em atletas, como baixo desempenho, esgotamento e um baixo senso de confiança (Amorose, 2007).

Nesta linha, Bunker e Thorpe em 1960 criaram o *Teaching Games for Understanding* (TGU), uma abordagem pedagógica voltada para a iniciação e o treinamento, a qual as habilidades do aluno e do atleta são construídas a partir do contexto do jogo, ou seja, da compreensão de conceitos táticos (Nunes et al., 2021; Renshaw et al., 2016).

Este modelo possui seis partes essenciais: 1) a realização do jogo propriamente dito; 2) a apropriação do jogo, que significa o conhecimento das regras, podendo ser modificadas conforme a complexidade dos exercícios de treino; 3) a consciência tática, a qual se refere ao entendimento dos problemas táticos do jogo; 4) a tomada de decisão, na qual incita o atleta a resolver questões surgidas no jogo (o que fazer? E como fazer?), atribuindo significado ao uso da melhor técnica em função dos problemas táticos; 5) a habilidade de execução, i.e., adquirir domínio e maior eficácia na execução das técnicas; e 6) o desempenho, que significa a junção de todas estas partes no momento do jogo.

A utilização de questões norteadoras como o que fazer? E por que fazer? Permite ao atleta novas possibilidades de jogada e uma visão ampla da sua realização, pois assim a tomada de decisão estaria diretamente ligada ao elemento técnico que deveria ser empregado de acordo com a opção tática utilizada pela equipe ou atleta, e não mais em mera reprodução de um gesto motor (como fazer?), sem nenhuma intenção cognitiva, conforme o tipo de jogo.

O TGU pautou-se em quatro princípios pedagógicos: a) a seleção do tipo de jogo (articulação coerente das formas de jogo com a finalidade de facilitar o desenvolvimento da aprendizagem e a transferência de estratégias de leitura entre jogos com princípios em comum); b) a modificação do jogo por representação (apresentação de formas simplificadas e reduzidas do jogo que mantenham a essência das estruturas táticas que o configuram, as quais devem ser

uma representação do jogo formal); c) a modificação do jogo por exagero (adaptação de regras, espaço e tempo de jogo na tentativa oportunizar um maior número de confrontos com determinadas situações táticas ou para o desenvolvimento de ações motoras específicas); e d) o ajustamento da complexidade tática (seleção e progressão das situações de jogo, objetivando ajustar os problemas táticos ao repertório do gesto motor dos atletas para que conseguissem incrementar e atuar efetivamente durante o jogo).

A grande parte do objetivo da instrução emitida pelos treinadores para o atleta ou equipe reside em ordenar as ações técnico-táticas e os comportamentos mais eficazes na resolução de problemas surgidos nas situações de jogo e em avaliar ou elogiar positivamente a ação dos atletas, a fim de manter níveis ótimos de motivação, autoestima e autoconfiança, aspectos fundamentais para atingir a performance pretendida. (Santos et al., 2014).

Para Feu-Molina et al. (2012), à medida que os treinadores se tornam *experts*, menor importância é atribuída às vivências pessoais desportivas, passando a experiência como treinadores a ser mais significativa, ou seja, evidencia-se mais o comportamento pedagógico.

De acordo com Resende et al. (2017), o comportamento pedagógico do treinador precisa estabelecer os **critérios de sucesso** para os atletas e conciliar ao mesmo tempo treinos com desafio e conquista (exercícios tão difíceis quanto possíveis, mas permitindo o sucesso).

Estes critérios são as informações de avaliação que o treinador utiliza com os atletas para alcançar um determinado objetivo durante o exercício de treino, e podem ser caracterizados de dois tipos: de **eficiência** e de **eficácia**.

Modelo de **eficiência** refere-se à qualidade do rendimento esportivo do atleta, ou seja, é a capacidade do atleta executar um movimento técnico com base na reprodução de um modelo correto de execução, e a sua realização permite ao treinador adequar os seus *feedbacks*, com o intuito de orientar o atleta na consecução da tarefa.

Modelo de **eficácia** relaciona-se ao quantitativo de rendimento, em que o propósito é alcançar um determinado indicador numérico, i.e., obtenção do resultado.

Os autores supracitados revelaram que o treinador desportivo, ao apresentar uma nova orientação técnica ou tática aos atletas, precisa ter os seguintes comportamentos pedagógicos no treino: a) explicar com clareza para que servem os exercícios propostos, qual o interesse em melhorar uma situação de jogo e o que se pretende alcançar (componentes críticas) no exercício de treino; e b) demonstrar ou pedir para alguém (assistente ou outro atleta) demonstrar a técnica, a velocidade e o ritmo que se pretende.

Após esta demonstração, o treinador pode decompor e explicar a técnica ou o exercício de treino nas suas partes, salientando as componentes críticas. Nas sessões de treino também se deve procurar reservar algum tempo/espço para os atletas se exercitarem, delegando-os a função de esboçar o que pretendem aprimorar.

Para González e Bracht (2012), o treinador desportivo deve instruir exercícios de treino que possuam grau de dificuldade, nível de esforço e/ou tempo determinado para sua realização, além de jogos educativos e adaptados que possam ser utilizados na solução de problemas vinculados tanto à técnica quanto à tática.

Para estes autores, existem quatro formas típicas de instrução no ensino dos esportes:

a) **Explicação**, quando o treinador explica um conteúdo e tenta deixar claro o que deseja que os atletas façam;

b) **Demonstração**, quando o treinador mostra um gesto motor ou utiliza um assistente, um outro atleta ou uma imagem de vídeo para que os atletas sejam capazes de realizar.

c) **Orientação**, quando o treinador reforça a realização de tarefas ou ações motoras mais adequadas de cunho técnico ou tático em cada situação de jogo.

d) **Indagação**, quando o treinador faz uma intervenção pautada em perguntas. A ideia é induzir o atleta a pensar o que seria mais conveniente fazer numa situação de jogo.

Destas intervenções pedagógicas realizadas pelo treinador, a indagação tem uma função crucial, que é proporcionar aos atletas um momento de reflexão para produzir a resposta mais adequada para um problema existente, ou seja, provocar o atleta a pensar e responder o que seria mais conveniente fazer numa determinada situação de jogo.

Do ponto de vista tático, a intervenção pedagógica do treinador se torna fundamental para o processo de ensino-aprendizagem-treinamento e as indagações são essenciais para que o papel dos atletas seja ativo (Rosa et al., 2020).

Os questionamentos empregados nas intervenções pedagógicas no treino promovem a resolução de problemas surgidos no jogo, potencializa a tomada de decisão e favorece o processo de reflexão dos atletas (Cope et al., 2016; Rosa et al., 2020). Em outras palavras, o questionamento adequado durante os exercícios de treino impede que os atletas fiquem na dependência da resposta do treinador, pois essa ação pedagógica beneficia o processo de reflexão e estimula a autoinstrução, otimizando a tomada de decisão autônoma.

Outro comportamento pedagógico que o treinador precisa ter é apresentar os objetivos específicos pretendidos nos exercícios de treino para não desencadear uma série de fragilidades, ou seja, tarefas sem propósito, prejudicando o processo de ensino-aprendizagem-treinamento.

O professor/treinador deve questionar-se sempre sobre os objetivos de aprendizagem/processo de ensino-aprendizagem-treinamento, a atividade realizada pelos alunos/atletas e a sua própria atividade enquanto professor/treinador (Gomes, Martins & Carreiro da Costa, 2017).

Investigações conduziram a sua atenção para o comportamento do treinador desportivo. Pinheiro (2013) estudou o comportamento de treinadores de futebol de jovens com licenciatura em Educação Física e os não licenciados na promoção do *fair play*. O instrumento utilizado foi o sistema de observação (SOCOFAP), que permitiu captar, registar e analisar o comportamento dos treinadores de forma espontânea no seu contexto natural de ação. A amostra foi constituída por oito treinadores agrupados em duas tipologias: quatro licenciados em Educação Física e quatro não licenciados em Educação Física. Foram filmados quatro jogos de cada treinador, atingindo um total de 32 jogos. A análise observacional sequencial foi realizada por meio do software Theme. O estudo concluiu que os comportamentos promotores e não promotores de *fair play* ocorreram em ambos os tipos. Os professores licenciados tiveram maior variedade de comportamentos promotores de *fair play* (pedir desculpas e aplausos ao adversário) e os não licenciados apresentaram maior variedade de comportamentos não promotores de *fair play*, (falta de respeito com os atletas, reforço da conduta violenta para com os adversários e perda de tempo durante o jogo).

Moraes et al. (2010) verificaram o nível de associação entre as percepções de atletas e treinadores de esportes coletivos e individuais nas seis dimensões do comportamento do treinador: Treinamento Físico (TF), Treinamento Técnico (TT), Preparação Mental (PM), Estabelecimento de Objetivos (EO), Reforço Pessoal Positivo (RPP), Reforço Pessoal Negativo (RPN) pela Escala do Comportamento do Treinador – Versão Treinador (ECT-T) e Versão Atleta (ECT-A). Participaram do estudo 181 atletas de nove modalidades esportivas e 32 treinadores. Os participantes responderam 38 itens de mesmo conteúdo dos questionários. A correlação não-paramétrica de Spearman mostrou a inexistência de associação significativa, entre as percepções treinadores e atletas de modalidades coletivas nas dimensões TT, PM, EO e RPP. Entre treinadores e atletas de modalidades individuais também não foram verificadas associações significativas em cinco dimensões: TF, TT, PM, EO e RPP. Dentre outras razões, a baixa compatibilidade entre as percepções de atletas e treinadores, pode estar relacionada as falhas no processo de organização do treino. Além disso, o relacionamento de cada treinador com os atletas sob o seu comando parece ser mais informativo do que a simples categorização: modalidades coletivas versus individuais

1.4. INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA DO TREINADOR DESPORTIVO

As intervenções pedagógicas dos treinadores desportivos referem-se as suas ações no processo de ensino-aprendizagem-treinamento de seus atletas no contexto de treino.

Alicerçando este entendimento, Milistetd et al. (2017) revelaram que a ação do treinador está baseada no domínio de um conjunto de conhecimentos e competências, que numa relação contínua com os atletas e demais agentes favorece as capacidades de pensar e estruturar o planeamento, administrar o processo pedagógico, se comunicar com os pares e pais, auxiliar na resolução de problemas ocorridos nas situações de jogo, decidir em conjunto a melhor opção e refletir a sua intervenção. No caso do treinador *expert*, as experiências e os conhecimentos são aspectos necessários para conduzir o desenvolvimento dos atletas com grande eficiência (Côte & Gilbert, 2009).

The International Council for Coaching Excellence (ICCE) manifesta as seguintes bases de conhecimentos do treinador: **o conhecimento profissional, o conhecimento interpessoal e o conhecimento intrapessoal** (Gilbert & Côte, 2013).

O **conhecimento profissional** refere-se às informações que alicerçam a intervenção pedagógica do treinador, ou seja, são os conhecimentos específicos da modalidade desportiva e das disciplinas afins que orientam o processo de ensino-aprendizagem-treinamento de atletas oriundas da aprendizagem formal.

Segundo Resende et al. (2017), o conhecimento profissional é determinante para o exercício profissional do treinador. E a sua construção recebe a influência da experiência prática cotidiana, e ocorre desde a sua condição como atleta em formação (Ramos et al., 2011).

O **conhecimento interpessoal** trata-se das relações sociais do treinador no contexto de treinamento, *i.e.*, das interações constante com os atletas, equipe de auxiliares, preparadores físicos, fisioterapeutas, administradores, patrocinadores ou apoiadores e pais. Em decorrência desta inter-relação, o processo de ensino-aprendizagem-treinamento poderá ter mais significado para desenvolver práticas eficazes.

O **conhecimento intrapessoal** relaciona-se ao autoconhecimento do treinador quanto às suas próprias experiências, ou seja, autoconsciência de uma constante reflexão, avaliação e revisão de sua prática profissional.

Como consequência da junção destes três conhecimentos em campo prático, surgem as competências centrais do treinador para o desempenho de suas funções profissionais: a) definir

visão e estratégia; b) organizar o ambiente; c) construir relações; d) conduzir práticas; e) ler e responder ao campo de ação; e, f) aprender a refletir.

Estas competências centrais se relacionam à capacidade de planeamento, comunicação, intervenção, avaliação e reflexão, ofícios basilares da prática do treinador desportivo. A Figura 1 apresenta a estrutura das competências e dos conhecimentos do treinador.

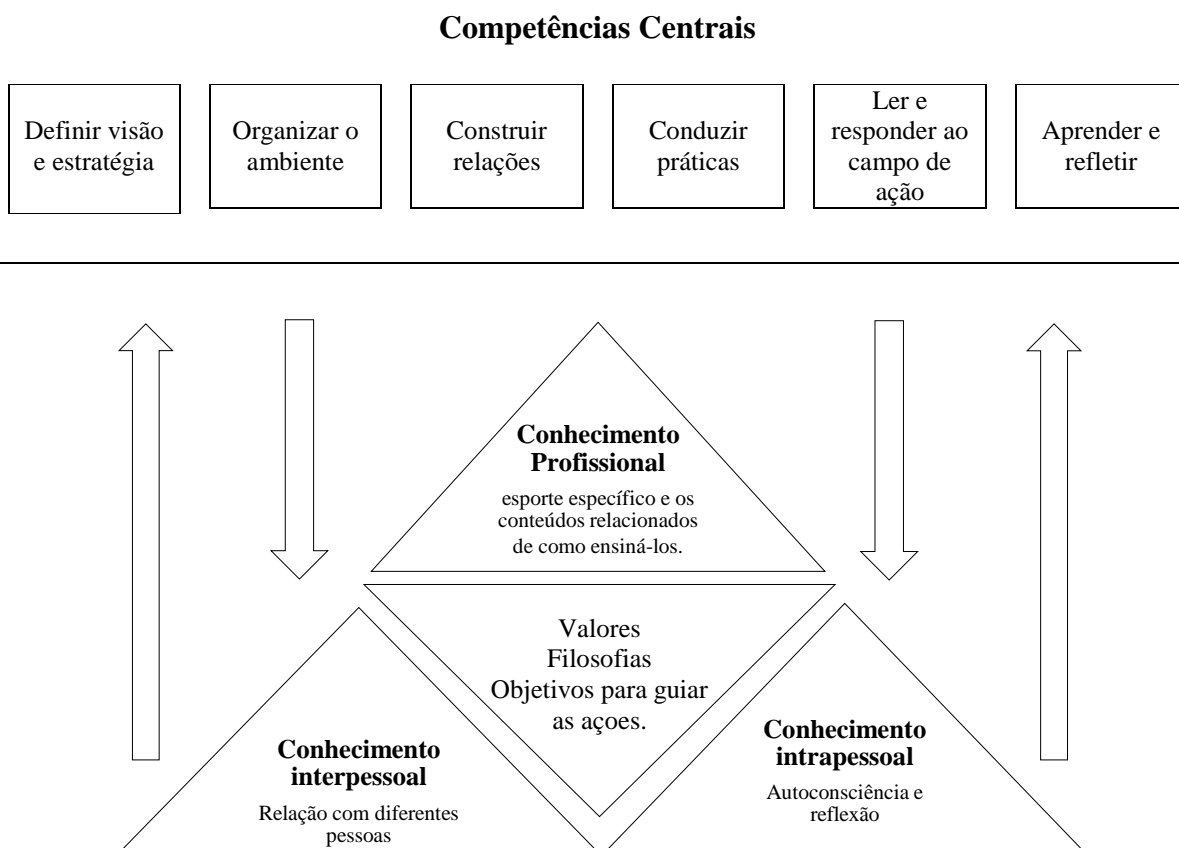


Figura 1. Competências centrais e conhecimentos do treinador

Fonte: Adaptada do *International Sport Coaching Framework*, pag. 31.

O desenvolvimento satisfatório destas competências centrais do treinador, com novos conhecimentos, habilidades e estratégias, pode levar à progressão na carreira profissional, ao aperfeiçoamento do treinamento e à melhoria do desempenho competitivo e à maior valorização e autonomia dos atletas.

Senger e Cassandre (2019) mostraram que existe dois processos de aprendizagem para os treinadores, nomeadamente a **metáfora da aquisição** e a **metáfora da participação**.

A **metáfora da aquisição** compreende a aprendizagem como uma aquisição individual de conhecimentos e habilidades, os quais são transferidos para a mente, por meio de programas formais de formação, que são aplicados para solucionar questões comuns pré-definidas.

A **metáfora da participação** entende a aprendizagem como o momento de participação do treinador em contexto prático, mediante a sua vivência pessoal concreta e o processo de observação que realiza ao longo da vida, permitindo que atue como treinador.

De acordo com Ramos et al. (2011), a diferença é que no modelo da aquisição, a aprendizagem é marcada pela transferência direta da mente de um tutor para o treinador sobre o que ele deve saber e fazer, e no modelo da participação, a aprendizagem se evidencia em um esforço voluntário para interagir, convertendo o processo de ensino-aprendizagem-treinamento em atividade de proporções sociais.

Para reforçar, Elkjaer (2013) propôs uma terceira via, a metáfora da investigação, que se trata da adoção do pensamento como um instrumento na aprendizagem e a percepção da aprendizagem como um processo social. Nos estudos de Silva et al. (2020), este conceito de aprendizagem está baseado na noção de experiência, não havendo somente a ação ou a prática, mas também o agir e o pensar. Nesta perspectiva, o treinador se torna o construtor da sua compreensão, baseando-se numa ampla variedade de materiais, que incluem o ambiente social, as circunstâncias físicas, as histórias, as crenças e as relações sociais.

O treinador desportivo carrega em sua função profissional uma grande responsabilidade com a carreira do atleta juvenil de tênis. Contudo, estudos apontam que a formação do treinador ocorre em diferentes contextos e situações de aprendizagem (Milistetd et al., 2015).

Rodrigues et al. (2016) revelaram que o conhecimento do treinador desportivo é adquirido pelas seguintes aprendizagens: **formal, informal e não formal**.

A **aprendizagem formal** refere-se à formação do treinador em espaços educacionais institucionalizados, dispondo de currículo, critérios de aprovação e certificação ao final. A **aprendizagem informal** engloba todas as situações em que o treinador busca determinado conhecimento sem estar necessariamente vinculado a uma certificação, bem como relaciona-se à experiência e a reflexão prática. A **aprendizagem não formal** concerne à aquisição de conhecimento direcionado a um público específico, num período curto de duração, por meio de seminários, conferências, clínicas e *workshops*.

De acordo com Resende et al. (2017), os treinadores guardam os melhores resultados de seu aprendizado como aluno ou atleta, para muitas vezes reproduzir nas suas intervenções pedagógicas de forma mais específica.

Seguidamente, menciona-se um estudo recente sobre a intervenção pedagógica no ensino do ténis de campo.

Ginciene et al. (2019) analisaram a prática pedagógica no ensino do ténis de campo para alunos em diferentes níveis de aprendizagem. Esta investigação se caracterizou como estudo de caso do tipo descritivo. A amostra foi constituída por três professores experientes de um clube tradicional do interior de São Paulo. As informações foram obtidas por meio da observação sistemática de onze aulas, tendo como categorias de análise: a sequência didática, as estratégias pedagógicas e os materiais utilizados.

O resultado revelou que durante as aulas não foi observada a indicação ou a explicação do objetivo específico (como treinar uma intenção tática ou melhorar algum aspecto técnico). No entanto, foi observado que as aulas seguiram um ritual padrão, ou seja, repetiam a mesma dinâmica do início ao fim, independentemente do número de alunos em quadra, faixa etária ou conhecimento técnico/tático. Em outras palavras, as aulas eram compostas por um aquecimento inicial realizado em quadra reduzida (uso da área de serviço) ou por meio de *drills* fechado dos golpes de *Forehand*³ e *Backhand*⁴, na parte principal, era aplicado práticas específicas dos golpes de fundo de quadra (*Forehand* e *Backhand*) e depois exercícios de voleios e no final uma prática de serviço e/ou algum tipo de jogo. O estudo concluiu que os professores participantes não apresentaram conhecimentos específicos mais aprofundados sobre as novas abordagens de ensino, conseqüentemente, deixaram as aulas com características tradicionais, a qual revelou a necessidade de revisar as estratégias metodológicas de ensino, com o propósito de potencializar a aprendizagem da modalidade e o envolvimento dos alunos com a prática.

³ Golpe executado com a palma da mão dominante virada para frente (Silva & Lemos, 2014).

⁴ Golpe executado com as costas da palma da mão dominante voltada para frente (Idem).

1.5. PLANEJAMENTO DO TREINO DESPORTIVO

O planeamento precisa estar em prol dos objetivos pretendidos para a época desportiva, a partir deste entendimento, treinador e atletas necessitam refletir sobre o que foi alcançado e avaliar o que ainda deve ser melhorado nos exercícios de treinos (Resende et al., 2017).

Os mesmos autores supracitados revelaram a importância de contemplar os conteúdos que favoreçam o alcance dos objetivos estabelecidos para a época desportiva, considerando o nível técnico-tático dos atletas, os aspectos contextuais e as variáveis que possam afetar a sua realização. Por isso, a importância de criar condições necessárias para que os atletas conquistem a sua melhor forma desportiva no momento da competição (Galvão & Resende, 2020).

Segundo Beneli e Sousa (2017), o planeamento tem como objetivo prever e minimizar os inibidores dos resultados e maximizar os facilitadores no processo de tomada de decisão.

Resende et al. (2017) relataram que os exercícios de treino têm dois objetivos principais: a) aumentar o volume de execuções de uma componente particular do jogo, e b) focar a atenção dos atletas nas determinantes que levam ao sucesso desta componente. Deste modo, o treinador adquire uma importância crucial, não apenas na organização dos exercícios de treino, como também na articulação do antes e do depois, devendo ter sempre como referencial o jogo para melhorar a competitividade do atleta. Por este motivo, o treinador precisa deixar evidente aos olhos dos atletas, a razão pela qual montou um exercício de treino adequado ao jogo que vai disputar, tornando o conhecimento implícito em explícito.

Para os mesmos autores, o treinador tem que organizar os exercícios de treino a partir de uma situação real de jogo com relevância para os atletas (eventualmente negociada previamente com os intervenientes); definir uma estratégia de comunicação que envolva desde a explicitação do exercício de treino, as questões colocadas, até os comentários a fazer quanto ao rendimento dos atletas (organizar o tipo de questões a colocar, o seu alinhamento e progressividade em direção às melhores soluções); e procurar implementar uma estratégia de avaliação que permita apurar o alcance dos objetivos a que se propôs.

Para corroborar Marcon e Saadd (2013) revelaram que a atividade do treinador envolve um ciclo que integra o diagnóstico, o planeamento, a prescrição, a intervenção e a avaliação. Contudo, a experiência do treinador está ligada ao processo de treinamento, pois acredita-se que a descrição desse percurso pode auxiliar nas decisões e ações pedagógicas para o desenvolvimento profissional.

CAPÍTULO II

2. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

2. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

2.1. INTRODUÇÃO

Este capítulo pretendeu apresentar o problema orientador do estudo, enquadrando-o no cenário atual de investigação e expondo os objetivos que se desejaram alcançar, além de exibir a hipótese antecedente de pesquisa e as justificativas do estudo.

2.2. ENUNCIADO DO PROBLEMA

A **Prática Desportiva** (PD) desempenha um papel peculiar no que refere à integração social, à tolerância e à compreensão mútua. Hoje, a PD tem-se revelado de forma receptiva a todas as pessoas, independentemente da idade, idioma, religião, cultura e habilidade motora (*Council of Europe*, 2016).

No Brasil, constata-se nas **políticas de esporte**⁵ que a PD se manifesta nas dimensões: educacional, de lazer, inclusão social e alto rendimento (Ministério do Esporte, 2019)⁶. É neste sentido amplo e de princípios particulares que o esporte se configura como um direito essencial a todos, declarado na Constituição Brasileira (Oliveira, Taffarel & Belém, 2014).

No caso do desporto de **alto rendimento**⁷, objeto deste estudo, existem investimentos do Estado, garantidos pela Lei nº 9.615 de 1988 (Anexo 1), no sentido de promovê-lo em nível profissional e não profissional, e Leis (10.891 de 2004 e 11.438 de 2006) que asseguram auxílios financeiros e materiais esportivos, em forma de patrocínio de empresas públicas e privadas, para todos os atletas que o praticam (Borges & Tonini, 2012), possibilitando, assim, condições para que eles participem de competições nacionais e internacionais.

No entanto, sabe-se que, na essência desta PD, os principais propósitos são: a busca da performance (Resende & Gomes, 2015) e o alcance dos melhores resultados pelos atletas nas competições (Nogueira, 2014; Vieira, Dias, Corte-Real & Fonseca, 2014). Corroborando tais objetivos, Bento (2006), revela que a PD é particularmente significativa quando se reconhece que a competição é um fator estimulador de comportamentos, que leva a conquistas pessoais e sociais de seus praticantes.

⁵ Ciência de governar o desenvolvimento do esporte nacional.

⁶ www.esporte.gov.br

⁷ Quando tem a competição e a concorrência como princípio fundamental para sua organização e funcionamento. Submissão às regras, gestos técnicos e exigências de resultados (Costa & Kunz, 2012).

Os argumentos que apoiam este pensamento relacionam-se à PD, à aquisição de valores de vida saudáveis e ao desenvolvimento psicossocial harmonioso, em crianças e adolescentes (Arena, 2016). Entretanto, outros estudos apontam que a Prática Desportiva acarreta a submissão ao treino sistemático, participação em competições precocemente e resultado imediato (Brandão et al., 2015).

A partir dessa controvérsia, surge uma interrogação: qual variável a ser estudada, no sentido de possibilitar uma ótica coerente da PD de alto rendimento?

Lyle e Cushion (2010) assinalaram a triangulação entre treinador, atleta e conteúdo, como sendo uma variável de investigação significativa, em virtude da relação entre as partes. Jowett (2009) e Aleksic-Veljkovic et al. (2016) corroboram essa ideia, ao ressaltar que esta variável consiste em base estrutural para o desenvolvimento da carreira e sucesso do atleta.

Partindo destas proposições, o **Treinamento Desportivo**⁸ (TD), processo pedagógico inerente à variável mencionada, tem se mostrado de grande importância e valor no que se refere a aquisição de conhecimentos, competências, atitudes e habilidades do atleta na prática do esporte (Hagen, 2012). Para confirmar a relevância do TD, Raposo (2017) reforça que se trata de um processo claramente sistemático, cientificamente fundamentado, planejado em curto, médio e longo prazo, que visa de forma consciente à melhoria das áreas do treinamento e o aspecto intelectual do atleta no desporto escolhido.

No entanto, percebe-se na essência pedagógica do TD um alto grau de complexidade (Koh, Kawabata & Mallett, 2014), acompanhado por influências de diferentes variáveis (Aleksic-Veljkovic et al., 2016), numa relação dinâmica, exigindo o empenho do treinador e do atleta na compreensão efetiva dos conteúdos e objetivos do treino (Cushion & Lyle, 2016).

Investigações sobre a temática (Brandão & Carchan 2010; Searle, 2012) apontam o treinador como um **agente importante** no TD, em virtude da transmissão de conhecimentos gerais e específicos do esporte, elaboração do planejamento e condução do treinamento. Além de exercer múltiplas funções na convivência com os atletas, assumindo a responsabilidade ética pelo desenvolvimento do potencial no treino e pela qualidade do rendimento destes na competição (Resende & Gomes, 2015; Santos, Lopes & Rodrigues, 2016; Sardinha, 2014). Para possibilitar uma reflexão acerca do treinamento desportivo, Carreiro da Costa (2004) evidencia que o atleta é um agente ativo no seu processo de aprendizagem.

De acordo com Duarte, Garganta e Fonseca (2014), é imprescindível para o atleta à compreensão de fatores de eficácia do processo pedagógico no treinamento.

⁸Linha de investigação do curso de doutoramento da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Estudos sobre a temática (Allan et al., 2017; Kon et al., 2014) evidenciam que o desempenho e os resultados dos atletas têm sido o principal mecanismo de avaliação da eficácia pedagógica do treinador desportivo.

Conforme Raposo (2017), o treinador desportivo, para ter a probabilidade de alcançar a eficácia no treinamento e conseguir uma qualidade em sua intervenção pedagógica, precisa: a) “entender as características dos atletas; b) acompanhar os atletas do ponto de vista: técnico, psicológico e físico (capacidade motora); c) saber planejar a época desportiva a longo prazo; d) delimitar os conteúdos e as cargas de treinamento a serem trabalhados; e) ter a capacidade de avaliar e controlar o estado de preparação desportiva do atleta; f) e saber definir os objetivos táticos mais adequados para cada competição”.

Para corroborar tais concepções, Mesquita (2015) revela que o processo pedagógico do treinamento desportivo precisa ser visto como um conjunto de ações intencionalmente organizadas, orientadas à finalidade específica de promover efetivamente a aprendizagem e o desenvolvimento das capacidades do atleta.

Contudo, estudos como a seguir, comprovam que a principal fonte de conhecimento do treinador desportivo advém da prática destinada aos objetivos e das experiências obtidas nas distintas competições (Blumenstein & Orbach, 2016; Cushion & Lyle, 2016; Greenwood, Davids & Renshaw, 2012; Mesquita, Ribeiro, Santos & Morgan, 2014).

A partir destas compreensões, é necessário realizar investigação sobre a eficácia da intervenção pedagógica do treinador, procurando aproximar teoria e prática nesta ação.

Conforme o paradigma do pensamento do professor/treinador, a intervenção pedagógica no treino desportivo está diretamente relacionada ao pensamento e ao comportamento do treinador (Clark & Peterson, 1986).

Investigações sobre este modelo têm auxiliado na descrição do seu domínio profissional, como os conhecimentos são retidos e as relações que se estabelecem entre eles durante a intervenção pedagógica (Brasil, Ramos & Nascimento, 2015).

Tais premissas suscitam as seguintes questões de investigação:

- Os pensamentos do treinador de tênis se associam ao seu comportamento no contexto prático durante a sessão de treino técnico-tático?
- Quais são os aspectos comuns e divergentes entre o pensamento e o comportamento do treinador de tênis, acerca da intervenção pedagógica no treino técnico-tático, destinadas à orientação de atletas juvenis?

A definição do tema deste estudo pautou-se na compreensão de que o treinador é um agente importante ao promover a aprendizagem do atleta (Magalhães, 2018) e na relação das variáveis citadas, no que diz respeito à influência do processo pedagógico do treinamento, tornando-se assim fator preponderante na diferenciação do treinador de excelência.

Para fornecer informações de tais variáveis, este estudo, sob a luz da Pedagogia do Esporte, área de estudo da Ciência do Esporte (Rufino & Darido, 2011), se limitou à descrição da intervenção pedagógica do treinador. Para tal, apoiou-se num desporto individual. Mais especificamente no **tênis de campo**, objeto prático desta pesquisa, por existir uma lacuna de conhecimentos no que concerne à relação entre essas variáveis em esportes de alto rendimento, em particular nos esportes individuais e, principalmente, em treinador de tênis especialista em treino de atletas juvenis no contexto prático, e por revelar escassez de investigações científicas sobre o tema em literaturas nacionais e internacionais.

Os argumentos que amparam a escolha deste sujeito baseiam-se em duas questões:

1) na regra oficial do tênis, regida e controlada pela *International Tennis Federation* (ITF)⁹, que não permite a presença do treinador dentro da quadra de jogo, orientando o jogador e/ou os jogadores (no caso da dupla), independente da categoria (salvo a *Davis Cup*¹⁰), o que torna a função de treinador desta modalidade mais expressiva;

2) e na intervenção pedagógica do treinador de tênis, por pertencer a um sistema próprio de conveniência. Em outras palavras, aprendizagem informal, no qual, o treinador constrói conhecimentos, atitudes e juízos próprios a partir de experiência diária no treinamento. Por mais e específica que seja a administração da sessão prática de treino, isso não assegura uma boa eficácia no ganho de aprendizagem do atleta.

Esta investigação delimitou-se na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro e as alegações utilizadas para definição desta região, pautou-se:

a) por ser a região que apresenta o maior número de clubes e academias de tênis (centros) com esta finalidade;

b) pelos resultados das competições realizadas em 2017, organizadas pela Federação de Tênis do Estado do Rio de Janeiro (FTERJ), os quais demonstram uma prevalência de atletas juvenis, oriundos da Zona Oeste, campeões das principais competições do Rio de Janeiro;

c) e pela identificação da posição dos principais atletas juvenis no ranking¹¹ nacional.

⁹ Entidade organizadora das competições internacionais de tênis (ITF, 2017).

¹⁰ Competição entre equipas de diversos países, no sistema de eliminação direta (www.daviscup.com).

¹¹ Listagem oficial que estabelece a classificação final dos atletas numa certa modalidade (www.dicio.com.br).

2.3. OBJETIVOS DO ESTUDO

2.3.1. OBJETIVO GERAL

O objetivo deste estudo foi analisar a relação entre o pensamento e o comportamento do treinador de tênis, do município do Rio de Janeiro, acerca do treinamento técnico-tático nas situações de jogo, destinadas à orientação de atletas juvenis com idade entre 15 e 18 anos.

2.3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Caracterizar os dados sociodemográficos dos treinadores, sua experiência inicial e profissional, sua qualificação para exercer a profissão e a forma de aquisição e aplicação de conhecimentos;

2. Descrever o pensamento do treinador, quanto aos seus conhecimentos, percepções, crenças e fazeres, no que diz respeito as fontes de informação, adequação dos conhecimentos, planejamento do treino e as intervenções pedagógicas utilizadas nas sessões de treino, a partir dos seus relatos.

3. Analisar o comportamento pedagógico do treinador, durante a sessão prática do treinamento técnico-tático das situações de jogo, destinadas a orientação de atletas juvenis, no sentido de compreender o que realmente é realizado durante a prática.

4. Comparar esses relatos do treinador com as observações de suas ações durante a sessão de treino, com o intuito de evidenciar o que ocorre entre o discurso e a prática.

2.4. HIPÓTESES DO ESTUDO

2.4.1. HIPÓTESE INICIAL

H1 = “Não existe congruência entre o pensamento do treinador *expert* de tênis e o seu comportamento (ações) na sessão prática de treino destinada a orientação de atletas juvenis”.

2.4.2. HIPÓTESE POSTERIOR

H2 = “Existe congruência entre o pensamento do treinador *expert* de tênis e o seu comportamento (ações) na sessão prática de treino destinada a orientação de atletas juvenis”.

2.5. JUSTIFICATIVAS DO ESTUDO

Por que pesquisar o treinador de ténis especialista no treino na perspectiva apresentada?

Como treinador de ténis de atletas juvenis desde 2001, muitas foram às questões do cotidiano, além do convívio com outros treinadores, que inquietaram e mobilizaram-me para esta investigação, a respeito da intervenção pedagógica do treinador de ténis no campo do treinamento de atletas juvenis. Já existia uma afinidade com a pedagogia do esporte, em virtude das investigações realizadas no curso de mestrado em Educação Física, sobre as variáveis mediacionais no processo de ensino-aprendizagem do ténis de campo com escolares da rede pública de ensino na fase da adolescência.

Além desses fatores de influência, existem a percepção e a crença, em considerar a ação pedagógica do treinador de ténis de campo, no que tange à orientação de atletas juvenis para o alto rendimento, uma função muito complexa.

Em virtude desta concepção, surgiram uma série de questionamentos:

- a) Os conhecimentos adquiridos na vida acadêmica (aprendizagem formal) e/ou nos cursos complementares (aprendizagem não informal) em nível de capacitação profissional, proporcionados pela Confederação Brasileira de Ténis (CBT) ou pela *International Tennis Federation (ITF)* são utilizados pelo treinador?
- b) Como o treinador de ténis percebe os meios de aquisição de conhecimentos?
- c) Como o treinador de ténis se mantém atualizado?
- d) Quais as estratégias pedagógicas que o treinador de ténis emprega no treinamento?
- e) O treinador planeja ou não o treinamento de juvenis?
- f) O treinador define o tipo de exercício técnico-tático e o tempo de cada tarefa?
- g) O que o treinador pensa sobre a participação do atleta na elaboração do treino?
- h) Como o treinador de ténis especialista em atleta juvenil age no contexto de treino?
- i) Quais são os conhecimentos que o treinador de ténis especialista precisa possuir?
- j) O treinador de ténis fomenta o “*self-coach*” aos seus atletas juvenis?
- k) No pensamento do treinador, quais são as atitudes que o atleta juvenil precisa apresentar no treinamento e nas competições?

No âmbito do ténis brasileiro existem poucos estudos desta natureza, e, por este motivo, espera-se que as respostas das questões centrais, possam trazer informações importantes para o

melhoramento da filosofia de trabalho da classe profissional em que sou membro e produzir efeitos benéficos no processo de ensino-aprendizagem do atleta juvenil.

Embora a intervenção pedagógica no treinamento desportivo seja legitimamente um tipo de conhecimento aplicado na prática do treinador, racionalmente organizada com a finalidade de melhorar a aprendizagem do atleta, em busca do aperfeiçoamento das condições inerentes às ações do esporte de alto rendimento, baseado em exercícios sistemáticos e cientificamente fundamentados, acredita-se que esse conhecimento possa ser bastante útil também para treinadores em processo de formação, de forma que uma pesquisa, acerca da intervenção pedagógica com treinadores de tênis especialistas em atletas juvenis, pode gerar contribuições relevantes para cursos de capacitação inicial, assim como conhecimentos atualizados sobre o processo de ensino-aprendizagem no treinamento para os profissionais já licenciados.

Contudo, sabe-se que o esporte de alto rendimento tem crescido consideravelmente em nível nacional, e, por essa razão, a função de treinador tem se tornado cada vez mais exigente, no que tange à aquisição e à aplicação de conhecimentos científicos referentes ao treinamento, resultando na necessidade de melhoria na qualidade da intervenção pedagógica.

A partir deste ponto de vista, ambiciona-se que as contribuições teóricas científicas deste estudo possam fomentar discussão e reflexão acerca do treinamento desportivo, em especial na categoria juvenil, e que as informações resultantes de tais processos sejam utilizadas por pesquisadores da pedagogia do treinamento e de outras áreas do saber.

Espera-se ainda que propiciem subsídios para a realização de novas investigações sobre as variáveis estudadas e sua relação com outras variáveis no processo de treinamento desportivo em nível coletivo e individual, possibilitando, também, o surgimento de novos conceitos e definições. Além disso, é importante que a divulgação das informações desperte o interesse de novos pesquisadores e discentes, como também possa ser acessível a qualquer leitor.

Do ponto de vista geral, deseja-se que tais informações alcancem uma significativa parcela de treinadores de tênis, no sentido de estimular possíveis modificações e/ou novos comportamentos na intervenção pedagógica no treinamento, buscando o aperfeiçoamento e uma melhor qualidade nas ações de ensino-aprendizagem das habilidades motoras, como as cognitivas nas sessões de treino, e, com isso, favorecer o desenvolvimento e a construção da carreira esportiva do atleta, transmitindo, desse modo, um possível legado para a sociedade.

CAPÍTULO III

3. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

3. MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

3.1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo são apresentados os métodos e os procedimentos utilizados no estudo. Inicialmente, são expostas breves definições sobre os métodos para efeito de embasamento, em seguida, o desenho do estudo, os procedimentos gerais e éticos adotados.

Ainda nesta sessão, encontram-se a caracterização dos contextos de treino, envolvendo a particularidade, instalações de base, materiais utilizados, período de tempo da sessão de treino e quadro geral de atletas; os participantes, variáveis analisadas, instrumentos utilizados, limitação, delimitação do estudo, controle de fontes de viés e análise estatística dos dados.

3.2. MÉTODOS

No entendimento de Prodanov e Freitas (2013), “Métodos: o conjunto de processos ou operações mentais empregados na pesquisa”. Tal concepção, conduz este estudo ter como abordagem mais ampla de investigação, o método indutivo. De acordo com Gray (2012), este método fundamenta-se no pressuposto de que é possível construir conhecimentos por meio da observação, e a partir de uma análise das informações obtidas, verificar se há qualquer padrão que sugira relações entre as variáveis.

O alicerce de procedimentos deste estudo são: a) observação direta intensiva, entrevista semiestruturada aplicada ao treinador; b) observação direta, registro em um bloco de anotação, das informações relativas ao contexto de treino; c) observação em diferido, registro por meio de áudio e vídeo do comportamento (ação) do treinador na sessão prática de treino; d) ajuntamento das ocorrências encontradas nesta ação, com o intuito de descobrir a relação entre elas; e) generalização comum dessa relação.

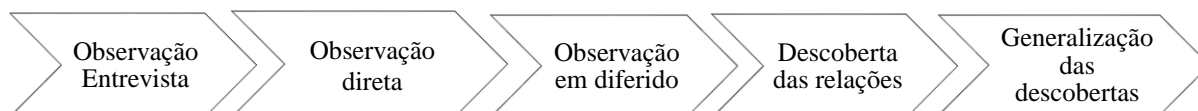


Figura 2. Etapas da pesquisa

3.3. DESENHO DO ESTUDO

3.3.1. Quanto à natureza

A natureza de uma pesquisa pode ser de ordem teórica ou prática. De acordo com Dresch, Lacerda e Junior (2015), “o carácter mais teórico chama-se pesquisa básica, e tem como objetivo garantir o progresso científico, sem a preocupação de utilizar conhecimento gerado na prática. A de ordem prática chama-se pesquisa aplicada, e visa gerar conhecimentos que auxiliem os profissionais na solução de problemas do dia a dia”.

Partindo dessas conceituações, o presente estudo adequa-se ao modelo de pesquisa de natureza aplicada, em virtude da procura de conhecimentos, acerca das variáveis pensamento e comportamento do treinador de ténis de atletas juvenis. E ter como finalidade: a) buscar um melhor entendimento da relação entre essas variáveis; b) construir pressupostos que possam contribuir para amenizar possíveis problemas nas ações do sujeito da pesquisa e fundamentar novas teorias sobre o objeto de estudo.

3.3.2. Quanto à abordagem

O presente estudo apresenta o foco de investigação na abordagem qualitativa. No entanto, para tal enquadramento, apoiou-se nas contribuições de Da Silva et al. (2018), que definiram esta abordagem da seguinte forma:

Uma pesquisa qualitativa demanda compreender e aprofundar o conhecimento sobre os fenômenos desde a percepção dos participantes ante um contexto natural e relacional da realidade que os rodeia, com base em suas experiências, opiniões e significados, de modo a exprimir suas subjetividades (p. 22).

De acordo com Kerr e Kendall (2013), a pesquisa qualitativa é particularmente adequada para temas ou problemas que não são bem conhecidos ou sem respostas apropriadas. Uma vez que estuda o fenômeno em seu contexto real.

O método qualitativo considera os seguintes aspectos: a atitude do pesquisador, as estratégias de coleta de dados, o papel do sujeito na pesquisa, a possibilidade de triangulação na hora da coleta e/ou da análise de dados, além dos referenciais interpretativos.

As informações obtidas do método qualitativo, enquadrada no tipo de investigação fenomenológica, permitiram explorar as características dos contextos do treinamento, tentar

compreender os fatos e captar por meio de relatos, conhecimentos, opiniões, experiências, crenças e fazeres dos treinadores ténis participantes. De acordo com Varanda et al. (2019), este processo é uma ligação entre pessoas, fatos e locais, estabelecendo em objetos de estudo. E, ainda, com a análise dos dados, incorporar o maior número possível de variáveis e identificar as informações que podem ser generalizadas e as que precisam ser tratadas.

A utilização desse método proporcionará a obtenção de informações que possam ser consideradas complementares, comuns e divergentes no objeto de estudo.

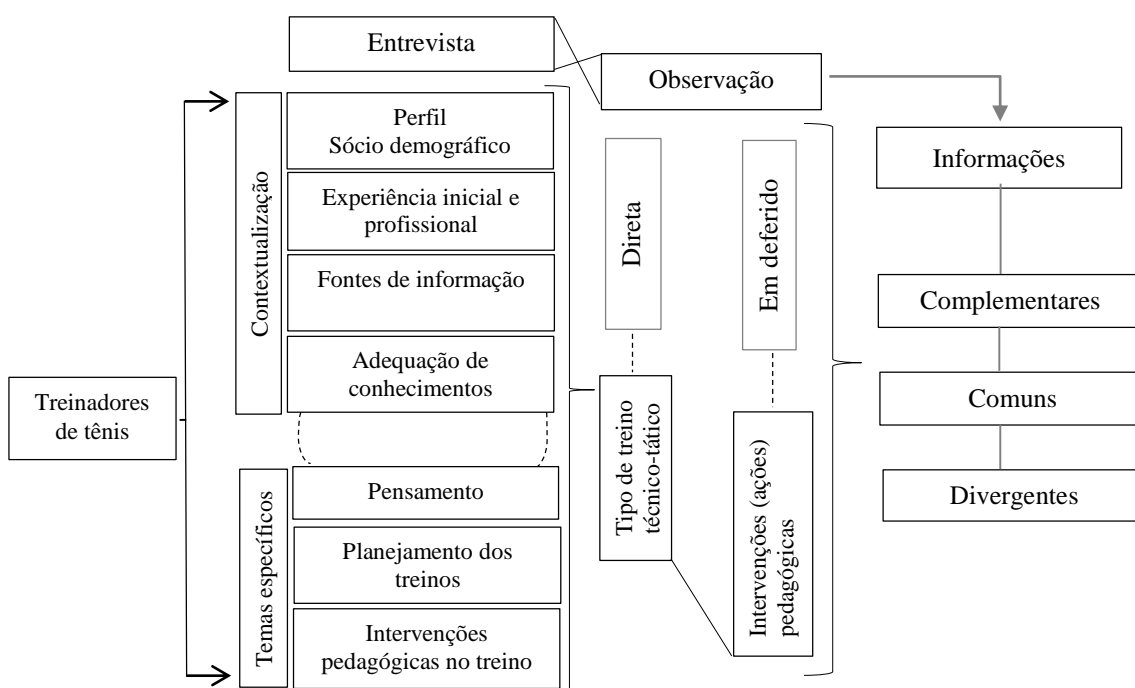


Figura 3. Abordagens do estudo.

Para a análise das informações qualitativas, procurou-se estabelecer um sistema de categorias, organizadas em dimensões específicas, para formatar um parâmetro de avaliação sobre o processo de pensamento e as ações do treinador de ténis.

Essa avaliação serviu como ferramenta de observação crítica e comparativa das informações entre o discurso e as práticas pedagógicas do treinador.

3.3.3. Quanto à forma de investigação

O objeto de investigação foi estudado pela forma de **pesquisa descritiva**. De acordo com Leão (2016), esta forma de estudo objetiva primordialmente a descrição dos fatos, tal qual eles se encontram, além de descobrir e observar fenômenos, procurando descrever, classificar, analisar e interpretá-los, sem qualquer tipo de interferência do pesquisador.

Com base nessa classificação, este estudo descreveu o processo de pensamento e as ações na sessão de treino de treinadores de tênis, do município do Rio de Janeiro, *expert* em treinamento de atletas juvenis. E como finalidade, explorou o grau de relação entre tais variáveis para saber se existiu coerência entre elas.

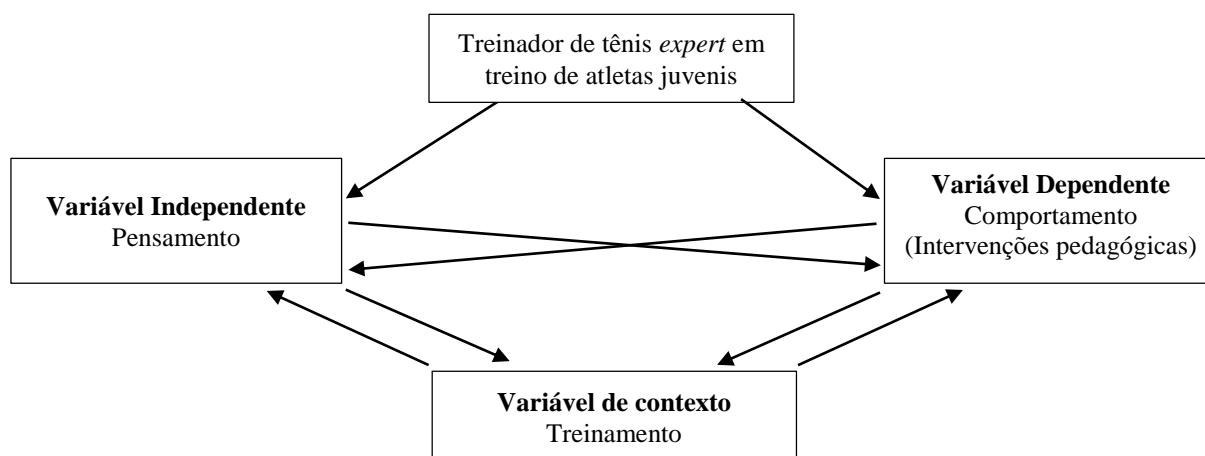


Figura 4. Relação entre as variáveis da pesquisa

3.3.4. Quanto ao método de procedimento

Esse processo visa proporcionar ao investigador os meios técnicos, para garantir a objetividade e a precisão no estudo (Prodanov & Freitas, 2013).

A partir deste entendimento e dos objetivos do estudo, esta investigação enquadrou-se no procedimento **observacional**, de classificação não participante, em virtude do pesquisador responsável pela coleta dos dados, limitar-se exclusivamente, aos registros e à análise dos fatos observados, sem produzir interferência nas informações obtidas sobre as variáveis pensamento e comportamento, mantendo-se na posição de observador, evitando envolvimento com o sujeito da amostra e/ou com o objeto do estudo.

E utilizou-se o modelo de estudo transversal, por investigar tais informações num curto período e em uma amostra predefinida. Especificamente, um grupo de treinadores de ténis *expert* em treino de atletas juvenis para responder se existe a relação entre as variáveis independente e dependente.

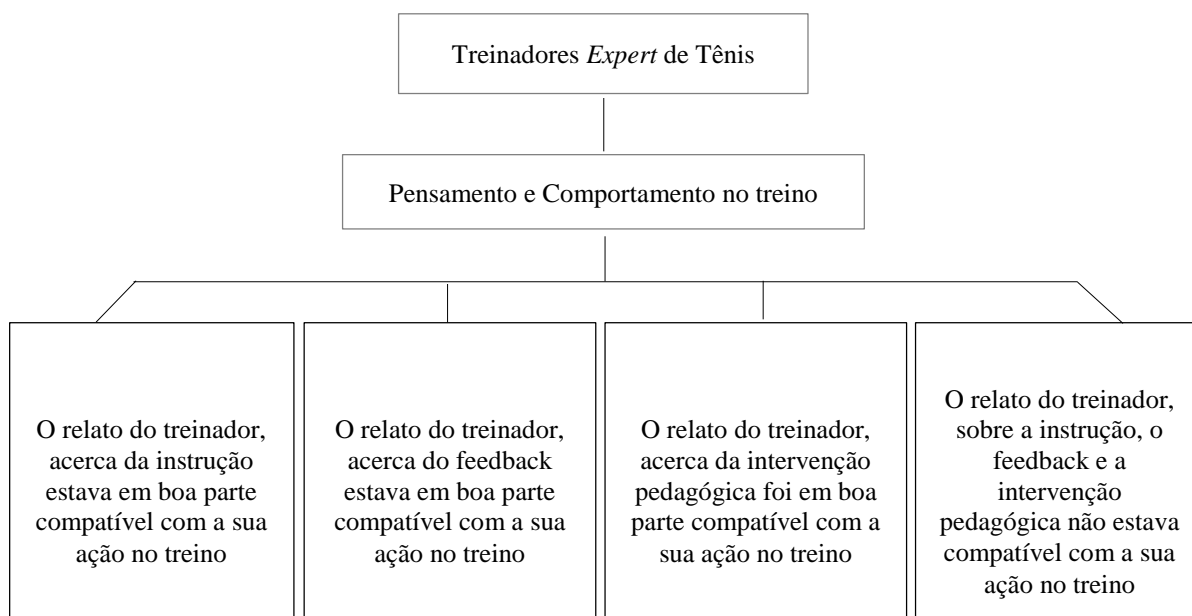


Figura 5. Fatos observados na pesquisa

3.3.5. Quanto ao procedimento técnico

Em linhas gerais, trata-se de um procedimento que expressa o desenvolvimento de uma pesquisa, enfatizando o processo técnico de obtenção e análise dos dados (Leão, 2016).

A partir desta compreensão, o procedimento técnico deste estudo se enquadrou em um estudo **multi casos**, por pesquisar informações específicas e significativas sobre um grupo de treinadores de ténis especialista em treino de atletas juvenis para o rendimento, que atuam profissionalmente na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro.

Os argumentos que amparam a definição deste procedimento basearam-se nos seguintes aspectos: a) na descrição das características de um fenômeno, expondo as particularidades dos treinadores participantes e suas ações pedagógicas no treino; b) e na busca das informações deste objeto num contexto real prático com o grupo de treinadores selecionados.

3.4. PROCEDIMENTOS ÉTICOS DO ESTUDO

Com o propósito de obter a autorização para a coleta dos dados que compõem a base do desenvolvimento deste estudo fez-se os seguintes procedimentos legais exigidos:

- a) Cadastrar os dados do pesquisador principal do estudo e os documentos exclusivos da pesquisa na Plataforma Brasil¹².
- b) Cumprir as resoluções éticas brasileiras da CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa) e do CNS (Conselho Nacional de Saúde) 466/2012 (Anexo 4).
- c) Afirmar o termo de compromisso e responsabilidade de orientação da pesquisa por parte do orientador principal (Apêndice I).
- d) Garantir o cumprimento de todas as implicações do termo de confidencialidade e sigilo dos dados coletados (Apêndice II).
- e) Obter declaração de concordância de pesquisa da Federação de Tênis do Estado do Rio de Janeiro, assinada pelo seu representante legal (Anexo 3).
- f) Apresentar o Termo de Consentimento, Livre e Esclarecido – **TCLE** (Apêndice III) e o Termo de Autorização de Uso de Imagem – **TAUI** (Apêndice IV).

O TCLE esclareceu ao sujeito do estudo, as informações sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios para sociedade de classe profissional, importância da sua participação, segurança do anonimato, sigilo das informações, potenciais risco e desconfortos que esta possa lhes acarretar. Além, da possibilidade de abdicar da sua participação na pesquisa em qualquer momento. Enquanto, o TAUI elucidou que as imagens, ações e áudios captados durante a sessão de treino, seriam utilizadas pelo pesquisador somente com os fins didáticos acadêmicos e particularmente em comunicações científicas.

Após apresentação dos termos, o sujeito foi convidado a participar do estudo e para assegurar os seus direitos recebeu um modelo de cada termo assinado pelo pesquisador.

Respeitado todas as normas éticas brasileiras envolvendo seres humanos em pesquisa científica, estabelecidas pelo Ministério da Saúde (MS), o presente estudo foi avaliado como **APROVADO** pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Federal de Educação e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), inscrito no CONEP/CNS/MS sob Ofício nº 2203, que emitiu o Parecer Consubstanciado, sob o registro 2.448.768 (Anexo 4).

¹² Sistema eletrônico criado pelo Governo Federal para sistematizar o recebimento dos projetos de pesquisa que envolvam seres humanos nos Comitês de Ética em todo o país (<http://portal2.saude.gov.br>).

3.5. CARACTERIZAÇÃO DOS CONTEXTOS DE TREINO

Centro de Treinamento – 01



Figura 6. Quadras de tênis – Academia

a) Particularidades:

Academia de tênis de campo, *beach tennis* e *squash*, proporciona livre acesso ao público para locação dos espaços das modalidades acima. Tem como principal peculiaridade, o treinamento de atletas juvenis, com o intuito de conseguir bolsa de estudo no exterior. Possui um paredão com demarcação de alvo, não possui sala de musculação e nem pista de corrida.

b) Instalações de base:

Duas quadras de saibro¹³ descobertas (*outdoor*), duas de *squash* e uma de areia para a prática do *beach tennis*. Ambas as quadras de tênis são destinadas ao treino de juvenis.

c) Materiais e equipamentos utilizados:

Na sessão prática do treinamento técnico-tático, são utilizados cones de diferentes tamanhos, cones de cúpula, carrinho de compras ou cesto de bolas, linhas de delimitação da quadra e máquina lançadora de bolas (canhão), também, utiliza uma filmadora para análise biomecânicos dos gestos técnicos.

d) Período de tempo da sessão de treino:

O treino técnico-tático dos atletas juvenis ocorria de segunda a sexta-feira no período das 16 às 18 horas, sábado das 8 às 10 horas e eventualmente, a realização de treinamento aos domingos, conforme o calendário de competição.

e) Quadro geral de atletas:

A equipe juvenil dessa escola possuía cinco atletas nas categorias 17/18 e 15/16 anos, sendo dois da categoria 17/18 anos e três da 15/16, todos pertenciam a classe masculina.

¹³ Quadra feita a partir da composição de areia, pedra e argila com a cor alaranjado (pt.wikipedia.org, 2018).

Centro de Treinamento – 02



Figura 7. Quadras de tênis – Clube

a) Particularidades:

Clube de sociedade aberta com distintas práticas esportivas, possui uma ampla sala de musculação aberta ao público, no caso da utilização por parte dos atletas juvenis de tênis é considerado como um serviço extra, ou seja, o uso do espaço está vinculado ao pagamento de uma taxa de sócio atleta, existe uma grande área livre para *jogging*¹⁴, preparação física para o tênis e não tem paredão.

b) Instalações de base:

São cinco quadras de tênis descobertas (*outdoor*) de saibro, duas são destinadas exclusivamente para o treino técnico-tático de atletas infanto-juvenis.

c) Materiais e equipamentos utilizados:

Na sessão de treino técnico-tático são utilizados cones, bastões para o trabalho de movimentação de perna durante os exercícios de aperfeiçoamento técnico, arco, rede alta, linhas demarcatórias de espaço em quadra, carrinho e cesto de bolas.

d) Período de tempo da sessão de treino:

O treino técnico-tático dos atletas juvenis ocorre de segunda a sexta-feira das 14 às 17 horas, sábados, ocorre os jogos-treinos com atletas juvenis de outra escola e aos domingos o descanso é ativo.

e) Quadro geral de atletas juvenis:

A equipe dessa escola tinha seis atletas juvenis, quatro eram da categoria 15/16 anos, sendo dois atletas de cada classe (masculina e feminina) e os outros dois atletas pertenciam a categoria 17/18 da classe masculina.

¹⁴ Atividade de correr a uma velocidade lenta e regular, especialmente como uma forma de exercício (dictionary.cambridge.org, 2018).

Centro de Treinamento – 03



Figura 8. Quadras de tênis – Clube

a) Particularidades:

Clube de sociedade privada, ministrado por uma comunidade estrangeira, proporciona diversas atividades recreativas, culturais e esportivas para os associados.

Permite a filiação de qualquer pessoa e de seus familiares. Tem uma ampla sala de musculação terceirizada, que é utilizada pelos atletas juvenis numa condição diferenciada, possui uma boa área aberta para corrida e não possui paredão.

b) Instalações de base:

Três quadras de tênis descobertas de saibro, duas quadras são destinadas ao treino de atletas juvenis e a outra para o infantil, independentemente da condição de ser sócio ou não.

c) Materiais e equipamentos utilizados:

Para o treinamento dos atletas juvenis foram utilizados cones de diferentes altura e cores, cones de cúpula, linha de delimitação do espaço na quadra, haste com uma fita elástica para simular a altura da rede, carrinho de compras ou cesto de bolas.

d) Período de tempo da sessão de treino:

Os treinos técnico-tático eram realizados de segunda a sexta-feira no período das 15 às 17 horas, sábados conforme a aproximação de torneios importantes da categoria ou segundo o planejamento individual do atleta e o domingo faz-se o descanso ativo, ou seja, os atletas juvenis praticam outras atividades físicas e esportivas de forma recreativas.

e) Quadro geral de atletas juvenis:

Esta equipe possuía cinco atletas juvenis, três pertenciam a categoria 15/16 anos e dois a categoria 17/18 anos, todos da classe masculina.

Centro de Treinamento – 04



Figura 9. Quadras de tênis – Academia

a) Particularidades:

Academia de associação particular dentro de um condomínio fechado, a prática do tênis é destinada somente aos moradores e convidados. No entanto, proporciona o acesso ao treino técnico-tático de atleta juvenil externo, ou seja, não há necessidade de ser morador. Não possui sala de musculação, mas, possui pista de corrida e paredão com o piso asfáltico.

b) Instalações de base:

Duas quadras de tênis descobertas (*outdoor*) de saibro, ambas no período da tarde são destinadas ao treinamento técnico-tático de atletas juvenis.

c) Materiais e equipamentos utilizados:

No treino técnico-tático da equipe juvenil, são usados diferentes tamanhos de cones, bastões, hastes com uma fita elástica para simular a altura da rede, carrinho de compras, cesto de bolas, linhas e escada.

d) Período de tempo da sessão de treino:

O treinamento técnico-tático ocorria de segunda a sexta-feira no horário das 15 às 18 horas. Podendo haver treinos extras aos sábados. No entanto, dependia da necessidade de cada atleta ou do grupo de atletas, em virtude da aproximação de um torneio ou alguma deficiência técnica identificada e o domingo fica livre para descanso ativo.

e) Quadro geral de atletas juvenis:

Esta equipe era composta por oito atletas juvenis, cinco pertenciam a categoria 15/16 anos, sendo três da classe masculina e dois da feminina e os outros três pertenciam a categoria 17/18 anos, todos da classe masculina.

Centro de Treinamento – 05



Figura 10. Quadras de tênis – Clube

a) Particularidades:

Este clube era composto por sócios nas categorias: proprietário e contribuinte, a qual, proporcionava diversas atividades desportivas e recreativas.

No caso do tênis, o atleta juvenil não precisa ser filiado, em virtude de efetuar o pagamento diretamente aos treinadores responsáveis pelo centro de treinamento.

Havia uma sala de musculação (serviço extra), um espaço amplo para realização de corrida e *jogging*, e não possuía paredão.

b) Instalações de base:

Quatro quadras de tênis descobertas (*outdoor*) de saibro, três eram destinadas ao treino técnico-tático de atletas juvenis.

c) Materiais e equipamentos utilizados:

Para o treino técnico-tático de juvenis foram utilizados diferentes cones (rasos e altos), cones de cúpula, linhas de delimitação de espaço em quadra, carrinho de bolas, arco, cesto de bolas, hastes com uma fita elástica para simular a altura da rede e filmadora.

d) Período de tempo da sessão de treino:

O treinamento técnico-tático ocorria de segunda a sexta-feira no horário das 15 às 17 horas, dificilmente tinha treino no final de semana, salvo os casos em que as competições ocorriam no município do Rio de Janeiro.

e) Quadro geral de atletas juvenis:

A equipe era composta por quatro atletas juvenis da categoria 15/16 anos e todos pertenciam a classe masculina.

Centro de Treinamento – 06



Figura 11. Quadras de tênis – Clube

a) Particularidades:

Clube privado que proporciona atividades desportiva e recreativa para os associados, no caso do tênis, a utilização das quadras ocorre por meio de locação, independentemente de ser sócio (valor diferenciado) ou não.

As quadras para o treino dos atletas juvenis são alugadas pelo grupo de treinadores da escola de alto rendimento. Existe uma ampla sala de musculação (Serviço extra), uma área livre para realização de corrida e não possui paredão.

b) Instalações de base:

Sete quadras de tênis descobertas (*outdoor*) de saibro, sendo 5 quadras são destinadas ao treino da equipe infanto-juvenil.

c) Materiais e equipamentos utilizados:

Para o treinamento técnico-tático foram usados: octógono duplo, plataforma, barreira de salto, cones, linhas, escada de solo, *strong power*¹⁵, dois carrinhos e um cesto de bolas.

d) Período de tempo da sessão de treino:

O treinamento técnico-tático ocorria de segunda a sexta-feira no horário das 15 às 17 horas e aos sábados das 14 às 17 horas. No domingo os atletas juvenis da escola ficavam livres, a não ser, quando havia competição das categorias.

e) Quadro geral de atletas juvenis:

A equipe de treinamento era composta por dez atletas juvenis entre as categorias 15/16 e 17/18 anos. Sendo, sete da categoria 15/16 anos (5 da classe masculina 2 da feminina) e os outros três da categoria 17/18 anos todos da classe masculina.

¹⁵ Estrutura metálica composta por uma

Centro de Treinamento – 07



Figura 12. Quadras de tênis – Academia

a) Particularidades:

Academia particular de tênis e *Padel*¹⁶, essas modalidades são destinadas ao uso de qualquer praticante, por meio da locação dos espaços.

Tem uma ampla sala de musculação de uso exclusivo dos associados, inclusive o atleta juvenil e não possui pista de corrida e nem paredão.

b) Instalações de base:

Cinco quadras de tênis descobertas (*outdoor*) com piso de saibro, duas quadras são destinadas para o treinamento de atletas juvenis no período da tarde.

c) Materiais e equipamentos utilizados:

No treinamento técnico-tático dos juvenis foram usados cones coloridos, bastões, linhas de delimitação, escada, carrinho de compras ou cesto de bolas e filmadora.

d) Período de tempo da sessão de treino:

O treinamento técnico-tático ocorria de segunda a sexta-feira no horário das 15 às 18 horas, podia haver treino aos sábados, conforme o calendário de competição das categorias e o domingo fica livre.

e) Quadro geral de atletas juvenis:

A equipe de competição dessa escola era composta por sete atletas, sendo quatro atletas da categoria 15/16 anos (2 da classe masculina e 2 da feminina) e os outros três atletas pertenciam a categoria 17/18 anos todos da classe masculina.

¹⁶ O jogo é disputado sempre em duplas. A bola é igual à de tênis, mas o campo tem algumas diferenças em relação a este desporto, pois tem 20 m de comprimento por 10 m de largura, com paredes nos fundos e parte das laterais. (<https://pt.wikipedia.org/wiki/padel>).

Centro de Treinamento – 08



Figura 13. Quadras de tênis – Academia

a) Particularidades:

Academia exclusiva para a prática do tênis de campo, proporciona acesso livre ao público para locação das quadras. Mas, a principal especialidade é o treino de atletas juvenis para competição, com o intuito de conseguir bolsa de estudo nos Estados Unidos. Possui uma ampla sala de musculação (serviço extra), um espaço livre para treino de corrida e não possui paredão.

b) Instalações de base:

Duas quadras de tênis descobertas (*outdoor*) de saibro, ambas as quadras são destinadas ao treino de atletas juvenis nos períodos da manhã e da tarde.

c) Materiais e equipamentos utilizados:

No treinamento técnico-tático dos juvenis foram usados cones, *medicine ball*, linhas de delimitação, arcos, bastões, carrinho de compras e cesto de bolas.

d) Período de tempo da sessão de treino:

O treinamento técnico-tático ocorria de segunda a sexta-feira no período da manhã no horário das 9 às 11 horas e no período da tarde de 15 às 17 horas, sábados das 14 às 16 horas e aos domingos era proporcionado o descanso ativo.

e) Quadro geral de atletas juvenis:

A equipe era composta por nove atletas, cinco pertenciam a categoria 15/16 anos (três do sexo masculino e 2 do feminino) e os outros quatro atletas eram da categoria 17/18 anos (2 masculinos e 2 femininos).

Centro de Treinamento – 09



Figura 14. Quadras de tênis – Clube

a) Particularidades:

Este clube é formado por diferentes tipos de associados, ou seja, composto por sócios proprietários, contribuintes e flutuantes (*pay per use*). No caso do tênis de competição, o atleta juvenil pode pertencer a qualquer uma dessas categorias de associado. Possui uma ampla sala de musculação, área livre para corrida e um paredão com numeração.

b) Instalações de base:

Dez quadras de tênis descobertas (*outdoor*) com piso de saibro, seis são direcionadas para o treino técnico-tático da equipe infanto-juvenil para competição.

c) Materiais e equipamentos utilizados:

Para o treinamento dos atletas juvenis são utilizados cones de diferentes altura e cores, arcos, *ring targets*, linha de delimitação do espaço na quadra, haste com uma fita elástica para simular a altura da rede, bastões, carrinho de compra ou cesto de bolas.

d) Período de tempo da sessão de treino:

O treinamento técnico-tático dos juvenis ocorria de segunda a sexta-feira no horário das 15 às 17 horas e no final de semana só havia treino em extrema necessidade, ou seja, alguma deficiência tática, em virtude da aproximação de alguma competição.

e) Quadro geral de atletas juvenis:

A equipe dessa escola era constituída por onze atletas, sete pertenciam a categoria de 15/16 anos (quatro da classe masculina e três da feminina) e os outros quatro atletas pertenciam a categoria 17/18 anos e todos eram da classe masculina.

Centro de Treinamento – 10



Figura 15. Quadras de tênis – Clube

a) Particularidades:

Clube privado com diversas atividades desportivas e recreativas aos sócios e seus convidados, no caso dos atletas juvenis, a utilização das quadras para o treino é garantida independentemente de serem sócios ou não.

Possui uma sala de musculação para os atletas juvenis (uso gratuito), existe um paredão dentro da quadra e não tem pista ou área de corrida.

b) Instalações de base:

Duas quadras de tênis descobertas (*Outdoor*) de saibro, ambas são direcionadas para o treinamento técnico-tático da equipe infanto-juvenil.

c) Materiais e equipamentos utilizados:

Para o treino da categoria infanto-juvenil foram utilizados cones, bambolês, bastões de deslocamento, linha de delimitação do espaço na quadra, haste com uma fita elástica para simular a altura da rede, carrinho de compras ou cesto de bolas.

d) Período de tempo da sessão de treino:

O treinamento técnico-tático ocorria de segunda a sexta-feira no período das 15 às 17 horas, nos finais de semana raramente tem treinamento, somente em caso de extremo.

e) Quadro geral de atletas juvenis:

A equipe de competição infanto-juvenil dessa escola era composta por seis atletas juvenis, sendo quatro atletas da categoria 15/16 anos e dois da categoria 17/18 anos, todos os atletas pertenciam a classe masculina.

Centro de Treinamento – 11



Figura 16. Quadras de tênis – Academia

a) Particularidades:

Academia particular com diversas modalidades desportivas, as quais são oferecidas para o uso de qualquer praticante esportista, por meio da locação dos espaços.

Tem uma ampla sala de musculação de uso exclusivo dos associados, inclusive o atleta juvenil e um paredão, não possui pista de corrida.

b) Instalações de base:

Três quadras de tênis descobertas (*outdoor*) de saibro, todas são direcionadas para o treinamento técnico-tático aos atletas, sendo uma quadra para os profissionais e duas para a equipe infanto-juvenil de competição.

c) Materiais e equipamentos utilizados:

No treino dos atletas juvenis foram utilizados diferentes cones (altura e cores), linha de delimitação de espaço em quadra, hastes com uma fita elástica para simular a altura da rede, *ring targets*, *medicine ball*, carrinho de bolas, cesto de bolas e filmadora.

d) Período de tempo da sessão de treino:

Os treinos técnico-tático dos atletas juvenis ocorriam de segunda a sexta-feira das 15 às 17 horas e eventualmente aos sábados, conforme aproximação da competição próximas do município do Rio de Janeiro.

e) Quadro geral de atletas juvenis:

A equipe dessa escola foi constituída por onze atletas, sendo sete atletas pertencentes a categoria 15/16 anos (cinco da classe masculina e 2 da feminina) e os outros quatro atletas da categoria 17/18 anos e todos da classe masculina.

Centro de Treinamento – 12



Figura 17. Quadras de tênis – Academia

a) Particularidades:

Academia de tênis de alto rendimento, destinada exclusivamente ao treinamento técnico-tático e físico de atletas profissionais e infanto-juvenis para as competições nacionais e internacionais. Além, do tênis universitário americano.

b) Instalações de base:

Cinco quadras de tênis descobertas (*outdoor*), sendo quatro de saibro e uma rápida (dura), na parte da tarde, todas são direcionadas para o treino da equipe infanto-juvenil.

c) Materiais e equipamentos utilizados:

Para o treino prático da categoria juvenil, normalmente utilizam-se cones diversos, linha de delimitação de quadra, hastes com uma fita elástica para rede, *medicine ball*, arco, *ring targets*, escada, carrinho, cesto de bolas, filmadora, aparelho de biomecânica e spin.

d) Período de tempo da sessão de treino:

A sessão de treino técnico-tático, destinado a orientação de atleta infanto-juvenil ocorria de segunda a sexta-feira: no período de manhã das 9 às 11 horas e a tarde das 14 às 17 horas, sábados das 14 às 16 horas e aos domingos era proporcionado o descanso ativo. Somente em casos especiais que ocorria um treino preparatório.

e) Quadro geral de atletas juvenis:

A equipe de treinamento era formada por treze atletas juvenis. Sendo, oito da categoria 15/16 anos (cinco da classe masculina e três da feminina). Os outros cinco atletas pertenciam a categoria 17/18 anos (quatro da classe masculina e 1 da feminina).

Centro de Treinamento – 13



Figura 18. Quadras de tênis – Clube

a) Particularidades:

Clube particular, proporciona diversas atividades recreativas, culturais e sobretudo esportivas em nível de rendimento infanto-juvenil.

Possui ampla sala de musculação, uma extensa pista de corrida entorno do clube e um paredão com pontos numéricos demarcados.

b) Instalações de base:

Quatorze quadras descobertas (*outdoor*), sendo doze com piso de saibro e duas de asfalto (rápidas), todas são utilizadas pela escola para as diferentes categorias. Contudo, seis são direcionadas para o treino técnico-tático da equipe infanto-juvenil para competição

c) Materiais e equipamentos utilizados:

Para o treino dos atletas infanto-juvenis são utilizados cones diversos, *medicine ball*, linha para demarcação de área na quadra, hastes com uma fita elástica para simular a altura da rede, arco, escada, carrinho, cesto de bolas e filmadora.

d) Período de tempo da sessão de treino:

Os treinos técnico-tático dos atletas juvenis ocorrem de segunda a sexta-feira das 15 às 17 horas, sábados conforme a necessidade do atleta juvenil ou do planejamento com base na competição e o domingo fica livre.

e) Quadro geral de atletas juvenis:

A equipe de competição era constituída por quinze atletas, sendo onze atletas da categoria 15/16 anos (sete da classe masculina e quatro da feminina) e os outros quatro atletas pertenciam a categoria 17/18 anos (três da classe masculina e 1 da feminina).

Centro de Treinamento – 14



Figura 19. Quadras de tênis – Academia

a) Particularidades:

Academia de tênis que tem como propósito o desenvolvimento do tênis infantil, ou seja, todas as faixas etárias, no caso do treinamento de atletas juvenis, existem especialistas para acompanhar os componentes técnico-tático, físico e psicológico. O planeamento visa as competições nacionais, internacionais e o tênis universitário americano.

b) Instalações de base:

Oito quadras de tênis descobertas (*outdoor*), seis de saibro e duas rápidas, todas as quadras são direcionadas ao tênis infantil. No entanto, cinco quadras são destinadas para o treino técnico-tático da equipe juvenil para competição.

c) Materiais e equipamentos utilizados:

Para o treinamento da equipe infanto-juvenil foram utilizados cones diversos, bastões, *medicine ball*, *ring targets*, linha para demarcação de área na quadra, hastes com uma fita elástica para simular a altura da rede, arco, escada, carrinho de compras para bolas, cesto de bolas, canhão, aparelho biomecânica e filmadora.

d) Período de tempo da sessão de treino:

O treinamento técnico-tático dos atletas juvenis ocorria de segunda a sexta-feira das 15 às 17 horas, sábados na parte da manhã das 10 às 12 horas e o domingo é oferecido um descanso ativo com os profissionais da escola.

e) Quadro geral de atletas juvenis:

A equipe era formada por quatorze atletas juvenis. Sendo, 8 atletas da categoria 15/16 anos (cinco da classe masculina e três da feminina). Os outros seis atletas eram da categoria 17/18 anos (três da classe masculina e 3 da feminina).

3.6. PARTICIPANTES DO ESTUDO

A amostra desta investigação caracterizou-se pelo tipo não-probabilística e intencional ou proposital, visto que a seleção dos sujeitos se apoiou nos critérios de inclusão e exclusão.

De acordo com Churchill (1998) este tipo de amostra trata-se de um grupo de sujeitos constituídos a partir do julgamento do pesquisador. Corroborando, Fontanella, Ricas e Turato (2008) revelaram que este processo de escolha de uma amostra conveniente tem como mais valioso a qualidade das informações obtidas.

3.6.1. Critérios de inclusão

Critérios de inclusão é definido por Patino e Ferreira (2018, p. 84) como sendo as “características particulares utilizadas para escolher os sujeitos que participarão da pesquisa”.

Neste sentido, este estudo apoiou-se nos seguintes critérios de seleção:

- a) Ser residente e trabalhar no município do Rio de Janeiro;
- b) Ser qualificado como treinador de um dos centros de treino vinculado a FTERJ.
- c) Ter no mínimo um atleta juvenil inscrito no *ranking* nacional e que participa das competições organizadas pela Confederação Brasileira de Tênis (CBT);
- d) Ser responsável pela estruturação e condução das sessões prática de treino;
- e) Possuir experiência profissional de dez anos no mínimo;
- f) Ter acompanhado atletas juvenis em competições nacionais da categoria;
- g) Estar entre os principais treinadores, em nível de resultados da categoria juvenil;
- h) Ser reconhecido pelos pares da categoria profissional;
- i) Ter participado, no mínimo, de um curso de capacitação da CBT.

3.6.2. Critérios de exclusão

São características adicionais do sujeito, que poderiam interferir no sucesso do estudo ou aumentar o risco de um desfecho desfavorável (Patino & Ferreira, 2018, p. 84).

Com base neste entendimento, este estudo apontou os seguintes critérios:

- a) Estar em desacordo com os **critérios de inclusão**;
- b) Ser habilitado, mas exercer a função de **treinador assistente**; e
- c) Não querer participar ou não assinar o TCLE e/ou o TAUI.

3.6.3. Caracterização da amostra

A amostra desse estudo foi constituída por treinadores de tênis (n = 14) experientes e responsáveis pela estruturação e condução do treino técnico-tático de atletas juvenis.

Essa amostra se resultou a partir de uma relação dos centros de treinamento de juvenis expedida pela Federação de Tênis do Estado do Rio de Janeiro (FTERJ) em 2017 (Anexo 2).

Os 14 treinadores participantes do estudo são do sexo **masculino**.

Os treinadores participantes pertenciam as seguintes faixas etárias: 40 a 44 anos (n = 4), 45 a 49 anos (n = 5), 50 a 54 anos (n = 2) e, mais de 55 anos (n = 3).

Relativamente a formação dos treinadores, 8 possuíam o Ensino Superior em Educação Física, 4 tinham o Ensino Médio e 2 estavam na categoria outros.

Os treinadores estavam nas seguintes faixas de tempo de trabalho com atletas juvenis: 15 a 19 anos (n = 6), 20 a 24 anos (n = 4) e, 25 a 30 anos (n = 4).

Dos 14 treinadores, doze eram nascidos no Sudeste e dois nas outras regiões do Brasil.

Quanto ao estado civil dos treinadores participantes, onze eram casados, um solteiro e, dois na situação outros¹⁷. Estas informações estão organizadas na Tabela 1.

Tabela 1

Descrição da Amostra

Participantes					
	<i>Sexo</i>	<i>Faixa etária</i>			
	Masculino	40 a 44	45 a 49	50 a 54	+ de 55
N	14	4	5	2	3
%	100,0	28,6	35,7	14,3	21,4
	<i>Tempo de trabalho com atletas juvenis</i>				
	15 a 19 anos	20 a 24 anos	25 a 30 anos		
N	6	4	4		
%	42,8	28,6	28,6		
	<i>Formação</i>				
	Ensino Superior EF	Ensino Médio	Outros		
N	8	4	2		
%	57,1	28,6	14,3		
	<i>Estado civil</i>			<i>Natural</i>	
	Casado	Solteiro	Outros	Região sudeste	Outras regiões
N	11	1	2	12	2
%	78,6	7,1	14,3	85,7	14,3

Fonte: Dados obtidos na própria pesquisa.

¹⁷ Abrangem as demais condições civis.

3.7. VARIÁVEIS ANALISADAS NO ESTUDO

Neste estudo pode-se compreender um conjunto de variáveis, que interfere na ação do treinador de tênis durante a sessão de treino, destinado a orientação de atletas juvenis, a saber:

3.7.1. Variável dependente

As intervenções pedagógicas do treinador na sessão prática do treino técnico-tático das situações de jogo, destinadas a orientação de atletas juvenis, que serão explicadas, em função de serem influenciadas pela inter-relação das demais variáveis.

3.7.2. Variáveis independentes

1. Pensamento do treinador de tênis:
 - Reporta-se aos conhecimentos, percepções, crenças e fazeres, no que diz respeito ao treinamento de atletas juvenis.

3.7.3. Variáveis de pressão

1. Características do treinador de tênis:
 - Idade cronológica;
 - Sexo;
 - Estado civil; e
 - Natural.
2. Formação do treinador:
 - Grau de escolaridade;
 - Registro de classe profissional;
 - Cursos complementares;
 - Congressos e/ou *workshop* internacional; e
 - Condições de formação do treinador.

3. Experiência profissional:

- Experiência inicial
- Anos de atuação como treinador de juvenis;
- Número de atletas juvenis treinados;
- Melhor resultado em competição como treinador;
- Melhor *ranking* alcançado por um atleta; e
- Acompanhamento em viagem dos atletas juvenis.

3.7.4. Variáveis de contexto

1. Características do contexto de treinamento:

- Particularidade;
- Instalações de base;
- Materiais e equipamentos;
- Tempo da sessão prática; e
- Quadro de atletas juvenis.

Para melhor entendimento, a Figura 20 apresenta a série de variáveis analisadas.

Sessão de Treino

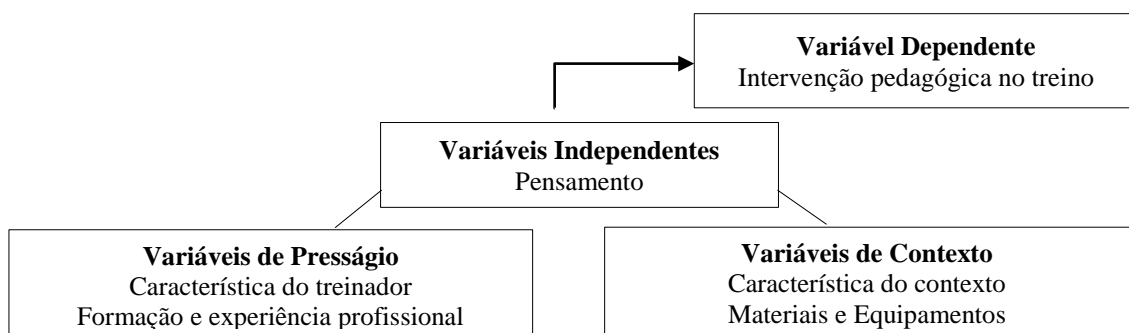


Figura 20. Diagrama das variáveis do estudo.

3.8. INSTRUMENTOS DO ESTUDO

3.8.1. Referente ao pensamento do treinador

Para obtenção das informações relativas ao pensamento do treinador desportivo, ténis de campo, utilizou-se o procedimento prático de documentação a observação direta intensiva (Marconi & Lakatos, 2014) e como técnica de investigação, empregou-se uma **entrevista**¹⁸ padronizada do tipo semiestruturada¹⁹, composta por respostas objetivas e subjetivas.

Esta categoria de entrevista enquadrou-se neste estudo, em virtude das seguintes razões: a) adequação ao tipo de investigação; b) possibilidade de elaboração de perguntas adicionais, com o intuito de obter mais informações, e c) a liberdade da resposta do treinador.

O protocolo de entrevista foi elaborado a partir dos estudos de Milistetd et al., (2010); Gonçalves et al., (2010); Mesquita, Isidro e Rosado, (2010); Raposo, (2017); Cushion, Harvey, Muir e Nelson, (2012).

3.8.1.1. Elaboração do instrumento de medição – Protocolo de Entrevista (PE)

Este PE foi elaborado a partir do propósito do estudo, que era obter dados específicos, por meio dos relatos dos treinadores dos principais contextos de treinamento de atletas juvenis da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro.

A Figura 21 apresenta os estágios de construção deste Protocolo de Entrevista – PE.

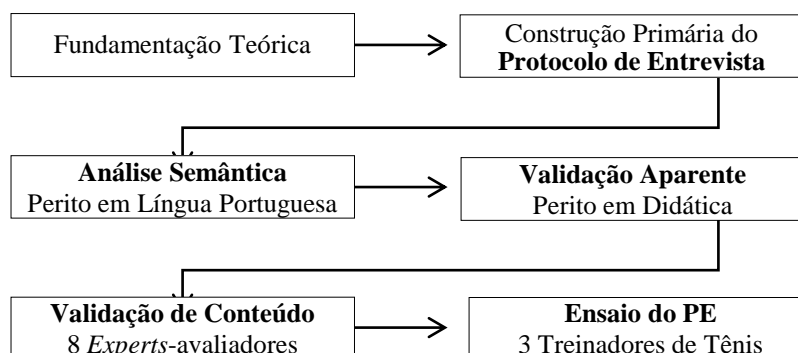


Figura 21. Fluxograma dos estágios de construção do PE.

¹⁸ A entrevista é um ótimo instrumento para captar a diversidade de descrições e interpretações que as pessoas têm sobre a realidade (Meirinhos & Osório, 2010).

¹⁹ Nesse tipo de entrevista, a condução é semelhante a um bate-papo, o pesquisador faz perguntas abertas e fechadas, onde em que o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema (Boni & Quaresma, 2005).

Estágio 1 – Fundamentação teórica para construção do instrumento de medição.

Nesta fase, recorreu-se a revisão integrada de bibliografia, empregando os descritores: construção, validação, entrevista e instrumento. Esta averiguação ocorreu nas plataformas: Periódicos Capes, Sport Discus e PubMed, com o propósito de buscar um suporte teórico, acerca da construção e validação de uma ferramenta de medição documental, protocolo de entrevista, que possibilite examinar o pensamento do treinador de tênis.

Estágio 2 – Definição dos objetos de investigação do instrumento.

Com base nos objetivos do estudo e nas informações obtidas no decorrer do estágio 1, definiu-se, como linha norteadora, que os objetos de investigação do protocolo de entrevista se apresentariam nas formas de **contextualização** e **principal**.

Os objetos de contextualização se basearam nas circunstâncias que rodeiam a realidade do treinador de tênis qualificados em treino de atletas juvenis para competição. Com isso, foi constituída pelas informações:

a) sociodemográficas: idade, sexo, local de nascimento, estado civil, grau de escolaridade, contato inicial com a modalidade e as experiências como treinador (Mesquita et al., 2010; Gonçalves et al., 2010);

b) fontes de informações e adequação dos conhecimentos: participação em cursos de capacitação da CBT, congressos e *workshops* da ITF, interação com os pares e o uso de recursos tecnológicos como referência pedagógica no treino de atletas juvenis (Mesquita et al., 2010).

Os objetos principais apoiaram-se nas informações de: a) planejamento e b) intervenção pedagógica do treinador no treino.

Contudo, para desenvolver as perguntas relacionadas a esses pontos de investigação, foi necessário recorrer as referências bibliográficas do tema. Em outras palavras, procurou-se nas literaturas especializadas os conhecimentos da validade racional.

Para tal, foram utilizados, respectivamente, o livro: *Planeamento do Treino Desportivo* de António Vasconcelos Raposo, editado em 2017 e as publicações de Lacy e Darst (1984), Carreiro da Costa (1988, 2004) e Cushion et al., (2012), dando origem ao PE – versão 1.

A partir de então, o Protocolo de Entrevista (PE) – versão 1 consistiu-se de 144 perguntas, 78 primárias, 62 secundárias e, 4 terciárias, compreendidas em 6 objetos de investigação.

Figura 22 apresenta a distribuição das categorias de perguntas.

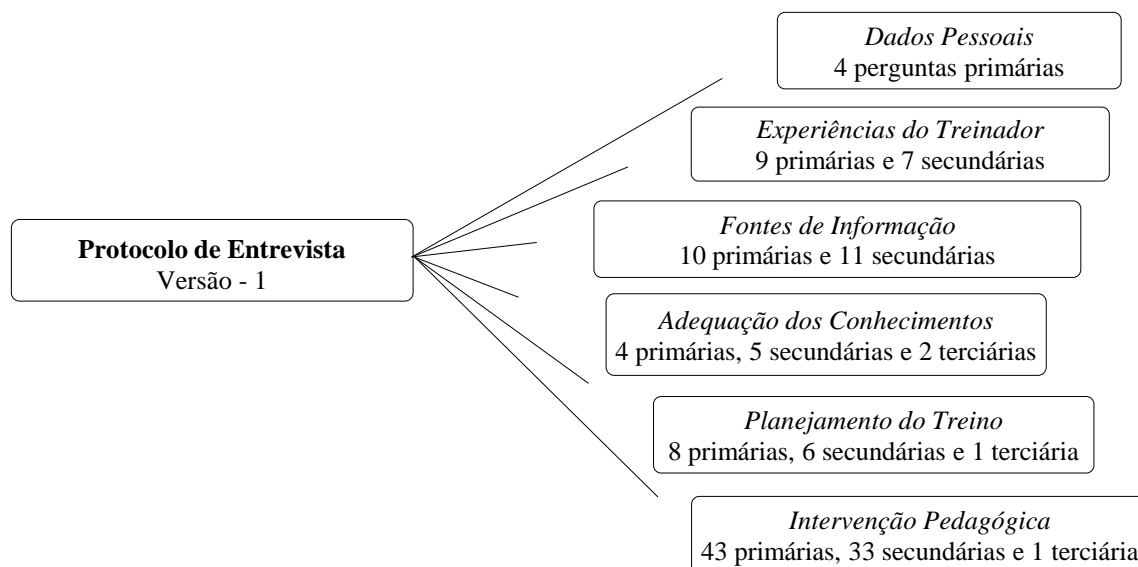


Figura 22. Fluxograma das perguntas do PE.

Posteriormente aos estágios 1 e 2, este PE inicial submeteu-se aos estágios de campo.

Estágio 3 – Análise semântica e gramatical do Protocolo de Entrevista – versão 1

A Semântica é definida por Trujillo (2012, p. 18) como sendo “uma área importante da Linguística, que surgiu de uma síntese da etimologia²⁰ e da lexicologia.²¹” E tem por objeto desvendar os sentidos dos termos dentro de determinados contextos, ou melhor, favorecer o processo de interpretação da escrita.

Para aprimorar as perguntas do Protocolo de Entrevista – versão 1, foi imprescindível submetê-lo à análise de um especialista em língua portuguesa.

Este perito da **língua Portuguesa**, analisou os aspectos gramaticais de cada pergunta, quanto a sua ortografia, acentuação, concordâncias nominais e verbais, além de simplificar a linguagem de comunicação e entendimento das perguntas (Anexo 5).

Para melhor entendimento, a Tabela abaixo apresenta as questões, as sugestões oferecidas pelo perito e as correções realizadas.

²⁰ Estudo da origem das palavras (www.dicio.com.br, 2019).

²¹ Estudo do significado das palavras (www.dicio.com.br, 2019).

Tabela 2

Parecer do Perito em Língua Portuguesa

Incumbência: Análise semântica e gramatical. Assim como, simplificar as perguntas, no sentido de favorecer a linguagem de comunicação entre entrevistador e o entrevistado.

Questões	Sugestões	Correção	
No objetivo	Assinalou que o objetivo fosse apresentado de forma resumida, apontando os temas de pesquisa. E empregasse a preposição “ em ” após a palavra expert, por se tratar de uma relação.	Questão considerada. Forma primária: Descrever o processo de pensamento do treinador expert de tênis sobre quatro temas principais da pesquisa. Forma corrigida: Descrever o processo de pensamento do treinador de tênis expert em treino de atletas juvenis, acerca dos temas: experiências, fontes e adequação dos conhecimentos, planejamento e intervenção pedagógica.	
	5.1.	“Trocar a expressão “como” por “quais foram as motivações ou razões”.	Questão considerada. Forma primária: Como iniciou? Forma sugerida: “Quais foram as razões”?
	13	“Colocar o significado da sigla FTERJ” ou modificar a questão.	Questão modificada. Forma corrigida: Atualmente, qual é o ranking dos seus atletas, em nível estadual?
	16	Trocar a expressão “tem influência decisiva” por “tem influência decisivamente”.	Questão considerada. Forma primária: A formação acadêmica tem influência decisiva na sua função como treinador? Forma corrigida: “A formação acadêmica influencia decisivamente na sua função como treinador?”
	17	“Fazer a pergunta direta”.	Questão considerada Forma primária: possui o registro do CREF? Forma corrigida: é registrado no CREF?
	17.1.	“Modificar essa questão” para em categoria.	Questão modificada Forma primária: Qual é a categoria? Forma sugerida: Em qual categoria?
	23	Modificar a questão, porque o verbo dar é informal, deve ser trocada:	Questão modificada Forma primária: Qual a importância que você dá para experiência prática comparada aos conhecimentos adquiridos nos cursos de formação? Forma sugerida: “Para você, qual a importância da experiência prática se comparada, ou ao ser comparada aos conhecimentos”.
	45	Modificar a questão. Verbo transitivo direto, quem utiliza, utiliza treinos.	Questão modificada. Forma primária: Você utiliza de treinos progressivos para o atleta? Forma corrigida: “Você costuma utilizar treinos progressivos”?
	53	Modificar a questão para “Como são organizados ou divididos os grupos” ou “como se constituem os grupos”.	Questão modificada <i>Para:</i> Qual o critério de organização do grupo de atletas no treino?
	65	Aconselhou que modificasse uma parte da questão. “são definidos”.	Questão não modificada Forma primária: Como se define quais os atletas que irão treinar individualmente? Forma sugerida: “Como são definidos os critérios que apontam quais os atletas que irão treinar individualmente”?

As correções foram estabelecidas como:

- Considerada – respeitou a sugestão do especialista.
- Modificada – acolheu a sugestão do especialista. Mas, alterou a pergunta.
- Não modificada – manteve-se a pergunta inicial.

Fonte: Dados obtidos no parecer do perito em língua portuguesa.

Das 144 questões, este perito emitiu um parecer de correção para dez perguntas, o que correspondeu a 7% do PE – versão 1. Dentre as assinaladas, 4 perguntas foram consideradas e 6 modificadas, dando origem ao PE – versão 2.

Nas sugestões apresentadas na análise semântica, percebeu-se que houve uma melhor condição de interpretação do enunciado das perguntas. Após esta análise, o PE – versão 2 foi submetido à validação aparente.

Estágio 4 – Análise da compreensão lógica do Protocolo de Entrevista – versão 2.

Após análise do especialista em língua Portuguesa, este PE – versão 2, submeteu-se à análise de um especialista em Didática (Anexo 6).

Esse perito teve o intuito de analisar a lógica das perguntas, *i.e.*, buscar a coerência entre as perguntas e os objetos de investigação, tornando-as mais claras e compreensivas para os sujeitos aos quais o instrumento se destina, além de evitar a ambiguidade nas perguntas.

Seguindo a mesma linha de argumentação da tabela anterior, a Tabela 3 apresenta as questões, as sugestões oferecidas e as correções adotadas.

Tabela 3

Parecer do Perito em Didática

Incumbência: Analisar a coerência entre as perguntas e os objetos de investigação.		
Questões	Sugestões	Correção
4. Estado civil	Sugeriu que se colocasse entre parênteses a letra “A”, caracterizando o sexo feminino.	Questão considerada Forma primária: Casado Forma sugerida: Casado (a)
2.1.1 e 2.1.2	Recomendou que a pergunta fosse mais específica.	Questão considerada Forma primária: Como e onde iniciou? Forma sugerida: “Comente quais foram as razões”? “Onde iniciou jogar tênis”?
2.3	Aconselhou que colocasse o nome da modalidade.	Questão considerada Forma primária: Há quanto tempo trabalha com atletas juvenis? Forma sugerida: “Há quanto tempo trabalha com atletas juvenis de tênis”?
2.4	Advertiu que colocasse o nome do esporte que o treinador ministra.	Questão considerada Pergunta: Quantos atletas juvenis você treinou, em média por ano, desde o início de sua carreira como treinador de tênis?
2.4.1	Recomendou excluir essa pergunta. “Não é necessária esta pergunta”.	Questão considerada Pergunta excluída: Quantos atletas você treinou em 2016?
2.7	(De quê? É necessário especificar o esporte, mesmo que fique repetitivo, é preciso ficar claro)	Questão considerada Pergunta: Quantos atletas de tênis jogam competição em nível nacional?

2.8	Advertiu que colocasse o nome do esporte que o treinador ministra.	Questão considerada Pergunta: Quais foram os seus melhores resultados como treinador de tênis em nível nacional?
2.9	A pergunta está enorme, sugiro que modifique.	Questão modificada Pergunta primária: Atualmente, qual é o ranking dos seus atletas federados pela Federação de Tênis do Estado do Rio de Janeiro (FTERJ)? Pergunta sugerida: Atualmente, qual é o ranking dos seus atletas, em nível estadual ?
2.9.1	E pela CBT? Ou modificar, seguiu o mesmo modelo da anterior. Em nível nacional.	Questão modificada Pergunta sugerida: “ E em nível nacional? ”
5.2	Planejar? O treino de seus atletas juvenis?	Questão considerada Pergunta primária: Quais as razões que o levam a planejar ou não planejar? Quais as razões que o levam a planejar ou não planejar o treino dos seus atletas juvenis ?
5.5	Sugeriu completar a pergunta com o texto: “no atleta juvenil”?	Questão não modificada Pergunta primária: Em sua opinião, o planejamento do treino pode sofrer alguma modificação prática de forma inesperada? Esta pergunta refere-se a mudança no treino e não no atleta juvenil .
6.18	Esta pergunta precisa ser mais específica. De que? De atletas. Onde?	Questão considerada Forma primária: Qual o critério de organização do grupo? Forma sugerida: Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?
6.24	Sugeriu modificar a pergunta para:	Questão modificada Forma primária: Você estabelece os objetivos que devem ser alcançados pelo grupo? Forma sugerida: “Você estabelece para o grupo os objetivos que deseja alcançar no treino”?

As correções foram estabelecidas como:

- Considerada – respeitou a sugestão do especialista.
- Modificada – acolheu a sugestão do especialista. Mas, alterou a pergunta.
- Não modificada – manteve-se a pergunta inicial.

Nota: Este perito sugeriu a organização da numeração por objeto de investigação.

Fonte: Dados obtidos no parecer do perito em didática.

Das 144 questões, este especialista em didática emitiu um parecer de correção para 13 questões, que correspondeu a 9% do PE – versão 2. Dentre as apontadas, 9 perguntas foram consideradas e 4 foram modificadas, dando origem ao PE – versão 3.

A partir das sugestões apresentadas, verificou-se que as perguntas ficaram mais claras, possibilitando uma melhor compreensão para o sujeito participante do estudo. Em seguida, o PE – versão 3 foi submetido à validação de conteúdo.

Estágio 5 – Processo de validação do Protocolo de Entrevista – versão 3

De acordo com Medeiros et al., (2015), trata-se de um processo que visa verificar se o conteúdo está claro e adequado aos objetivos da investigação.

Após a análise do *expert* em didática, iniciou o processo de validação²² e confiabilidade do protocolo de entrevista – versão 3. Para tanto, utilizou-se o método de análise de *experts* ou método de peritagem, que consiste na aplicação individual deste protocolo ao exame de um grupo de *experts*, que tiveram como tarefa, avaliar a adequação do conteúdo ao que se propõe a investigação e sugerir possíveis modificações nas perguntas em discordância, em virtude da incapacidade de compreensão de algum termo utilizado e/ou mesmo da própria pergunta em relação ao objeto de investigação.

Este grupo de *experts* foi composto por cinco docentes com grau de doutor, atuantes no curso de Educação Física e Desporto da UFRRJ²³. A escolha desses profissionais foi resultado do seu extenso envolvimento em investigações científicas na linha da Educação Física e do desporto e dos evidenciados conhecimentos práticos em nível acadêmico. E, para completar este grupo de *experts*, foram selecionados três treinadores de tênis, em razão de seus notórios saberes técnico-táticos na modalidade e por suas comprovadas competências em treinamento de atletas juvenis para competição.

Outro critério de seleção para compor o quadro de *experts*-avaliadores do estudo, foi o tempo mínimo de 10 anos de experiência profissional, de acordo com a orientação da literatura (Nash, Martindale, Collins & Martindale, 2012).

Para proporcionar melhor entendimento, a Tabela 4 mostra as características do grupo de *experts*-avaliadores do protocolo de entrevista.

Tabela 4

Características do Grupo de Experts-Avaliadores

Qualificação	Área	Experiência
1º <i>Expert</i> – Prof. Dr.1 / EFD	Pedagogia desportiva	+ 25 anos
2º <i>Expert</i> – Prof. Dr.2 / EFD	Pedagogia desportiva	+ 15 anos
3º <i>Expert</i> – Prof. Dr.3 / EFD	Pedagogia desportiva	+ 20 anos
4º <i>Expert</i> – Prof. Dr.4 / EFD	Treinamento desportivo	+ 15 anos
5º <i>Expert</i> – Prof. Dr.5 / EFD	Pedagogia desportiva	+ 10 anos
6º <i>Expert</i> – Coach1 / Especialista em tênis	Treinamento de juvenis	+ 25 anos
7º <i>Expert</i> – Coach2 / Especialista em tênis	Treinamento de juvenis	+ 15 anos
8º <i>Expert</i> – Coach3 / Especialista em tênis	Treinamento de juvenis	+ 25 anos

Fonte: dados obtidos na própria pesquisa.

²² Ação, ato ou efeito de validar, tornar ou declarar algo em válido, legítimo, com validade (*Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, 2018).

²³ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

3.8.1.2. *Procedimento específico dos experts-avaliadores*

Esses experts avaliaram as perguntas do Protocolo de Entrevista – versão 3, assinalando com um X nas opções: “**concordo**” ou “**discordo e/ou deve mudar**”.

Nas perguntas em que haviam discordância, cada *expert* escreveu no próprio protocolo digital, as suas observações e as sugestões de correção.

Estas informações obtidas a partir das avaliações dos experts foram organizadas em uma planilha do *Microsoft Office Excel*, com dupla entrada. E na comparação entre essas duas planilhas constatou-se que não houve questões divergentes entre os descritores.

Após essa fase de correlação, a planilha descritiva final foi submetida, à análise de um profissional especializado em estatística.

Para melhor entendimento, a Tabela 5 mostra os índices de concordância e discordância de cada *expert*-avaliador e a média geral.

Tabela 5

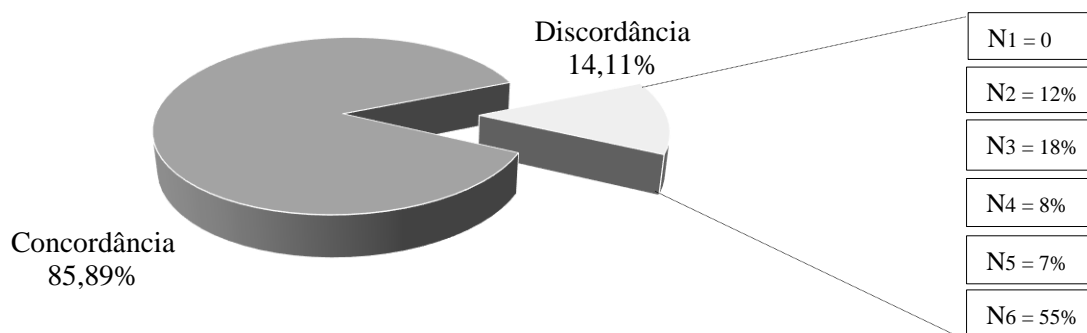
Perguntas em Concordância e Discordância dos Experts-avaliadores

Objetos	1		2		3		4		5		6		Frequência	
	Concordância	Discordância	Concordância	Discordância	Concordância	Discordância	Concordância	Discordância	Concordância	Discordância	Concordância	Discordância	Concordância	Discordância
Experts														
Dr. EFD1	4	0	9	0	9	1	4	0	8	0	37	6	71	7
Dr. EFD2	4	0	7	2	9	1	4	0	7	1	30	13	61	17
Dr. EFD3	4	0	7	2	5	5	3	1	5	3	37	6	61	17
Dr. EFD4	4	0	7	2	8	2	3	1	8	0	42	1	72	6
Dr. EFD5	4	0	8	1	9	1	2	2	7	1	41	2	71	7
Coach 1	4	0	8	1	10	0	3	1	8	0	38	5	71	7
Coach 2	4	0	9	0	6	4	3	1	8	0	31	12	61	17
Coach 3	4	0	7	2	8	2	3	1	7	1	39	4	68	10
Total – ΣX	32	0	62	10	64	16	25	7	58	6	295	49	536	88
%													86	14

Fonte: Dados obtidos nas análises dos experts-avaliadores do protocolo de entrevista.

O resultado do exame geral indicou que o índice de concordância obteve 86% entre os *experts*-avaliadores. Este indicador serviu como critério de decisão acerca da pertinência do instrumento, e assim, pôde ser considerado teoricamente válido para este estudo.

A Figura 23 mostra os valores relativos das perguntas em concordância e as em discordância nos objetos de investigação.



Legenda:

N1 – Dados sociodemográficos N2 – Experiências do treinador N3 – Fontes de conhecimentos
 N4 – Adequação dos conhecimentos N5 – Planejamento do treino N6 – Intervenção pedagógica

Figura 23. Valores relativos da concordância e da discordância.

Apoiando tal resultado, estudos de Freitas e Schelini (2018), acerca da análise de conteúdo realizada por cinco juízes, revelaram que o índice de concordância geral alcançou 82%, tornando-se exequível para medir as características propostas pelo estudo, além de estar apropriado ao público alvo.

Para corroborar com a pertinência deste instrumento, a Tabela 6 apresenta os graus de concordância proposto por Landis e Koch (1977).

Tabela 6

Coefficiente de Concordância de Landis e Koch

Valor	Qualidade
$K < 0$	Sem concordância
$0 \leq K < 0,21$	Presença de ligeira concordância
$0,21 \leq K < 0,41$	Concordância fraca
$0,41 \leq K < 0,61$	Concordância moderada
$0,61 \leq K < 0,81$	Concordância substancial
$0,81 \leq K \leq 1,00$	Concordância quase perfeita

Fonte: Landis e Koch, 1977.

Para proporcionar uma visão geral, a seguir são descritas individualmente, as perguntas em discordâncias referentes aos objetos de investigação apontadas pelos *experts*-avaliadores (Características dos avaliadores ver Tabela 4).

PhD-EF1 – Sugeriu adequações nas seguintes questões: Fontes de informação, questão 3.6; Intervenção pedagógica, questões 6.8, 6.10, 6.12, 6.32, 6.40 e 6.43 (Anexo 8).

PhD-EF2 – Sugeriu adequações nas seguintes questões: Experiências do treinador, questões 2.8 e 2.9; Fontes de informação, questão 3.4; Planejamento do treino, questão 5.2, Intervenção pedagógica, questões 6.2, 6.6, 6.8, 6.9, 6.10, 6.12, 6.19, 6.22, 6.24, 6.32, 6.33, 6.34 e 6.36 (Anexo 9).

PhD-EF3 – Sugeriu adequações nas seguintes questões: Experiências do treinador, questões 2.2 e 2.5; Fontes de informação, questões 3.1, 3.2, 3.3, 3.4 e 3.10; Adequação dos conhecimentos, questão 4.4; Planejamento, questões 5.1, 5.3 e 5.5; Intervenção pedagógica, questões 6.2, 6.8, 6.10, 6.34, 6.42 e 6.43 (Anexo 10).

PhD-EF4 – Sugeriu adequações nas seguintes questões: Experiências do treinador, questões 2.7 e 2.9; Fontes de informação, questões 3.6 e 3.9; Adequação dos conhecimentos, questão 4.2; Intervenção pedagógica, questão 6.9 (Anexo 11).

PhD-EF5 – Sugeriu adequações nas seguintes questões: Experiências do treinador, questão 2.2; Fontes de informação, questão 3.6; Adequação dos conhecimentos, questões 4.1 e 4.4; Planejamento, questão 5.1; Intervenção pedagógica, questões 6.12 e 6.32 (Anexo 12).

COACH1 – Sugeriu adequações nas seguintes questões: Experiências do treinador, questão 2.2; Adequação dos conhecimentos, questão 4.1; Intervenção pedagógica, questões 6.10, 6.12, 6.32, 6.36 e 6.43 (Anexo 13).

COACH2 – Sugeriu adequações nas seguintes questões: Fontes de informação, questões 3.2, 3.3, 3.9 e 3.10; Adequação dos conhecimentos, questão 4.1; Intervenção pedagógica, questões 6.2, 6.6, 6.8, 6.10, 6.19, 6.20, 6.23, 6.26, 6.31, 6.35, 6.41 e 6.43 (Anexo 14).

COACH3 – Sugeriu adequações nas seguintes questões: Experiências do treinador, questões 2.2 e 2.4; Fontes de informação, questões 3.1 e 3.10; Adequação dos conhecimentos, questão 4.4; Planejamento, questão 5.1; Intervenção pedagógica, questões 6.3, 6.10, 6.36 e 6.43 (Anexo 15).

As Tabelas 7-11, apresentam a descrição das perguntas para correção, a quantidade de *experts* em discordância, as considerações oferecidas e os critérios adotados.

Tabela 7

Parecer dos Experts – Experiência do Treinador

Perguntas	Discordâncias	Considerações	CrITÉRIOS adotados
2.2. Já participou de competições em alguma federação de ténis, como atleta juvenil ?	4 <i>experts</i>	2 experts advertiram sobre a condição do treinador não ter sido atleta. E 2 experts sobre a categoria juvenil.	Pergunta retificada Já participou de competições como jogador?
2.4. Quantos atletas juvenis você treinou, em média por ano , desde o início de sua carreira como treinador?	1 <i>expert</i>	Este expert sugeriu refazer a pergunta, por achar que a resposta não teria precisão.	Pergunta mantida Porque nesta pergunta se busca a subjetividade na resposta.
2.5. Já acompanhou alguma equipe ou atleta nas competições da CBT?	1 <i>expert</i>	Este expert orientou colocar “as opções () Sim e () Não” e sugeriu uma pergunta mais simples.	Pergunta retificada Aceita a sugestão. “Já acompanhou atletas em viagem?”
2.7. Quantos atletas jogam competição nacional?	1 <i>expert</i>	Aconselhou direcionar a pergunta.	Pergunta mantida Porque trata-se de uma pergunta que está ligada as perguntas anteriores.
2.8. Quais foram os seus melhores resultados como treinador , em nível nacional?	1 expert	Este expert questionou se há necessidade de saber os melhores resultados como treinador.	Pergunta mantida Porque o resultado, tanto do treinador como do atleta é a premissa do esporte de alto rendimento.
2.9. Atualmente, qual é o ranking dos seus atletas, em nível estadual? 2.9.1. Em nível Nacional?	2 experts	Os dois experts propuseram ajustar a sub pergunta (2.9.1), colocando a letra E (Conjunção).	Pergunta retificada Aceita a sugestão E em nível nacional?
Os critérios adotados foram estabelecidos como:			
<ul style="list-style-type: none"> • Retificada – aceitou as considerações de correção. • Mantida – não aceitou as considerações de correção e apresentou a justificativa. 			

Fonte: Dados obtidos na análise do número de *experts*-avaliadores.

Das 16 perguntas analisadas no objeto de investigação, experiência do treinador, seis questões ofereceram discordância entre os *experts*-avaliadores, destas, três foram retificadas e três mantidas pelo pesquisador deste estudo, apresentando os critérios adotados.

Tabela 8

Parecer dos Experts – Fontes de Informação

Perguntas	Discordâncias	Considerações	Critério adotado
3.1. Qual é o seu grau de escolaridade?	2 experts	Os dois experts sugeriram a colocação dos graus de escolaridade.	Pergunta mantida Como é uma entrevista, a ideia é ouvir a resposta.
3.2. Qual foi o curso?	2 experts	1º expert não achou relevante saber o curso; Já o 2º expert aconselhou especificar o curso.	Pergunta mantida É relevante saber o curso superior dos treinadores formados.
3.3. Em sua opinião, a formação acadêmica tem influência decisiva na sua função como treinador?	2 experts	1º expert orientou que colocasse as opções: Sim e Não; já o 2º achou desnecessário saber se formação acadêmica tem influência decisiva na sua função como treinador. <i>“Porque o treinador pode ser formado em diversos cursos, que não seja em Educação Física”</i> .	Pergunta mantida Porque independente do curso superior, o treinador pode trazer saberes pertinente ao treino e/ou aos atletas juvenis.
3.4. É registrado no Conselho Regional de Educação Física (CREF)?	2 experts	1º expert questionou: “é relevante ser do CREF”? Já o 2º expert sugeriu colocar “Se sim”.	Pergunta mantida Porque trata-se de uma instituição que legitima a profissão de treinador e pode proporcionar cursos para a categoria.
3.6. Como você avalia esse último curso?	3 experts	O 1º expert 2º expert levantou a questão, o último curso da CBT, ou qualquer um tenha participado? 3º expert expos a questão do tempo, ou seja, curso antigo.	Pergunta mantida Porque se busca nesta pergunta, um feedback do treinador, independente ser ou não da CBT e saber se recorda do curso.
3.9. Você concorda com as condições atuais de formação de treinador? () Sim () Não 3.9.1. Por quê? 3.9.2. Como deveriam ser as condições de acesso à formação de treinador? 3.9.3. E a formação contínua do treinador?	2 experts	O 1º expert sugeriu juntas as questões 3.9.2 e 3.9.3 com múltipla escolha seguido de “justifique sua resposta”. O 2º expert achou que a CBT fornece cursos bem interessantes. Resta saber se os ensinamentos dos cursos estão sendo utilizados.	Pergunta mantida Porque o que se procura com esta questão, é saber se o treinador está interessado em manter-se atualizado e se existe uma corresponsabilidade das instituições relacionada ao esporte.
3.10. Qual a importância que você dá à experiência prática comparada aos conhecimentos adquiridos nos cursos?	3 experts	O 1º expert achou que poderia ser, “qual a sua opinião”? O 2º e o 3º experts entenderam que a pergunta poderia gerar uma indução.	Pergunta retificada Qual a sua opinião, acerca da experiência prática comparada aos conhecimentos adquiridos nos cursos?

Os critérios adotados foram estabelecidos como:

- **Retificada** – aceitou as considerações de correção.
- **Mantida** – não aceitou as considerações de correção e apresentou a justificativa.

Fonte: Dados obtidos na análise de determinado número de experts-avaliadores.

Das 21 perguntas analisadas neste objeto de investigação, sete estavam em discordância, destas, uma consideração foi retificada e seis mantidas, e foram exibidos os critérios adotados.

Tabela 9

Parecer dos Experts – Adequação dos Conhecimentos

Perguntas	Discordâncias	Considerações	Critério adotado
4.1. Pensando sobre conhecimento teórico e prático, há algum deles que você considera mais importante para o treino?	3 experts	O 1º expert entendeu ser mais adequado, como o treinador compreende a relação entre teoria e a prática. O 2º achou que poderia haver uma indução na resposta e o 3º achou a pergunta desnecessária, ambas são importantes.	Pergunta retificada Como você compreende a relação entre a teoria e a prática para o treino de atletas juvenis?
4.2. Procura observar e/ou interagir com outros treinadores?	1 expert	Este expert identificou um erro na concordância nominal.	Pergunta mantida Porque o erro já foi sanado.
4.4. Em sua opinião, o treinador precisa possuir certos conhecimentos e competências para exercer a profissão?	3 experts	Os três experts sugeriram que a pergunta fosse mais objetiva. “Quais são os conhecimentos e as competências”?	Pergunta retificada Em sua opinião, quais os conhecimentos e as competências que o treinador precisar possuir para exercer a profissão.

Os critérios adotados foram estabelecidos como:

- **Retificada** – aceitou as considerações de correção.
- **Mantida** – não aceitou as considerações de correção e apresentou a justificativa.

Fonte: Dados obtidos na análise de determinado número de experts-avaliadores.

Das 11 questões analisadas neste objeto de investigação, três apresentaram discordância entre os experts-avaliadores, destas, duas foram retificadas e uma mantida, apresentando os critérios adotados.

Tabela 10

Parecer dos Experts – Planejamento do Treino

Perguntas	Discordância	Considerações	Critério adotado
5.1. Em sua opinião, o planejamento do treino é necessário?	3 experts	O 1º expert sugeriu modificar a pergunta. Para o 2º expert, não deixa claro o que pretende que seja respondido e já o 3º expert entendeu que já está implícito que sim.	Pergunta retificada Pergunta final: Em sua opinião, o planejamento é fundamental para carreira do atleta juvenil?
5.2. Quais as razões que o levam a planejar ou não planejar?	1 expert	Este expert achou que a pergunta estava aberta.	Pergunta mantida Porque busca conhecer a subjetividade na resposta.
5.3. O que considera ser mais importante no desenvolvimento do planejamento do treino de atletas juvenis?	1 expert	Este expert sugeriu fazer uma relação com a pergunta 5.1. e achou melhor retirar a palavra desenvolvimento .	Pergunta retificada Pergunta final: O que considera ser mais importante no planejamento do treino?
5.5. Em sua opinião, o planejamento do treino pode sofrer alguma modificação prática de forma inesperada?	1 expert	Este expert sugeriu a retirada da parte: “prática de forma inesperada” .	Pergunta mantida Porque o que se pretende saber é se o treinador modifica o treino prático.

Os critérios adotados foram estabelecidos como:

- **Retificada** – aceitou as considerações de correção.
- **Mantida** – não aceitou as considerações de correção e apresentou a justificativa.

Fonte: Dados obtidos na análise de determinado número de experts-avaliadores.

Das 15 perguntas analisadas nesse objeto de investigação, quatro estiveram em discordância entre os *experts*-avaliadores, destas, duas questões foram retificadas e duas mantidas pelo pesquisador deste estudo, apresentando os critérios adotados.

Tabela 11

Parecer dos Experts – Intervenção Pedagógica

Perguntas	Discordâncias	Considerações	Critério adotado
6.2. Normalmente, qual é a forma de tratamento pessoal que você utiliza quando fala diretamente com o atleta?	3 experts	O 1º expert disse que todo tratamento, já é pessoal, o 2º expert não entendeu a pergunta e o 3º expert achou desnecessária esta pergunta.	Pergunta mantida Porque pretende ver no treino prático como o treinador trata o atleta juvenil.
6.3. Como se constitui as partes do seu treino no dia a dia?	1 expert	Este expert achou que a pergunta não estava clara.	Pergunta mantida Porque pretende saber na prática, se o treino é organizado por partes.
6.6. Você oferece sugestões e/ou lembretes para o (s) atleta (s) durante o treino?	2 experts	O 1º expert não entendeu a pergunta e o 2º expert achou desnecessária a pergunta, porque é uma situação normal durante o treino.	Pergunta mantida Porque pretende saber se o treinador possui este comportamento.
6.8. Qual a área do treino que você mais ressalta quando trabalha especificamente, as cinco situações de jogo?	4 experts	O 1º expert sugeriu colocar as 5 situações de jogo. O 2º e 4º experts questionaram que situações são essas, o 3º expert achou que pergunta tem uma relação com a pergunta 6.7.	Pergunta retificada Quando você trabalha os golpes de fundo de quadra, voleio, saque, devolução e passador, qual a área do treino que mais você ressalta?
6.9. Como você trabalha as situações de jogo no dia a dia?	2 experts	O 1º expert sugeriu refazer a pergunta e o 2º expert questionou se o treinador conhece as situações de jogo.	Pergunta mantida Porque relaciona-se com a metodologia utilizada pelo treinador.
6.10. Você costuma utilizar treinos progressivos	6 experts	O 1º expert sugeriu uma melhor explicação sobre treinos progressivos, o 2º expert aconselhou refazer a pergunta, o 3º expert achou melhor colocar as opções SIM () NÃO (), o 4º expert sugeriu trocar o termo treinos progressivos por “fases atingidas”, o 5º e o 6º experts questionam: “será que o treinador conhece treino progressivo”?	Pergunta retificada Você costuma utilizar nos treinos práticos, exercícios pautados em fases progressivas?
6.12. Costuma indagar os atletas durante o treino?	4 experts	O 1º, 3º e 4º experts sugeriram trocar o verbo indagar e o 2º achou que é uma ingerência do treinador.	Pergunta retificada Você costuma questionar os atletas durante o treino?
6.19. Os atletas participam da organização do grupo no treino?	2 experts	O 1º expert questionou se o atleta entende esta parte e o 2º expert achou que não é uma função do atleta.	Pergunta mantida Porque o que se pretende ver é se o treinador favorece o atleta a opinar sobre a organização do treino.
6.20. Há atletas mais habilidosos no grupo dos menos habilidosos?	1 expert	Este expert mencionou que é uma pergunta lógica.	Pergunta mantida Porque a intenção é verificar se há ingerência do treinador sobre esta questão.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

6.22. Quais os motivos para a constituição de grupos heterogêneos ou homogêneos?	1 expert	Este expert revelou que é um critério do treinador.	Pergunta mantida Porque o objetivo é conhecer durante o treino prático se existe motivos para constituição de grupos.
6.23. Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?	1 expert	Este expert achou que não há necessidade de apresentar o conteúdo para o grupo de atletas.	Pergunta mantida Porque a intenção é saber se o treinador apresenta o conteúdo antes treino.
6.24. Você estabelece os objetivos que devem ser alcançados pelo grupo?	1 expert	Este expert apresentou que pode haver objetivo para o grupo e para o atleta.	Pergunta mantida Porque a intenção é saber se o treinador apresenta os objetivos antes treino.
6.26. Como você intervém quando o grupo não alcança os objetivos?	1 expert	Este expert achou que esta pergunta oferece diferentes interpretações.	Pergunta mantida Porque a intenção é saber como o treinador intervém quando não são alcançados os objetivos no treino.
6.31. Quem define a frequência desses treinos?	1 expert	Este expert achou que se trata de uma pergunta óbvia. Ou seja, depende da parte econômica.	Pergunta mantida Porque o objetivo é conhecer
6.32. Você tem alguma preferência de gênero ou idade, para a escolha dos atletas que vão treinar?	4 experts	O 1º e o 3º experts mencionaram que não é gênero e sim sexo , o 2º expert achou desnecessário esta pergunta, por tratar-se de juvenis,	Pergunta retificada Você tem alguma preferência de sexo ou idade, para a escolha dos atletas que vão treinar?
6.33. Você explica ao atleta, qual o objetivo que deve ser alcançado por ele em cada parte do treino?	1 expert	Este expert não entendeu a pergunta.	Pergunta mantida Porque a intenção é saber se o treinador apresenta objetivo para cada parte do treino.
6.34. Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades durante o treino?	2 experts	O 1º expert mencionou, se há objetivo existe obstáculo e o 2º mencionou que depende do dia.	Pergunta mantida Porque o objetivo é verificar se existe grau de dificuldade no treino.
6.35. O atleta participa da definição do grau de dificuldade dos objetivos do treino?	1 expert	Este expert mencionou que o atleta participa.	Pergunta mantida Porque a intenção é perceber se o treinador favorece a participação do atleta na definição do grau de dificuldade.
6.36. Costuma quantificar os objetivos do treino?	3 experts	O 1º expert mencionou que a pergunta está evasiva e que precisa aprofundar a pergunta, o 2º e o 3º experts questionaram que a pergunta não está clara.	Pergunta retificada Você costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino?
6.40. Como você avalia se o objetivo foi alcançado pelo atleta individualmente?	1 expert	Este expert sugeriu ordenar	Pergunta mantida Porque o intuito é saber como o treinador avalia se o objetivo foi alcançado pelo atleta.
6.41. Quais os conhecimentos e capacidades que o atleta precisa possuir?	1 expert	Este expert relatou que o atleta não precisa possuir nada.	Pergunta mantida Porque a ideia é saber se o treinador diferencia a essência de palavra.

6.42. Que tipo de atitudes que os atletas precisam possuir no treino?	1 expert	Este expert sugeriu rever esta pergunta, no sentido de unir a sub pergunta na pergunta principal.	Pergunta mantida Porque o que se pretende saber, se há atitudes diferentes por parte do atleta na concepção do treinador.
6.43. Quais são as partes da sessão de treino individual?	5 experts	Todos experts apontaram dificuldade de entendimento da questão.	Pergunta retificada Para: Em quantas partes são compostas a sessão do treino individual?
Os critérios adotados foram estabelecidos como:			
<ul style="list-style-type: none"> • Retificada – aceitou as considerações de correção. • Mantida – não aceitou as considerações de correção e apresentou a justificativa. 			

Fonte: Dados obtidos na análise de um determinado número de experts-avaliadores.

Das 77 perguntas analisadas neste objeto de investigação, 23 estavam em discordância, dentre as apontadas, seis foram retificadas e 17 mantidas, apresentando os critérios adotados.

Num panorama geral, a análise dos *experts*-avaliadores do PE – versão 3 apresentou um parecer de considerações em 43 perguntas. Destas, 14 foram retificadas e, 29 mantidas.

A seguir, são apresentados os argumentos utilizados como critério de correção:

a) a quantidade mínima de quatro *experts*-avaliadores em discordâncias na mesma questão, que corresponde à metade do grupo de peritos envolvidos na validação do protocolo de entrevista, e

b) a pertinência de uma ou mais sugestões oferecidas pelos *experts*-avaliadores, a partir da análise e concordância entre dois pesquisadores envolvidos no estudo.

3.8.1.3. Ensaio do protocolo de entrevista

Após a ajuizamento dos *experts*-avaliadores, o protocolo de entrevista versão final foi objeto de um ensaio, i.e., um teste piloto como forma de preparação do pesquisador e avaliação do processo (Sparkes & Smith, 2014).

De acordo com Bailer, Tomitch e D'Ely (2011); Mackey e Gass (2005); Nunes (2004) trata-se de um procedimento relevante, que possibilita ao pesquisador avaliar o instrumento, verificar a conduta utilizada durante a sua aplicabilidade, identificar possíveis falhas e realizar as devidas correções.

Bailer et al., (2011) mencionam que os fatos observados no teste, além de beneficiar o pesquisador, são muito úteis a outros pesquisadores, para que possam refletir o quanto se pode aprender e minimizar os erros.

Para Batista, Matos e Nascimento (2017) a entrevista é uma técnica para obtenção de informações **específicas**²⁴. No qual, precisa valer-se de dados descritivos das perspectivas dos sujeitos, tornado essa experiência relevante ao estudo (Flick, 2009).

Nesta linha de entendimento, antes da efetiva obtenção das informações, o protocolo de entrevista foi aplicado em três treinadores de tênis num período de trinta dias.

A escolha desses técnicos deveu-se aos fatos de:

- a) Terem reconhecimento profissional no treino de juvenis para o alto rendimento;
- b) Possuírem mais de 10 anos de experiência como treinador desta categoria,
- c) Não atuarem profissionalmente na zona oeste do município do Rio de Janeiro; e,
- d) Cumpirem os critérios de inclusão e de exclusão exigido para a amostra.

No decorrer deste processo verificou-se a existência de algumas perguntas e/ou termos não compreendido pelo treinador. Após tais correções, decidiu-se aceitá-lo como definitivo, em virtude da relevância, clareza e compreensão das perguntas para o propósito deste estudo.

3.8.1.4. Aplicação do protocolo de entrevista

A aplicabilidade do protocolo de entrevista – versão final ocorreu no ambiente particular de trabalho de cada treinador de tênis entrevistado, para que criasse uma atmosfera familiar e que o mesmo pudesse sentir-se à vontade durante o seu relato e fornecimento das informações. As entrevistas duraram em média 55 minutos.

O procedimento de entrevista ocorreu no sistema *face to face*²⁵. No qual, utilizou um gravador de áudio digital da marca Olympus *Digital Voice Recorder* (Imagem 1) com 4 GB de memória interna e com autonomia de quatro horas de gravação.



Imagem 1. Gravador de áudio

²⁴ O negrito é nosso.

²⁵ Entrevistas realizadas pessoalmente junto ao entrevistado. Estas entrevistas, dependendo do objetivo da pesquisa, podem ser realizadas no domicílio, no local de trabalho (*European Sport Charter*, 1992).

3.8.1.5. Confiabilidade da transcrição do conteúdo

Posteriori a gravação do áudio da entrevista concedida pelo treinador, foi realizada a transcrição das respostas por meio da digitalização em um modelo do protocolo de entrevista, neste momento respeitou-se a forma oral do relato, com o intuito de preservar o conteúdo semântico e gramatical das respostas (Exemplo de uma entrevista – Anexo 17).

Para certificar a confiabilidade da transcrição empregou-se o procedimento sistemático de audição e confirmação de pequenos segmentos de texto, aproveitando as palavras soltas e as frases curtas emitidas pelo treinador.

3.8.1.6. Fidedignidade do conteúdo

Para assegurar a veracidade das respostas concedidas na entrevista, o próprio treinador participante realizou a checagem da transcrição (Ramos et al., 2011).

O treinador recebeu o texto impresso da sua entrevista para apreciação e comprovação da veracidade das informações transcritas. Após, a certificação de não ter havido nenhuma modificação em sua narrativa, o treinador firmava, apor rubrica no texto do PE.

A legitimidade deste processo comprobatório foi certificada a partir da supervisão de dois treinadores de tênis bacharelados²⁶ em Educação Física. Este procedimento baseou-se na recomendação dos estudos de Alves-Mazzotti e Gewandszajder (2004).

3.8.1.7. Análise do conteúdo

Para análise do conteúdo deste instrumento seguiu-se o modelo de etapas sugerido por Silva e Fossá (2015), a saber:

1. Posteriormente, ao momento de autenticidade dos conteúdos, fez-se uma leitura pormenorizada de todas as transcrições das entrevistas concedidas, no sentido de buscar um melhor entendimento dos relatos de cada treinador participante.

2. A partir do referencial teórico e das informações obtidas na fase 1, iniciou-se o processo de formulação das categorias de análise.

²⁶ O Bacharelado em Educação Física qualifica o profissional para intervir acadêmica e profissionalmente em todas as manifestações do esporte (Ministério da Educação. Art. 18 da resolução de 18 de dezembro de 2018).

3. Fez-se a fragmentação das respostas extensas encontradas nas entrevistas em pequenas partes, que se denomina de *Meaning Units* (MU's). De acordo com Maciel, Lopes, Alencar, Andrade e Maciel (2017); Talamoni, Oliveira e Hunder (2013) são pequenos trechos compreensíveis de um texto que expressam uma opinião ou dados sobre um assunto.

4. A partir das MU's e das respostas simples foi possível ajuizar as informações comparáveis e as que apresentaram o mesmo conteúdo semântico.

5. Fez-se o estabelecimento de categorias que se diferenciavam tematicamente, nas unidades de registro. Para corroborar Silva e Fossá (2015) revelaram que:

“A formulação dessas categorias segue os princípios da exclusão mútua (entre categorias), da homogeneidade (dentro das categorias), da pertinência na mensagem transmitida (não distorção), da fertilidade (para as inferências) e da objetividade (compreensão e clareza) p. 4”.

6. As unidades de registro e as respostas simples da etapa 4, num segundo momento, foram agrupadas em categorias de acordo com a temática.

7. As categorias agrupadas tematicamente, na fase 6, foram aglutinadas em função da ocorrência dos temas, resultando nas categorias finais (PE / exemplo – Anexo 18).

8. Consistiu-se no tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

Neste momento, também se definiu um código de identificação dos participantes para garantia do anonimato. Para tal, foi utilizado a sigla TAJ correspondente ao termo: Treinador de Atleta Juvenil, com a numeração de 1 a 14, obedecendo a ordem de entrada no estudo.

3.8.2. Referente ao comportamento pedagógico do treinador

Para obtenção das informações, referente ao comportamento pedagógico do treinador de tênis durante a sessão prática do treino técnico-tático, utilizou-se às técnicas de observação **direta** e **em diferido** (Martins & Tourinho, 2014).

A observação **direta** restringiu-se ao registro, num bloco de anotação (Anexo 10), averbando: características dos contextos de treino, instalações de base, materiais auxiliares, tempo útil de treino e o quadro geral de atletas juvenis. Enquanto, a observação **em diferido** focou-se em registrar, por meio da gravação de áudio e vídeo, a sessão prática de treino, para análise posterior das Intervenções Pedagógicas (IPs) do treinador no contexto real.

De acordo com Silvestre e Araújo (2012), a observação é o processo que identifica uma série de comportamentos ocorridos num contexto.

Para análise da observação em diferido, foi elaborada uma planilha de ocorrências, que compreenderam os conteúdos de treino da sessão prática pré-estabelecida para a filmagem, a descrição da fala dos treinadores participantes (n = 14) e a codificação dessas locuções nas seguintes categorizações: **Instrução; intervenção pedagógica** (objetivos, formas e critérios), e **afetividade** (formas de análise), e por fim, a correlação destes dados.

3.8.2.1. Recursos tecnológicos utilizados

Para captação em vídeo das ações pedagógicas do treinador durante a sessão prática do treinamento técnico-tático foi utilizada uma filmadora da marca *Panasonic Lumix*, modelo FZ300, 12.1 *Megapixel*, 4K (Imagem 2), colocada sobre um tripé de alumínio (Imagem 3), disposta na lateral da quadra pelo lado de fora.



Imagem 2. filmadora de vídeo



Imagem 3. Tripé para filmadora

Para captação do áudio foi utilizado um *Lavalier Lapel Microphone System with Body pack Transmitter* (K037), (Imagem 4) para registrar a fala do treinador na sessão de treino.



Imagem 4. Microfone lapela

3.8.2.2. Sistema de observação do treinador

O sistema de observação (SO) deste estudo, referente às intervenções pedagógicas do treinador durante a sessão prática de treino, originou-se a partir dos trabalhos de investigação de Carreiro da Costa (1988); Quina et al., (1995); Caetano, Mendes e Sarmiento (2015).

Para melhor compreensão, são descritas a seguir as categorias e as dimensões de análise utilizadas no SO do comportamento do treinador.

1. Instrução (I)

De acordo com Tani e Corrêa (2016), a instrução refere-se a toda informação oferecida antes ou concomitante à execução de uma habilidade motora a um aprendiz ou **atleta**²⁷, com o intuito de atingir de forma eficiente o objetivo pretendido.”

Cohen, Raudenbush e Ball (2003) revelaram que a instrução é uma interação dinâmica de ensino entre o professor ou treinador, aluno ou atleta e o conteúdo programado, num contexto social concreto. Para Graça (2006), a eficiência deste processo pedagógico no treino desportivo está interligada à otimização da coordenação dessas partes.

Quanto às funções da instrução, ela pode ser de:

Finalidade do Exercício (FE) – Implica solucionar um problema motor.

Ex. Quando o treinador informa ao atleta ou ao grupo de atletas o objetivo e as demandas da habilidade a ser praticado no treino;

Objeto do Exercício (OE) – O que fazer.

Ex. Quando o treinador informa ao atleta ou ao grupo de atletas o que será feito na tarefa ou no exercício a ser treinado;

²⁷ O negrito é nosso.

Técnica de Exercício (TE) – Como fazer.

Ex. Quando o treinador informa ao atleta ou ao grupo de atletas a técnica de realização do movimento e a execução do exercício; e

Resultado do Exercício (RE) – Implicação final ou o padrão a ser alcançado.

Ex. Quando o treinador informa ao atleta ou ao grupo de atletas o que se espera do resultado do exercício a serem treinados. (Tani e Corrêa, 2016)

2. Feedback Pedagógico Extrínseco (FPE)

Tani e Corrêa (2016) definem o FPE como sendo “as informações adicionais ou complementares fornecidas ao aluno/atleta por uma fonte externa para facilitar a avaliação do movimento executado”. Essas fontes externas podem ser: o professor, o técnico, o treinador e um sistema de vídeo-gravação.

Na aprendizagem motora, essas informações são utilizadas para o conhecimento das seguintes variáveis: a) **resultado**, que consiste em avaliar se a ação motora alcançou o objetivo pretendido, i.e., se houve a eficácia na execução, e b) **performance**, que fundamenta em avaliar se o padrão do movimento ou ação motora do aluno/atleta foi eficiente, no que tange a cinestesia, i.e., sensação de perceber os movimentos musculares.

Quanto aos objetivos (Martins, Gomes & Carreiro da Costa, 2017), o FPE pode ser:

Avaliativo – Quando o treinador aprova ou desaprova a execução motora do atleta, tendo como referência às formas: a) **Positivo** – Quando é avaliado positivamente o resultado de um golpe, um gesto biomecânico ou uma jogada tática durante a prática, no intervalo ou depois do treino (elogios e incentivos); e b) **Negativo** – Quando é avaliado negativamente o resultado de um golpe, um gesto biomecânico ou uma jogada tática durante a prática, no intervalo ou depois do treino (desaprovação, negativa e bronca).

Descritivo – Quando o treinador descreve o movimento motor efetuado pelo atleta.

E pode ser de: **De Correção** – Quando expõe a forma correta como o atleta realizou um golpe, um gesto biomecânico ou uma jogada tática; e **De Erro** – Quando descreve a forma incorreta como o atleta realizou um golpe, um gesto biomecânico ou uma jogada tática, e ambos pode ser emitido também no intervalo ou depois do treino.

Interrogativo – Quando o treinador questiona o atleta, sobre o seu movimento motor, golpe, gesto biomecânico, comportamento ou jogada tática durante a prática, no intervalo ou depois do treino.

Prescritivo – Quando o treinador sugere e/ou aponta como deve ser alterado no próximo movimento motor, golpe, gesto biomecânico ou jogada tática desejada durante a prática, no intervalo ou depois do treino.

Quanto às formas, o FPE pode ser:

Auditivo – Quando o treinador expressa a orientação verbal;

Visual – Quando o treinador emite a orientação de formas gestuais ou de demonstração do movimento motor ou do golpe ao atleta;

Cinestésico – Quando o treinador apresenta a orientação por meio de contato corporal ou da manipulação do movimento motor do atleta; e

Mista – Combinação simultânea das formas acima, exemplo:

a) Auditivo-Visual – Orientação feita entre a forma oral e a gestual.

b) Auditivo-Cinestésico – Orientação entre o verbal e o contato corporal ou da manipulação do movimento.

c) Visual-Cinestésico – Orientação entre o gestual motor do golpe e o contato corporal ou da manipulação do movimento.

d) Auditivo-Visual-Cinestésico – Orientação entre o verbal, gestual motor do golpe e o contato corporal ou da manipulação movimento.

Quanto aos critérios, o FPE pode ser:

De performance – São informações verbais ou não verbais, sobre o padrão do gesto motor realizado pelo aluno ou atleta (Urso & Paciaroni, 2016), ou habilidade (eficiência) na ação tática durante o treino;

De resultado – São informações verbais ou não verbais, acerca do resultado alcançado (eficácia) pelo aluno ou atleta (Urso & Paciaroni, 2016), quanto a erros e acertos numa sequência de tentativas ou repetições e pontos vencidos; e

Sem critério – São informações verbais e/ou não verbais, sem se basear em nenhum dos critérios anteriormente apresentados.

3) Afetividade (A)

A afetividade é um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob forma de emoções, sentimentos e paixões acompanhados de dor ou prazer, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagradado e alegria ou tristeza.

E pode ser analisada como:

Positiva – quando o treinador elogia ou incita o atleta ao esforço, i.e., atitude de incentivo, apresenta um colega-atleta como exemplo a ser seguido no treino, recompensa o atleta pela realização satisfatória do exercício, de um golpe ou de um resultado alcançado.

Negativa – quando o treinador emite um tipo de censura, critica, culpa, ironiza, ameaça e/ou castiga, em outras palavras, desestimula o atleta.

A seguir, Tabela 12 apresenta o sistema de observação (SO) da intervenção pedagógica do treinador no treino.

Tabela 12

Sistema de Observação da Comportamento do Treinador

Componentes	
Instrução	
Funções	<ul style="list-style-type: none"> • Finalidade do exercício • Objeto do exercício • Técnica do exercício • Resultado do exercício
Feedback Pedagógico	
Objetivos	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliativo Positivo • Avaliativo Negativo • Descritivo Correção • Descritivo Erro • Interrogativo • Prescritivo
Formas	<ul style="list-style-type: none"> • Auditivo • Visual • Cinestésico • Auditivo – Visual • Auditivo – Cinestésico • Visual – Cinestésico • Auditivo – Visual/Cinestésico
Critérios	<ul style="list-style-type: none"> • Performance • Resultado • Sem Critério
Afetividade	
	<ul style="list-style-type: none"> • Positiva • Negativa

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

3.8.2.3. Procedimento para aplicação do instrumento

A aplicação deste instrumento de observação em diferido ocorreu numa sessão de treino técnico-tático no contexto prático dos treinadores participantes do estudo (n = 14).

Antes da obtenção efetiva das informações, foi realizada uma breve explicação do objetivo da ferramenta e do procedimento adotado. Após a esses esclarecimentos, foram feitas as seguintes solicitações ao treinador: a) que assinasse o termo de autorização de imagem, o procedimento ético de pesquisa; b) que colocasse o aparelho do microfone de lapela (Figura X) preso na bermuda, na altura da cintura; c) que passasse o fio do microfone por baixo da camiseta e que prendesse o microfone na gola da camiseta, com o intuito de favorecer uma melhor captação do áudio; e d) que testasse a captação do som do microfone, posicionando-se em um local de maior distância do receptor instalado na câmara.

Em seguida ao teste, uma filmadora (Imagem 5) foi instalada num tripé (Imagem 3) próximo ao centro do lado externo da quadra.

O local foi anteriormente verificado, comprovando que favorecia o acompanhamento integral do treinador em qualquer ponto da quadra, assim como registrava seu comportamento pedagógico apresentado na sessão de treino em tempo real.

A filmadora possuía um aparelho acoplado em sua base com o sistema *Wireless* que recebia o som proveniente do microfone que estava preso à roupa do treinador (Imagem 4).



Imagem 5. Filmadora de vídeo no lado externo

3.8.2.4. Fidedignidade do instrumento

Para o grau de fidedignidade deste instrumento, aplicamos as análises Intra-observador, Inter-observadores e Intra/Inter-observadores para alcançar um maior grau de confiabilidade nas Intervenções Pedagógicas (IP) do treinador.

Tais procedimentos ocorreram da seguinte forma:

a) Intra observador

Este método de verificação ocorreu entre duas análises da categorização das intervenções pedagógicas de cada um dos treinadores participantes (n = 14), registrado em duas planilhas de observação pelo próprio pesquisador-responsável da pesquisa, num intervalo protocolar de uma semana entre a primeira e a segunda observação (Santos et al., 2014).

As observações das intervenções pedagógicas (IP) em discordância foram submetidas ao exame de um treinador de tênis especialista em treino de atletas juvenis e graduado em EF, que teve a função de definir a categorização da IP mais adequada para assegurar a concordância.

Para medir os valores de fidedignidade do instrumento foi utilizado o coeficiente de *Kappa* (K) proposto por Cohen (1960), que permitiu avaliar tanto se a concordância estava além do esperado tão somente pelo acaso, quanto o grau dessa concordância.

Para melhor entendimento, a seguir, a Tabela 13 mostra os resultados de fidedignidade Intra-observador que variaram de 94% a 100% e no coeficiente de *Kappa* de 0,88 a 1.

Tabela 13

Resultados da Fidedignidade Intra-observador

Intra-observador	Intervenções	Acordos	Desacordos	%	K de Cohen
TAJ 01	145	139	6	96	0,92
TAJ 02	116	109	7	94	0,88
TAJ 03	142	136	6	96	0,92
TAJ 04	236	226	10	96	0,92
TAJ 05	126	122	4	97	0,94
TAJ 06	98	97	1	99	0,98
TAJ 07	145	138	7	95	0,90
TAJ 08	125	117	8	94	0,88
TAJ 09	152	145	7	95	0,91
TAJ 10	141	133	8	94	0,89
TAJ 11	124	118	6	95	0,90
TAJ 12	149	146	3	98	0,96
TAJ 13	122	122	0	100	1
TAJ 14	107	103	4	96	0,93
Total	1928	1854	74	Média 96	Média 0,92

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

As questões em discordâncias na análise intra-observador estão descritas no anexo 21, que compreende os resultados do primeiro e do segundo exame realizados pelo pesquisador do estudo e as considerações decisivas das questões em desacordo entre as análises primárias efetuadas por um examinador pós-graduado em Educação Física.

b) Inter observadores

Este procedimento de verificação seguiu o mesmo modelo da análise intra-observador, ou seja, pautou-se em dois exames primários e um parecer final.

Estes observadores analisaram 14 planilhas de observação das intervenções pedagógicas, *i.e.*, os 100% da amostra. A seguir, a Tabela 14 apresenta os resultados de fidedignidade inter-observadores que variaram de 87% a 96% e no coeficiente de *Kappa* de 0,75 a 0,92.

Tabela 14

Resultados da Fidedignidade Inter-observadores

Inter-observadores	Intervenções	Acordos	Desacordos	%	K de Cohen
TAJ 01	145	128	17	89	0,78
TAJ 02	116	102	14	87	0,77
TAJ 03	141	123	18	88	0,76
TAJ 04	236	215	21	91	0,83
TAJ 05	127	122	5	96	0,92
TAJ 06	98	85	13	88	0,75
TAJ 07	145	136	9	94	0,88
TAJ 08	126	120	6	95	0,91
TAJ 09	152	133	19	88	0,76
TAJ 10	141	128	13	91	0,82
TAJ 11	124	110	14	89	0,79
TAJ 12	149	134	15	90	0,81
TAJ 13	122	109	13	90	0,80
TAJ 14	106	101	5	95	0,91
Total	1.928	1.746	182	Média 91	Média 0,83

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

As questões em discordâncias na análise inter-observadores estão descritas no anexo 22, que abrange os resultados dos exames primários realizados separadamente por dois treinadores *expert* em treino de atletas juvenis, graduados em EF e treinados no uso deste instrumento, e as considerações decisivas das questões em desacordo entre estas análises efetuadas por um examinador pós-graduado em Educação Física.

c) Intra-observador e Inter-observadores

Este modo de verificação comparou as análises intra-observador e inter-observadores. As intervenções pedagógicas em discordâncias dos treinadores participantes foram submetidas ao exame e ao veredito de um professor doutor em EF, com o intuito de assegurar uma maior confiabilidade ao instrumento.

Para melhor entendimento, a Tabela 15 mostra os resultados da análise de fidedignidade entre **Intra-observador** e **Inter-observadores** que variaram de 92% a 99% e no coeficiente de *Kappa* de 0,85 a 0,98.

Tabela 15

Resultados da Fidedignidade Intra-observador e Inter-observadores

Intra e Inter-observadores	Intervenções	Acordos	Desacordos	%	K de Cohen
TAJ 01	145	137	8	95	0,90
TAJ 02	116	107	9	92	0,85
TAJ 03	142	131	11	92	0,85
TAJ 04	236	231	5	98	0,96
TAJ 05	126	123	3	98	0,95
TAJ 06	98	97	1	99	0,98
TAJ 07	145	139	6	96	0,92
TAJ 08	125	122	3	98	0,95
TAJ 09	152	146	6	96	0,92
TAJ 10	141	138	3	98	0,96
TAJ 11	124	119	5	96	0,92
TAJ 12	149	138	11	93	0,86
TAJ 13	122	116	6	95	0,90
TAJ 14	107	104	3	97	0,94
Total	1928	1.848	80	Média 96	Média 0,92

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

Após a descrição das observações das intervenções pedagógicas em concordância na comparação entre as análises intra-observador e inter-observadores constatou-se que os valores obtidos para a fidedignidade do instrumento deste estudo ficaram acima dos valores de referência considerados pela literatura, 0.75 (Fleiss, 1981).

As questões em discordâncias na análise intra-observador e inter-observadores estão descritas no anexo 23, que compreende os resultados comparativo entre o primeiro e o segundo exame e as considerações decisiva do terceiro examinador.

3.9. LIMITAÇÃO DO ESTUDO

A limitação principal estende-se à representatividade da amostra do estudo ($n = 14$), que mesmo sendo numericamente baixa, sob a ótica de uma abordagem quantitativa, o ponto central encontra-se na análise de conteúdo como método. Em outras palavras, ao exame do fenómeno em sua complexidade, considerando as subjetividades, as suas relações e as interlocuções dos treinadores participantes.

Outra limitação reporta-se ao treino técnico-tático observado, por meio da gravação de áudio e vídeo, que se baseou em uma “única” sessão de treino (unidade de ensino) de cada treinador, foi adotada essa opção metodológica, em virtude das seguintes problemáticas:

- A condição atmosférica como fator limitante na obtenção das informações, i.e., o tempo desfavorável, no que se refere ao dia chuvoso, que impossibilitava a realização da sessão prática de treino, em consequência o cancelamento da observação;
- Aos compromissos particulares do treinador participante, que acarretava a sua falta (ausência) na sessão prática de treino;
- À agenda de competições dos atletas juvenis, o qual, o treinador precisava seguir, em virtude da relevância da competição estabelecidas; e,
- A presença insatisfatória de atletas juvenis das categorias 15/16 e 17/18 anos, i.e., sem vontade de participar do treinamento técnico-tático.

Mais uma limitação está relacionada à presença da filmadora na sessão prática de treino, que poderia eventualmente influenciar o comportamento do treinador participante, por saber que está sendo observado. Contudo, essa limitação pode favorecer a realização de um treinamento técnico- tático com qualidade.

3.10. DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A delimitação de uma pesquisa social abalazadamente empírica é definida por Rudio (2007) como “campo de observação”, que compreende os critérios espacial e temporal.

De acordo com Gil (2004), o critério espacial é “*locus* da observação”, ou seja, trata-se do local específico em que a investigação será realizada. E o critério temporal é o período no qual a referida manifestação será investigada.

A partir de tal entendimento, no que diz respeito ao local de observação, a coleta de dados do presente estudo foi realizada na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro – Brasil (Justificativas no Capítulo II).

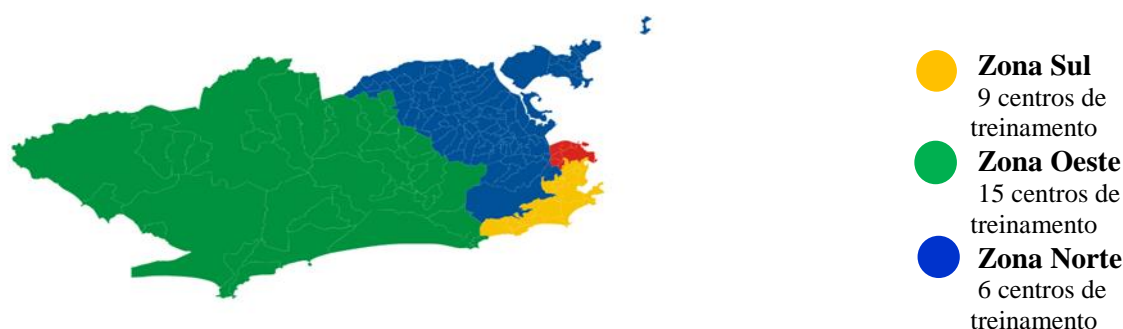


Figura 24. Mapeamento dos centros de treinamento de juvenis do RJ

Em relação ao critério temporal, as informações foram obtidas durante as temporadas G1 nacional da categoria, 2018 e 2019, ou melhor, entre o meado do mês de março a junho dos referidos anos, embasado no calendário de competições da CBT (Ver Tabela 16).

Tabela 16

Diagrama de Competições Infanto-Juvenis

Meses	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Etapas	Competições											
	Regional – G4		Estadual			Estadual			Estadual			
	Nacional G3/G2		Nacional G1			Internacional G1+/GA/GA+			Nacional GA/G1/GA+/G1+			
Períodos	Pré-temporada (PT)		Competitivo			Competitivo				Transição Início/PT		

Fonte: CBT.

Conforme a tabela de competições da CBT, o circuito infanto-juvenil de tênis em nível de alto rendimento é formado pelos torneios das séries: G4 (Regionais), G3, G2, G1 (Nacional), G1+ (Internacional), GA (Nacional) e GA+ (Internacional).

Os argumentos que ampararam a escolha desse período competitivo para a coleta das informações deste estudo, basearam-se nos seguintes enfoques:

1. Na etapa de competição mais meritória da categoria infanto-juvenil G1 brasileira, em virtude das pontuações oferecidas pelas competições G1 (Nacional) realizadas à época, que proporcionavam aos atletas juvenis a participação direta nas competições de maior valor da categoria, *i.e.*, classificação nos torneios das séries: G1+ (Internacional – COSAT), GA (Nacional) e GA+ (Internacional).

Subjetivamente, podemos considerar que os treinadores, nessa ocasião, inclinavam-se a oferecer mais significado aos treinos técnico-tático, em razão da possibilidade de alcançar a objetivo principal na temporada, que era competir nas séries mais fortes da modalidade; e

2. Na estabilização relativa da carga de treinamento, no que diz respeito à volume e a intensidade (Resende et al. 2017), dentro de um período de duas horas.

Estes procedimentos foram realizados durante a etapa de competição mais meritória da categoria infanto-juvenil, *i.e.*, a série G1 em território nacional.



Símbolo 01: Confederação Brasileira de Tênis



Símbolo 02: Confederação Sul-americana de Tênis

3.11. CONTROLE DE FONTES DE VIÉS

O controle de fontes de viés é um dos procedimentos que viabiliza a validade interna da pesquisa, ou seja, é um processo para garantir que os resultados observados representem verdade para a população (Patino & Ferreira, 2018).

Entende-se por viés em pesquisa, a presença de erros sistemáticos no planejamento ou na condução de um estudo, limitações no delineamento, qualquer desvio na coleta, análise e na revisão dos dados, que podem influenciar os resultados. De acordo com Souza, Miranda, Valente, Smolen e Araújo (2016), todo tipo de estudo é passível de vieses que podem esconder ou alterar os verdadeiros resultados da pesquisa.

Para estes autores, as fontes de vieses podem ser classificadas basicamente em:

- a) **Viés de seleção** – refere-se aos fatores inadequados na seleção dos participantes ou a fatores que podem influenciar na participação dos selecionados.
- b) **Viés de informação** – refere-se à forma imprecisa de se obter os dados, gerando informações incorretas ou erro de mensuração.

A partir desta compreensão, o presente estudo para evitar erros na validade interna e controlar potenciais fontes de viés, foram adotadas as seguintes medidas:

Em relação à seleção dos sujeitos – apoiada na lista dos principais centros de treino de atletas juvenis da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro fornecida pela FTERJ, foram contatados todos os treinadores. Este estudo cumpriu rigorosamente os critérios de inclusão e de exclusão dos sujeitos (ver tópico 3.6.), alcançando o número de 14 treinadores.

Entretanto, não foi possível atingir o número total de participantes ($n = 15$) da relação da FTERJ, pois o treinador responsável pelo planejamento e condução do treino de atletas juvenis, do décimo quinto centro de treinamento, não cumpria alguns critérios de inclusão.

Mas, especificamente os aspectos: tempo mínimo de experiência profissional e o não acompanhamento dos atletas juvenis em viagens para competições nacionais.

Quanto à coleta das informações – todos os sujeitos foram submetidos ao mesmo padrão técnico, ou seja, tanto a aplicação da entrevista, obtida no contexto de treino, quanto a filmagem da sessão prática ocorreram no mesmo dia, em data pré-definida.

Estes procedimentos foram realizados durante o período competitivo da modalidade em nível nacional. Melhor dizendo, entre a segunda quinzena de março e junho.

3.12. RELAÇÃO ENTRE AS VARIÁVEIS PRINCIPAIS DO ESTUDO

Para analisar a relação entre as variáveis pensamento e comportamento do treinador de tênis participante foi preciso estabelecer as questões do Protocolo de Entrevista (PE), que pudessem ser observadas durante a sessão prática de treino.

As questões do PE foram seleccionadas por dois treinadores de tênis especialistas em treinamento de atletas juvenis e graduados em EF, que em consenso estabeleceram como base de escolha um único objeto de investigação, i.e., as questões de referência foram provenientes da intervenção pedagógica, a qual foram viabilizadas 16 perguntas de simples percepção, tanto no canal visual como no auditivo (Anexo 21).

3.12.1. Procedimento específico da análise da relação

Uma vez seleccionadas as questões do PE, o procedimento da análise de relação entre o pensamento e o comportamento do treinador ocorreu da seguinte maneira:

- a) O examinador após ler a questão, verificar a resposta do treinador e analisar a sessão prática de treino, observação em diferido, indicava a melhor possibilidade, *i.e.*, a mais assertiva entre a existência de uma congruência ou de uma divergência; e
- b) no final, apresentava as considerações, expondo o motivo específico da análise.

Para melhor compreensão, a Tabela 17, mostra de forma didática um modelo parcial de análise de correlação entre as variáveis do estudo.

Tabela 17

Relação Parcial entre o Pensamento e o Comportamento do Treinador

Identificação: TAJXX

Objeto de investigação: Intervenção pedagógica	Pensamento do treinador	Análise do comportamento do treinador	
		Congruência Observada neste treino	Divergência Não observada neste treino
Você incita a autoinstrução ao atleta no treino?	“Sim, o tênis é um esporte que você precisa estimular a autoinstrução o tempo todo”.		Não observamos indagações do treinador sobre possíveis soluções de um problema ocorrido no treino ou oferecimento de opções por aquelas que resultariam como as mais adequadas para a realização de um dado exercício.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Costuma oferecer instrução em que parte da sessão de treinamento?	“Dou em todas partes do treino, porque eu quero que eles entendam o que será feito”.	As instruções foram dadas na parte específica do treino.
Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades na sessão de treino?		Observamos que o treinador estipulou certos pontos da quadra para dificultar o acerto da jogada.
Costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino? Qual procedimento?		Observamos que o treinador contava o número de jogadas certas dos atletas.
Percentagem da congruência entre as variáveis:		

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

3.13. REFERENCIAL DE ANÁLISE DOS DADOS DO ESTUDO

Preliminarmente, foi analisado as informações referentes aos estágios de validação do PE, que compreenderam a análise semântica, a validade aparente e a validação de conteúdo.

A **análise semântica** e a **validade aparente** descreveram as questões em discordância, as sugestões de correção dadas pelos peritos e os critérios de correção (Tabelas 2 e 3).

Enquanto, a **validação de conteúdo** exibiu as questões em discordância, a quantidade de *expert*-avaliadores em discordância na questão, as considerações oferecidas pelos *experts* e o critério adotado de correção (Tabela 5).

Os dados referentes a validação integral foram apresentados por meio de Figuras, que mostraram os valores absolutos e relativos das questões em concordância.

Em seguida a essa fase preliminar, foi realizado o exame dos dados, que compreendia os conteúdos, as escalas de classificação, as técnicas de codificação das respostas e as análises estatísticas adotadas em cada um dos objetos de investigação.

Para melhor compreensão, tais informações foram organizadas nas Tabelas 18 – 24.

Tabela 18

Exame dos Dados – Contextos de Treinamento

Conteúdos	Classificação	Codificação	Análise estatística adotada
<i>1. Espaço físico</i>			
Tipo	Qualitativa Nominal	C = azul A = vermelho	Frequência absoluta e relativa.
Paredão	Quantitativa	Sim = 1	
Pista de corrida	Discreta	Não = 2	
Sala de musculação			
<i>2. Instalações de base</i>			
Total de quadras no CT e de treino de juvenis	Quantitativa Discreta	Número	Frequência absoluta e relativa.
<i>3. Materiais de apoio utilizados</i>			
Na sessão prática de treino:			
Cesto de bolas, <i>teaching cart</i> , cones, linha delimitadora de área, <i>ring targets</i> , arco, escada de agilidade e rede fictícia	Quantitativa Discreta	Sim = 1 Não = 2	Frequência absoluta e relativa
Equipamentos auxiliares:			
Canhão, aparelhos de <i>top spin</i>			
Tecnológico:			
Filmadora.			
<i>4. Tempo da sessão prática</i>			
Tempo útil	Quantitativa Contínua	Tempo	Média, mediana e desvio-padrão.
<i>5. Quadro geral de atletas</i>			
Total de atletas no CT	Quantitativa	Número	Frequência absoluta e relativa
Máximo de atletas juvenis por gênero	Discreta		Média, mediana e desvio-padrão.

Legendas: C = Clube / A = Academia

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

Tabela 19

Exame dos Dados – Sociodemográficos da Amostra

Variáveis	Classificação	Codificação	Tipo de análise estatística	
<i>1. Idade</i>				
Faixa etária do treinador	Qualitativa Ordinal	40 a 44 anos	= 1	Frequência absoluta e relativa.
		45 a 49 anos	= 2	
		50 a 54 anos	= 3	
		+ de 55 anos	= 4	
<i>2. Sexo</i>				
Característica biológica	Qualitativa Nominal	Feminino	= 1	Frequência absoluta e relativa.
		Masculino	= 2	
<i>3. Estado civil</i>				
Situação conjugal	Qualitativa Nominal	Casado (a)	= 1	Frequência absoluta e relativa.
		Solteiro (a)	= 2	
		Outros	= 3	
<i>4. Natural</i>				
Região de nascimento	Qualitativa Nominal	Região sudeste	= 1	Frequência absoluta e relativa.
		Outras regiões	= 2	

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

Tabela 20

Exame dos Dados – Fontes de Informações

Variáveis	Classificação	Codificação	Tipo de análise estatística
<i>1. Grau de escolaridade</i>			
Nível de instrução	Qualitativa	Superior = 1	Frequência absoluta e relativa.
	Ordinal	Outros = 2	
Superior em Educação Física	Qualitativa	Sim = 1	Frequência absoluta e relativa.
	Nominal	Não = 2	
<i>2. Registro profissional</i>			
Classe	Qualitativa	Graduado = 1	Frequência absoluta e relativa.
	Nominal	Provisionado = 2	
<i>3. Curso complementar</i>			
Capacitação da CBT	Qualitativa	Sim = 1	Frequência absoluta e relativa.
	Nominal	Não = 2	
Ano do último curso	Quantitativa	Número	Média, mediana e desvio-padrão.
Avaliação do último curso	Qualitativa	Excelente = 1	Frequência absoluta e relativa.
		Bom = 2	
		Regular = 3	
		Sem avaliação = 4	
Aplicação dos conhecimentos	Qualitativa	Sim = 1	Frequência absoluta e relativa.
	Nominal	Não = 2	
<i>4. Congresso/Workshop</i>			
Temas referente ao treino	Qualitativa	Sim = 1	Frequência absoluta e relativa.
	Nominal	Não = 2	
Ano do último curso	Quantitativa	Número	Média, mediana e desvio-padrão.
	Discreta		
<i>5. Condição atual de formação</i>			
Concorda	Qualitativa	Sim = 1	Frequência absoluta e relativa.
	Nominal	Não = 2	
Acesso à formação	Qualitativa	Categorias	Descrição.
Formação contínua	Nominal		

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

Tabela 21

Exame dos Dados – Experiência do Treinador

Variáveis	Classificação	Codificação	Tipo de análise estatística
<i>1. Experiência</i>			
Idade inicial	Qualitativa Nominal	Número	Frequência absoluta e relativa.
<i>2. Competição como juvenil</i>			
Participação	Quantitativa Discreta	Sim = 1 Não = 2	Frequência absoluta e relativa.
<i>3. Experiência como treinador</i>			
Anos de profissão		Número	
Acompanhamento em viagem	Quantitativa Discreta	Sim = 1 Não = 2	Frequência absoluta e relativa. Média, mediana e desvio-padrão.
Melhor resultado	Qualitativo	Categorias	Frequência absoluta e relativa.
Melhor <i>ranking</i> dos seus atletas	Nominal		

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

Tabela 22

Exame dos Dados – Adequação dos Conhecimentos

Variáveis	Classificação	Codificação	Tipo de análise estatística
<i>1. Saber do treinador</i>			
Mais relevante para o treino	Quantitativa Discreta	Teórico = 1 Prático = 2 Práxis = 3	Frequência absoluta e relativa.
Interação com os outros treinadores	Qualitativa Nominal	Sim = 1 Não = 2	Frequência absoluta e relativa.
Frequência	Quantitativa Discreta	Regularmente = 1 Casualmente = 2	Frequência absoluta e relativa.
De qual contexto	Quantitativa Discreta	Próprio = 1 Outros = 2 Ambos = 3	Frequência absoluta e relativa.
<i>2. Vídeos de treino</i>			
Uso	Quantitativa Discreta	Sim = 1 Não = 2	Frequência absoluta e relativa.
Objetivo	Qualitativo Nominal	Categorias	Frequência absoluta e relativa.
<i>3. O que é preciso para ser treinador</i>			
Conhecimentos	Qualitativa	Categorias	Frequência absoluta e relativa.
Competências	Nominal		

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

Tabela 23

Exame dos dados – Planeamento do Treino

Variáveis	Classificação	Codificação	Análise estatística
<i>1. Programação</i>			
Fundamental	Quantitativa Discreta	Sim = 1 Não = 2	Média, mediana e desvio-padrão.
<i>Razões</i> Importância	Qualitativa Nominal	Categorias	Frequência absoluta e relativa.
Participação do atleta	Quantitativa Discreta	Sim = 1 Não = 2	Média, mediana e desvio-padrão.
Em que momento	Qualitativa Nominal	Categorias	Frequência absoluta e relativa.
Sofre modificação	Quantitativa Discreta	Sim = 1 Não = 2	Média, mediana e desvio-padrão.
<i>Razões</i> <i>Critério adotado</i>	Qualitativa Nominal	Categorias	Frequência absoluta e relativa.
Influência do calendário de competições	Quantitativa Discreta	Sim = 1 Não = 2	Média, mediana e desvio-padrão.
De que maneira	Qualitativa Nominal	Categorias	Frequência absoluta e relativa.
Competições que se baseia para o planeamento do treino	Quantitativa Discreta	G3 - Nacional = 1 G2 - Nacional = 2 G1 - Nacional = 3	Frequência absoluta e relativa.
Avaliação do planeamento no rendimento do atleta	Qualitativa Nominal	Categorias	Frequência absoluta e relativa.

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

Tabela 24

Exame dos Dados - Intervenção Pedagógica

Variáveis	Classificação	Codificação	Tipo de análise estatística
<i>1. Alusivo à sessão de treino</i>			
Grau de importância nas áreas do treino.	Quantitativa Discreta	Muito importante = 1 Importante = 2	Frequência absoluta e relativa. Média, mediana e desvio-padrão.
<i>2. Referente ao atleta</i>			
Hábito de instruir	Quantitativa Discreta	Sim = 1 Não = 2	Frequência absoluta e relativa.
<i>Justificativa</i>	Qualitativa Nominal	Categorias	Frequência absoluta e relativa.
Autoinstrução	Quantitativa Discreta	Sim = 1 Não = 2	Frequência absoluta e relativa.
<i>Justificativa</i>	Qualitativa Nominal	Categorias	Frequência absoluta e relativa.
Omite opinia sobre o descanso e hidratação	Quantitativa Discreta	Sim = 1 Não = 2	Frequência absoluta e relativa.
Critério de organização do grupo de atletas no treino	Qualitativa Nominal	Categorias	Frequência absoluta e relativa.
Os habilidosos treinam com os menos habilidosos	Quantitativa Discreta	Sim = 1 Não = 2	Frequência absoluta e relativa. Média, mediana e desvio-padrão.
<i>Razão</i>	Qualitativa Nominal	Categorias	Frequência absoluta e relativa.
<i>3. Relativo ao objetivo</i>			
Participação do atleta	Quantitativa Discreta	Sim = 1 Não = 2	Média, mediana e desvio-padrão.
Estratégias usadas quando o objetivo não é alcançado.	Qualitativa Nominal	Categorias	Frequência absoluta e relativa.
Existe diferentes objetivos	Quantitativa Discreta	Sim = 1 Não = 2	Média, mediana e desvio-padrão.
<i>Por quê</i>	Qualitativa Nominal	Categorias	Frequência absoluta e relativa.
Avaliação se o objetivo foi alcançado pelo grupo			
<i>4. Sabedoria do atleta</i>			
Conhecimentos e capacidades	Qualitativa	Categorias	Frequência absoluta e relativa.
Atitudes no treino e nas competições	Nominal		

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

CAPÍTULO IV

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo apresentamos os resultados obtidos nas variáveis principais deste estudo, as quais são expostos por meio de Tabelas e Figuras, precedidos da descrição das informações mais relevantes relacionadas aos objetivos específicos da pesquisa.

1. Pensamento do treinador

Para conhecer as informações sobre o pensamento dos treinadores, baseamos em quatro objetos de investigação do protocolo de entrevista e selecionamos os temas mais significantes para o propósito do estudo.

a) Fontes de informações

- Influência da formação acadêmica;
- Condições atuais de formação de treinador;
- Mecanismos de acesso à formação de treinador;
- Circunstâncias da formação continuada do treinador; e
- Experiência prática comparada aos conhecimentos dos cursos.

b) Adequação dos conhecimentos

- Relação entre a teoria e a prática;
- Objetivos dos recursos tecnológicos;
- Conhecimentos para exercer a função de treinador; e
- Competências para desempenhar a função de treinador.

c) Planejamento do treino

- Importância do planejamento;
- Interferência do calendário de competição no planejamento;
- Participação dos atletas no planejamento; e
- Avaliação dos efeitos do planejamento no treino.

d) Intervenção pedagógica

- Aplicação da instrução no treino;
- Estímulo da autoinstrução no treino;
- Motivos do uso de sugestões ou lembretes no treino;
- Exercícios pautados em fases progressivas;
- Uso de jogos como exercícios de treino;
- Questionamento aos atletas juvenis no treino;
- Ouvir as opiniões dos atletas juvenis no treino;
- Elogiar os atletas juvenis no treino;
- Formas de organização dos materiais no treino;
- Critério de organização do grupo de atletas juvenis no treino;
- Participação dos atletas juvenis na formação do grupo de treino;
- Grau de dificuldade no objetivo do treino;
- Quantificação das repetições para assegurar os objetivos do treino;
- Estratégias utilizadas quando o atleta não alcança o objetivo no treino; e
- Avaliação do objetivo no treino.

Após a descrição dos temas acima, realizou-se a síntese dos principais resultados para efetuar uma discussão e interpretação dos achados.

2. Comportamento do treinador

Nesta variável, descrevemos as intervenções dos treinadores durante as sessões de treino, a qual compreendeu as funções das instruções, os objetivos dos *feedbacks* pedagógicos e os critérios estabelecidos nos exercícios. Após estas descrições, desenvolveu-se a discussão e a interpretação dos resultados.

Num momento posterior, apresentamos, discutimos e interpretamos os principais resultados da comparação entre o pensamento e o comportamento do treinador para verificar a existência de congruência ou divergência.

4.2. ANÁLISE DESCRITIVA DO PENSAMENTO DO TREINADOR

4.2.1. Fontes de informações

Para oferecer os resultados deste objeto de investigação, salientamos cinco temas, que nos permitiram entender e analisar as percepções qualitativas dos treinadores participantes.

4.2.1.1. Influência da formação acadêmica

Neste tema, notamos que dos 14 treinadores inquiridos, nove revelaram que a formação acadêmica teve uma influência decisiva em sua função como treinador, dois disseram que teve uma influência relativa e três não emitiram opinião sobre a questão.

Conforme as respostas, interpretamos que a **influência decisiva** se refere a importância das informações obtidas na formação acadêmica, que fundamentaram o processo de treino dos atletas juvenis. Para corroborar esta interpretação, destacamos, a seguir, algumas respostas:

TAJ04: “É sensível a influência, utilizo muitas coisas que eu aprendi na faculdade”.

TAJ12: “Te mostra outro horizonte, torna o treinador um ser pensante, você não vira um reproduzidor, ou seja, copiar o que o outro diz e passar para o atleta”.

TAJ03: “...ter a junção do conhecimento acadêmico com o conhecimento técnico, você terá condições de passar para o atleta informações importantes”.

Verificamos que esses treinadores, quando juvenis competiram na esfera estadual, i.e., grau médio de exigência, e como treinadores apresentaram experiências bem-sucedidas na categoria de 15/16 anos.

Considerando a variável, experiências vitoriosas, deduzimos que tais treinadores podem ter atribuído ao conhecimento acadêmico como fator determinante na qualidade do seu trabalho. Para corroborar, ressaltamos as palavras do TAJ01:

“Sou muito dependente das informações extraídas do meio acadêmico, isso é incontestável”.

Com relação a **influência relativa**, julgamos que se trata de um aspecto circunstancial, i.e., a informação acadêmica em EF teve interferência ocasional na função destes treinadores. Para confirmar este julgamento, salientamos, a seguir, algumas respostas:

TAJ08: “É importante, mas não é decisivo o conhecimento acadêmico, até porque o aprendizado como treinador acontece no dia a dia”.

TAJ10: “Existe uma influência sim. Mas não é fator determinante, até porque, mesmo tendo disciplinas pertinentes ao tênis, não o qualifica como treinador da modalidade”.

Observamos que os dois treinadores, quando juvenis competiram no âmbito nacional e internacional, i.e., em alto grau de exigência, e como treinadores apresentaram experiências vitoriosas na categoria de 17/18 anos.

Tendo em conta estas variáveis, entendemos que tais treinadores podem ter vivenciado a cobrança por resultados como um método natural em suas carreiras. Em consequência disso, justificaram que a “*formação acadêmica não avalizou a sua função como treinador e que as suas atribuições se desenvolveram naturalmente no cotidiano*”. Isso posto, pode-se entender que o empirismo foi mais relevante em razão das exigências de resultados.

Interpretamos que os treinadores da categoria influência decisiva avaliaram os resultados alcançados como consequência de um trabalho de preparação do atleta juvenil e, os da influência relativa, julgaram a eficácia nas competições como um sistema comum, i.e., obtenção dos resultados como algo natural do planejamento.

Quanto aos três treinadores identificados na categoria **sem opinião**, verificamos que, à época, possuíam somente o nível secundário. No entanto, apresentaram as suas justificativas sobre a questão:

TAJ02: “Não possuo formação superior e não tenho como opinar”.

TAJ06: “Por não ter o superior, não sei informar”.

TAJ07: “Não tenho uma posição”.

Eles apresentaram essa justificativa em razão de não possuírem o Ensino Superior em EF, à época. Entretanto, admitiram que as informações acadêmico-científicas eram de extrema relevância para a formação integral do atleta juvenil.

A Tabela 25 revela as influências da formação acadêmica na função de treinador.

Tabela 25

Influência da Formação Acadêmica

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias de resposta																
Influência decisiva		x		x	x	x				x		x	x	x	x	9
Influência relativa									x		x					2
Nenhuma opinião			x				x	x								3

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.1.2. Condições atuais de formação de treinador

Neste tema, constatamos que dos 14 treinadores inqueridos, três estavam de acordo com as condições atuais de formação de treinador e, onze, não estavam.

Quanto às justificativas, observamos que os três treinadores da opção **concordo** tiveram respostas semelhantes. “*O treinador tem que buscar as informações para se aperfeiçoar*”. Isso pode-se caracterizar que a formação é uma responsabilidade do treinador.

Vimos que esses treinadores participaram dos cursos de capacitação da CBT e de pelo menos um *Workshop* da ITF, e apresentaram consenso na avaliação do último curso realizado, ajuizando-o como bom e proveitoso. Também disseram que as informações técnicas oferecidas nos cursos da CBT e ITF foram efetivamente empregadas nos treinos. Para confirmar tal informação, o TAJ11 disse: “Eu utilizo a progressão para desenvolver o *Top Spin*²⁸”.

Considerando estas informações, deduzimos que os conhecimentos práticos vistos nos cursos podem ter sido reproduzidos nos treinos de aperfeiçoamento dos atletas juvenis.

Dentro da perspectiva pedagógica, entendemos que a aplicação de conteúdos técnicos, táticos, físicos e mentais requer uma fundamentação teórico-científica, que possibilite respeitar a circunstância do ensino-aprendizagem-treinamento do atleta juvenil.

Dos onze treinadores que **não concordaram**, sete justificaram que as condições atuais de formação poderiam ter uma maior exigência e, quatro, serem dadas de forma mais regular.

Com base nas respostas dadas, percebemos que a categoria, **ter uma maior exigência**, pautou-se nos requisitos de aprovação e de empenho para ascender aos graus de qualificação do treinador. Para ratificar essa percepção, separamos, a seguir, algumas respostas:

TAJ04: “O treinador tinha que fazer uma faculdade”.

TAJ01: “...treinador precisa ter uma formação acadêmica...”

TAJ07: “...ter curso de formação específica para treinador em níveis”.

Verificamos que estes treinadores tiveram a oportunidade de participar dos primeiros cursos de capacitação da CBT.

Levando em conta esse indicativo, constatamos que tais treinadores vivenciaram o Sistema Nacional de Graduação Profissional²⁹ (SNGP), que qualificava o treinador em níveis de atuação profissional, como também participaram dos cursos da CBT organizados em

²⁸ Efeito dado sobre a bola, ao quicar no solo, ganha altura e velocidade (Dalcim, 2009).

²⁹ Processo que tinha o objetivo de valorizar os profissionais capacitados e incentivar todos os treinadores a buscar formação e atualização constante (cbt-tenis.com.br, capacitação, 2020).

módulos no sistema de pré-requisito, ou seja, o treinador deveria obter frequência mínima e a média final maior ou igual a 5,0 (cinco) para se matricular em outro módulo.

Entendemos que essas observações, em decorrência da exatidão dos cursos da CBT, à época, podem ter influenciado a escolha dessa categoria. O TAJ14 reafirmou este entendimento ao dizer:

“...a partir do momento que não tem exigência de aprovação, isso não te proíbe e não te dar acesso a nada...”

Com relação à formação serem **dadas de forma mais regular**, julgamos que se referiu a forma inconstante e com pouca seriedade que os cursos vinham sendo ministrados. Para ratificar esse julgamento, apresentamos, a seguir, algumas respostas:

TAJ03: “...tem que ser uma coisa mais séria”.

TAJ06: “...a CBT podia fazer mais pelo treinador, está muito atrasada”.

TAJ08: “...fica muito solto e aí depende da iniciativa do treinador”.

TAJ13: “...tinha que nivelar, a pessoa ter uma vivência e não pode pegar uma raquete fazer um curso e dizer que é treinador”.

Vimos que os quatro treinadores participaram dos últimos cursos da CBT. Considerando esta informação, julgamos que essa categoria pode ter sido optada por efeito, em razão do curso serem oferecidos ainda de forma aleatória, i.e., sem muito propósito. Um treinador reforçou este julgamento ao dizer: “*A formação de treinador precisa ser levada mais a sério*”. (TAJ09).

Num panorama geral, relativo à opção **não concordo**, entendemos que o processo de desenvolvimento profissional, à época, não apresentava um programa curricular adequado à função de treinador de atletas juvenis.

A Tabela 26 mostra as categorias das condições atuais de formação de treinador.

Tabela 26

Condições Atuais de Formação do Treinador

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias de respostas																
Concordo																
O treinador que deve buscar						x						x	x			3
Não concordo																
Ter uma maior exigência	x	x		x				x			x				x	6
Ofertada de forma irregular				x			x		x	x				x		5

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.1.3. Mecanismos de acesso à formação de treinador

Para obter as informações deste objeto, fizemos a seguinte pergunta para os treinadores: Como deveriam ser as condições de acesso à formação de treinador

Notamos que os 14 treinadores averiguados, oito preferiram o curso de agente da CBT, três as universidades de EF e três as instituições ligadas ao desporto em cooperação.

Após exame das respostas, entendemos que a **CBT** é a entidade principal da modalidade e dispôs de prestígio na formação de treinadores. Para ratificar este entendimento, ressaltamos, a seguir, algumas respostas:

TAJ11: “A CBT como instituição representativa deveria criar um estímulo para aqueles professores que têm interesse em se tornar treinador”.

TAJ03: “...vivenciar mais o curso da CBT na prática e ter acesso aqui em nosso estado”.

TAJ12: “A CBT dar as ferramentas e você vai lá paga e faz os cursos”.

Os oito treinadores participaram dos cursos da CBT organizados em módulos no sistema de pré-requisito. Considerando esta informação, interpretamos que tais treinadores podem ter indicado essa opção em virtude de ser a principal entidade responsável pela administração da modalidade no âmbito nacional que, à época, proporcionava em termos técnico-pedagógicos uma formação de excelência ao treinador, além da certificação de credibilidade.

Com relação as **universidades de EF** como agente, se reporta a qualidade da formação, *i.e.*, o Ensino Superior como alicerce de desenvolvimento do treinador de tênis. Para confirmar esta compreensão, apresentamos, a seguir, algumas respostas:

TAJ10: “Deveria ser integrada com as universidades”.

TAJ04: “...estudo em instituições acadêmicas para melhorar a condição do treinador”.

Constatamos que os três treinadores concluíram o Ensino Superior em Educação Física. Levando em conta essa informação, julgamos que essa escolha pode ter ocorrido de forma espontânea, em virtude da provável convergência de teoria, *i.e.*, a preparação para o exercício da atividade profissional conduzida pela investigação, aplicação de conhecimentos, utilização de métodos científicos e crítica ao conhecimento produzido.

Já as **instituições ligadas ao desporto em cooperação**, se trata da união das instituições ligadas direta ou indiretamente a modalidade para fundamentar à formação do treinador. Para ratificar esta percepção, expomos, a seguir a resposta dos treinadores.

TAJ02: “Deveria ser facilitada pelas instituições ligadas ao esporte”.

TAJ07: “...união entre a CBT e o CREF para formar o treinador de tênis”.

TAJ08: “A CBT podia ter uma aproximação a outras instituições relacionadas a formação profissional do treinador. Ex.: Federação, Universidades e CREF”.

Os três treinadores que sugeriram as **instituições ligadas ao desporto em cooperação** tinham de 17 a 27 anos (M = 21) de experiência com atleta juvenil, e sempre os acompanharam em viagem nos circuitos nacionais e internacionais.

Deduzimos que esses indicadores podem ter respaldado essa opção, pela possibilidade da falta de tempo para começar num curso formal. O TAJ08 reiterou esta ideia ao dizer:

“...poucos têm acesso mais cedo a todo tipo de informação, se tivéssemos, aumentaria o nível e a credibilidade do treinador”.

A Tabela 27 mostra as categorias de acesso à formação profissional apontadas pelos próprios treinadores participantes.

Tabela 27

Meios de Acesso à Formação de Treinador

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias																
CBT				x		x	x			x		x	x	x	x	8
Universidades de EF		x			x						x					3
Instituições em cooperação			x					x	x							3

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.1.4. Circunstâncias da formação continuada do treinador

Neste assunto, verificamos que dos 14 treinadores investigados, oito responderam que deveria ser por cursos organizados em graus de qualificação e, seis, em temas específicos.

Conforme as respostas, julgamos que os cursos por **graus de qualificação**, se remetem aos cursos ordenados em níveis de conhecimento técnico do treinador, que o capacita a orientar as categorias de juvenis. Para ratificar este julgamento, separamos, a seguir, algumas respostas:

TAJ03: “Ter um seguimento que possa fazer lógica [...] e aí você vai sempre querer melhorar, porque precisamos evoluir”.

TAJ02: “...o esporte exige uma continuidade, por isso as passagens de estágios”.

TAJ10: “...criação de cursos frequentes para cada grau de treinadores”.

TAJ01: “Buscar novos conhecimentos dentro de cada grau de treinador”.

TAJ13: “...promoção de cursos constantes em diferentes níveis”.

Percebemos que esses treinadores treinaram de oito a 15 atletas juvenis durante o ano (M = 12). Levando em conta a variável, grupo de atletas, entendemos que um número reduzido de juvenis no treino pode motivar o treinador a buscar o aperfeiçoamento dos conhecimentos técnico-pedagógicos e por consequência beneficiar evolução dos atletas juvenis. O TAJ05 corroborou esta percepção ao dizer:

“...participar dos cursos de ténis por módulos, ...e procurar sempre associar essas informações ao treino dos atletas juvenis”.

Com relação à categoria **temas específicos de treino**, refere-se aos conteúdos que norteiam o treinamento dos atletas juvenis e por consequência possibilita o aprimoramento dos treinadores. Para reiterar este entendimento, exibimos, a seguir, algumas respostas:

TAJ09: “Cursos constantes de aperfeiçoamento técnico e tático.”.

TAJ07: “...proporcionar cursos específicos para se aperfeiçoar e apurar a qualidade do ténis juvenil”.

TAJ06: “A Federação teria que proporcionar todo o ano, cursos para os treinadores do Rio para se aperfeiçoar e buscar uma melhor qualidade do ténis juvenil carioca”.

Notamos que os seis treinadores treinaram de 10 a 40 atletas juvenis por ano (M = 19). Considerando a mesma variável da categoria anterior, entendemos que uma quantidade elevada de juvenis dentro de um grupo de treino pode induzir o treinador a se embasar no empirismo e buscar informações imediatas. Para ratificar tal concepção, o TAJ08 revelou que os cursos da CBT poderiam:

“...ter mais enfoques específicos na formação continuada”.

A Tabela 28 mostra as condições da formação continuada num programa regular.

Tabela 28

Circunstâncias da Formação Continuada do Treinador

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias																
Por graus de qualificação	x	x	x	x							x	x		x	x	8
Por temas específicos						x	x	x	x	x			x			6

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.1.5. *Experiência prática comparada aos conhecimentos dos cursos*

Neste tema, dos 14 treinadores estudados, quatro apontaram que os conhecimentos dos cursos foram de grande valia para a experiência prática e, dez, apenas um complemento.

Baseado nas respostas, à categoria, os conhecimentos foram de **grande valia**, se referem as informações obtidas nos cursos que influenciaram significativamente a práxis do treinador. Para corroborar este entendimento, selecionamos, a seguir, algumas respostas:

TAJ05: “...as informações dos cursos são importantes para adequar ao seu dia a dia”.

TAJ01: “Os conhecimentos adquiridos nos cursos... são de grande importância para a prática do treinador, porque vêm de uma base de pesquisa”.

TAJ12: “Os conhecimentos adquiridos nos cursos me proporcionam uma boa bagagem para favorecer a minha prática”.

Esses quatro treinadores estavam na faixa etária de 47 a 63 anos ($M = 55$). Tendo em consideração a variável, a média de idade, entendemos que os treinadores mais vividos podem apresentar uma concepção apurada das informações obtidas nos cursos e serem capazes de torná-las valiosas a sua experiência prática. O TAJ06 reiterou este entendimento ao dizer:

“Se eu não tivesse feito os cursos de capacitação, não seria um treinador reconhecido e muito menos ter chegado à condição de formar atletas juvenis para a competição”.

Com relação aos conhecimentos serem considerados **um complemento**, trata-se de informações adicionais que realçam a experiência prática do treinador. Para ratificar esta ideia, apresentamos, a seguir, as respostas mais representativas:

TAJ11: “Tenho muita experiência prática [...], mas foi aperfeiçoada depois que obtive algumas informações teóricas”.

TAJ13: “Todo conhecimento é válido, o segredo é saber integrar os conhecimentos teóricos dos cursos em sua prática”.

TAJ02: “...nós treinadores temos bastante bagagem e sempre que obtermos novas informações nos cursos, agregaremos ao nosso conhecimento”.

TAJ07: “Os conhecimentos dos cursos sempre enriquecem a nossa experiência prática”.

TAJ09: “A experiência prática sempre necessita de algumas informações”.

Verificamos que os dez treinadores estavam na faixa etária de 40 a 57 anos ($M = 46$). Tendo em conta a mesma variável, deduzimos que os treinadores menos vividos podem avaliar as informações dos cursos como um simples auxílio ao seu conhecimento prático. O TAJ14 afirmou tal dedução ao expressar que:

“A experiência prática é um conhecimento valioso que você não aprende nos cursos e os conhecimentos dos cursos é um complemento”.

A Tabela 29 exhibe a comparação da experiência prática aos conhecimentos nos cursos.

Tabela 29

Experiência Prática Comparada aos Conhecimentos dos Cursos

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias																
De grande valia		x				x	x						x			4
Um complemento			x	x	x			x	x	x	x	x		x	x	10

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.2. Adequação dos conhecimentos

Neste objeto de estudo ressaltamos quatro temas, que nos oportunizaram compreender as percepções qualitativas dos treinadores participantes.

4.2.2.1. Relação entre a teoria e a prática

Neste tema, vimos que dos 14 treinadores inqueridos, dez entenderam que a teoria e a prática tinham uma relação indissociável e, quatro, uma relação complementar.

Após análise das respostas, entendemos que a **relação indissociável** se refere a coesão de polos de informações imprescindíveis para o processo de ensino-aprendizagem-treinamento de juvenis. Para ratificar este entendimento, apresentamos em seguida algumas respostas:

TAJ11: “...se unem, eu consegui fazer a integração da teoria com a prática no treino”.

TAJ12: “É fundamental conhecer a teoria para depois aplicar na prática”.

TAJ02: “Os dois são importante e se completam...”

TAJ01: “Os dois são de uma importância muito grande, na formação de atleta juvenil”.

Verificamos que dos dez treinadores, seis cursaram o Ensino Superior em Educação Física (TAJ01, TAJ04, TAJ08, TAJ10, TAJ11 e TAJ12), quatro o Ensino Médio (TAJ02, TAJ05, TAJ06 e TAJ07), todos participaram de *Workshops* e congressos da ITF, e dos cursos de capacitação da CBT organizados, à época, em módulos no sistema de pré-requisito.

Levando em conta estes dados, entendemos que a procura de informações em diferentes fontes pode proporcionar ao treinador uma melhor compreensão da relação constante entre teoria e prática. TAJ04 corroborou este julgamento ao falar:

“Existem muitas informações na teoria que associadas a prática faz a compreensão de um treino adequado”.

Quanto à categoria **relação complementar**, se refere a polos de informações que se preenchem no processo de ensino-aprendizagem-treinamento de atletas juvenis. Para ratificar, destacamos as respostas dos treinadores:

TAJ13: “...elas devem estar interligadas. Mas, não é fácil por causa da cobrança”.

TAJ14: “Complementação uma da outra”.

TAJ03: “A teoria é o que nós tentaremos de colocar em prática, nem sempre a teoria caminha junto com a eficiência. Mas, precisamos muito da teoria”.

Notamos que dos quatro treinadores, três (TAJ03, TAJ09 e TAJ13) fizeram os cursos de capacitação da CBT no sistema ocasional, i.e., sem muito propósito. Considerando este dado, deduzimos que a busca aleatória por informações, pode ter estimulado nos treinadores uma visão dissociativa entre a teoria e a prática. TAJ09 justificou tal raciocínio ao dizer:

*“Sou prático demais, cada atleta juvenil tem uma característica de golpe e comportamento...
A teoria é importante. Mas é preciso respeitar a individualidade do atleta”.*

A Tabela 30 exhibe a compreensão do treinador sobre a relação entre a teoria e a prática.

Tabela 30

Relação entre Teoria e Prática

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias																
Indissociável		x	x		x	x	x	x	x		x	x	x			10
Complementar				x						x				x	x	4

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.2.2. Objetivos dos Recursos Tecnológicos

Neste objeto, vimos que dos 14 treinadores, doze utilizaram os vídeos de treino para proporcionar *feedback* aos seus atletas juvenis e, dois, para ser uma referência com base em treino de profissionais.

Constatamos que à categoria proporcionar *feedback* ao atleta juvenil, se atribui a percepção do treinador, sobre o resultado técnico dos golpes dos atletas juvenis durante o treino. Para corroborar esta constatação, ressaltamos, em seguida, as respostas de alguns treinadores:

TAJ05: “É fundamental para o atleta se ver, mostrar a biomecânica dos golpes e poder corrigir da maneira que o treinador achar”.

TAJ02: “...fazer com que os próprios atletas visualizem o que é feito no movimento”.

TAJ08: “Mostrar ao atleta se houve evolução do golpe e seguir firme ou não”.

Uma boa parte dos treinadores dessa categoria (TAJ01, TAJ02, TAJ05, TAJ06, TAJ07, TAJ08, TAJ10, TAJ11 e TAJ12) respondeu que a relação entre a teoria e a prática era essencial e imprescindível para a análise técnica do movimento dos atletas juvenis.

Considerando essa variável, deduzimos que tais treinadores podem ter enfatizado no processo de ensino-aprendizagem-treino a área técnica, i.e., a busca pelo movimento ideal. E, com efeito, quando treinadores, utilizaram a tecnologia como meio de oportunizar *feedbacks* detalhados para melhorar a qualidade da técnica. O TAJ14 corroborou tal percepção ao dizer:

“...o treinador precisa mostrar para o atleta a falha técnica, que ele esteja fazendo”.

Quanto à categoria **referência com base no treino de profissionais**, se relaciona aos vídeos de jogos ou de treinos de jogadores profissionais, utilizados como informações práticas na orientação dos atletas juvenis. Exibimos, a seguir, as respostas dos dois treinadores:

TAJ03: “Verificar novos treinamentos que possam ser aplicados nos meus atletas”.

TAJ04: “...uso os vídeos de profissionais como referência técnica para os atletas”.

Constatamos que esses dois treinadores não conquistaram torneios do G1 nacional. Tendo em conta essa constatação, entendemos que tais treinadores podem não ter alcançado o êxito principal na categoria juvenil em razão do objetivo do uso da técnica, i.e., a simples reprodução de treino.

A Tabela 31 exhibe os objetivos dos treinadores quanto à utilização de vídeos.

Tabela 31

Objetivos dos Recursos Tecnológicos

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias																
<i>Feedback</i> aos atletas		x	x			x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	12
Referência/profissional				x	x											2

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.2.3. *Conhecimentos para exercer a função de treinador*

Nesta temática notamos que dos 14 treinadores entrevistados, seis apontaram os saberes técnicos e táticos como determinantes para exercer a profissão, cinco os saberes académicos e, três, os saberes teóricos e práticos.

Relativamente à categoria **saberes técnicos e táticos**, averiguamos nas respostas, que se trata do domínio por parte do treinador das áreas de treinamento técnico e tático, com o intuito de guiar o desenvolvimento dos atletas juvenis. Para ratificar tal averiguação, a seguir, revelamos as respostas de alguns treinadores:

TAJ03: “Ter o conhecimento tático do jogo e o conhecimento da técnica certa”.

TAJ06: “Possuir informações técnicas pertinentes adquiridas nos diferentes cursos e saber passá-las”.

TAJ09: “Ter tido experiência no ténis como jogador ou convívio com treinadores bons”.

Observamos que os seis treinadores iniciaram a prática do ténis fora de um contexto de treino de juvenis para o rendimento, três como boleiro (TAJ02, TAJ03 e TAJ06) e, três, como aluno particular (TAJ04, TAJ08 e TAJ09). No entanto, todos participaram de competições como atletas federados. Considerando este dado, deduzimos que tais treinadores, quando juvenis, por não terem vivido mais especificamente o processo de ensino-aprendizagem-treinamento, à época, e por isso ter acarretado uma lacuna, no que tange a aplicação dos conhecimentos técnico e tático no jogo, e quando treinadores, conscientes desta carência, podem ter se aperfeiçoado mais nestas áreas, a ponto de afirmarem que são conhecimentos inerentes a função de treinador de ténis para amenizar a necessidade do atleta juvenil. O TAJ02 corroborou tal dedução ao dizer:

“O treinador tem que ter sido um competidor, ...e aí consegue passar as informações técnicas e táticas...”

Quanto à categoria **saberes académicos**, se concerne aos conhecimentos adquiridos nas disciplinas do Ensino Superior, que alicerçaram o treino dos atletas juvenis para o rendimento. Para confirmar, a seguir, apresentamos algumas respostas:

TAJ05: “...formação académica além das informações nos cursos técnicos de ténis”.

TAJ11: “Lidar de forma didática com o atleta e saber se comunicar com ele”.

TAJ14: “Ter conhecimento básico da Educação Física [...] para orientar os atletas”.

Os cinco treinadores cursaram o Ensino Superior em Educação Física. Tendo em conta este informe, julgamos que a escolha por esta categoria ocorreu espontaneamente, em razão do

conjunto de conhecimentos académicos servir como base à sua função como treinador de tênis. O TAJ07 reforçou este julgamento ao dizer:

“Conhecimentos básicos de Educação Física, ...identificar erros de biomecânica e noção de pedagogia e didática”.

Já à categoria **saberes teóricos e práticos**, se trata da convergência entre a teoria e a prática no processo de ensino-aprendizagem-treinamento de atletas juvenis. Para corroborar este entendimento, revelamos as respostas dos treinadores:

TAJ10: “Conciliar os conceitos biomecânicos, ...teoria para ajuste de algum golpe”.

TAJ12: “Precisa ter o conhecimento de como relacionar a teoria com a prática”.

Observamos que os três treinadores cursaram o Ensino Superior em Educação Física, participaram de *Workshops* e congressos da ITF e dos cursos de capacitação da CBT, e todos foram campeões da categoria G1 da CBT.

A partir destas informações, compreendemos que tais treinadores podem ter privilegiado a relação dos conhecimentos teórico e prático no processo de ensino-aprendizagem-treinamento e, por consequência, puderam alcançar os resultados mais pretendidos na categoria juvenil. O TAJ13 reafirmou esta compreensão ao dizer:

“...possuir os conhecimentos prático e teórico para aplicar naquilo que você é qualificado”.

A Tabela 32 expõe os conhecimentos necessários para exercer a função de treinador.

Tabela 32

Conhecimentos para Exercer a Função de Treinador

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias																
Saberes técnicos e táticos			x	x	x		x		x	x						6
Saberes académicos		x				x		x				x			x	5
Saberes teórico e prático											x		x	x		3

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.2.4. Competências para desempenhar a função de treinador

Neste tema, vimos que dos 14 treinadores inquiridos, oito relataram que saber executar os golpes e corrigi-los seriam as capacidades essenciais para desempenhar a função de treinador de tênis e, seis, saber lidar com o atleta juvenil nos treinos e nas viagens.

Com base nas respostas, interpretamos que **saber executar e corrigir os golpes** se refere a capacidade do treinador durante o treino, no que tange ao domínio do gestual motor, i.e., ter a habilidade de realizar uma determinada técnica, possuir o conhecimento tático do jogo e o conhecimento didático-pedagógico eficaz na orientação dos atletas juvenis.

Para confirmar este entendimento, mostramos, a seguir, algumas respostas:

TAJ01: *“Ter uma capacidade técnica para a demonstração”*.

TAJ03: *“...passar para o atleta juvenil a relação da técnica com a tática e corrigir de forma imediata”*.

TAJ06: *“Ter competido para transmitir essa experiência, saber realizar os golpes, [...] fazer a técnica correta e ter condições de passar para o atleta”*.

A maioria desses treinadores (TAJ01, TAJ02, TAJ04, TAJ05, TAJ06, TAJ11 e TAJ12) relatou na questão 1, neste mesmo objeto de investigação, que a relação entre a teoria e a prática era indissociável, e por consequência uma linha de trabalho imprescindível para o processo de ensino-aprendizagem-treinamento de atletas juvenis.

Considerando esta informação, acreditamos que tais treinadores, podem ter alicerçado a habilidade da técnica ao conhecimento científico para direcionar as ações dos atletas juvenis no treino. O TAJ04 corroborou esta ideia ao dizer:

“Ter vivência prática para ajudar o atleta no momento exato”.

Quanto à categoria **saber lidar com o atleta juvenil nos treinos e viagens**, se trata da relação interpessoal harmonioso entre o treinador e o atleta juvenil no dia-a-dia dos treinos e nos deslocamentos para as competições nacionais e internacionais. Para corroborar tal análise, apresentamos, a seguir, as respostas de alguns treinadores:

TAJ13: *“Ter linguagem apropriada e saber aplicar os treinos adequados para o atleta juvenil”*.

TAJ08: *“Saber administrar essa relação, atleta e treinador, durante o treino e viagem”*.

Percebemos que os seis treinadores possuíam de 15 a 21 anos (M = 18) de experiência com atletas juvenis, e sempre os acompanharam em viagens nacionais e internacionais. Com base nesses dados, julgamos que esses treinadores podem ter alcançado os objetivos, i.e., a

conquista de resultados, em razão de uma comunicação de confiança entre o treinador e o atleta. O TAJ14 endossou tal julgamento ao dizer:

“Saber trabalhar com o atleta no ambiente competitivo, saber falar antes e a pós os jogos, saber a rotina de treino pré e pós-jogo, manter o bom ambiente”.

A Tabela 33 expõe as categorias de competências apontadas pelos treinadores para desempenhar a profissão.

Tabela 33

Competências para Exercer a Função de Treinador

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias																
Saber executar e corrigir	x	x	x	x	x	x	x					x	x			8
Saber lidar com o atleta								x	x	x	x			x	x	6

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.3. Planejamento do treino

Neste objeto de estudo elegemos quatro temas, que nos permitiram compreender e explorar as percepções qualitativas dos treinadores participantes.

4.2.3.1. Importância do planejamento

Neste tópico, observamos que os 14 treinadores inqueridos responderam **sim**.

Quanto às razões, notamos que dos 14 treinadores, nove relataram que o planejamento consistia em uma base de sustentação para o treino de alto rendimento dos juvenis e, cinco, em diretriz para o acompanhamento da evolução do atleta juvenil.

Relativamente à categoria **base de sustentação do treino**, compreendemos na fala dos treinadores, que o planejamento é o alicerce para a construção da carreira dos atletas juvenis.

TAJ08: *“Porque se você não sabe para onde vai, qualquer lugar serve”.*

TAJ04: *“...para favorecer o seu objetivo micro, meso ou macro. E para atingir esse objetivo você precisa pensar na periodização, no que se refere ao dia, semana, mês e às competições”.*

TAJ14: *“É o que te orienta na verdade, de onde você está e para onde você quer ir”.*

Verificamos que os 9 treinadores conquistaram etapas do G1 nacional masculino e/ou feminino na categoria de 15/16 anos.

Tendo em conta esta informação, deduzimos que tais treinadores podem ter estruturado o planeamento de treino pautado exclusivamente no princípio da especificidade da modalidade, com o intuito de alcançar o resultado de forma imediata. O TAJ11 concordou com esta dedução ao dizer:

“Porque saber o que treinar, onde treinar, quando treinar e como treinar isso faz toda a diferença”.

Quanto à categoria **diretriz de acompanhamento da evolução do atleta juvenil**, o planeamento é entendido como o procedimento de orientação, que busca o desenvolvimento pleno dos atletas juvenis. Para ratificar esta ideia, a seguir, apresentamos algumas respostas:

TAJ03: *“...ter um planeamento para favorecer o crescimento integral do atleta”.*

TAJ07: *“Porque cada atleta tem a sua meta, cada jogador tem um nível de ténis e aí tenho etapas para seguir”.*

TAJ06: *“Porque você planejando poderá acompanhar a evolução geral do atleta no treino e nas competições”.*

Verificamos que os cinco treinadores apresentaram no mínimo um atleta juvenil entre o *Top 10* no *ranking* nacional nas categorias masculino e feminino de 15/16 anos.

Levando em conta o indicativo regularidade do atleta na temporada, entendemos que tais treinadores podem ter elaborado o planeamento pautado num treinamento, que estabelece a transformação do juvenil, promovendo o desenvolvimento de sua autonomia, criticidade, compreensão do fazer e potencialidade. O TAJ10 corroborou este entendimento ao dizer: *“Porque sem o planeamento, não consigo ver um desenvolvimento geral do atleta”.*

A Tabela 34 expõe as categorias de importâncias do planeamento.

Tabela 34

Importância do Planeamento

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias																
Base de sustentação		x	x		x	x			x	x		x		x	x	9
Diretriz para evolução				x			x	x			x		x			5

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.3.2. *Influência do calendário de competição no planeamento*

Observamos que os 14 treinadores pesquisados responderam **sim**.

Relativamente à questão “*De que maneira?*”, constatamos que dos 14 treinadores, doze revelaram que o calendário de competições tinha uma influência crucial no planeamento do treino e, dois, uma influência motivadora para os atletas juvenis.

Entendemos que à categoria **ter influência crucial**, se refere ao principal parâmetro para a elaboração do planeamento de treino de atletas juvenis. Para ratificar esse entendimento, apresentamos, a seguir, as respostas de alguns treinadores:

TAJ10: “*Quando o atleta está em um nível, você tem que planejar que ele jogue o seu melhor na competição*”.

TAJ03: “*...de posse com o calendário de competição podemos elaborar melhor o planeamento*”.

TAJ01: “*...e por meio da competição, que eu organizo os ciclos de treinamento*”.

Constatamos na entrevista que os 12 treinadores já chefiaram as suas equipas de atletas juvenis em viagem nos circuitos nacionais e internacionais. Levando em conta esta informação, entendemos que se trata de uma boa oportunidade para perceber o ganho de aprendizagem do juvenil. Neste sentido, tais treinadores podem ter compreendido o calendário de competição da ITF e CBT de grande valia para elaboração do planeamento de treino. O TAJ09 confirmou este entendimento ao dizer:

“*É o Norte, não tem como treinar sem alguma competição e não tem nem como melhorar no esporte*”.

À categoria **ter influência motivadora**, pode-se entender como um estímulo externo para que os atletas juvenis possam se empenhar nos treinos. Para ratificar este entendimento, a seguir, apresentamos a resposta de um dos treinadores:

TAJ12: “*Com aproximação dos torneios os atletas dão um gás*”.

Os dois treinadores exibiram em seus currículos atletas campeões do G1 nacional masculino de 15/16 anos. Examinando esta variável, títulos meritórios na faixa etária inicial da especialização, entendemos que tais treinadores podem ter utilizado o calendário de competição para aguçar a motivação do juvenil e planejar objetivos de treinos mais específicos. O TAJ11 corroborou tal percepção ao dizer:

“*Sabendo que terá competição, o atleta treina mais as situações de jogo e até mesmo jogar no treino*”.

Para melhor compreensão, a Tabela 35 exhibe as categorias de influência do calendário de competição no planeamento do treino.

Tabela 35

Influências do Calendário no Planeamento

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias																
Crucial		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x			x	x	12
Motivadora												x	x			2

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.3.3. *Participação dos atletas juvenis no planeamento dos treinos*

Notamos que dos 14 treinadores inqueridos, sete disseram que os atletas juvenis participavam do planeamento do treino e, os outros sete, **não**.

Relativamente à justificativa, os sete treinadores da opção **sim** tiveram o entendimento de que os atletas juvenis fazem parte do processo de treinamento. Para confirmar, listamos, a seguir, as respostas de alguns treinadores:

TAJ05: “...o plano de trabalho tem que estar afinado com eles”.

TAJ06: “...é dado essa oportunidade de saber a sua opinião”.

TAJ02: “...quando querem dar uma opinião a respeito do treino, a gente senta para discutir”.

Constatamos que esses sete treinadores treinaram entre 10 a 15 juvenis (M = 12) por temporada³⁰. Levando em conta a variável, composição da equipe de treino, deduzimos que um número reduzido de atletas juvenis pode ter motivado tais treinadores a entender a participação deles como algo natural na construção do planeamento de treino, e com isso, poder articular o melhor caminho. Para corroborar tal dedução o TAJ07 relatou que:

“...planejamos o calendário de competição e aí definimos o que treinar”.

Os sete treinadores da opção **não** afirmaram que se tratava de uma incumbência do treinador. Para salientar, destacamos, a seguir, algumas respostas:

TAJ09: “Porque o treinador já sabe a necessidade do atleta juvenil”.

TAJ13: “O atleta tem que cumprir o que foi planejado, acreditar no processo e no treinador”.

³⁰ Tempo ou época em que algo ocorre; fase; período de **competições** (dicio.com.br/visto em dezembro de 2021).

TAJ01: *“Porque os atletas são de menores e aí o treinador tem essa responsabilidade”*.

Verificamos que esses sete treinadores possuíam uma experiência de trabalho de 16 a 30 anos (M = 21) com juvenis. Considerando a variável, conhecimento prático, entendemos que tais treinadores podem ter assumido a obrigação da elaboração do planeamento, em virtude da possibilidade da falta de seriedade dos atletas. O TAJ11 reforçou tal entendimento ao dizer:

“...os atletas querem ter influência no planeamento e essa atitude atrapalha, por isso não dou oportunidade de participar”.

A Tabela 36 mostra as justificativas dos treinadores, quanto a participação dos atletas.

Tabela 36

Justificativas Sobre a Participação dos Atletas no Planeamento

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Resposta SIM																
Parte integrante do treino		x				x	x	x	x		x		x			7
Resposta NÃO																
Ser atribuição do treinador	x		x	x						x		x		x	x	7

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.3.4. *Avaliação dos efeitos do planeamento*

Neste tema, observamos que dos 14 treinadores averiguados, oito avaliavam os efeitos do planeamento, quando os objetivos estabelecidos eram alcançados no treino e, seis, quando os atletas conseguiam concretizar no jogo o que foi treinado.

Quanto à categoria **alcançar os objetivos estabelecidos**, verificamos que se refere ao cumprimento do propósito do treino por parte do atleta juvenil. Esta verificação foi ratificada, a seguir, com algumas respostas:

TAJ08: *“...se os atletas estão fazendo, se estão tomando as decisões certas e se sabem o que estão fazendo”*.

TAJ09: *“Quando surte o efeito desejado no rendimento do atleta no treino”*.

TAJ02: *“...a avaliação é baseada em performance, acertos e erros no treino”*.

TAJ13: *“A cada dia ou cada semana, se o atleta chegou no ponto que eu queria no treino, eu vou dar o OK”*.

Esses oito treinadores tiveram atletas no *Top 10* no ranking nacional nas categorias de 17/18 e 15/16 anos. Partindo desta informação, que evidencia a regularidade do atleta juvenil

durante a temporada, deduzimos que tais treinadores podem ter alcançado êxito, em razão da ideologia adotada no planeamento de treino. O TAJ13 corroborou esta dedução ao dizer:

“...se o atleta chegou no ponto que eu queria, eu vou dar o ok [...], o jogo é a apresentação do que fez no treino”.

À categoria **concretizar no jogo o que foi treinado**, significa efetivar intencionalmente os objetivos do planeamento de forma satisfatória na partida oficial ou no treino. Para ratificar tal explicação, a seguir, apresentamos as respostas de alguns treinadores.

O TAJ06: *“...se o rendimento teve alguma melhora na competição, em virtude dos treinos”.*

TAJ04: *“...o próprio atleta percebe a sua evolução no jogo”.*

TAJ11: *“Quando [...] o resultado do jogo está sendo positivo”.*

Reparamos que os seis treinadores conquistaram o G1 nacional das categorias masculino e feminino de 15/16 anos. Considerando este informe, títulos na fase inicial de aperfeiçoamento, interpretamos que tais treinadores podem ter alcançado essa conquista em consequência da ideologia empregada no planeamento de treino. TAJ01 ratificou esta interpretação ao dizer:

“...se o resultado desejado foi alcançado [...] O importante é saber se houve a consolidação do padrão de jogo”.

A Tabela 37 exhibe os efeitos do planeamento do treino sobre o rendimento do atleta.

Tabela 37

Avaliação dos Efeitos do Planeamento

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias																
Alcançar os objetivos			x	x		x		x	x	x				x	x	8
Concretizar no jogo		x			x		x				x	x	x			6

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.4. *Intervenção pedagógica*

Neste objeto de estudo ressaltamos quinze temas, as quais nos permitiram compreender as percepções qualitativas dos treinadores participantes.

4.2.4.1. *Aplicação da instrução no treino*

Verificamos que os 14 treinadores pesquisados foram unânimes ao responder **sim**.

Quanto à **justificativa**, notamos que dos 14 treinadores, nove ofereceram a instrução em todas as partes do treino para reforçar os objetivos e, cinco, em determinadas partes para favorecer a qualidade do treino.

Referente à categoria **instrução em todas as partes do treino**, se trata de orientação emitida pelo treinador, antes do início de cada exercício, com o intuito de potencializar a evolução do atleta juvenil. Para confirmar este entendimento, a seguir, apresentamos algumas respostas:

TAJ01: *“O tempo inteiro para otimizar o resultado”*.

TAJ13: *“É importante em todas as partes para tentar assegurar a atenção do atleta”*.

TAJ02: *“Dou instrução em todas as partes [...] para que o atleta possa ter um desempenho melhor naquele momento”*.

Esses nove treinadores exibiram atletas entre o *Top 10* no *ranking* nacional e campeões na categoria de 15/16 anos. Analisando esta variável, acreditamos que tais treinadores podem ter utilizado essa ação pedagógica em razão do período inicial de especialização da técnica dos atletas juvenis, que ordena maior dependência de treino. TAJ05 reforçou esta hipótese ao dizer:

“Porque são adolescentes e é sempre bom deixar claro o que se deseja naquele treino”.

Já à categoria **instrução em determinadas partes do treino**, se refere as orientações emitidas pelo treinador em certos exercícios, conforme a carência do atleta juvenil. Este entendimento é corroborado, a seguir, com alguns exemplos de respostas:

TAJ03: *“Sempre que necessário [...], até porque os atletas já sabem o que fazer no exercício seguinte”*.

TAJ08: *“De acordo com a necessidade [...] é preciso dar a instrução para assegurar a atenção no treino”*.

TAJ12: *“...não em toda hora, ...o atleta precisa de tempo para assimilar a informação”*.

Esses cinco treinadores alcançaram os seus principais resultados na categoria de 17/18 anos. Levando em conta este indicativo, entendemos que tais treinadores podem ter optado por este método pedagógico em virtude do período final de aperfeiçoamento da técnica dos atletas juvenis, que presume mais autonomia no treino. TAJ14 corroborou tal percepção ao dizer:

“As instruções são dadas de acordo com a necessidade, e os atletas juvenis precisam ser independentes”.

A Tabela 38 apresenta as formas de aplicação da instrução no treino.

Tabela 38

Aplicação da Instrução no Treino

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias																
Em todas as partes		x	x		x	x	x	x			x	x		x		9
Em determinadas partes				x					x	x			x		x	5

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.4.2. *Estímulo da autoinstrução no treino*

Neste tema, constatamos que os 14 treinadores estudados foram unânimes ao dizer que estimulam a autoinstrução do atleta juvenil.

Ao serem questionado sobre o **motivo** de fomentar a autoinstrução, os treinadores foram uníssonos na resposta. *“O atleta juvenil precisa ter o discernimento do que fazer em quadra”.*

Para legitimar este entendimento, separamos alguns exemplos de respostas:

TAJ14: *“O atleta precisa na maioria das vezes ter as soluções dos problemas”.*

TAJ04: *“...o tênis é um esporte que você precisa estimular a autoinstrução o tempo todo. Ele precisa ser autossuficiente”.*

TAJ08: *“...estimular os atletas a pensarem como irão resolver os problemas”.*

Partindo da compreensão que o tênis de campo é um esporte solitário para o competidor, no que tange a não participação do treinador em quadra durante os jogos, entendemos que a estimulação da autoinstrução pode favorecer significativamente a evolução do atleta juvenil. O TAJ03 confirmou este entendimento ao dizer:

“O atleta precisa ter a noção do que está acontecendo e ter o discernimento de agir da melhor maneira possível para buscar a própria evolução”.

4.2.4.3. *Uso de sugestões ou lembretes no treino*

Neste tema, podemos observar que os 14 treinadores estudados propiciaram lembretes técnicos ou táticos para os atletas juvenis durante o treino.

Quanto a **causa da utilização de lembretes**, os 14 treinadores foram consensuais, ao revelarem que o propósito dos lembretes era reforçar o empenho do atleta juvenil no treino.

Para certificar, destacamos, a seguir, as respostas de alguns treinadores:

TAJ02: *“Para mostrar que o atleta juvenil tem capacidade de realizar um movimento ou jogada correta”*.

TAJ01: *“Para reforçar o lado emocional do atleta em questões técnicas e táticas”*.

TAJ07: *“Para fazer o atleta pensar no que poderia ter sido feito naquele momento”*.

Compreendemos que a utilização pontual de sugestões e/ou lembretes no treino como técnica pedagógica pode despertar no atleta juvenil uma melhor atenção no alcance do objetivo especificado, guiando-o para um pensamento crítico acerca da qualidade da performance e do resultado, além da percepção de seus próprios limites na ação motora.

4.2.4.4. *Uso de exercícios pautados em fases progressivas*

Na questão do treino prático, os 14 treinadores pesquisados responderam que utilizavam exercícios progressivos com os atletas juvenis.

Relativamente a **causa**, eles disseram que se tratava de um recurso técnico-pedagógico para aumentar a confiança dos atletas juvenis. Para reforçar tal concepção, destacamos, a seguir, algumas respostas:

TAJ06: *“Para o atleta se adaptar ao exercício mais puxado”*.

TAJ08: *“Mostrar que o atleta é capaz de atingir diferentes graus de exigência”*.

TAJ12: *“Para o atleta poder adquirir confiança ao ser desafiado no treino”*.

TAJ10: *“...apresentar para o atleta juvenil o que fazer e como fazer, para depois ele próprio [...] resolver o problema mais difícil”*.

TAJ05: *“O atleta juvenil precisa ter confiança e se preparar para o máximo”*.

Neste prisma, julgamos que os treinos técnico-táticos baseados em fase progressiva podem propiciar aos atletas juvenis a segurança para enfrentar as dificuldades nos jogos oficiais.

4.2.4.5. *Uso de jogos como exercícios de treino*

Nesta questão, os 14 treinadores averiguados disseram que utilizavam jogos no treino. Quanto aos **exemplos de jogos** utilizados, notamos que os 14 treinadores apresentaram os mesmos tipos, i.e., jogos adaptados e direcionados.

Para confirmar mostramos, a seguir, alguns modelos de jogos usados pelos treinadores:

TAJ01: “*Jogos que limitam o espaço da quadra para um determinado atleta*”.

TAJ14: “*A gente cria um exercício fechado para o atleta entender e depois o jogo abre a partir de uma tomada de decisão*”.

TAJ09: “*O jogo só começa depois que o atleta bate uma bola na corrida*”.

TAJ07: “*...jogar com o 2º saque, bolas cruzadas e saque-voleio*”.

TAJ13: “*Sacar e ganhar o ponto em duas bolas, saque-voleio e mudança de direção*”.

TAJ10: “*Limitar o espaço da quadra e contagem favorável e desfavorável*”.

Verificamos que os 14 treinadores foram juvenis federado³¹, à época, dois competiram no âmbito regional e, 12, nas esferas estadual e nacional, e como treinadores fizeram os cursos de capacitação da CBT, que preconizava o uso de jogos adaptados.

Considerando tais indicativos, percebemos que os treinadores podem ter utilizado estes tipos de jogos como exemplo em consequência de suas *expertises*, i.e., habilidades aprendidas como atletas e com os conhecimentos adquiridos nos cursos da CBT como treinador.

Compreendemos que a utilização de jogos adaptados e direcionados possibilita treinos próximos às situações específicas do jogo. Mas entendemos também que a oportunidade de prática do jogo estimula a autonomia do atleta juvenil nas tomadas de decisões, aprimora os comportamentos técnico-táticos e beneficia o raciocínio estratégico.

4.2.4.6. *Questionamento aos atletas juvenis*

Sobre esta temática, os 14 treinadores averiguados questionavam os atletas no treino. Relativamente à **justificativa**, observamos que dos 14 treinadores, nove responderam que o questionamento era a forma de estimular a capacidade de pensar do atleta juvenil e, cinco, o modo de alcançar um melhor rendimento e o resultado desejado.

³¹ Federado é aquele que se associou à federação de ténis do próprio Estado para jogar as competições da entidade e **ter condições de participar das competições da Confederação** (Dicio, 2020). Negrito é nosso.

Quanto à categoria **estimular a capacidade de pensar do atleta juvenil**, entendemos que se refere ao modo de incitar a inteligência técnica e tática do atleta juvenil nos treinos. Para ratificar este entendimento, destacamos alguns exemplos de respostas:

TAJ01: “...quando há questionamento, você faz o atleta pensar na jogada ou no golpe”.

TAJ04: “...para despertar o raciocínio do atleta no treino”.

TAJ10: “...fazer o atleta a pensar e não ficar esperando a resposta”.

Percebemos que esses nove treinadores apresentaram atletas juvenis entre o *Top 20* no ranking nacional de 15/16 anos e de 17/18 anos. Levando em conta esta variável, regularidade competitiva do atleta juvenil durante a temporada, acreditamos que tais treinadores podem ter conquistado esses resultados em virtude da potencialização da tomada de consciência do atleta juvenil nas situações de jogo nos treinos. O TAJ12 ratificou tal concepção ao dizer:

“*Questiono para o atleta pensar no exercício que está sendo feito e ter condições de chegar nos objetivos*”.

Com relação à categoria **alcançar o melhor rendimento e o resultado desejado**, se refere a prática de assimilação da melhor performance para obter os resultados pretendidos, em outras palavras, estimular a autocorreção. Para ratificar, apresentamos algumas respostas:

TAJ13: “...levantar questões para o atleta sair de determinada situação”.

TAJ03: “...saber o porquê do uso de uma determinada jogada, se o ideal seria outra”.

TAJ07: “Para estimular o self-coach no atleta juvenil”.

Verificamos no tema 4 do planejamento que os cinco treinadores avaliavam os efeitos do planejamento quando os objetivos eram alcançados. Considerando esta variável, deduzimos que tais treinadores podem ter utilizado esta técnica pedagógica, questionamentos aos atletas juvenis, com o intuito de favorecer o alcance dos objetivos pré-estabelecidos, i.e., melhorar o rendimento e obter o resultado ideal no treino. O TAJ14 corroborou tal dedução ao dizer:

“...questiono [...] para mostrar o que o atleta poderia fazer melhor”.

A Tabela 39 mostra as justificativas quanto aos questionamentos apresentados no treino.

Tabela 39

Justificativas do Questionamento Feito aos Atletas no treino

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias																
Estimular o pensar do atleta		x	x		x	x	x		x		x	x	x			9
Maximizar o rendimento				x				x		x				x	x	5

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.4.7. Ouvir as opiniões dos atletas juvenis no treino

Neste tema, verificamos que dos 14 treinadores pesquisados, treze ouviam as opiniões dos atletas juvenis durante o treino e, um, **não**.

Quanto a justificativa desta conduta, observamos que dos 13 treinadores da opção **sim**, dez responderam que era o meio de conhecer a percepção do atleta juvenil sobre o treino e, três, o modo de buscar a qualidade.

Relativamente à categoria **conhecer a percepção do atleta juvenil**, entendemos que se trata de um procedimento pedagógico para saber a visão do atleta sobre assuntos do treino. Este entendimento é reforçado, a seguir, nas respostas de alguns treinadores:

TAJ03: *“Porque é uma via de mão dupla, o treinador precisa saber o que o atleta está sentindo”*.

TAJ13: *“Porque precisamos saber o que o atleta está pensando e saber o ponto de vista dele”*.

TAJ02: *“Porque é algo a mais que o treinador vai descobrir do atleta, através do próprio sentimento do atleta”*.

TAJ05: *“Porque o atleta juvenil tem a sua dificuldade e necessidade”*.

TAJ10: *“Os atletas têm que falar o que estão sentindo [...] no treino, é fundamental para mim”*.

Verificamos que esses 10 treinadores trabalharam de 15 a 30 anos (M = 22) com juvenis. Considerando a variável, convivência com os atletas no desenvolvimento de sua performance e alcance de resultados, deduzimos que tais treinadores podem ter entendido a importância do atleta juvenil como corresponsável pelo próprio treinamento. Este juízo pode ser percebido na fala do TAJ11:

“Ouço para desenvolvermos junto o treino”.

À categoria **buscar a qualidade no treino**, se refere a maneira de conhecer o melhor caminho para alcançar a competência durante o treino. Para ratificar esta ideia, exibimos, a seguir, umas respostas:

TAJ12: *“Para saber o porquê de uma determinada escolha”*.

TAJ14: *“Se não houver esta dinâmica o treino não funciona, se o treino for muito impositivo a resposta do atleta será pior”*.

Observamos que os três treinadores responderam no tema 1, que davam a instrução em determinadas partes do treino, com o intuito de favorecer a autonomia dos atletas juvenis.

Considerando esta variável, entendemos que tais treinadores podem ter percebido a opinião dos atletas juvenis como uma possibilidade de melhorar a qualidade do treino. O TAJ08 confirmou este entendimento ao dizer:

“Ouço para ter noção do que está sendo treinado e do comportamento dele para aprimorar”.

O treinador que respondeu **não** justificou ao dizer: *“Porque eu falo demais. Mas eu preciso ouvir mais os atletas, já iniciei este trabalho de ouvir mais”* (TAJ09). Este caso pode ser visto como uma contradição. Mas entendemos que não por conta do reconhecimento do treinador, ao assumir a falha de interlocução com os atletas juvenis no treino. Diante deste contexto, a mudança na ação pedagógica pode representar um crescimento profissional.

Os 14 treinadores demonstraram a mesma intenção, ou seja, melhorar a competência do atleta no treino para alcançar os objetivos pretendidos. Então, as categorias não são excludentes.

A Tabela 40 mostra os argumentos para ouvir a opinião dos atletas juvenis.

Tabela 40

Razões Argumentativas para Ouvir os Atletas Durante o Treino

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias																
Sentimento do atleta		x	x	x	x	x	x	x		-	x	x		x		10
Maximizar o rendimento									x	-			x		x	3

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.4.8. *Elogiar os atletas juvenis no treino*

Sobre este comportamento pedagógico, reparamos nas respostas que dos 14 treinadores inquiridos, treze elogiavam os atletas juvenis durante o treino e, um, **não**.

Quanto à justificativa dessa conduta, verificamos que os 13 treinadores apresentaram argumentos análogos. *“O elogio serve como fonte de motivação para melhorar”.*

Para corroborar tal verificação, destacamos, a seguir, algumas respostas:

TAJ01: *“...a base é a motivação, o atleta se percebendo como capaz, renderá mais”.*

TAJ07: *“...estimula o atleta em querer melhorar”.*

TAJ08: *“Os atletas gostam de receber elogios e se sentem valorizados”.*

Compreendemos que proporcionar elogios no momento adequado, pode produzir consequências fortalecedoras no comportamento do atleta juvenil no treino.

Para reafirmar esta compreensão, o TAJ04 respondeu:

“Porque é uma forma de mostrar que está valendo o esforço apresentado”.

Já o treinador que respondeu **não** sinalizou da seguinte forma: *“Os atletas precisam ser incentivados e não elogiados”* (TAJ03). Interpretamos nesse pensamento que o treinador pode ter percebido o elogio como uma forma de afagar a conduta do atleta juvenil, afetando o seu empenho no treino e, possivelmente, na competição.

4.2.2.9. Organização dos materiais auxiliares no treino

Sobre este assunto, notamos que dos 14 treinadores pesquisados, cinco disseram que os atletas juvenis ajudavam na organização dos materiais em quadra, oito organizavam sozinhos e, um, recorria aos dois procedimentos, dependendo da finalidade do treino.

Relativamente a categoria **os atletas juvenis ajudavam na organização dos materiais**, significa a participação dos atletas na colocação dos objetos auxiliares de treino em quadra.

Os treinadores dessa opção apresentaram justificativas semelhantes, quanto a ajuda dos atletas. *“Favorecer o ganho de tempo para realização do treino”.*

Para corroborar, a seguir, apresentamos algumas respostas:

TAJ03: *“Para otimizar a montagem das estações”.*

TAJ04: *“Me ajudam para viabilizar o treino”.*

TAJ01: *“Os atletas atuam juntos para otimizar o tempo”.*

Referente à categoria **os treinadores organizavam sozinhos**, se refere ao ordenamento dos materiais auxiliares feito somente pelo treinador. A seguir, alguns exemplos de respostas:

TAJ08: *“Eu organizo para colocar os materiais no lugar certo”.*

TAJ09: *“Eu organizo sozinho os materiais para ganhar tempo”.*

TAJ13: *“Eu arrumo sozinho para não perder tempo de treino”.*

TAJ02: *“No dia a dia eu preparo sozinho, mesmo porque é uma preferência minha”.*

TAJ10: *“Eu organizo na maioria do tempo para agilizar”.*

Em relação à categoria utilização de **ambos os procedimentos**:

TAJ07 respondeu: *“utilizo os dois, depende da programação do treino daquele dia”.*

Num panorama geral, notamos que todos os treinadores, independente da categoria, apresentaram um mesmo propósito, que era otimizar o tempo.

Apesar disso, entendemos que a participação do atleta juvenil na organização dos materiais auxiliares em quadra reforça o seu comprometimento com o próprio treino. Para

corroborar tal concepção, o TAJ14 respondeu: “...somos uma equipe, todos têm que ajudar [...] aí fica melhor treinamento”.

A Tabela 41 apresenta as formas de organização dos materiais em quadra no treino.

Tabela 41

Formas de Organização dos Materiais no Treino

Categorias	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Os atletas ajudavam		x		x	x		x								x	5
Os treinadores sozinhos			x			x			x	x	x	x	x	x		8
Ambas as formas								x								1

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.4.10. Critério de organização do grupo de atletas juvenis no treino

Observamos que os 14 treinadores estudados apresentaram respostas semelhantes ao indicarem o nível técnico dos atletas como critério de organização do grupo de treino.

Para comprovar, relacionamos, a seguir, algumas das respostas apresentadas:

TAJ13: “O nível técnico é o parâmetro para constituição do grupo de treino”.

TAJ05: “Nível técnico de jogo do atleta”.

TAJ12: “...usamos o critério técnico dos atletas”.

TAJ14: “Nível técnico, respeitando os objetivos”.

TAJ10: “...sempre é o nível técnico dos atletas”.

Entendemos que o critério técnico como meio de organização do grupo de atletas juvenis no treino pode ter sido apontado de forma espontânea em razão de ser o modo mais perceptível de equilibrar as ações motoras no processo de treinamento do tênis competitivo. Entretanto, o TAJ08 respondeu que:

“...utilizava o critério técnico quando o objetivo era o treino tático e quando era o treino técnico usava outros critérios”.

4.2.4.11. *Participação dos atletas juvenis na formação do grupo de treino*

Verificamos que dos 14 treinadores averiguados, quatro disseram que os atletas juvenis participavam da organização do grupo de treino e, dez, **não**.

Quanto à justificativa da questão, observamos que dos quatro treinadores da opção **sim**, três (TAJ01, TAJ07 e TAJ10) tiveram o mesmo entendimento:

“Os atletas participavam, mas que a decisão final era do treinador”.

O quarto treinador justificou a participação dos atletas na organização do grupo de treino da seguinte forma: *“Para desenvolver a autonomia do atleta no próprio treino”* (TAJ12).

Relativamente aos treinadores da opção **não**, percebemos que as suas alegações foram pautadas na seguinte linha de entendimento: *“A organização é uma obrigação do treinador”.*

Para confirmar tal concepção, listamos, a seguir, algumas respostas:

TAJ08: *“Porque nós, treinadores, que sabemos o que queremos no treino”.*

TAJ09: *“Para não dar margem a formação de panelinha³²”.*

TAJ02: *“Cabe ao treinador, porque ele tem todo o conhecimento dos seus atletas”.*

TAJ05: *“Porque quem decide é o próprio treinador a melhor organização do grupo”.*

Verificamos que os dez treinadores treinaram em média 17 atletas juvenis por ano. Considerando a variável, número de atletas na equipe, deduzimos que tais treinadores podem ter preferido este procedimento pedagógico para evitar que os atletas fizessem a escolha de determinados colegas. Para confirmar tal hipótese, o TAJ04 justificou ao dizer:

“Eu que organizo os grupos de treino, porque eles irão escolher o grupo de preferência”.

A Tabela 42 apresenta as justificativas da participação dos atletas juvenis na formação do grupo de treino.

Tabela 42

Razões da Participação dos Atletas na Formação do Grupo de Treino

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Resposta SIM																
Decisão final do treinador	x							x			x					3
Dar autonomia ao atleta													x			1
Resposta NÃO																
Ser atribuição do treinador		x	x	x	x	x			x	x		x		x	x	10

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

³² No sentido figurado, grupo de pessoas que visam seus próprios interesses (<https://www.dicio.com.br/2021>).

4.2.4.12. Graus de dificuldade no objetivo do treino

Para obter as informações sobre este assunto, fizemos a seguinte pergunta: Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades durante o treino?

Constatamos que os 14 treinadores pesquisados responderam que utilizavam objetivos nos treinos com graus de dificuldade.

Relativamente à **justificativa**, percebemos que os treinadores apresentaram respostas semelhantes: *“Os treinos de atletas juvenis precisam ter graus de dificuldades”*.

Para melhor compreensão, destacamos, a seguir, alguns exemplos de respostas:

TAJ03: *“O grau de dificuldade vai sendo progressivo no treino para exigir mais atenção do atleta”*.

TAJ02: *“...no tênis, o jogador terá dificuldades na partida”*.

TAJ05: *“O atleta de competição precisa treinar dificuldade”*.

TAJ12: *“Se não houver dificuldades no treino, os atletas tendem a relaxarem”*.

TAJ09: *“A dificuldade no treino melhora o rendimento do atleta”*.

Entendemos que os treinos com objetivos graduais de dificuldades e praticados de forma sistemática podem propiciar uma melhor resposta do atleta juvenil e promover um adequado entendimento do jogo. Para corroborar tal afirmação, o TAJ14 falou que:

“Os objetivos no treino têm que ser desafiadores para que os atletas tenham um melhor domínio das ações”.

4.2.4.13. Procedimentos de quantificação das repetições

Verificamos que os 14 treinadores estudados quantificavam as repetições para assegurar os objetivos do treino. Quanto à maneira de realização do procedimento, percebemos que dos 14 treinadores, oito disseram que contavam em voz alta as repetições e, seis, que orientavam os próprios atletas juvenis a contarem.

Referente à categoria **os próprios treinadores faziam a contagem**, entendemos que era uma responsabilidade do próprio treinador. Para ratificar, apresentamos algumas respostas:

TAJ03: *“Eu conto o número de bolas certas, até os atletas atingirem o objetivo”*.

TAJ04: *“...no treino do dia-a-dia, eu verbalizo a quantidade [...] também, determino o tempo para realização de um exercício”*.

TAJ09: “*Por meio de séries, eu faço a contagem das bolas ou dos golpes certos*”.

TAJ12: “*Eu defino uma quantidade de sequência possível, e realizo a contagem*”.

Constatamos que a maioria dos treinadores (TAJ03, TAJ05, TAJ09, TAJ12, TAJ13 e TAJ14) apontaram a CBT como a melhor condição de acesso à formação de treinador e, dois, (TAJ01 e TAJ04) o curso de Educação Física (Tema 3 – Fontes de informações).

Levando em conta estes dados, compreendemos que os seis treinadores da opção CBT podem ter adotado essa técnica em razão do modelo técnico-pedagógico preconizado, à época, nos cursos práticos da CBT, que utilizava a contagem das bolas certas, feita pelos palestrantes, como uma forma de assegurar o objetivo. E os dois da opção cursos de EF

No que se refere à categoria **os próprios atletas faziam a contagem**, trata-se de uma responsabilidade do próprio atleta. Este entendimento é ratificado nas seguintes respostas:

TAJ10: “*Nos treinos táticos quantificamos por meio de uma contagem feita pelos próprios atletas*”.

TAJ07: “*Eu defino o número de bolas certas e os atletas se encarregam em contar*”.

TAJ02: “*Eu peço para que os atletas façam a contagem das repetições*”.

Verificamos que os seis treinadores apresentaram de 10 a 15 (M = 11) atletas juvenis em sua equipe. Tendo em conta esta variável, quantidade de juvenis, interpretamos que tais treinadores podem ter utilizado esse procedimento para reter a atenção dos atletas juvenis no treino. Este entendimento ficou notório nas palavras deste treinador: “*Eu peço para os atletas contarem os números de bolas com base em objetivos (ex. consistência, direção, profundidade ou efeitos), com o intuito de mantê-los concentrados*” (TAJ02).

A Tabela 43 apresenta os procedimentos de quantificação das repetições no treino.

Tabela 43

Procedimentos de Quantificação das Repetições

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias																
Os treinadores contavam	x		x	x	x					x			x	x	x	8
Os atletas contavam		x					x	x	x		x	x				6

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.4.14. Estratégias utilizadas quando não se alcança o objetivo

Neste tema, verificamos que dos 14 treinadores averiguados, oito faziam a regressão do objetivo e, 5, conversavam com o atleta para incentivá-lo e, um, ambos os procedimentos.

Relativamente à categoria **regressão do objetivo**, refere-se a uma técnica pedagógico, que permite a redução da meta pretendida para uma atingível. Corroborando este entendimento, a seguir, exibimos as respostas de alguns treinadores:

TAJ02: *“Eu procuro diminuir as repetições para ver se o atleta vai atingir um objetivo mais próximo do pré-estabelecido”*.

TAJ06: *“Eu faço a regressão, diminuindo a quantidade de bolas até chegarmos no objetivo anteriormente pretendido”*.

TAJ04: *“Mudamos o objetivo e adapto para um mais alcançável”*.

TAJ08: *“...trabalhamos uma quantidade menor de bolas e verifico se existe a possibilidade de executar uma progressão gradativa”*.

Notamos que os oito treinadores no tema 6 da intervenção pedagógica, justificaram que o questionamento era uma forma de estimular a capacidade de pensar dos atletas juvenis durante o treino. Levando em conta esta informação, deduzimos que tais treinadores podem ter usado a técnica de regressão com o intuito de reforçar a convicção dos atletas juvenis em suas ações e atingir a posteriori o propósito final. Para confirmar esta percepção, o TAJ11 respondeu que:

“Fazia a regressão para os atletas atingirem a confiança e gradativamente alcançar o objetivo inicial do treino”.

Concernente à categoria **conversar com o atleta para incentivá-lo**, trata-se de um procedimento pedagógico para saber a percepção do atleta juvenil sobre o não alcance da meta estabelecida e em face deste dialogo reacender o entusiasmo. Para corroborar tal pensamento, a seguir, expomos algumas respostas:

TAJ01: *“Eu faço um diagnóstico do que fez o atleta não alcançar o objetivo e apresento para ele”*.

TAJ03: *“Eu chamo o atleta para conversar e oriento para que volte com mais coragem para treinar de forma satisfatória”*.

TAJ07: *“Eu paro o treino e vou conversar com o atleta para dar força para ele”*.

Observamos que a maioria dos treinadores (TAJ01, TAJ03, TAJ05 e TAJ07) justificou no tema 7 da intervenção pedagógica, que ouvia as opiniões dos atletas juvenis como meio de conhecer as suas percepções sobre o treino prático. Levando em conta esta variável, entendemos

que tais treinadores podem ter utilizado o diálogo com o intuito de recompor o estado emocional do atleta e aconselhá-lo a desempenhar o objetivo mais próximo do desejado. O TAJ05 ratificou este entendimento ao dizer que:

“...o treinador tem que ser um amigo e poder ajudar o atleta a fazer o seu melhor no treino”.

Quanto ao treinador que utilizou ambos os procedimentos, ele revelou que: “...dependia de como estava o comportamento do atleta para se valer da melhor estratégia” (TAJ13).

A Tabela 44 revela os procedimentos adotados pelos treinadores quando o atleta não alcança o objetivo no treino.

Tabela 44

Estratégias Utilizadas Quando não se Alcança o Objetivo

Categories	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Regressão do objetivo		x		x		x		x	x	x	x	x				8
Conversar com o atleta	x		x		x		x								x	5
Ambos os procedimentos														x		1

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.2.4.15. Avaliação do objetivo no treino

Para obter as informações neste tema, fizemos a seguinte pergunta para os treinadores: Como você avalia se o objetivo foi alcançado pelo atleta individualmente?

Após análise, constatamos que dos 14 treinadores examinados, nove responderam que era no momento em que o objetivo foi concretizado e, cinco, quando o atleta juvenil ficava satisfeito com a sua participação no treino.

Relativamente à categoria **objetivo concretizado**, entendemos que se refere ao objeto do treino efetivamente realizado. Para corroborar tal entendimento, exibimos, a seguir, algumas respostas:

TAJ01: “Quando se alcança o que foi pré-determinado”.

TAJ03: “Assim que atinge de forma satisfatória o que foi proposto no treino”.

TAJ09: “Quando percebo que o resultado foi alcançado com êxito”.

Verificamos que a grande maioria dos treinadores (TAJ01, TAJ05, TAJ07, TAJ09, TAJ10, TAJ11, TAJ12 e TAJ13) no tema 2 da adequação dos conhecimentos utilizou os vídeos de treino para proporcionar *feedback* técnico aos atletas juvenis. Considerando tal variável,

entendemos que a utilização da tecnologia (vídeo) no treino pode favorecer a qualidade do empenhamento técnico-tático do atleta juvenil e, por consequência, concretizar o objetivo pretendido no treino. O TAJ13 corroborou esta ideia ao dizer que:

“No momento em que o atleta apresenta a postura adequada [...], ele alcança o objetivo do treino”.

Quanto à categoria **atleta satisfeito com o treino**, se refere ao contentamento do juvenil quanto ao cumprimento dos objetivos pré-estabelecidos para o treino. Para ratificar esta ideia, revelamos, a seguir, as respostas de alguns treinadores:

TAJ02: “...ao terminar o treino, o atleta se apresenta emocionalmente satisfeito”.

TAJ04: “Quando percebo que o treino foi satisfatório [...] para o atleta”.

TAJ06: “Se os atletas conseguem realizar o treino e ficam felizes e se sentindo bem”.

Notamos que grande parte dos treinadores (TAJ02, TAJ04, TAJ06 e TAJ08) no tema 14 da intervenção pedagógica realizou a regressão dos objetivos em seus treinos. Levando em conta esta técnica pedagógica, interpretamos que tais treinadores podem ter propiciado aos atletas juvenis a oportunidade de recuperarem a confiança para gerar a satisfação e cumprirem o que é esperado deles. Para ratificar tal entendimento, o TAJ08 respondeu que:

“...os atletas se sentem satisfeitos no momento em que estão dando o seu melhor durante o treino”.

A Tabela 45 mostra os tipos de avaliações apresentados pelos treinadores.

Tabela 45

Avaliações do Objetivo no Treino

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Categorias																
Objetivo concretizado		x		x		x		x		x	x	x	x	x		9
Atletas satisfeitos			x		x		x		x						x	5

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.3. SÍNTESE DOS PRINCIPAIS RESULTADOS DO PENSAMENTO DO TREINADOR

A partir da entrevista com os treinadores, apresentamos uma síntese dos principais resultados que foram discutidos relativos ao pensamento deles, no que diz respeito aos objetos de investigação direcionadores: fontes de informações, adequação dos conhecimentos, planejamento do treino e intervenção pedagógica.

4.3.1. Fontes de informações

(i) Formação acadêmica

Com relação a este tema, nove treinadores relataram que a formação acadêmica em EF teve uma **influência decisiva** no seu trabalho, i.e., motivo determinante para a qualidade do treino, destinado à preparação desportiva dos atletas juvenis.

Para dois treinadores, uma **influência relativa**, ou seja, uma interferência ocasional, já que as suas atribuições como treinador eram desenvolvidas naturalmente no cotidiano.

Os outros três treinadores, embora não tenham concluído o Ensino Superior em EF, disseram que as informações acadêmico-científicas eram de grande valia para o crescimento do atleta juvenil no alto rendimento.

Partindo destas informações, interpretamos que a formação acadêmica em EF influencia a qualificação do treino para o desenvolvimento do atleta juvenil, além de possibilitar maior reconhecimento social para a profissão de treinador.

(ii) Mecanismos de acesso à formação de treinador

Neste tópico, nove treinadores disseram que o melhor mecanismo de acesso para a sua formação seria o curso de agente da **CBT**³³, pelo fato de ser a principal instituição do esporte.

Para três treinadores, são as **universidades de EF**, em razão da qualidade das informações assimiladas, i.e., o Ensino Superior como base do desenvolvimento profissional.

E os outros três treinadores indicaram as **instituições ligadas ao desporto em cooperação**, em virtude do pouco tempo para se buscar os conhecimentos específicos da função de treinador de tênis.

Consideramos que todos os mecanismos possuem os seus valores e relevância no acesso à formação do treinador. Mas entendemos que é uma responsabilidade do próprio a busca pela a qualificação para exercer com maestria a sua função, ou seja, aperfeiçoar-se continuamente.

³³ CBT – Confederação Brasileira de Tênis

Os resultados obtidos de um grupo de treinadores *experts* em juvenis comprovaram a importância da formação, no que tange à aquisição do conhecimento em Nível Superior, e aos mecanismos de acesso na qualificação do processo de ensino-aprendizagem-treinamento.

Estes dados estão na mesma direção do que tem sido exposto nas literaturas recentes (Milistetd et al., 2015; Resende et al., 2017; Rodrigues et al., 2016), de que os conhecimentos formais oferecem benefícios para a qualificação e mais reconhecimento social do treinador.

Feu-Molina et al. (2012) aplicaram um questionário para 333 treinadores de handebol, 289 homens e 44 mulheres, com o objetivo de saber a origem do conhecimento que eles utilizavam em sua prática profissional. Os autores constataram que os conhecimentos do Ensino Superior eram mais utilizados do que as experiências e conhecimentos adquiridos como atleta.

Entretanto, no caso do tênis brasileiro, o Superior Tribunal de Justiça (STJ) entendeu que não seria mais necessário possuir a formação acadêmica para ser treinador e muito menos estar inscrito nos conselhos de Educação Física. Uma interpretação contrária à Lei nº 9.696/98 (Brasil, 1998), que dispõe que o exercício da profissão de treinador de tênis é prerrogativa exclusiva dos profissionais com diploma em EF e registrados nos Conselhos Regionais.

Apesar de os treinadores reconhecerem a formação acadêmica como imprescindível a sua função profissional, estudos (Mesquita, 2016; Menezes et al., 2017; Musa et al., 2017) mostraram que o Ensino Superior em EF não supria a necessidade do treinador, e que a sua aprendizagem profissional ocorria de forma individual e por distintos contextos.

Nelson, Cushion e Potrac (2006) revelaram a prevalência do contexto informal na formação do treinador, tornando-se a base do conhecimento (Stoszkowski & Collins, 2016).

Neste cenário, os meios de acesso à formação de treinador de tênis assumem o papel de destaque para fomentar os saberes profissionais e especializado (Guillen et al., 2018). Mas entendemos também que a formação formal e a continuada possuem grande valor.

4.3.2. Adequação dos conhecimentos

(i) Conhecimentos para exercer a função de treinador

Neste tema, seis treinadores apontaram que o domínio dos **saberes técnicos e táticos** seria condição necessária para que exerçam a profissão, em razão de tais competências estarem presentes na orientação dos atletas juvenis.

Cinco treinadores indicaram os **saberes acadêmicos**, uma vez que as informações adquiridas no Ensino Superior são o alicerce do seu trabalho como treinador.

E, os outros três, citaram os **saberes teóricos e práticos**, em razão da convergência entre a teoria e a prática facilitar o processo de ensino-aprendizagem-treinamento de atletas juvenis.

Julgamos que estes domínios são de grande valia para os treinadores desportivos, uma vez que, integrados, possibilitam uma melhor qualidade nas intervenções pedagógicas durante o treino, proporcionando a capacidade de exercer a função com maestria.

(ii) Competências para desempenhar a função de treinador

Com relação a este assunto, oito treinadores relataram que **saber executar os golpes e corrigi-los** são capacidades fundamentais para ser um treinador de tênis e, para seis, **saber resolver situações difíceis com o atleta juvenil** nos treinos e nas viagens.

Consideramos que ambas as concepções são de grande relevância, e que agregadas a habilidade pedagógica do treinador favorece a condução prática do treino com mais qualidade.

Os resultados obtidos nestes temas, por meio da fala de um grupo de treinadores *experts*, revelaram a importância do conhecimento abrangente e de uma competência pedagógica útil e de relação para o favorecimento da carreira dos atletas juvenis.

Estes resultados vão de encontro ao que tem sido encontrado nas literaturas da área (Reyes et al., 2019; Santos & Mesquita, 2010), ou seja, de que os conhecimentos científico e pedagógico agregados à competência do treinador beneficiam de forma considerável a qualidade do treino, num respeito às características individuais do atleta.

Resende et al. (2017) revelaram que a expertise do treinador está no domínio dos conhecimentos gerais e específicos da modalidade e na eficácia pedagógica, possibilitando o crescimento da qualidade do treino e o ganho de aprendizagem (Carreiro da Costa, 1995).

Corroborando tal entendimento, Hashweh (2005) relatou que não adianta ter uma boa bagagem de conhecimentos científicos e pedagógicos, é necessário, também, uma variedade de recursos pedagógicos, que possa capacitar o treinador para o enfrentamento das diferentes situações com as quais se depara no dia a dia de treino.

Entendemos que o domínio de uma série de conhecimentos e de competências se torna imprescindível à função profissional do treinador, a qual favorece a qualidade das intervenções pedagógicas e possibilita o desenvolvimento do atleta juvenil e o alcance dos objetivos.

4.3.3. Planejamento do treino

(i) Importância do planejamento

Neste conteúdo, nove treinadores mencionaram a importância do planejamento como **base de sustentação** de treino para o desenvolvimento dos atletas juvenis e, para cinco, como **diretriz para o acompanhamento da evolução** do atleta juvenil, constituindo-se um processo de transformação desportiva.

Interpretamos que o planejamento adequado ao progresso desportivo do atleta favorece consideravelmente a qualidade do processo de ensino-aprendizagem-treinamento de juvenis.

(ii) Avaliação dos efeitos do planejamento

Neste tópico, oito treinadores revelaram que os efeitos do planejamento ocorrem quando os **objetivos estabelecidos são alcançados** satisfatoriamente no treino.

Para os outros seis, quando os atletas juvenis conseguem **concretizar no jogo** oficial e/ou não oficial os **objetivos** determinados durante o treinamento.

Entendemos que a avaliação do planejamento de treino precisa ocorrer constantemente, numa intencionalidade de repensar o que foi exercitado, fazer os ajustes e pensar os próximos treinos para favorecer o alcance dos propósitos pretendidos.

Os resultados mostraram a relevância do planejamento para a carreira do atleta juvenil, ao revelar que se tratava de um sistema de organização utilizado como suporte de treino e guia de evolução do atleta juvenil, com o intuito de obter os objetivos pretendidos.

Estes dados confirmam o que é visto nas literaturas (Raposo, 2017), ou seja, de que o planejamento determina a orientação a ser seguida para a obtenção do resultado.

Para Crespo (2011), o planejamento no tênis competitivo deve se basear nos **objetivos** táticos, a partir da análise do estilo de jogo do atleta, i.e., tem que estar fundamentado na tática do jogo para que o atleta possa atingir o desempenho desejado nas competições.

Estudo de Brasil et al. (2016), com cinco formadores experientes de surf, concluiu que o planejamento representava a fase de preparação da ação do treinador, no qual preponderavam os pensamentos de idealização e organização das intervenções pedagógicas no treino.

O planejamento deve considerar o jogo como objeto de treino para atingir os propósitos previamente estabelecidos numa época desportiva (Resende et al., 2017).

Entendemos que o planejamento é ajustável, e por esta razão, engloba a elaboração e a execução de exercícios de treino direcionados para o jogo, e que bem estruturado qualifica e atribui valores ao processo de ensino-aprendizagem-treinamento de atletas juvenis.

4.3.4. Intervenção pedagógica

(i) Questionamento aos atletas juvenis no treino

Relativamente à justificativa do questionamento, nove treinadores responderam que era uma forma de **estimular a capacidade de pensar** do atleta juvenil, i.e., uma maneira de incitar a inteligência técnica e tática, e potencializar a tomada de consciência.

E, para cinco, o modo de **alcançar o melhor rendimento e o resultado**, ou seja, assimilação da performance para obter os resultados pretendidos, é estimular a autocorreção.

Julgamos que ambas as categorias na essência tinham o mesmo propósito, que foi o fomento da compreensão do atleta para favorecer o alcance dos objetivos determinados.

Os questionamentos nas intervenções pedagógicas no treino promovem a resolução de problemas surgidos no jogo, potencializa a tomada de decisão e favorece o processo de reflexão dos atletas (Cope, Partington, Cushion & Harvey, 2016; Rosa, Borges & Fraga, 2020).

Entendemos que os questionamentos adequados e/ou direcionados para o estímulo da autoinstrução possibilitam o desenvolvimento do atleta juvenil.

(ii) Avaliação do objetivo no treino

Neste tema, a partir das respostas dadas na entrevista, nove treinadores disseram que avaliavam satisfatoriamente o treino quando o **objetivo era concretizado**, i.e., no momento em que o propósito era efetivamente realizado no treino.

E os outros cinco explicaram que, se **o atleta juvenil se mostrava satisfeito com a sua participação no treino**, i.e., quando a realização do treino gerava contentamento no jogador. A avaliação era positiva.

As duas tendências de avaliação estabeleceram o mesmo preceito, ou seja, cumprir os objetivos desejados no treino. No entanto, apresentavam implicações distintas: a primeira, referia-se à realização do treino concretamente, conforme a programação feita; e, a segunda, relacionava-se à opinião do atleta juvenil.

O resultado corrobora o que tem sido encontrado na literatura (Leonardi et al., 2017; Luckesi, 2009), i.e., de que a avaliação está ligada às finalidades estabelecidas no programa de treino e que contribui para a reflexão do atleta sobre a construção de seu conhecimento.

Entendemos que a avaliação do objetivo, envolvendo a participação do atleta juvenil favorece significativamente o processo de ensino-aprendizagem-treinamento, pelo fato de propiciar os conhecimentos efetivos da capacidade do atleta, identificar os pontos de aperfeiçoamento e correção, e de reelaborar a ação pedagógica do treinador.

4.4. SÍNTESE DO COMPORTAMENTO PEDAGÓGICO DO TREINADOR

No decorrer das sessões práticas de treino, registramos na observação em diferido, a totalidade de **1928 intervenções** realizadas pelos treinadores participantes (n = 14).

Apoiado no grau de confiabilidade das análises Intra-observador, Inter-observadores e Intra/Inter-observadores, constatamos que, do total, **267 intervenções** foram **instruções**.

Para a frequência da instrução, no que diz respeito às suas funções, verificamos durante as sessões prática a prevalência da **finalidade** do exercício de treino (51,69%), seguido da apresentação do **objeto** do exercício (32,96%).

A orientação da **técnica de execução** do exercício (12,73) exibiu o valor relativamente baixo, enquanto o **resultado** do exercício (2,62) foi a categoria menos desenvolvida nos treinos. Este resultado apresentou diferenças significativas ($p \leq 0,050$).

Para melhor compreensão, a Tabela 46 mostra as instruções dos treinadores.

Tabela 46

Funções das Instruções Emitidas pelos Treinadores

Categorias	Frequência	Valores relativos (%)
Finalidade do exercício	138	51,69
Objeto do exercício	88	32,96
Técnica de execução do exercício	34	12,73
Resultado do exercício	7	2,62
Total	267	100

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

Levando em conta estes dados, deduzimos que tais treinadores, por ter atribuído ênfase à finalidade do exercício nas instruções, podem ter considerado esta função bastante suficiente para conduzir o progresso do atleta juvenil.

Este resultado não coaduna com o entendimento de Catunda e Marques (2017), i.e., de que é basilar que os professores/treinadores criem o hábito de instruir de forma simples o que os alunos/atletas devem fazer nas atividades ou exercícios de treino, para onde devem ir, ou seja, o que se objetiva alcançar e como realizar os exercícios.

Entendemos que durante a instrução, para produzir o efeito esperado nos exercícios de treino no tênis competitivo juvenil, é vital que o treinador especifique as suas funções para favorecer o processo de ensino-aprendizagem-treinamento dos atletas juvenis.

Relativamente aos objetivos do *feedback* pedagógico (FP), verificamos nos treinos a prevalência das intervenções de carácter **prescritivo** (63%), seguida das intervenções de cunho **descritivo de erro** e **interrogativo** (10%). As intervenções de aspecto **avaliativo negativo** (8%) e **positivo** (6%) apresentaram valores relativos aproximados.

Destacamos que o FP de carácter **descritivo de correção** foi a categoria menos utilizada (3%) no decorrer dos treinos. Este resultado exibiu diferenças significativas ($p \leq 0,047$).

A Tabela 47 mostra os objetivos dos *feedbacks* pedagógicos emitidos pelos treinadores.

Tabela 47

Objetivos dos Feedbacks Pedagógicos

Categorias	Frequência	Valores relativos (%)
Avaliativo positivo	79	6
Avaliativo negativo	95	8
Descritivo de correção	39	3
Descritivo de erro	134	10
Interrogativo	129	10
Prescritivo	814	63
Total	1290	100

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

Considerando estes dados, notamos que os treinadores utilizaram mais o FP prescritivo, ou seja, foi estabelecido durante o treino o que os atletas juvenis deveriam fazer, causando uma possível dependência de desempenho técnico e tático.

Este resultado compartilha o mesmo achado do estudo de Monteiro (2018), i.e., de que nas aulas de natação os *feedbacks* pedagógicos prescritivos eram os mais transmitidos pelos três professores peritos em iniciação.

Carreiro da Costa (1995), na linha de investigação processo-produto, constatou que o efeito do *feedback* sobre a aprendizagem está na dependência do estado da proficiência do praticante e da sua capacidade de processar a informação.

Com base nesta constatação, interpretamos que quanto mais fundamentado os objetivos do FP, maior a chance de obter o ganho de aprendizagem do atleta juvenil.

Rosa, Borges e Fraga (2020) revelaram que os atletas precisam ser provocados a refletir sobre o que estão fazendo durante os exercícios de treino.

Entendemos que a aplicação do FP interrogativo estimula o pensamento do atleta juvenil para a solução de problemas ocorridos no contexto do jogo, i.e., promove a autocorreção de erros ou acertos involuntários que tenham acontecido nas situações de jogo.

Com relação aos critérios do *feedback* pedagógico, constatamos nas sessões de treinos o predomínio significativo pela exigência da **performance** dos atletas juvenis (76%), enquanto a cobrança pelo **resultado** obteve valor irrelevante (15%), e, por fim, com valores baixos (9%) as intervenções pedagógicas **sem critério** específico.

Para melhor entendimento, a Tabela 48 expõe os critérios preconizados nos *feedbacks* pedagógicos dos treinadores.

Tabela 48

Critérios dos Feedbacks Pedagógicos

Categorias	Frequência	Valores relativos (%)
Performance	985	76
Resultado	192	15
Sem critério	113	9
Total	1290	100

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

Este resultado mostrou que grande parte das intervenções pedagógicas dos treinadores participantes teve como base de cobrança o **critério da performance**, ou seja, exigiu-se dos atletas juvenis o rendimento ideal nos exercícios de treino.

Este resultado vai ao encontro dos dados de Monteiro (2018), que identificou no processo de ensino-aprendizagem da natação de seis professores a prevalência do critério de performance, mostrando o valor relativo de 78,6% de 2133 intervenções, resultando em valores similares do nosso estudo.

Aleixo e Vieira (2012) analisaram o impacto do *feedback* pedagógico no ensino da ginástica artística para crianças e jovens. E concluíram que 56,4% dos *feedbacks* pedagógicos eram direcionados para o critério de performance.

Entretanto, Pereira et al. (2010) mostraram distinções de *feedbacks* pedagógicos (FP) nos treinos de voleibol juvenil, pois, ao fornecer o FP técnico, os treinadores se baseavam no critério de performance, e quando era o FP tático, eles se amparavam no critério do resultado.

Interpretamos que o critério de performance consiste no parâmetro mais simples de observar a melhora técnica dos golpes, ou seja, o aperfeiçoamento da plasticidade do gesto motor dos atletas juvenis., e pode ser percebida por qualquer pessoa que acompanha o tênis. Contudo, o uso exclusivo deste critério não assegura o êxito nas competições.

Entendemos que o critério de performance precisa ser trabalhado em função do critério do resultado, para favorecer o desenvolvimento da carreira dos atletas juvenis.

4.5. COMPARAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO E O COMPORTAMENTO DO TREINADOR

Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos na comparação entre o pensamento e o comportamento dos treinadores participantes do estudo (n = 14).

Para tal, alicerçamos a investigação pautada em 16 questões, todas selecionadas por um grupo de três treinadores de tênis especialistas em treinamento de juvenis, com o intuito de verificar a existência de congruência ou divergência entre o discurso e a intervenção dos treinadores participantes durante as sessões de treino de atletas juvenis.

Dentro de um quadro geral, pode-se verificar a totalidade de 224 considerações³⁴, e, destas, constatamos que 168 observações apresentaram congruência e, 56, divergência.

A taxa de conversão da divergência (25%) foi 66,67% menor que a taxa de conversão da congruência (75%), indicando a significância estatística de confiabilidade do resultado.

Partindo deste dado, entendemos que os treinadores, em boa parte do treino, adequaram os seus comportamentos pedagógicos aos seus pensamentos.

Para melhor entendimento, a Tabela 49 exhibe as observações realizadas a respeito da comparação entre o pensamento e o comportamento dos treinadores.

Tabela 49

Comparação entre o Pensamento e o Comportamento

Categorias	Frequência	Valores relativos (%)
Congruência	168	75
Divergência	56	25
Total	224	100

Fonte: Dados **obtidos** na própria pesquisa.

³⁴ Resultado da multiplicação entre o número de treinadores e as questões pré-selecionadas para análise.

4.6. SÍNTESE DOS PRINCIPAIS RESULTADOS DA COMPARAÇÃO

Nesta seção, exibimos a síntese dos principais resultados desta comparação, mostrando se os dados confirmam ou refutam a hipótese do estudo e, por fim, discutimos e interpretamos os resultados a partir dos seguintes temas:

4.6.1. Estímulo à autoinstrução

Com base no protocolo de entrevista, constatamos que todos os treinadores responderam que promoviam a autoinstrução para os atletas juvenis.

Na observação em diferido, vimos que 13 treinadores apresentaram **divergência** entre o discurso e as intervenções práticas na sessão de treino e, um treinador, mostrou **congruência**.

Relativamente à **divergência**, que se refere à ausência do fomento da autoinstrução, interpretamos que isso pode ter ocorrido em razão da falta de *know-how* do treinador.

Entendemos a autoinstrução como uma técnica pedagógica de treino que incita o atleta juvenil a pensar nas possibilidades de resultados e ações na oportunidade seguinte, usualmente ligada aos objetivos: controlar a ansiedade, resolver um problema ocorrido numa das situações de jogo e mudar o estado de humor.

Quanto à **congruência**, que especifica o estímulo à autoinstrução, percebemos na fala do treinador o uso de questionamentos que fomentaram o pensamento do atleta juvenil nas soluções de problemas surgidos durante o treino.

Verificamos que o treinador de tênis precisa estimular os atletas juvenis à coparticipação da própria aprendizagem, fomentando o espírito crítico e a liberdade de interpretação do erro, até chegar no *flow-feeling*³⁵, i.e., num estado de consciência ótimo, sem pensamentos negativos ou emoções que prejudique o seu desempenho no jogo. A Tabela 50 apresenta de forma específica as observações sobre a autoinstrução.

Tabela 50

Observações – Autoinstrução no Treino

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Observadas																
Congruência															x	1
Divergência		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x		13

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

³⁵ Estado psicológico ótimo de consciência do atleta (Miranda Júnior et al. 2012).

O resultado mostrou que 93% dos treinadores apresentaram incoerência nesta questão, ou seja, não foi observado o estímulo da autoinstrução durante o treino.

Estes resultados não coadunam com as informações que têm sido observadas nas literaturas (Ellis, 1988; Sparks et al., 2004), i.e., de que o treino da autoinstrução no esporte é imprescindível para a regulação cognitiva e comportamental do atleta, visto que as verbalizações internas ou pensamentos orientam a execução futura de um determinado movimento motor (golpe) em relação à tática utilizada; em outras palavras, essa técnica pedagógica auxilia o atleta a analisar os problemas e escolher a solução mais adequada para a realização do exercício de treino de forma eficaz (Fernández & Deaño, 2004).

A autoinstrução é uma estratégia pedagógica voltada para o aprimoramento da atenção, a qual favorece a redução da impulsividade, o controle da ansiedade ou da raiva e a capacidade organizacional para resolução do problema (Monteiro, 2014).

Zetou, Nikolaos e Evaggelos (2014) relataram que a autoinstrução ou o diálogo interno instrucional do atleta auxilia a correção de erros na execução das habilidades motoras, aumenta os mecanismos cognitivos e as habilidades psicológicas como: autoconfiança, foco de atenção, automaticidade, emoção, controle cognitivo e esforço, sendo uma estratégia contínua nos treinos e nas competições.

Ramalho, García-Señorán e González (2011) evidenciaram a importância do treino em autoinstrução como estratégia de regulação cognitiva e comportamental, ao demonstrar que os sujeitos que utilizaram a técnica da autorregulação conseguiram obter melhores resultados atencionais do que os sujeitos que não a realizaram.

Compartilhamos o mesmo entendimento de Zetou et al. (2017) no que diz respeito a melhorar a habilidade de ensino no treino desportivo, de que é responsabilidade do treinador fomentar a autoinstrução aos atletas (*self coach*).

No caso do tênis de campo, julgamos ser imprescindível promover a autoinstrução aos atletas juvenis no treino, em razão da modalidade apresentar algumas peculiaridades, i.e., não permitir instruções à beira da quadra nas competições e ter, constantemente, tomada de decisão, consciência tática e resolução de problemas surgidos durante o jogo, em outras palavras, o atleta precisa ter consciência e controle absoluto das ações.

4.6.2. Exercícios em fases progressivas

Neste tópico, todos os treinadores responderam na entrevista que utilizavam exercícios progressivos com os atletas juvenis no treino.

Na observação em diferido, notamos que dois treinadores exibiram **congruência** entre o seu discurso e as suas ações práticas no treino e, 12 treinadores, apresentaram **divergência**.

Quanto à **congruência**, que se refere à aplicação de exercícios em fases progressivas, percebemos que os dois treinadores orientaram exercícios de controle de bola (regularidade) no treino, tendo como característica o aumento gradual de acertos de bolas em quadra.

Em relação à **divergência**, que se trata da falta de exercícios graduais de repetições de golpes e/ou acertos de bolas em quadra, notamos que 86% dos treinadores não conduziram exercícios de treino baseados neste princípio.

Este resultado da divergência não correspondeu ao que tem sido exposto na literatura (Cañadas et al., 2013), i.e., de que os exercícios de treinos baseados em fases progressivas do simples para o complexo propiciam um aumento significativo da qualidade do processo de ensino-aprendizagem-treinamento, ou seja, ao desafiar os atletas juvenis a realizarem o máximo de fases de exercícios de treino possíveis, favorece o crescimento da confiança.

Num estudo descritivo, Mendes, Dallegrave e Vieira do Nascimento (2018) observaram de forma direta as etapas preparatórias das seleções brasileiras das categorias juvenil e júnior de handebol feminino e evidenciaram que, ao longo dessas etapas, pode-se observar o aumento progressivo dos exercícios de treinos técnicos e táticos nas situações de jogo.

Interpretamos que o fomento de exercícios sistemáticos de treinos baseados em fases progressivas, i.e., desenvolvimento gradual da prática desportiva, propicia a autoconfiança e o ganho de aprendizagem dos atletas juvenis, além de oferecer condições para que o treinador inove a própria intervenção. A Tabela 51 mostra as observações sobre os exercícios pautados em progressividade.

Tabela 51

Exercícios Pautados em Fases Progressivas

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Observadas																
Congruência		x			x											2
Divergência			x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	12

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.6.3. Participação dos atletas juvenis

Na entrevista, 11 treinadores disseram que **não** permitiam a participação dos atletas juvenis na organização do grupo de treino e, três, **sim**.

Na observação em diferido, constatamos que 12 treinadores mostraram **congruência** entre o discurso e a ação pedagógica e, dois treinadores, exibiram **divergência**.

Quanto à **congruência**, vimos que 11 treinadores foram contrários à participação do atleta juvenil na organização do grupo de treino e, um, a favor.

Com relação à **divergência**, embora os dois treinadores tenham dito que eram a favor, não foi observada esta ação pedagógica durante a sessão prática de treino.

O resultado demonstrou que todos os treinadores assumiram a responsabilidade pela condução do treino de forma unilateral, baseando-se na concepção pedagógica tradicional, e que não contavam com a participação dos atletas juvenis na organização do próprio treino.

Este resultado difere sensivelmente do que tem sido preconizado nas literaturas recentes (Resende et al., 2017; Leornardi et al., 2017), i.e., de que o envolvimento corresponsável e participativo do atleta juvenil no seu próprio treino possibilita o desenvolvimento dos aspectos técnico-tático, favorecendo o processo de ensino-aprendizagem-treinamento.

Entendemos que o processo de ensino-aprendizagem-treinamento do tênis competitivo estabelece o domínio de uma série de conhecimentos interligados (fundamentos técnicos dos golpes, possibilidades táticas nas cinco situações de jogo, diferentes efeitos, jogo de pernas, combinações de golpes de preparação e definição, estilo de jogo, leitura do jogo do oponente, tomada de decisão no treino e na competição etc.), e que, bem estruturada, pode propiciar o sucesso do atleta juvenil na sua carreira.

Constatamos ser de grande valor a participação do atleta juvenil na organização do seu próprio desenvolvimento, em razão de possibilitar um maior comprometimento no alcance dos objetivos preestabelecidos no treino. A Tabela 52 exhibe as observações sobre a participação do atleta no treino.

Tabela 52

Participação dos Atletas na Organização do Grupo de Treino

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Observadas																
Congruência			x	x	x	x	x		x	x	x	x	x	x	x	12
Divergência		x						x								2

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.6.4. *Objetivo a ser alcançado no treino*

Neste tema, todos os treinadores disseram na entrevista que estabeleciam para os atletas juvenis o objetivo que se pretendia alcançar nos exercícios de treino.

No entanto, na observação em diferido, vimos que apenas dois treinadores apresentaram **congruência** entre a sua fala e a sua intervenção pedagógica na sessão prática de treino e, 12 treinadores, exibiram **divergência**.

O resultado da divergência mostrou que 86% dos treinadores **não** determinaram para os atletas juvenis qual o objetivo que se desejava atingir nos exercícios de treino.

Este resultado se assemelhou aos dados encontrados no estudo de Ginciene et al. (2019), que analisou em 11 aulas de tênis a prática pedagógica de professores experientes. O estudo concluiu que durante as observações não foi percebida qualquer indicação ou explicação do professor sobre o **objetivo** específico da aula, i.e., como treinar uma intenção tática ou melhorar o aspecto técnico de algum golpe.

Esta conduta adotada pelos treinadores pode ter ocorrido, pelo fato de tais profissionais terem como crença que a cobrança no desempenho técnico-tático nos treinos afeta o emocional dos atletas juvenis, diminuindo a confiança na tomada de decisão.

A fala do TAJ10 aponta nesse sentido: *“Se o treinador comunica o que se espera num treino, os atletas juvenis ficam mentalmente derrubados”*.

Outro motivo pode ter sido a utilização de uma prática pedagógica de treino influenciada por uma experiência prévia como atleta ou pelo estilo de seu mentor³⁶(Brasil, et al., 2016).

O treinador de tênis precisa ter conhecimentos sobre uma abordagem de ensino baseada na função tática do jogo, para assim ter condições de estabelecer para os atletas os objetivos que se almejam atingir nos exercícios de treino, estimulando um maior comprometimento e a melhora constante, além de assegurar um treino mais eficaz. A Tabela 53 exhibe as observações sobre a conduta pedagógica do treinador.

Tabela 53

Definição dos Objetivos a Serem Alcançados no Treino

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Observadas																
Congruência		x			x											2
Divergência			x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	12

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

³⁶ Treinador experiente que aconselha o treinador novato no início da carreira).

4.6.5. Os objetivos com grau de dificuldades

Neste conteúdo, todos os treinadores disseram na entrevista que os objetivos precisariam apresentar algum grau de dificuldades no treino.

Na observação em diferido, notamos que 13 treinadores exibiram **congruência** entre o seu discurso e as suas intervenções pedagógicas e, um treinador, apresentou **divergência**, i.e., não foi observada na sessão de treino a aplicação deste procedimento metodológico.

O grau de dificuldade, se refere aos objetivos técnicos e/ou táticos concomitantes com uma exigência de esforço na execução do exercício de treino, ou seja, estabelece a aplicação de estímulos mais fortes, respeitando o Princípio da Sobrecarga (Tubino, 1984) referenciado nas variáveis: Volume (quantidade) e Intensidade (qualidade).

O resultado está na mesma linha de procedimento pedagógico que a literatura recente preconiza (Menezes et al. 2016), i.e., de que os atletas desportivos precisam ser submetidos à resolução de situações-problema com diferentes graus de dificuldade.

No entanto, os mesmos autores revelaram que as decisões devem ser tomadas com base na percepção e no processamento das informações do jogo.

Bourdon et al. (2017) indicaram que o controle da distribuição do volume e intensidade se apresenta como fator determinante no monitoramento da carga de exercícios de treino, e controle de eventuais situações de sobre ou sub carga.

Compreendemos que a aplicação de treinos com graus de dificuldade precisa respeitar as características e necessidades do atleta juvenil, seguir os Princípios do treinamento esportivo, além dos limites éticos de treino. A Tabela 54 mostra as observações sobre a aplicação de treinos com grau de dificuldade.

Tabela 54

Aplicação de Treinos com Graus de Dificuldade

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Observadas																
Congruência		x	x		x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	13
Divergência				x												1

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

4.6.6. *Quantificação das repetições*

Neste tema, todos os treinadores responderam na entrevista que quantificavam a carga de repetições para assegurar os objetivos do exercício de treino.

Na observação em diferido, constatamos que dez treinadores apresentaram **congruência** entre o discurso e a sua intervenção pedagógica e, quatro treinadores, mostraram **divergência**, além de, durante o treino, não ter sido observado o uso do procedimento de quantificação.

A quantificação se refere ao registro da quantidade de bolas certas e/ou de repetições de golpes num determinado exercício de treino, i.e., anotar os dados da carga externa de trabalho, a fim de controlar o volume e a intensidade, e poder acompanhar o progresso do atleta.

Este resultado compartilha a ideia dos estudos de Simoni et al. (2019) e Catanho (2019) o qual apontaram que a manipulação das variáveis volume e intensidade no treino otimizam os efeitos adaptativos morfofuncionais e a capacidade física do atleta.

O monitoramento da carga de exercício de treino é imprescindível para compreender os efeitos agudos, verificar a exequibilidade do planeamento preestabelecido, diminuir o excesso, prevenir a sobrecarga e minimizar o risco de lesão (Halson, 2014). Contudo, a aplicação da carga de treino precisa possuir mais intensidade para estar mais próxima da característica do contexto competitivo (Lundgreen et al., 2014).

O desenvolvimento dos sistemas de quantificação da carga externa de trabalho precisa ser adequado à especificidade da modalidade desportiva (Moreira & Peixoto, 2017).

Entendemos ser de grande valia a quantificação da carga de exercício de treino para o aprimoramento das condições: física, técnica, tática e psicológica do atleta juvenil. No entanto, as sessões de treino, as quais os treinadores apresentaram alguma forma de contagem, não foi observado o procedimento de anotação dos exercícios realizados.

Partindo do entendimento que o treinador depende do resultado, julgamos ser essencial o acompanhamento concreto da carga de exercício para aperfeiçoar a avaliação do treino. A Tabela 55 apresenta as observações, sobre a quantificação das repetições no treino.

Tabela 55

Quantificação das Repetições

	TAJ	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	Total
Observadas																
Congruência		x			x	x		x		x	x	x	x	x	x	10
Divergência			x	x			x		x							4

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

CAPÍTULO V

5. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

5. PRINCIPAIS CONCLUSÕES DO ESTUDO

5.1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo são apresentadas as principais conclusões deste estudo que permitiram ressaltar a intervenção pedagógica do treinador de tênis *expert* em treino de atletas juvenis, a partir da síntese dos principais resultados do pensamento, do comportamento pedagógico e da comparação entre tais variáveis, visando que tais informações promovam reflexões críticas para um desempenho profissional mais especializado.

A seguir, anunciamos as principais conclusões dos objetos de investigação:

Considerando a limitação do presente estudo e da amostra, pertencente a uma região do município do Rio de Janeiro, os resultados apresentados alertam para a necessidade de ações de formação de treinador de tênis mais capacitados e que possa atender a demanda latente deste profissional responsável pela carreira de atletas juvenis.

Relativamente aos conhecimentos específicos acerca do processo pedagógico do treinamento os treinadores, especialista em atletas juvenis, valorizam mais a formação adquirida nos cursos da CBT do que a formação acadêmica.

De uma forma geral, as intervenções pedagógicas dos treinadores, no treinamento de seus atletas juvenis, estão associadas aos seus pensamentos.

O comportamento do treinador de tênis *expert* no treinamento de atleta juvenil consistiu na cobrança do rendimento ideal nos exercícios de treino.

As divergências entre pensamento e ação incidiram sobretudo no estímulo à autoinstrução, na informação sobre objetivo dos exercícios e na condução de exercícios de treino baseados em fases progressivas.

6. RECOMENDAÇÕES

No decorrer do desenvolvimento deste estudo, suscitamos algumas recomendações de carácter metodológico que podem de certa forma auxiliar futuras investigações.

O presente estudo teve como uma de suas limitações a representatividade da amostra, que sob a ótica de uma abordagem quantitativa, se apresentou numericamente baixa.

Assim, recomendamos que os próximos estudos utilizem um número maior de treinadores *expert* em treinamento de atletas juvenis como sujeitos.

Outra limitação reportou-se ao treino técnico-tático observado, por meio da gravação de áudio e vídeo, que se baseou em uma “única” sessão de treino (Unidade) de cada treinador participante. Então, sugerimos que investigações nesta linha, realizem pelo menos a observação de três sessões de treino sobre o comportamento pedagógico do treinador de tênis.

A subsequente limitação estendeu-se ao estudo com treinadores *expert* em treinamento de atletas juvenis das categorias de 15 a 16 anos e 17 a 18 anos na fase de especialização técnica.

Propomos que esta linha de investigação seja estendida à observação do comportamento pedagógico dos treinadores de tênis que trabalham com as categorias mais abaixo, ou seja, nas faixas etárias de 11 a 12 anos e 13 a 14 anos.

Enfim, recomendamos a utilização do mesmo modelo de investigação para outras modalidades desportivas, e estudos que integrem os objetos: comportamento do treinador, comportamento do atleta juvenil e o seu rendimento que, com certeza produzirão outros resultados que podem ser aprofundados no conhecimento do que se passa no treinamento de atletas juvenis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allan, V., Vierimaa, M., Gainforth, H. L., & Côté, J. (2017). The use of behavior changes theories and techniques in research-informed coach development program: a systematic review. *International Review of Sport and Exercise Psychology*, 11(1), 47- 69.
- Aleksic-Veljkovic, A., Djurovic, D., Dimic, I., Mujanovic, R., & Zivcic-Markovic, K. (2016). College athletes' perceptions of coaching behaviours: differences between individual and team sports. *Baltic Journal of Sport & Health Sciences*, 2(101), 61-65.
- Aleixo, I. M. S., & Vieira, M. M. (2012). Feedback na instrução da ginástica artística. *Revista Motricidade*, 8(2), 849-859.
- Alves-Mazzotti, A. J., & Gewandsznajder. (2004). *O Método nas ciências naturais e sociais pesquisa quantitativa e qualitativa* (2ª ed.). São Paulo. Pioneira Thompson Learning.
- Amorose, A. J. (2007). Eficácia do coaching: explorando a relação entre o comportamento do coaching e a motivação autodeterminada. Em Hagger & Chatzisarantis, *Motivação intrínseca e autodeterminação no exercício e no esporte* (pp. 209–227, 347–351). Cinética Humana.
- Arena, S. S. (2016). *Crescimento e desenvolvimento com qualidade de vida* (2ª ed.). São Paulo: Phorte.
- Bailer, C., Tomitch, L. M. B., & D'Ely, R. C. S. (2011) Planejamento como processo dinâmico: a importância do estudo piloto para uma pesquisa experimental em linguística aplicada. *Revista Intercâmbio*, 24, 129-146.
- Batista, E. C., Matos, L. A. L., & Nascimento, A. B. (2017). A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativo. *Revista Científica Interdisciplinar Aplicada*, Blumenau, 11(3), 23-38.
- Beneli, L. M., & Sousa, M. (2017). Planejamento estratégico na preparação esportiva de jovens atletas nos esportes coletivos. *Corpoconsciência*, Cuiabá-MT, 21(1), 48-57.
- Bento, J. O. (2006). *Pedagogia do desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Boni, V., & Quaresma, S. J. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Revista em Tese*, revista editada por discentes do PPGSP da UFSC, Brasil, 2(1), 68-80.
- Borges, C. N. F., & Tonini, G. T. (2012). O incentivo ao esporte de alto rendimento como política pública: influências recíprocas entre cidade e esporte. *Revista Brasileira de Ciência do Esporte*, Florianópolis, 34(2), 281-296.
- Bourdon, P. C., Cardinale, M., Murray, A., Gastin, P., Kellmann, M., Varley, M. C., & Cable, N. T. (2017). Monitoring athlete training loads: Consensus statement. *International Journal of Sports Physiology and Performance*, 12(2), 161-170.
- Blumenstein, B., & Orbach, I. (2016). Coach profissional: a ligação entre ciência e mídia. *Revisão de Ciências do Esporte*, 25(1-2), 73-84.
- Brandão, M. N. F., Cortela, C. C., Aburachid, L. M. C., Balbinotti, C. A. A., & Coelho e Silva, M. J. (2015). A trajetória de tenistas infanto-juvenis: idade de iniciação, treinamento técnico, cargas, lesões e suporte parental. *Revista de Educação Física/UEM*, 2(1), 31-42.
- Brandão, M., & Carchan, D. (2010). Comportamento preferido de liderança e sua influência no desempenho dos atletas. *Motricidade*, 6(1), 53-69.
- Brasil. Lei 9.696 de 01 de setembro de 1998. *Dispõe sobre a regulamentação da profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física*. Brasília: ME. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9696.htm. Acesso em 12 de março de 2021.

- Brasil, V. Z., Ramos, V., & Nascimento, J. V. (2015). Proposta conceituais a respeito do conhecimento profissional do treinador desportivo. *Revista Educação Física / UEM*, 26(3), 483-493.
- Brasil, V. Z., Ramos, V., Barros, T. E. S., Godtsfriedt, J., & Nascimento, J. V. (2015). A trajetória de vida do treinador desportivo: As situações de aprendizagem em contexto informal. *Movimento*, Porto Alegre, 21(3), 815-829.
- Brasil, V. Z., Ramos, R., Souza, J. R., Barros, T. E. S., & Nascimento, J.V. (2016). As ações pedagógicas para a intervenção do treinador de surf. *Movimento*, Porto Alegre, 22(2), 403-416.
- Caetano, R., Mendes, F., & Sarmento, H. (2015). Influência do estilo tarefa na aquisição motora e retenção de habilidades em voleibol. *Journal of Sport Pedagogy and Research*, 1(8), 94-101.
- Cañadas, M., Ibáñez, S., García, J., Parejo, I., & Feu, S. (2013). Las situaciones de juego en el entrenamiento de baloncesto en categorías base. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte*, 13(45), 41-54.
- Carreiro da Costa, F. A. A. *O sucesso pedagógico em Educação Física: estudo das condições e factores de ensino-aprendizagem associados ao êxito numa unidade de ensino*. Universidade Técnica de Lisboa. Instituto Superior de Educação Física. 1988. Tese de Doutoramento.
- Carreiro da Costa, F. (1995). *O sucesso pedagógico em educação física. Estudo das condições e factores de ensino aprendizagem associado ao êxito numa unidade de ensino*. Lisboa: Edições FMH.
- Carreiro da Costa, F. (1996). *Prefácio*. In C. Januário. *Do pensamento do professor à sala de aula*. (pp 1-6). Coimbra: Livraria Almedina.
- Carreiro da Costa, F. (2004) *Tendencias de la enseñanza de la Educación Física*. In: Congreso Mundial FIEP Educación Física Deporte Recreación. Anais. Monterrey, 1, 245- 252.
- Catanho, F. (2019). O papel da intensidade e do volume na prescrição do exercício e os impactos na prescrição nutricional. *Revista Brasileira de Nutrição Funcional*, 44(79), 36-45.
- Catunda, R., & Marques, A. (2017). *Educação física escolar: Referenciais para o ensino de qualidade*. Belo Horizonte: Casa da Educação Física.
- Cavalcante, R. B., Calixto, P., & Pinheiro, M.M.K. (2014). Análise de conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. *Informação & Sociedade*. João Pessoa, 24(1), 13-18.
- Churchill, G. (1998). *Marketing research: methodological foundations*. (2ª ed.). The Dryden Press.
- Clark, C & Peterson, P. (1986). *Teachers' thought processes*. In, M. Wittrock, Handbook of research on teaching. (3ª ed.). New York: Macmillan, 255-296.
- Cohen, D. K., Raudenbush, S. W., & Ball, D. L. (2003). Resources, instruction, and research. *Educational Evaluation and Policy Analysis*, 25(2), 119-42.
- Cope, E., Partington, M., Cushion, C. J., & Harvey, S. (2016). Uma investigação da prática de questionamento de treinadores profissionais de futebol juvenil de alto nível, *Pesquisa Qualitativa em Esporte, Exercício e Saúde*, 8(4), 380-393.
- Coté, J. & Gilbert, W. (2009). An Integrative definition of coaching effectiveness and expertise. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 4(3), 307-323.
- Council of Europe - Jagland, T. (2016, September 17). *Sport conventions: Retrieved from Council of Europe: Consultado em março de 2018 do site: <http://www.coe.int>*
- Costa, A. R., & Kunz, E. (2012). Render e produzir no esporte: rendimento obrigatório ou rendimento necessário? *Revista Kinesis*, 30(2), 45-54.
- Crespo, M. (2011). Tactical periodization in tennis: An introduction. *ITF Coaching and Sport Science Review*; 53(19), 16-18.

- Cushion, C., & Lyle, J. (2016). *Conceptualizing sport-coaching: Some key questions and issues*. Springer Fachmedien Wiesbaden.
- Cushion, C., Harvey, S., Muir, B., & Nelson, L. (2012). Developing the coach analysis and intervention system: Establishing validity and reliability of a computerized systematic observation instrument. *Journal of Sports Sciences*, 30(2), 203-218.
- Dicio (2020). *Dicionário online de portuguesa*. Disponível para consulta apenas em formato digital. www.dicio.com.br
- Duarte, D., Garganta, J., & Fonseca, A. (2014). Importance of efficacy in achieving coaches' success in football. A perspective from elite athletes and coaches. *International Journal of Sports Science*, 4(1), 14-20.
- Dresch, A., Lacerda, D. P., & Júnior, J. A. V. A. (2015). *Design science research: método de pesquisa para avanço da ciência e tecnologia*. Porto Alegre: Bookman.
- Ellis, A. (1988). Desarrollando los ABC de la terapia racional emotiva. In M. Mahoney & A. Freeman (Eds.), *Cognición y Psicoterapia*. Barcelona, España: Paidós.
- Elkjaer, B. (2013). *Pragmatismo: uma teoria da aprendizagem para o futuro*. In: Illeris, K. Teorias contemporâneas da aprendizagem. (pp. 91-107). Porto Alegre.
- Fernández, M., & Deaño, M. (2004). Déficit de atención con hiperactividad (TDAH), procesos PASS y eficacia de un programa de intervención cognitiva. *Educación, Desarrollo y Diversidad*, 7(3), 51-92.
- Feu-Molina, S., Ibáñez-Godoy, S., Lorenzo-Calvo, A., Jiménez-Saiz, S., & Cañadas-Alonso, M. (2012). El conocimiento profesional adquirido por el entrenador de balonmano: experiencias y formación. *Revista de Psicología del Deporte*, 21(1), 107-115.
- Fleiss, J. L. (1981). *Statistical methods for rates and proportion* (2ª ed.). Wiley, New York.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J., & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Caderno de Saúde Pública*, 24(1) Rio de Janeiro.
- Freitas, M., & Schelini, P. W. (2018). Escala de identificação de dotação e talento: Construção de instrumento e validade de conteúdo. *Interação em psicologia*, 22(2), 114-122.
- Galvão, L. G., & Resende, R. (2020). Modelo virtual para planeamento e controlo do processo de treino. *Journal of Sport Pedagogy and Research*, 6(3), 96-103.
- Gilbert, W., & Côté, J. (2013). *Defining coaching effectiveness: a focus on coaches' knowledge*. In: W. Gilbert, editor. *Handbook of sports coaching*. London: Routledge; p. 147-159.
- Gil, A. C. (2004). *Como elaborar projeto de pesquisa* (4ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Ginciene, G., Lang, A. M. R., Galati, L. R., González, F. J., & Darido, S. C. (2019). Ensino do tênis e a prática pedagógica dos professores. *Revista Pensar a Prática*. Goiânia, 22, 1-12.
- Gomes, A. R. (2015). *Liderança e treino desportivo: Implicações para a formação do treinador de alto rendimento*. In R. Resende, A. Albuquerque, & A.R. Gomes (Eds.), *Formação e saberes em desporto, Educação Física e lazer* (pp. 211-241). Lisboa: Visão e Contextos.
- Gomes, L., Martins, J., & Carreiro da Costa, F. (2017). *Técnicas de ensino para a Educação Física de qualidade*. In Ricardo Catunda e Adilson Marques, organizadores. *Educação Física escolar: referenciais para o ensino de qualidade* (pp. 87-108) - Belo Horizonte: Casa da Educação Física.
- Gonçalo, C., & José, R. (2020). *Processo de pensamento dos treinadores de elite no futebol: fatores de treino e forma desportiva*. In J. Serrano, J. Petrica, M. Kerkoski & B. Pereira, editores. *Atividade física, lazer e saúde: perspectivas e desafios de investigação* (pp 183-197). Portugal. Instituto Politécnico de Castelo Branco.

- Gonçalves, C. E., Coelho e Silva, M. J., Cruz, J., & Figueiredo, A. (2010). Efeito da experiência do treinador sobre o ambiente motivacional e pedagógico no treino de jovens. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, 24(1), 15-26.
- González, F. J., & Bracht, V. (2012). *Metodologia do ensino dos esportes coletivos*. Vitória: UFES; Núcleo de educação aberta e a distância.
- Gray, D.E. (2012). *Métodos de pesquisa: pesquisa no mundo real*. (2ª ed.). São Paulo: Pensa.
- Graça, A. (2006). A instrução como processo. XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos países de língua portuguesa. *Revista Brasileira Educação Física e Esporte*, São Paulo, 20, 169-70.
- Greenwood, D., David, K., & Renshaw, I. (2012). How elite coaches' experiential knowledge might enhance empirical research. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 7(2), 411-422.
- Guillen, P., Copello, J., Gutierrez, C., & Guerra, S. (2018). Methodology for improving the teaching learning process of technical-tactical elements in combat sports. *RETOS. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte Y Recreación*, 34, 33-39.
- Halson, S. L. (2014). Monitoring training load to understand fatigue in athletes. *Sports Medicine*, 44(S2), 139-147.
- Hagen, M. (2012). Managerial coaching: A review of the literature. *Performance Improvement Quarterly*, 24(4), 17-39.
- Hashweh, M. Z. (2005). Teacher pedagogical constructions: A reconfiguration of pedagogical content knowledge. *Teaching and teacher education*, 11, 189-206.
- ITF, *International Tennis Federation*. (Setembro de 2017). Disponível para consulta: itftennis.com
- Januário, C., Anacleto, F., & Henrique, J. (2009). Investigação educacional: O paradigma o pensamento do treinador. *Revista digital, efdeportes.com* – Bueno Aires, 14(133).
- Jowett S. (2009). Validating coach-athlete relationship measures with the nomological network. *Meas Physical Education Exercise Science*, 13(1), 34-51.
- Kerr, L. R. F. S., & Kendall, C. (2013). A pesquisa qualitativa em saúde. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 14(6), 1061-1063.
- Koh, K. T., Kawabata, M., & Mallett, C. J. (2014). The coaching behavior scale for sport: Factor structure examination for Singaporean youth athletes. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 9(6), 1311-1324.
- Lacy, A. C., & Darst, P. W. (1984). Evolution of a systematic observation system: The ASU coaching observation instrument. *Journal of Teaching in Physical Education*. 3(3), 59-66.
- Landis, J. R., & Koch, G. G. (1977). The measurement of observer agreement for categorical data. *International Biometric Society*, 33(1), 159-174.
- Leão, L. M. (2016). *Metodologia do estudo e pesquisa: facilitando a vida dos estudantes, professores e pesquisadores*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Leonardi, T. J., Galatti, L. R., Scaglia, A. J., De Marco, A., & Paes, R. R. (2017). Pedagogia do esporte: Sinalização para a avaliação formativa da aprendizagem. *Pensar a Prática*, 20(1), 216-229.
- Lyle, J., & Cushion, C. (2010). *Narrowing the field: some key questions for sports coaching. Sports coaching professionalization and practice* (pp. 243-252). London, Elsevier.
- Luckesi, C. C. (2009). *Avaliação da aprendizagem escolar*. (20ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Lundgreen, L., Newton, R., Tran, T., Dunn, M., Nimphius, S., & Sheppard, J. (2014). Analysis of maneuvers and scoring in competitive surfing. *International Journal of Sports Science & Coaching*, 9(4), 663-669.

- Maciel, L. H. R., Lopes, A. C. R., Alencar, N. E., Andrade, C. P., & Maciel, D. C. R. (2017). Modelo de excelência de treinadores expert brasileiros de ginástica aeróbica. *Revista. FSA*, Teresina, 14(3), 175-192.
- Mackey, A., & Gass, S. (2005). *Common data collection measures. Second language research: methodology and design*. Chapter 3 (pp. 43-99). Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers. New Jersey, London.
- Magalhães, T. C. (2018). *O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de uma treinadora de ténis em início de carreira*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Desporto. Universidade do Porto.
- Marcon, M. F., & Saadd, M. A. (2013). Estilo de tomada de decisão dos treinadores de equipas de futsal e futebol nas categorias de base. *Revista brasileira de futsal e futebol*, Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício. São Paulo, 5(17), 205-212.
- Marconi, M. A., & Lakatos, E. M. (2014). *Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos*. (7ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Martins, R., & Tourinho, I. (2014). *Pedagogias Culturais*. Santa Maria: Editora da UFSM, pp. 11-14.
- Medeiros, R. K. S., Ferreira Junuio, M. A., Rêgo Pinto, D. P. S., Fortes Vitor, A. Santos, V. E. P., & Barichello. (2015). Modelo de validação de conteúdo de Pasquali nas pesquisas em Enfermagem. *Revista de Enfermagem Referência*, IV (4), 127-135.
- Meirinhos, M., & Osório A. (2010). The case study as research strategy in education. *EduSer: Revista de educação*, 2(2), 49-65.
- Mendes, J. C., Dallegrave, E. J., & Vieira do Nascimento, J. (2018). Estruturação do processo de treino técnico-tático das seleções brasileiras de handebol feminino. *Revista de Ciências del Deporte*, 14 (2), 71-78.
- Menezes, R., Modolo, F., Dos Santos, W. R., & Musuna, V. (2017). Influência das instituições normativas do handebol para a aprendizagem dos treinadores: ponto de vista de treinadores do estado de São Paulo. *Revista de Ciências del Deporte*, 13(3), 183-190.
- Menezes, R. P., Reis, H. H. B., & Morato, M. P. (2016). O handebol, seu cenário imprevisível e os métodos de ensino-aprendizagem-treinamento. e-balonmano.com: *Revista de Ciências del Deporte*, 12(3), 165-176.
- Mesquita, I. (2015). Pedagogia e treino desportivo: implicações para a formação do treinador. In R. Resende, A. Alberquerque & A. R. Gomes. *Formação e saberes em desporto, Educação Física e lazer* (p. 71). Visão Contextos; Lisboa.
- Mesquita, I. (2016). *Investigação na formação de treinadores: Identidade profissional e aprendizagem*. (1ª ed.). Universidade do Porto: Porto.
- Mesquita, I., Isidro, S., & Rosado, A. (2010). Portuguese coaches' perceptions of and preferences for knowledge sources related to their professional background. *Journal of Sports Science and Medicine*, 9, 480-489.
- Mesquita, I., Ribeiro, J., Santos, S., & Morgam, K. (2014). Coach Learning and Coach Education: Portuguese Expert Coaches' Perspective. *Sport Psychologist*, 28(2), 124-136.
- Michelis (2015). Michaelis Moderno: *Dicionário brasileiro da língua portuguesa. Disponível para consulta apenas em formato digital*. Melhoramentos Ltda. www.michaelis.uol.com.br
- Milistetd, M., Mesquita, I., Nascimento, J. V., & Sousa Sobrinho, A. E. P. (2010). Concepções de treinadores "experts" brasileiros sobre o processo de formação desportiva do jogador de voleibol. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. São Paulo, 24(1), 79-93.
- Milistetd, M., Duarte, T., Ramos, V., Mesquita, I., & Nascimento, J.V. (2015). A aprendizagem

- profissional de treinadores esportivos: Desafios da formação iniciais universitária em Educação Física. *Pensar a Prática*, Goiânia, 18(4), 982-994.
- Milistetd, M., Galatti, L. R., Collet, C., Tozetto, A. V. B., & Nascimento, J.V. (2017). Formação de treinadores esportivos: Orientações para a organização das práticas pedagógicas na formação de treinadores. *Journal of Physical Education* [online], Acessado em 19 fevereiro 2022.
- Ministério do esporte. Acessado em 18 de setembro de 2019. www.planalto.gov.br/ccivil Ministério da Educação.
- Miranda Júnior, M. V., Russo, A. F., Coimbra, D. R., & Miranda, R. (2012). Análise do *flow-feeling* no tênis. *Revista de Educação Física /UEM*, 23(4), 607-615.
- Monteiro B. C. (2014) TDAH: Proposta de tratamento clínico para crianças e adolescentes através da terapia cognitivo-comportamental. *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano*. 2(1), 101-108.
- Monteiro, G. N. (2018). *A organização da prática e o feedback pedagógico no ensino da natação*. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Educação Física, Cuiabá.
- Moraes, L. C. C. A., Medeiros Filho, E. S., Lôbo, I. L. B., & Silveira, D. R. (2010). Escala do comportamento do treinador - versão treinador (ECT-T) e versão atleta (ECT-A): o que o treinador diz é confirmado pelos seus atletas? *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, 24(1), 37-47.
- Moreira, M., & Peixoto, C. (2017). O planeamento em função do contexto competitivo e das tarefas de treino no Surf. *Mediações – Revista Online da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal*, 5(2), 86-96.
- Musa, V., Modolo, F., Barreira, C., Tsuji, G., & Menezes, R. (2017). Representações dos treinadores sobre o papel das instituições reguladoras do handebol para uma sua formação. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 298- 306.
- Nash, C., Martindale, R. J. J., Collins, D., & Martindale, M. (2012). Parametrização da expertise em coaching: Passado, presente e futuro. *Journal of Sports Sciences* 30(10), 985-94.
- Nelson, L. J., Cuschion, C. J., & Potrac, P. (2006). Formal, nonformal and informal coach learning: A holistic conceptualization. *International Journal of sports Science & coaching*, 1(3), 247-254.
- Nogueira, Q. W. C. (2014). Esporte educacional: entre rendimento e participação. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. São Paulo, 13(1), 12-26.
- Nunes, W. J. (2004). *Análise de duas metodologias de ensino diferenciadas na aprendizagem de uma técnica desportiva; Estudo de variáveis mediacionais cognitivas, afectivas e motoras associadas aos alunos*. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana. Tese de doutoramento.
- Nunes, W. J., Pacheco, W., & Dantas, E. H. M. (2021). *Comparison of the lawn tennis teaching process to 6- and 8-year-old children between Brazilian and Spanish teachers*. Chapter 6. *The Science of Human Motricity*. Nova Science Publishers.
- Oliveira, A. F. S.; Taffarel, C. N., & Belem, C. (2014). Infraestrutura esportiva: desenvolvimento de metodologias. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 36 (2) 617- 635.
- Patino, C. M., & Ferreira, J. C. (2018). Critérios de inclusão e exclusão em estudos de pesquisa: definições e por que eles importam. *Jornal Brasileiro de Pneumologia*. São Paulo, 44(2), 84-84.
- Pereira M. F., Mesquita R. I., Graça S. A., & Moreno A. M. P. (2010). Análisis multidimensional del feedback pedagógico en entrenamiento en voleibol. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*, 10(38), 181-202.
- Pinheiro, V. (2013). *O comportamento do treinador em competição na promoção do fair play. Um estudo nos escalões de Futebol de Formação*. Instituto Nacional de Educação Física da

Universidade de Lleida. Tese de doutoramento.

- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: *métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. (2ª ed.). Novo Hamburgo: Feevale.
- Quina, J., Carreiro da Costa, F. A. A., & Diniz, J. A. (1995). *Análise da informação evocada pelos alunos em aulas de educação física. Um estudo sobre o "Feedback" pedagógico*. 9-27.
- Ramalho, J., García-Señorán, M. M., & González, S. G. (2011). Auto-instruções: Estratégia de regulação atencional da THDA. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(1), 180-185.
- Ramos, V., Graça, A. B. S., Nascimento, J. V., & Silva, R. (2011). A aprendizagem profissional - As representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. *Motriz*. Rio Claro, 17(2), 280-291.
- Raposo, V. R. (2017). *Planeamento do treino desportivo: fundamentos, organização e operacionalização*. Lisboa: Visão e Contextos.
- Reis, C. P., Moraes, L. C. C. A., Ferreira, M. C. C., Noce, F., & Costa, V. T. (2014). Recursos humanos, financeiros e materiais de atletas de basquetebol nas categorias de base e a percepção dos treinadores sobre a formação dos atletas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*. 28(3), 491-503.
- Renshaw, I., Araújo, D., Botão, C., Chow, J. Y., Davids, K., & Moy, B. (2016). Por que a abordagem baseada em restrições não está ensinando jogos para compreensão: um esclarecimento. *Educação Física e Pedagogia do Esporte*, 21(5), 459-480.
- Reyes, Y., Quián, Y., Santana, G., & García, J. (2019) Programa de capacitación no formal para la preparación de entrenadores de fútbol de la liga de tercera división en Danlí, Honduras. *Revista de Ciencia Y Tecnología en La Cultura Física*, 14(1), 71-80.
- Resende, R., & Gilbert, W. (2015). *Desporto juvenil: Formação e habilidades do treinador*. No livro: Formação e saberes em esporte, Educação Física e lazer (pp.17-38) Capítulo 1. Editora: Visão & Contextos Editores: Rui Resende; Alberto Albuquerque; A. Rui Gomes.
- Resende, R., & Gomes, A. R. (2015). *Treino de jovens desportistas para uma evolução positiva através do desporto*. In S.F. Molina & M.C. Alonso (Eds.), *Innovaciones y aportaciones a la formación de entrenadores para el deporte en la edad escolar (175-194)*. Cáceres: Universidade de Extremadura & Editora da Unicamp.
- Resende, R., Sá, P., Barbosa, A., & Gomes, A. R. (2017). Exercício profissional do treinador desportivo: Do conhecimento a uma competência eficaz. *Journal of Sport Pedagogy and Research*, 3(1), 42-58.
- Rodrigues, H. A., Paes, R. R., & Souza Neto, S. (2016). A socialização profissional do treinador esportivo como um processo formativo de aquisição de saberes. *Movimento*, Porto Alegre, 22(2), 509-521.
- Rosa, J. C. D., Borges, R. M., & Fraga, A. B. (2020). O ensino dos esportes em espaços não escolares: Uma análise das tarefas e intervenções propostas por treinadores. *Com Censo*, 7(2), 35-44.
- Rudio, F. V. (2007). *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. Petrópolis: Vozes.
- Rufino, L. G. B., & Darido, S. C. (2011). Pedagogia do esporte e das lutas: em busca de aproximações. *Revista Brasileira Educação Física Esporte*, São Paulo, 26(2), 283-300.
- Santos, F. J. L., Lopes, H. M., & Rodrigues, J. J. (2016). Relação entre a percepção dos treinadores de jovens futebolistas e o comportamento de instrução e dos atletas em competição. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 11(1), 59-68.
- Santos, F. J. L., Sarmiento, H. M., Louro, H. G. L., Lopes, H. M., & Rodrigues, J. J. (2014). Deteção de T-patterns em treinadores de futebol em competição. *Motricidade*. Ribeira de Pena, 10(4), 64-83.
- Santos, A. S. F. M., & Mesquita, I. M. R. (2010). Percepção dos treinadores sobre as competências

- profissionais em função da sua formação e experiência. *Revista Brasileira Cineantropometria e Desempenho Humano*, 12(4), 276-281.
- Sardinha, M. I. P. (2014). *Abordagens de ensino na formação de treinadores no contexto académico: a perspectiva dos estudantes a treinadores*. Porto. Dissertação de mestrado apresentado à faculdade de desporto da Universidade do Porto.
- Searle, T. (2012, Fevereiro 15). *Coaching behaviors of successful high school girls' basketball coaches*. Salt Lake City, Utah, Estados Unidos da América: The University of Utah.
- Senger, C. M., & Cassandre, M. P. (2019). Aprendizagem e desenvolvimento humano: Da agência da criança para a agência do adulto nos espaços da atividade do trabalho. *Revista Brasileira da Pesquisa Sócio-Histórico-Cultural e da Atividade*, 191, 1-21.
- Silva, A. H., & Fossá M. I. T. (2015). Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualit@s. Revista Eletrônica* ISSN 1677 4280 17(1).
- Silva, G. R., & Lemos, D. A. (2014). Os fundamentos *forehand*, *Backhand* e saque de tênis - Uma abordagem teórica. *Revista Didática Sistêmica*, ISSN 1809-3108 16(1), 128-145.
- Silva, R. M., Bezerra, I. C., Brasil, C. C. P., & Moura, E. R. F. (2018). *Estudos qualitativos: Enfoques Teóricos e Técnicas de Coleta de Informações*. Sobral. Edições UVA. 305 p.
- Silva, S. C., Mendes Primo, M. A., Lucena, E. A., Silva, J. M. S. N., & Carvalho, E. F. (2020). Reflexões sobre aprendizagem e inovação em organizações: Uma visão acerca dos aspectos temporais e contextuais. *Revista Brasileira de Administração Científica*, 11(2), 139-155.
- Silvestre, H. C., & Araújo, J. F. (2012). *Metodologia para a investigação social*. Lisboa. Escolar editora.
- Simoni, T. A., Andrade, T. A., Oliveira, A., Legnani, R., & Legnani, E. (2019). Características perceptuais e de carga de treinamento de jovens atletas de Futebol. *RBF - Revista Brasileira De Futsal E Futebol*, 11(42), 70-76.
- Souza, F., Miranda, S., Valente, A., de Araújo, T., & Smolen, J. (2016). Viés nos estudos de caso-controle: é possível evitar? *Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção*, 6(2), 92-96.
- Sparkes, A., & Smith, B. (2014). *Qualitative research methods in sport, exercise and health: from process to product*. London: Routledge.
- Sparks, R., Javorsky, J., & Phillips, L. (2004). College students classified with ADHD and the foreign language requirement. *Journal of Learning Disabilities*, 37(2), 169-178.
- Stoszowski, J., & Collins, D. (2016). Fontes, tópicos e uso do conhecimento pelos treinadores. *Journal of Sports Sciences*, Taylor & Francis, 34, 794-802.
- Talamoni, G. A., Oliveira F. I., & Hunger D. (2013). As configurações do futebol brasileiro: Análise da trajetória de um treinador. *Movimento*, 19(1), 73-93.
- Tani, G., & Corrêa, U. C. (2016). *Aprendizagem motora e o ensino do esporte*. Editora Blucher.
- Todorov, J. C. (2017). Sobre uma definição de comportamento. *Revista Perspectivas em análise do comportamento*, 3(1), 32-37.
- Trujillo, A. M. (2012). Semântica, pragmática e tradução. *Revista InterteXto*, 5(2), 1-20.
- Tubino, M. J. G. (1984). *Metodologia científica do treinamento desportivo*. (3ª ed.). São Paulo: Ibrasa.
- Urso, R. P., & Paciaroni, R. (2016). *Tênis: Novos caminhos para uma abordagem profissional*. São Paulo. Évora.
- Varanda, S. S., Benites, L. C., & Souza Neto, S. (2019). O processo de validação de instrumentos em uma pesquisa qualitativa em Educação Física. *Motrivivência*. Santa Catarina, 31(57), 01-15.
- Ventura, N. M. (2011). *A influência do scouting na preparação do microciclo no treino de futebol: Um estudo centrado no pensamento do treinador*. Dissertação de Mestrado. Universidade Técnica de

Lisboa. Faculdade de Motricidade Humana.

Vieira, A. L. B., Dias, C., Corte-Real, N., & Fonseca, A. M. (2014). O conhecimento e ações do treinador em situações de competição: o estudo da percepção dos treinadores da super liga brasileira de voleibol. *Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte*, 9(2), 423-457.

Zabalza, M. (1994). *Diários de Aula: Contributos para o estudo dos dilemas práticos dos professores*. Porto: Porto Editora.

Zahradnik, D., & Korvas, P. (2012). *The introduction into sports training*. Masaryk University, Brno.

Zetou, E., Nikolaos, V., & Evaggelos, B. (2014). The effect of instructional self-talk on performance and learning the backstroke of young swimmers and on the perceived functions of it. *Journal of Physical Education and Sport*, 14(1), 27-35.

ÍNDICE REMISSIVO

<i>Meaning Units (MU)</i>	89
São as menores partes compreensíveis do texto que contém uma ideia, episódio ou pedaço de informação.	
TAUI	51
Autorização para o uso de imagem em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, para ser utilizada em material didático e científico deste estudo.	

Apêndices e Anexos

Apêndice I – Termo de Compromisso e Responsabilidade de Orientação de Projetos de Pesquisa Submetidos ao CEP / IFRJ



Venho, por meio deste termo, aceitar a orientação do trabalho intitulado: O processo de pensamento e ações dos treinadores de tênis, do aluno Wanderlei Pacheco, do Curso de Doutorado em Educação Física e Desporto, Matrícula 21508153, comprometendo-me a revisar o projeto antes da submissão ao CEP, acompanhar e avaliar o seu desenvolvimento, em todas as suas etapas.

Afirmo, nesta oportunidade, estar ciente e de acordo com as condições de sua execução.

Professor: Dr. Francisco Alberto Arruda Carreiro da Costa

Instituição: Universidade Lusófona – Centro Universitário Lisboa

Área temática: Desporto

E-mail: fcarreiro.costa@ulusofona.pt

Telefone: 215 515 500



Professor Orientador
Documento: 00008104

Rio de Janeiro, 25 de julho de 2017.

Apêndice II – Termo de Confidencialidade e Sigilo

UNIVERSIDADE LUSÓFONA

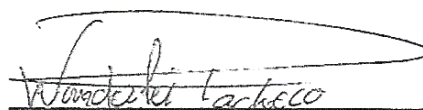
Faculdade de Educação Física e Desporto

Curso de Doutoramento

Eu **Wanderlei Pacheco**, responsável pelo projeto de pesquisa intitulado: **O processo de pensamento e a ação dos treinadores de tênis de campo**

Declaro cumprir com todas as implicações abaixo:

- a) Que o acesso aos dados para fins da pesquisa científica será feito somente após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP;
- b) Que o acesso aos dados será supervisionado por uma pessoa que esteja plenamente informada sobre as exigências de confiabilidade;
- c) Meu compromisso com a privacidade e a confidencialidade dos dados utilizados preservando integralmente o anonimato e a imagem do participante, bem como a sua não estigmatização;
- d) Não utilizar as informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico-financeiro;
- e) Que o pesquisador responsável estabeleceu salvaguardar e assegurar a confidencialidades dos dados de pesquisa;
- f) Que os dados obtidos na pesquisa serão usados exclusivamente para finalidade prevista;
- g) Que os dados obtidos na pesquisa somente serão utilizados para o projeto vinculado, os quais serão mantidos em sigilo, em conformidade com o que prevê os termos da resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, assino este termo para salvaguardar seus direitos.



Nome do Pesquisador
Wanderlei Pacheco

Fone: Celular (21) 981519675

E-mail: pachecowanderlei@yahoo.com.br

Rio de Janeiro, 05 de agosto de 2017.

Apêndice III – Termo de Consentimento Livre Esclarecido



Ministério da Educação
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

Prezado colega treinador, você está sendo convidado para participar de uma pesquisa denominada: **O processo de pensamento e ação dos treinadores de tênis de campo.**

Você foi selecionado, por estar entre os principais treinadores de tênis expert no treino de atletas juvenis, que atuam no município do Rio de Janeiro.

Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador responsável e nem com qualquer setor desta Instituição.

O objetivo deste estudo é descrever o processo de pensamento dos treinadores de tênis (por meio de relato) e observar as suas ações no treino.

Os riscos relacionados com a sua participação nesta pesquisa são: a possibilidade do não entendimento de alguma pergunta e o tempo perdido na entrevista. Para evitá-los serão tomadas as seguintes providências: apresentação de perguntas claras e gravação da entrevista.

As informações obtidas por meio dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre a sua participação.

Sua colaboração é importante para suscitar na classe profissional de treinadores de tênis, que você pertence, reflexões e discussões acerca das ações pedagógicas no treino de atletas juvenis e possibilitar o surgimento de modificações e/ou soluções para uma melhor intervenção.

Os dados serão divulgados de forma a não possibilitar a sua identificação. Os resultados serão divulgados em apresentações ou publicações com fins científicos ou educativos. E você tem direito de conhecer e acompanhar os resultados dessa pesquisa.

Participar desta pesquisa não implicará nenhum custo para você, e, como voluntário, você também não receberá qualquer valor em dinheiro como compensação pela participação.

Você será ressarcido de qualquer custo que tiver relativo à pesquisa e será indenizado por danos eventuais decorrentes da sua participação na pesquisa.

Você receberá uma via do termo com o e-mail de contato do pesquisador, que participou da pesquisa e do Comitê de Ética em Pesquisa que a aprovou, para maiores esclarecimentos.

Assinatura do pesquisador responsável

Instituição: Universidade Lusófona – Centro Universitário Lisboa

Nome do pesquisador: Wanderlei Pacheco

Telefone: 55 (21) 981519675 **E-mail:** pachecowanderlei@yahoo.com.br

CEP Responsável pela pesquisa: Comitê de Ética em Pesquisa do IFRJ

Rua Pereira de Almeida, 88 - Praça da Bandeira - Rio de Janeiro – RJ. CEP: 20260-100

Telefone: (21) 3293-6026 E-mail: cep@ifrj.edu.br

Declaro que entendi os objetivos, os riscos e os benefícios da pesquisa, e os meus direitos como participante da pesquisa e concordo em participar.

Data ____/____/2018.

Assinatura do treinador participante

Apêndice IV – Termo de Autorização de Uso de Imagem.



Ministério da Educação
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ

_____, nacionalidade _____,
estado civil _____, portador da identidade nº. _____,
inscrito no CPF sob nº _____, residente _____,
_____, município do Rio de Janeiro - RJ.

AUTORIZO o uso de minha imagem em todo e qualquer material entre fotos, vídeos e documentos, para ser utilizada em material didático e científico decorrente do projeto: **Processo de pensamento e ação dos treinadores de tênis de campo.**

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, das seguintes formas: folder de apresentação; artigos científicos em revistas e jornais especializados; aulas em cursos de capacitação; cartazes informativos; palestras em encontros científicos; banners de congressos; mídia eletrônica (painéis, vídeos, televisão, cinema, programa para rádio, entre outros).

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 vias de igual teor e forma.

Assinatura do treinador participante

Instituição: Universidade Lusófona – Centro Universitário Lisboa

Nome do pesquisador: Wanderlei Pacheco

Telefone: 55 (21) 981519675 **E-mail:** pachecowanderlei@yahoo.com.br

CEP Responsável pela pesquisa: Comitê de Ética em Pesquisa - IFRJ

Rua Pereira de Almeida, 88 - Praça da Bandeira - Rio de Janeiro – RJ. CEP: 20260-100

Telefone: (21) 3293-6026 E-mail: cep@ifrj.edu.br

Declaro que entendi os objetivos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Data: ____/____/____.

Nome do treinador participante

Apêndice V – Protocolo de Entrevista / Versão 1

UNIVERSIDADE LUSÓFONA

Faculdade de Educação Física e Desporto

Curso de Doutoramento

Entrevista ao Treinador de Tênis Expert

Entrevistador:

Entrevistado:

Objetivo: Descrever o processo de pensamento do treinador de tênis sobre quatro temas principais da pesquisa.

Local:

Data: ____ / ____ / ____

Dados pessoais:

1. Faixa etária:
 - () 20 a 24 anos
 - () 25 a 29 anos
 - () 30 a 34 anos
 - () 35 a 39 anos
 - () 40 a 44 anos
 - () 45 a 49 anos
 - () 50 a 54 anos
 - () 55 a 59 anos
 - () 60 a 64 anos
 - () + de 65 anos
2. Género:
 - () Masculino () Feminino
3. Naturalidade (UF):
4. Estado civil:
 - () Casado
 - () União estável
 - () Solteiro
 - () Divorciado
 - () Viúvo
 - () Outros

Experiência do treinador

Como aluno e/ou atleta:

5. Com quantos iniciou?
 - 5.1. Quais foram as razões?
 - 5.2. Onde iniciou?
6. Já participou de competições em alguma federação de tênis, como atleta juvenil?

- 6.1. Qual federação?
- 6.2. Qual categoria (faixa etária)?

Como treinador:

7. Há quanto tempo trabalha com atletas juvenis?
8. Quantos atletas juvenis você treinou, em média por ano, desde o início da sua carreira?
9. Já acompanhou atletas em viagem?
 - 9.1. Onde?
 - 9.2. Quando?
10. Quantos atletas você está treinando atualmente?
11. Quantos atletas jogam competição nacional?
12. Quais foram os seus melhores resultados, em nível nacional?
13. Qual é o ranking dos seus atletas, em nível estadual
 - 13.1. Nacional?

Fontes de Conhecimentos

14. Qual é o seu grau de escolaridade?
15. Qual foi o curso?
 - 15.1. Há quantos anos concluiu?
16. Em sua opinião, a formação acadêmica tem influência decisiva na sua função como treinador?
 - 16.1. Justifique:
17. É registrado no Conselho Regional de Educação Física (CREF)?
 - 17.1. Qual é a categoria?
 - 17.2. Há quanto tempo?
18. Já participou dos cursos de capacitação da CBT?
 - 18.1. Quantos?
 - 18.2. Qual foi o último?
19. Como avalia esse último curso?
20. Costuma aplicar os conhecimentos adquiridos nos cursos?
 - 20.1. Dê exemplos?
21. Já participou de congressos ou workshops da ITF?
 - 21.1. Quantos?
 - 21.2. Qual foi o último?
22. Como deveriam ser as condições de acesso à formação de treinador?
 - 22.1. E a formação continua?
23. Qual a importância que você dá a experiência prática comparada aos conhecimentos adquiridos nos cursos?

Adequação dos conhecimentos

24. Pensando sobre conhecimento teórico e prático, há algum deles que você considera mais importante para o treino?
25. Procura observar e/ou interagir com outros treinadores?
 - 25.1. **SIM**, com qual frequência?
 - 25.1.1. Mesmo clube?
 - 25.1.2. Outro clube?
 - 25.2. **NÃO**, por quê?
26. Já utilizou vídeos de treino?
 - 26.1. **SIM**, com que objetivos?

- 26.2. **NÃO**, por quê?
27. O treinador precisa possuir certos conhecimentos e competências para exercer a profissão?
- 27.1. **SIM**, dê 2 exemplos de cada.

Planejamento

28. O planejamento do treino é necessário?
29. Quais as razões que o levam a planejar ou não planejar o treino?
30. O que considera ser mais importante no desenvolvimento do planejamento dos treinos?
31. Os atletas participam do planejamento dos treinos?
- 31.1. **SIM**, quando? Como?
- 31.2. **NÃO**, por quê?
32. O planejamento do treino pode sofrer alguma modificação prática de forma inesperada?
- 32.1. Justifique:
33. Utiliza áreas do treinamento (técnico, tático, capacidades motoras e psicológico) como base para o planejamento?
- 33.1. Quais os critérios utilizados?
34. O calendário de competições oficiais tem influência no planejamento do treino?
- 34.1. **SIM**, de que maneira?
- 34.1.1. Quais as competições oficiais que se baseia?
- 34.2. **NÃO**, por quê?
35. Como avalia os efeitos do planejamento dos treinos sobre o rendimento do atleta?

Intervenção pedagógica

36. Quantos atletas você treina em grupo?
- 36.1. E individualmente?
37. Normalmente, qual é a forma de tratamento pessoal que você utiliza quando fala diretamente com o atleta?
- 37.1. Por quê utiliza esta forma?
38. Como se constitui as partes do seu treino no dia a dia?
39. Você tem o hábito de dar instrução ao (s) atleta (s) em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?
- 39.1. Justifique:
- 39.2. Como apresenta as instruções? (Verbal, não verbal e planilha).
40. Você estimula a autoinstrução dos atletas?
41. Você oferece sugestões e/ou lembretes para o (s) atleta (s) durante o treino?
42. Qual o grau de importância de cada área do treino?
- Técnico () / Capacidades motoras () / Tático () / Psicológico ()
1. Muito importante
 2. Importante
 3. Indiferente
 4. Pouco importante
 5. Nada importante
43. Qual a área do treino, que você mais ressalta quando trabalha especificamente, as cinco situações de jogo?
- 43.1. Por quê?
44. Como você trabalha as situações de jogo no dia a dia?
- (Geral, específica ou mista).
- 44.1. Por quê?
- 44.2. E no pré-competição, qual delas é enfatizada?

- 44.3. Por quê?
- 45. Você costuma utilizar treinos progressivos?
 - 45.1. Por quê?
- 46. Utiliza jogos como exercícios de treino?
 - 46.1. Dê exemplos?
- 47. Costuma indagar os atletas durante o treino? (O que fez? E como fez?).
- 48. Procura ouvir as opiniões dos atletas durante o treino?
 - 48.1. Por quê?
- 49. O que você mais procura observar no atleta durante o treino?
- 50. Você deixa os atletas sozinhos em certa parte do treino?
 - 50.1. Por quê?
- 51. Utiliza materiais auxiliares no treino?
 - 51.1. **SIM**, quais?
 - 50.1.1. Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?
 - 51.2. **NÃO**, por quê?
- 52. Quando proporciona momentos de descanso e hidratação para o atleta ou ao grupo de atletas?
 - 52.1. O que define o momento de descanso e hidratação?
 - 52.2. O atleta participa (opinião) sobre o momento de descanso e hidratação?

Treino em grupo

- 53. Como são constituídos o grupo de atletas? (Organização) (Níveis de habilidades, experiência ou heterogêneos).
- 54. Os atletas participam da organização do grupo no treino? (Deslocamento, posicionamento, início e fim).
- 55. Há atletas mais habilidosos no grupo dos menos habilidosos?
 - 55.1. Qual a razão?
- 56. Há atletas mais experientes no grupo dos menos experientes?
 - 56.1. Qual a razão?
- 57. Quais os motivos para a constituição de grupos heterogêneos ou homogêneos?
- 58. Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?
 - 58.1. Por quê?
- 59. Você estabelece os objetivos que devem ser alcançados pelo grupo no treino?
- 60. Há objetivos individuais no mesmo grupo de treino?
 - 60.1. **SIM**, dê exemplos:
 - 60.2. **NÃO**, por quê?
- 61. Como intervém quando o grupo não alcança os objetivos?
- 62. Como **avalia** se o objetivo foi alcançado pelo grupo?
- 63. Costuma fazer elogios ao (s) atleta (s) durante os treinos?
 - 63.1. Por quê?
- 64. De que maneira é dado o feedback pedagógico durante o treino em grupo?
 - 64.1. E quando o faz?

Treino individual

- 65. Como se define, qual o atleta que irá treinar individualmente?
 - 65.1. Há influência, da família? Do atleta? Do treinador? Clube?
- 66. Quem define a frequência desses treinos?
 - 66.1. Justifique:

67. Tem alguma preferência (Habilidade, gênero, idade).
 - 67.1. Qual o motivo?
68. Você explica ao atleta, qual o objetivo que deve ser alcançado em cada parte do treino?
 - 68.1. **SIM**, como o faz (Verbal, não verbal).
 - 68.1.1. Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades no treino?
 - 68.1.2. O atleta participa da definição do grau de dificuldade dos objetivos?
 - 68.1.3. Costuma quantificar os objetivos do treino?
 - 68.1.3.1. Como o faz?
 - 68.1.4. Quais estratégias você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?
 - 68.1.5. Como você avalia se o objetivo foi alcançado?
 - 68.1.6. Em que se baseia para definir os objetivos dos treinos no dia a dia?
 - 68.1.7. Você enfatiza diferentes objetivos para distintas competições?
 - 68.1.7.1. Por quê?
 - 68.2. **NÃO**, por quê?
69. Quais os conhecimentos e capacidades que o atleta precisa possuir?
70. Que tipo de atitudes que os atletas precisam possuir nos treinos do dia a dia?
 - 70.1. É para as competições?
71. Qual a forma de trabalho que você utiliza no treino individual?
 - 71.1. Especifique.

Suas respostas serão de grande valia para esta investigação.

MUITO OBRIGADO!

Anexo 1 – Lei nº 9.615 de 1988

(Lei Pelé)

Recursos para COB, CPB, Ministério do Esporte e Confederação Brasileira de Clubes

Sancionada em 24 de março de 1998, a Lei nº 9.615, mais conhecida como Lei Pelé, estabelece normas para diversos assuntos referentes à condução do esporte no Brasil. Entre esses temas, a Lei Pelé determina repasses de recursos das loterias federais para o Comitê Olímpico do Brasil (COB), o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB), o Ministério do Esporte e a Confederação Brasileira de Clubes (CBC). Em relação ao Ministério do Esporte, a Lei nº 9.615 prevê, em seu Art. 6º, que “constituem recursos do Ministério do Esporte:

I - Receitas oriundas de concursos de prognósticos previstos em lei;

II - Adicional de quatro e meio por cento incidente sobre cada bilhete, permitido o arredondamento do seu valor feito nos concursos de prognósticos a que se refere o Decreto-Lei nº 594, de 27 de maio de 1969, e a Lei nº 6.717, de 12 de novembro de 1979, destinado ao cumprimento do disposto no art. 7º;

III - Doações, legados e patrocínios;

IV - Prêmios de concursos de prognósticos da Loteria Esportiva Federal, não reclamados;

V - Outras fontes.

§ 1º O valor do adicional previsto no inciso II deste artigo não será computado no montante da arrecadação das apostas para fins de cálculo de prêmios, rateios, tributos de qualquer natureza ou taxas de administração.

§ 2º Do adicional de 4,5% (quatro e meio por cento) de que trata o inciso II deste artigo, 1/3 (um terço) será repassado às Secretarias de Esporte dos Estados e do Distrito Federal ou, na inexistência destas, a órgãos que tenham atribuições semelhantes na área do esporte, proporcionalmente ao montante das apostas efetuadas em cada unidade da Federação, para aplicação prioritária em jogos escolares de esportes olímpicos e paraolímpicos, admitida também sua aplicação nas destinações previstas nos incisos I, VI e VIII do art. 7º desta Lei. (Redação dada pela Lei nº 12.395, de 2011).

§ 3º A parcela repassada aos Estados e ao Distrito Federal na forma do § 2º será aplicada integralmente em atividades finalísticas do esporte, sendo pelo menos 50% (cinquenta por cento) investidos em projetos apresentados pelos Municípios ou, na falta de projetos, em ações governamentais em benefício dos Municípios. (Redação dada pela Lei nº 12.395, de 2011).

Ainda em relação aos recursos destinados ao Ministério do Esporte, a Lei nº 9.615 determina, em seu Art. 8º, inciso IV, que: A arrecadação obtida em cada teste da Loteria Esportiva terá a seguinte destinação:

VI - Quinze por cento para o Ministério do Esporte.

No que diz respeito ao Comitê Olímpico do Brasil (COB) e ao Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), a Lei nº 9.615 determina, em seu Art. 9º, que “anualmente, a renda líquida total de um dos testes da Loteria Esportiva Federal será destinada ao Comitê Olímpico Brasileiro-COB, para treinamento e competições preparatórias das equipes olímpicas nacionais.

O Art. 9º prossegue com as seguintes determinações:

§ 1º Nos anos de realização dos Jogos Olímpicos e dos Jogos Pan-Americanos, a renda líquida de um segundo teste da Loteria Esportiva Federal será destinada ao Comitê Olímpico Brasileiro-COB, para o atendimento da participação de delegações nacionais nesses eventos.

§ 2º Ao Comitê Paraolímpico Brasileiro serão concedidas as rendas líquidas de testes da Loteria Esportiva Federal nas mesmas condições estabelecidas neste artigo para o Comitê Olímpico Brasileiro-COB.

Com isso, tanto o COB como o CPB anualmente recebem essa fonte de recursos do governo federal para investir no desenvolvimento do esporte olímpico e paraolímpico nacionais.

Finalmente, a Lei nº 12.395 de 2011 modificou a Lei nº 9.615 e incluiu a Confederação Brasileira de Clubes (CBC) no Sistema Nacional do Desporto, que congrega “as pessoas físicas e jurídicas de direito privado, com ou sem fins lucrativos, encarregadas da coordenação, administração, normatização, apoio e prática do desporto, bem como as incumbidas da Justiça Desportiva”.

Assim, a Confederação Brasileira de Clubes passou a ter direito a receber recursos. A Lei nº 9.615, em seu capítulo VIII, art. 56, § 10 (que também foi incluído pela Lei nº 12.395, de 2011), determina que “os recursos financeiros de que trata o inciso VIII serão repassados à Confederação Brasileira de Clubes - CBC e destinados única e exclusivamente para a formação de atletas olímpicos e paraolímpicos, devendo ser observado o conjunto de normas aplicáveis à celebração de convênios pela União.

O inciso VIII, que foi igualmente incluído na Lei nº 9.615 pela Lei nº 12.395, especifica o montante a ser repassado pelo Ministério do Esporte à Confederação Brasileira de Clubes. Diz o inciso VIII: “1/6 (um sexto) dos recursos destinados ao Ministério do Esporte a que se refere o inciso II do art. 6º desta Lei, calculado após deduzida a fração prevista no § 2º do referido artigo”.

Além de outras determinações legais, tais entidades devem observar os limites previstos na Portaria GM/ME nº 01/2014, que estabelece limites para custeio de despesas administrativas com recursos do orçamento do Ministério do Esporte (os previstos no art. 9º e 56, VI, da Lei nº 9.615, de 1998), a teor do que determina o art. 22 do Dec. nº 7.984, de 8 de abril de 2013.

Esse texto da Lei 9.615 pode ser lido, na íntegra, com suas devidas modificações, no endereço:

www.planalto.gov.br/ccivil

Anexo 2 – Relação dos Centros de Treinamento de Juvenis



SECRETARIA DE
ESPORTE, LAZER E
JUVENTUDE



FEDERAÇÃO
DE **TÊNIS** DO
RIO DE JANEIRO

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Relação dos centros de treinamento de tênis, destinados a orientação de atletas juvenis identificados pela Federação de Tênis do Estado do Rio de Janeiro - FTERJ.

Distribuídos por zoneamento

Zona Sul

- 1. CLUBE DE REGATAS DO FLAMENGO**
Av. Borges de Medeiros, 997. Lagoa - RJ.
- 2. LOB ACADEMIA DE TÊNIS**
Rua Stefan Zweig, 290. Laranjeiras - RJ.
- 3. LEME TÊNIS CLUBE**
Rua Gustavo Sampaio, 74. Leme - RJ.
- 4. SOCIEDADE HÍPICA BRASILEIRA**
Av. Borges de Medeiros, 2448. Lagoa - RJ.
- 5. CLUBE NAVAL PIRAQUÊ**
Av. Borges de Medeiros, 2364. Lagoa - RJ.
- 6. PROJETO TÊNIS NA LAGOA**
Lagoa Rodrigo de Freitas S/n
- 7. ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA BANCO DO BRASIL (AABB)**
Av. Borges de Medeiros, 829. Lagoa - RJ.
- 8. FLUMINENSE FOOTBALL CLUB**
Rua Álvaro Chaves, 41. Laranjeiras - RJ.
- 9. PASSAIDU ATLÉTICO CLUBE**
Av. Afrânio de Melo Franco, 330. Leblon - RJ.

Zona Oeste

- 10. RIO SPORT CENTER**
Avenida Ayrton Senna, 2541. Barra da Tijuca – RJ.
- 11. NOVO RIO COUNTRY CLUB**
Avenida Miguel Antônio Fernandes, 15. Recreio - RJ.
- 12. MARINA BARRA TÊNIS**
Estrada da Barra da Tijuca, 777. Barra da Tijuca - RJ.
- 13. CLUBE MARAPENDI**
Avenida das Américas, 3979. Barra da Tijuca - RJ.
- 14. TENNIS ROUTE**
Avenida Lúcio Costa, 18000. Recreio dos Bandeirantes - RJ.

15. CENTRO BAHIENSE DE TÊNIS

Estrada do Lameirão Pequeno 791/ Caminho do Oliveira, 16. Rio da Prata/Campo Grande - RJ.

16. CENTRO DE TÊNIS TIKA

Avenida das Américas, 13033. Recreio dos Bandeirantes - RJ.

17. CLUBE DA AERONÁUTICA

Rua Rachel de Queiroz, S/N. Barra da Tijuca - RJ.

18. CENTRO ESPORTIVO CAROLINA PATRÍCIO

Avenida Prefeito Dulcídio Cardoso, 400. Barra da Tijuca - RJ.

19. AKSE SPORT SIDE CLUB

Avenida Prefeito Dulcídio Cardoso, 2900. Barra da Tijuca - RJ.

20. QUEIROS TÊNIS CLUBE

Estrada dos Três Rios, 1800. Freguesia (Jacarepaguá) - RJ.

21. FLORESTA TÊNIS CLUBE

Estrada do Bougainville, 442. Itanhangá - RJ.

22. CENTRO ESPORTIVO ISRAELITA ASOLPHO BLOCH

Rua Sylvio da Rocha Pollis, 523. Barra da Tijuca - RJ.

23. CLUBE GINÁSTICO PORTUGUÊS

Avenida Prefeito Dulcídio Cardoso, 200. Recreio dos Bandeirantes - RJ.

24. CLUBE DOS SUBOFICIAIS E SARGENTO DO EXÉRCITO

Estrada São Pedro de Alcântara, 1462. Vila militar - RJ.

Zona Norte

25. MELLO TÊNIS CLUBE

Rua Caroen, 171. Vila da Penha - RJ.

26. Tijuca Tênis Clube

Rua Conde Bonfim, 451. Tijuca - RJ.

27. LIGHT TÊNIS CLUBE

Rua Barão do Bom Retiro, 1954. Grajaú - RJ.

28. GRAJAÚ TÊNIS CLUBE

Avenida Engenheiro Richard, 83. Grajaú - RJ.

29. GRAJAÚ COUNTRY CLUB

Rua Prof. Valadares, 262. Grajaú - RJ.

30. TOP SPIN TENNIS CENTER

Rua Tenente Cleto Campelo 497. Ilha do Governador - RJ.

Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 2017.

Anexo 3 – Declaração de Concordância



Pesquisador (a) responsável: Wanderlei Pacheco

Título da Pesquisa: O processo de pensamento e ação do treinador de tênis de campo.

Instituição Coparticipante: Federação de Tênis do Estado do Rio de Janeiro – FTERJ

Declaramos ter lido e concordar com o projeto de pesquisa acima descrito, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, e em especial a Resolução CNS 466/2012.

Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do projeto de pesquisa em tela, assim como do compromisso no resguardo dos dados pessoais dos participantes de pesquisa nela recrutados, dispondo de estrutura organizacional necessária para a garantia de tal segurança.

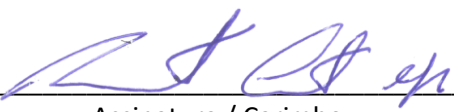
Estamos cientes que serão utilizados como instrumentos para obtenção dos dados uma entrevista semiestruturada e uma observação do treino, por meio de vídeo e gravação.

Da mesma forma, que o pesquisador somente poderá iniciar a pesquisa pretendida após encaminharem, a esta Instituição, uma via do parecer de aprovação do estudo exarado pelo Comitê de Ética em Pesquisa.

É necessário aguardar o parecer final do Comitê de Ética da Instituição Proponente, bem como da Instituição coparticipante para início da pesquisa.

Rio de Janeiro, 18 / 04 / 2017.

Renato Cito
Presidente da FTERJ


Assinatura / Carimbo

Anexo 4 – Parecer de Aprovação do CEP – IFRJ

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO
E TECNOLOGIA DO RIO DE JANEIRO



DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa:

PROCESSO DE PENSAMENTO E A AÇÃO DOS TREINADORES DE TÊNIS.

Pesquisador:

WANDERLEI PACHECO

Área temática:

Versão: 3

CAAE: 69238617.5.0000.5268

Instituição proponente:

Patrocinador principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.448.768

Apresentação do projeto:

A prática desportiva manifesta-se em formatos educacional, lazer, inclusão social e de alto rendimento. O treinamento desportivo configura-se como um processo pedagógico de grande importância na busca do desenvolvimento de habilidades e competências do atleta. O treinador tem sido considerado um agente essencial na transmissão de conhecimentos específicos. Partindo dessa concepção, a intervenção pedagógica do treinador torna-se uma variável de grande importância para a compreensão do processo de treinamento. Trata-se de um estudo observacional transversal em 14 treinadores de tênis do município do Rio de Janeiro, experts em atletas juvenis. Os participantes responderão uma entrevista e serão filmados durante a sua sessão prática de treino. As informações centrais da entrevista (pensamento dos treinadores) serão comparadas à análise da ação do treinador.

Objetivo da Pesquisa:

Descrever a intervenção pedagógica dos treinadores tênis expert em atletas juvenis, que atuam profissionalmente nos clubes e academias do município do Rio de Janeiro.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos são classificados como mínimos devido ao tempo gasto com a entrevista e com o constrangimento do participante de não saber responder alguma questão.

Continuação do Parecer: 2.448.768

O principal benefício do projeto é comparar o discurso do treinador com a sua prática durante a execução do treino.

Comentários e considerações sobre a pesquisa:

O presente projeto pode contribuir com o conhecimento da relação entre discurso e ação dos treinadores de tênis de campo do município do Rio de Janeiro.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados.

Recomendações:

Recomenda-se a submissão do relatório final da pesquisa.

Conclusões ou pendências e lista de inadequações:

O protocolo de pesquisa está consoante aos princípios de respeito ao participante, ponderação de riscos e benefícios, garantia de danos previsíveis, relevância social, e utiliza métodos científicos adequados.

Considerações finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, IFRJ, em reunião realizada em 18/12/2017, em concordância com a Resolução CNS 466/12 e com a Resolução 510/16, aprova o projeto de pesquisa proposto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO 787177.	30/10/2017 16:49:29		Aceito
Outros	Carta Resposta.	30/10/2017 16:45:16	WANDERLEI PACHECO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto de pesquisa detalhado.	30/10/2017 16:38:43	WANDERLEI PACHECO	Aceito
Cronograma	Cronograma.	30/10/2017 16:28:26	WANDERLEI PACHECO	Aceito
Outros	Instrumento Protocolo de Observação Ação do Treinador.	23/10/2017 12:17:34	WANDERLEI PACHECO	Aceito

Continuação do Parecer: 2.448.768

Outros	Autorização do uso de imagem.	23/10/2017 12:14:11	WANDERLEI PACHECO	Aceito
Outros	Instrumento Protocolo de Entrevista Treinador - Final.	23/10/2017 12:07:36	WANDERLEI PACHECO	Aceito

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Outros	Curriculum Vitae.	09/08/2017 16:38:45	WANDERLEI PACHECO	Aceito
Outros	Protocolo de Entrevista.	09/08/2017 16:38:01	WANDERLEI PACHECO	Aceito
Outros	Termo de Confidencialidade e Sigilo.	09/08/2017 16:37:08	WANDERLEI PACHECO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo de compromisso e responsabilidade.	09/08/2017 13:55:24	WANDERLEI PACHECO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo de Consentimento Livre Esclarecido.	09/08/2017 13:45:14	WANDERLEI PACHECO	Aceito
Orçamento	Orçamento.	05/08/2017 19:53:15	WANDERLEI PACHECO	Aceito
Folha de Rosto	Folha de Rosto.	01/06/2017 14:38:02	WANDERLEI PACHECO	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaração de Instituição e Infraestrutura.	23/04/2017 09:37:21	WANDERLEI PACHECO	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo de Responsabilidade do Pesquisador.	05/04/2017 20:46:51	WANDERLEI PACHECO	Aceito

Situação do parecer: Aprovado

Necessita apreciação da CONEP: Não

Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 2017

Elisa Beatriz Braga Dell Orto Van Eyken

Anexo 5 – Avaliação do Protocolo de Entrevista / Versão 1

Língua Portuguesa

UNIVERSIDADE LUSÓFONA

Faculdade de Educação Física e Desporto

Curso de Doutoramento

Entrevista ao treinador

Objetivo: Descrever o processo de pensamento do treinador expert **de (em)** ténis sobre quatro temas principais da pesquisa. **(Aqui eu acho que você poderia esclarecer resumidamente esses temas, objetivo específico da entrevista)**

Avaliador: Professor Dra. Mariana Cunha Rodrigues Pinheiro de Moura

Especialidade: Língua Portuguesa - UFRJ

Local: Rio de Janeiro

Data: 05 / 04 / 2017

Dados pessoais:

0. Faixa etária:

- 20 a 24 anos
- 25 a 29 anos
- 30 a 34 anos
- 35 a 39 anos
- 40 a 44 anos
- 45 a 49 anos
- 50 a 54 anos
- 55 a 59 anos
- 60 a 64 anos
- + de 65 anos

1. Sexo:

- Masculino Feminino

2. Estado civil:

- Casado
- União estável
- Solteiro
- Divorciado
- Viúvo
- Outros

3. Naturalidade (UF):

Experiência do treinador	
4. Com quantos anos iniciou a prática do ténis?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
Como	<input type="checkbox"/> Concordo

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Onde iniciou? (Acho que o “como” poderia ser modificado por “quais foram as motivações”, pois o “como” fica um pouco vago)	<input checked="" type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
5. Já participou de competições em alguma federação estadual de tênis, como atleta juvenil?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
Qual federação? Em que categoria (faixa etária)?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
Profissionalmente 6. Há quanto tempo você trabalha com atletas juvenis?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
7. Quantos atletas você treinou, em média por ano, desde o início de sua carreira como treinador?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
Quantos atletas você treinou em 2016?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
8. Já acompanhou alguma equipe ou um (a) atleta em viagem? nas competições da Confederação Brasileira de Tênis (CBT)?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
8.1. Onde? 8.2. Quando?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
9. Quantos atletas você está treinando atualmente?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
10. Quantos atletas jogam competição nacional?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
11. Quais foram os seus melhores resultados como treinador em nível nacional?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
12. Atualmente, qual é o ranking dos seus atletas federados pela FTERJ (Colocar o significado da sigla)?	<input type="checkbox"/> Concordo <input checked="" type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
Pela CBT?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
Qualificação, aquisição e aplicação de conhecimentos	
13. Qual é o seu grau de escolaridade?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
14. Qual foi o curso? Há quantos anos concluiu?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
15. Em sua opinião, a formação acadêmica tem influência decisiva na sua função como treinador? (Trocar por “influencia decisivamente”)	<input type="checkbox"/> Concordo <input checked="" type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
Justifique:	<input type="checkbox"/> Concordo

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

	() Discordo ou deve mudar a questão
16. Possui (quem?) o registro do Conselho Regional de Educação Física (CREF)? (Nas perguntas anteriores você se dirige diretamente ao entrevistado)	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
Para qual a categoria? (Em qual categoria) Há quanto tempo?	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
17. Já participou dos cursos de formação de treinadores promovidos pela CBT?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Quantos? Qual foi o último?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
18. Como você avalia esse último curso?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
19. Costuma aplicar os conhecimentos adquiridos nos cursos? Dê exemplos	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Quais os motivos que o levam a realizar cursos de formação de treinadores?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
20. Já participou de Congressos ou Workshops internacionais para treinadores, promovidos pela International Tennis Federation (ITF)?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Quantos? Qual foi o último?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
21. Em sua opinião, como deveriam ser as condições de acesso à formação de treinador?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
E como deveria ser a formação contínua do treinador?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
22. Qual a importância que você dá à experiência prática comparada aos conhecimentos adquiridos por meio dos cursos de formação? (O verbo dar é informal, eu trocaria por “Para você qual a importância da experiência prática se comparada, ou ao ser comparada aos conhecimentos...”)	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
23. Pensando sobre conhecimento teórico e prático, há algum deles que você considera mais importante para um treinador de atleta juvenil?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
24. Procura observar e/ou interagir com outros treinadores?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Se SIM, com qual frequência?	(x) Concordo

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

	() Discordo ou deve mudar a questão
Do mesmo clube? De outro clube?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Se NÃO, por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
25. Você já utilizou de recursos tecnológicos para auxiliarem no treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Se SIM, com que objetivos? Se NÃO, por quê?	(X) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
26. Em sua opinião, o treinador precisa possuir certos conhecimentos e competências para exercer a profissão? (Se o objetivo do verbo foi saber sobre uma necessidade, obrigatoriedade está correto. Senão pode ser trocado por “deve”, depende do seu objetivo com a pergunta)	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Se SIM, dê dois exemplos de conhecimentos e dois de competências:	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Planejamento do treino desportivo	
27. Em sua opinião, o planejamento do treino é necessário?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
28. Quais as razões que o levam a planejar ou não planejar?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
29. O que considera ser mais importante no desenvolvimento do planejamento do treino de atletas juvenis?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
30. Os atletas participam do planejamento dos treinos? Se SIM, quando? Como? Se NÃO, por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
31. Em sua opinião, o planejamento do treino pode sofrer alguma modificação prática de forma inesperada?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Justifique:	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
32. Você utiliza as áreas do treinamento (técnico, físico, tático e psicológico) como base de planejamento dos treinos?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Quais os critérios utilizados?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
33. Você se baseia na temporada de competições para o planejamento do treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Se SIM, de que maneira a temporada influencia na organização do trabalho?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Se NÃO, por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
34. Como avalia os efeitos do planeamento dos treinos sobre o rendimento do atleta?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Intervenção pedagógica nos treinos	
35. Atualmente, quantos atletas você treina em grupo? quantos individualmente?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
36. Normalmente, qual é a forma de tratamento pessoal que você utiliza quando fala diretamente com o atleta? Por quê utiliza esta forma?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
37. Como se constitui as partes do seu treino no dia a dia?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
38. Você tem o hábito de dar instrução ao (s) atleta (s) em todas as partes do treino ou somente em algumas partes? 6.4.1. Justifique: 6.4.2. Como você apresenta as instruções?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
39. Você estimula a autoinstrução dos atletas?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
40. Você oferece sugestões e/ou lembretes para o (s) atleta (s) durante o treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
41. Em sua opinião, qual o grau de importância de cada área do treinamento? Técnico () Capacidades motoras () Tático () Psicológico () 1. Muito importante 2. Importante 3. Indiferente 4. Pouco importante 5. Nada importante	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
42. Qual a área do treinamento que você mais ressalta, quando trabalha as situações de jogo? Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
43. Como você trabalha as situações de jogo no dia a dia? (Geral, específica ou mista). Por quê? E na pré-competição, qual delas é enfatizada? Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
44. Você utiliza de treinos progressivos para o atleta? (Verbo transitivo direto, quem utiliza, utiliza treinos)	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

45. Utiliza jogos adaptados como exercícios de treino? Dê Exemplos.	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
46. Costuma interrogar os atletas durante o treino? (O que fez? E como fez?).	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
47. Procura ouvir as opiniões dos atletas durante o treino? Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
48. O que você mais procura observar no atleta durante o treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
49. Você deixa os atletas sozinhos em certa parte do treino? Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
50. Utiliza materiais auxiliares no treino? Sim () Não () Se SIM, quais? Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho? Se NÃO, por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
51. Quando proporciona momentos de descanso e hidratação para o atleta ou ao grupo de atletas? O que define o momento de descanso e hidratação? O atleta opina sobre o momento de descanso e hidratação?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Treino em grupo 52. Como são constituídos os grupos? (Organização) "Como são organizados ou divididos os grupos" ou "Quais os critérios de organização do grupo, como se constituem os grupos"	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
53. Os atletas participam da organização do grupo no treino? (Deslocamento, posicionamento, início e fim).	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
54. Há atletas mais habilidosos no grupo dos menos habilidosos? Qual razão?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
55. Há atletas mais experientes no grupo dos menos experientes? Qual razão?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
56. Quais os motivos para a constituição de grupos heterogêneos ou homogêneos?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
57. Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas? Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
58. Você estabelece os objetivos que devem ser alcançados pelo grupo?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
59. Há objetivos individuais no mesmo grupo de treino? Se SIM, dê exemplos. Se NÃO, por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

60. Como intervém quando o grupo não alcança os objetivos?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
61. Como avalia se o objetivo foi alcançado pelo grupo?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
62. Costuma fazer elogios ao (s) atleta (s) durante os treinos? Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
63. De que maneira é dado o feedback pedagógico para grupo? E quando é dado?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
64. Como se define quais os atletas que irão treinar individualmente? (Trocaria por "são definidos") Há influência: da família? Do atleta? Do treinador? Do clube?	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
65. Quem define a frequência desses treinos? Justifique.	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
66. Você tem alguma preferência? (Habilidade, sexo, idade etc.) Qual o motivo?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
67. Você explica ao atleta, qual o objetivo que deve ser alcançado por ele em cada parte do treino? Se SIM, como o faz (Verbal, não verbal).	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades durante o treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
O atleta participa da definição do grau de dificuldade dos objetivos do treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Costuma quantificar os objetivos do treino? Como o faz?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Quais estratégias você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Como você avalia se o objetivo foi alcançado pelo atleta?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Em que se baseia para definir os objetivos dos treinos no dia a dia?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Você enfatiza diferentes objetivos para distintas competições? Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Se NÃO, por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão

68. Quais os conhecimentos e capacidades que o atleta precisa possuir?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
69. Que tipo de atitudes que os atletas precisam possuir no treino? E nas competições?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
70. Quais são as partes do treino individual? (Estrutura??) Especifique.	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão

Sua avaliação será de grande valia para minha pesquisa.

MUITO OBRIGADO!

Anexo 6 – Avaliação do Protocolo de Entrevista / Versão 2

Didática

UNIVERSIDADE LUSÓFONA

Faculdade de Educação Física e Desporto

Curso de Doutoramento

Entrevista ao treinador

Objetivo: Descrever o processo de pensamento do treinador de tênis expert em treino de atletas juvenis, acerca dos seguintes temas: experiências, fontes de conhecimentos, adequação dos conhecimentos, planeamento e intervenção pedagógica.

Avaliador: Professor Dra. Maria Fátima Aucar Soler

Especialidade: Pedagogia – Psicologia Escolar – Didática / UFRRJ

Local: Rio de Janeiro

Data: 10 / 04 / 2017

Dados pessoais:

1. Faixa etária:

- 20 a 24 anos
- 25 a 29 anos
- 30 a 34 anos
- 35 a 39 anos
- 40 a 44 anos
- 45 a 49 anos
- 50 a 54 anos
- 55 a 59 anos
- 60 a 64 anos
- + de 65 anos

2. Sexo:

- Masculino Feminino

3. Estado civil:

- Casado (a)
- União estável
- Solteiro (a)
- Divorciado (a)
- Viúvo (a)
- Outros

4. Naturalidade (UF):

Experiência do treinador	
5. Com quantos anos iniciou a prática do tênis?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
5.1. Quais foram as razões?	<input type="checkbox"/> Concordo
5.2. Onde iniciou?	<input checked="" type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
Comente quais foram as razões e onde iniciou jogar tênis?	

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

6. Já participou de competições em alguma federação estadual de tênis, como atleta juvenil?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.1. Qual federação?	(x) Concordo
6.2. Em que categoria (faixa etária)?	() Discordo ou deve mudar a questão
Profissionalmente	() Concordo
7. Há quanto tempo você trabalha com atletas juvenis? (De tênis?)	(x) Discordo ou deve mudar a questão
8. Quantos atletas você treinou, em média por ano, desde o início de sua carreira como treinador? (de tênis?)	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
8.1. Quantos atletas você treinou em 2016? Não é necessária esta pergunta	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
9. Já acompanhou alguma equipe ou um (a) atleta em viagem nas competições da Confederação Brasileira de Tênis (CBT)?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
9.1. Onde?	(x) Concordo
9.2. Quando?	() Discordo ou deve mudar a questão
10. Quantos atletas você está treinando atualmente?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
11. Quantos atletas jogam competição nacional? (de que? É preciso especificar, mesmo que fique repetitivo, é preciso ficar claro)	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
12. Quais foram os seus melhores resultados como treinador em nível nacional? (de tênis?)	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
13. Atualmente, qual é o ranking dos seus atletas federados pela Federação de Tênis do Estado do Rio de Janeiro (FTERJ)? Está enorme a pergunta. Sugiro que coloque assim: Atualmente, qual é o ranking dos seus atletas, em nível estadual?	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
13.1. Pela CBT? E pela CBT? Ou modificar, seguindo o mesmo modelo da anterior. Em nível nacional.	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
Qualificação, aquisição e aplicação de conhecimentos	
14. Qual é o seu grau de escolaridade?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
15. Qual foi o curso?	(x) Concordo
15.1. Há quantos anos concluiu?	() Discordo ou deve mudar a questão
16. Em sua opinião, a formação acadêmica tem influência decisiva na sua função como treinador?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
16.1. Justifique:	() Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
17. É registrado do Conselho Regional de Educação Física (CREF)?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
17.1. Em qual a categoria?	(x) Concordo
17.2. Há quanto tempo?	() Discordo ou deve mudar a questão
18. Já participou dos cursos de formação de treinadores promovidos pela CBT?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
18.1. Quantos?	(x) Concordo
18.2. Qual foi o último?	() Discordo ou deve mudar a questão
19. Como você avalia esse último curso?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
20. Costuma aplicar os conhecimentos adquiridos nos cursos?	(x) Concordo
20.1. Dê exemplos	() Discordo ou deve mudar a questão
20.1.1. Quais os motivos que o levam a realizar cursos de formação de treinadores?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
21. Já participou de Congressos ou Workshops internacionais para treinadores, promovidos pela International Tennis Federation (ITF)?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
21.1. Quantos?	(x) Concordo

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

21.2. Qual foi o último?	<input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
22. Em sua opinião, como deveriam ser as condições de acesso à formação de treinador?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
22.1. E como deveria ser a formação contínua do treinador?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
23. Qual a importância que você dá à experiência prática comparada aos conhecimentos adquiridos por meio dos cursos de formação?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
24. Pensando sobre conhecimento teórico e prático, há algum deles que você considera mais importante para um treinador de atleta juvenil?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
25. Procura observar e/ou interagir com outros treinadores?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
25.1. Se SIM , com qual frequência?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
25.1.1. Do mesmo clube?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo
25.1.2. De outro clube?	<input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
25.2. Se NÃO , por quê?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
26. Você já utilizou de recursos tecnológicos para auxiliarem no treino?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
26.1. Se SIM , com que objetivos?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo
26.2. Se NÃO , por quê?	<input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
27. Em sua opinião, o treinador precisa possuir certos conhecimentos e competências para exercer a profissão? (Se o objetivo do verbo foi saber sobre uma necessidade, obrigatoriedade está correto. Senão pode ser trocado por “deve”, depende do seu objetivo com a pergunta)	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
27.1. Se SIM , dê dois exemplos de conhecimentos e dois de competências:	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
Planejamento do treino desportivo	
28. Em sua opinião, o planejamento do treino é necessário?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
29. Quais as razões que o levam a planejar ou não planejar? (o treino de seus atletas juvenis?)	<input type="checkbox"/> Concordo <input checked="" type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
30. O que considera ser mais importante no desenvolvimento do planejamento do treino de atletas juvenis?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
31. Os atletas participam do planejamento dos treinos?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo
31.1. Se SIM , quando? Como?	<input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
31.2. Se NÃO , por quê?	
32. Em sua opinião, o planejamento do treino pode sofrer alguma modificação prática de forma inesperada? no atleta juvenil?	<input type="checkbox"/> Concordo <input checked="" type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
32.1. Justifique:	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
33. Você utiliza as áreas do treinamento (técnico, físico, tático e psicológico) como base de planejamento dos treinos?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
33.1. Quais os critérios utilizados?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
34. Você se baseia na temporada de competições para o planejamento do treino?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
34.1. Se SIM , de que maneira a temporada influencia na organização do trabalho?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
34.2. Se NÃO , por quê?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

35. Como avalia os efeitos do planeamento dos treinos sobre o rendimento do atleta?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Intervenção pedagógica nos treinos	
36. Atualmente, quantos atletas você treina em grupo? 36.1. quantos individualmente?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
37. Normalmente, qual é a forma de tratamento pessoal que você utiliza quando fala diretamente com o atleta? 37.1. Por quê utiliza esta forma?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
38. Como se constitui as partes do seu treino no dia a dia?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
39. Você tem o hábito de dar instrução ao (s) atleta (s) em todas as partes do treino ou somente em algumas partes? 6.4.1. Justifique: 6.4.2. Como você apresenta as instruções?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
40. Você estimula a autoinstrução dos atletas?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
41. Você oferece sugestões e/ou lembretes para o (s) atleta (s) durante o treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
42. Em sua opinião, qual o grau de importância de cada área do treinamento? Técnico () Capacidades motoras () Tático () Psicológico () 1. Muito importante 2. Importante 3. Indiferente 4. Pouco importante 5. Nada importante	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
43. Qual a área do treinamento que você mais ressalta, quando trabalha as situações de jogo? 43.1. Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
44. Como você trabalha as situações de jogo no dia a dia? (Geral, específica ou mista). 44.1. Por quê? 44.2. E na pre-competição, qual delas é enfatizada? 44.3. Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
45. Você utiliza de treinos progressivos para o atleta?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
46. Utiliza jogos adaptados como exercícios de treino? 46.1. Dê Exemplos.	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
47. Costuma interrogar os atletas durante o treino? (O que fez? E como fez?).	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
48. Procura ouvir as opiniões dos atletas durante o treino? 48.1. Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
49. O que você mais procura observar no atleta durante o treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
50. Você deixa os atletas sozinhos em certa parte do treino? 50.1. Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
51. Utiliza materiais auxiliares no treino? Sim () Não () 51.1. Se SIM, quais? 51.1.1. Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho? 51.2. Se NÃO, por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
52. Quando proporciona momentos de descanso e hidratação para o atleta ou ao grupo de atletas? 52.1. O que define o momento de descanso e hidratação?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

52.2. O atleta opina sobre o momento de descanso e hidratação?	
Treino em grupo	() Concordo
53. Qual o critério de organização do grupo? Esta pergunta precisa ser mais específica. De que? De atletas. Onde?	(x) Discordo ou deve mudar a questão
54. Os atletas participam da organização do grupo no treino? (Deslocamento, posicionamento, início e fim).	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
55. Há atletas mais habilidosos no grupo dos menos habilidosos? 55.1. Qual razão?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
56. Há atletas mais experientes no grupo dos menos experientes? 56.1. Qual razão?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
57. Quais os motivos para a constituição de grupos heterogêneos ou homogêneos?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
58. Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas? 58.1. Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
59. Você estabelece os objetivos que devem ser alcançados pelo grupo? Você estabelece para o grupo os objetivos que deseja alcançar no treino?	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
60. Há objetivos individuais no mesmo grupo de treino? 60.1. Se SIM, dê exemplos. 60.2. Se NÃO, por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
61. Como intervém quando o grupo não alcança os objetivos?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
62. Como avalia se o objetivo foi alcançado pelo grupo?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
63. Costuma fazer elogios ao (s) atleta (s) durante os treinos? 63.1. Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
64. De que maneira é dado o feedback pedagógico para grupo? 64.1. E quando é dado?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
65. Como se define quais os atletas que irão treinar individualmente? 65.1. Há influência: da família? Do atleta? Do treinador? Do clube?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
66. Quem define a frequência desses treinos? 66.1. Justifique.	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
67. Você tem alguma preferência? (Habilidade, sexo, idade etc.) 67.1. Qual o motivo?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
68. Você explica ao atleta, qual o objetivo que deve ser alcançado por ele em cada parte do treino? 68.1. Se SIM, como o faz (Verbal, não verbal).	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
68.1.1. Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades durante o treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
68.1.2. O atleta participa da definição do grau de dificuldade dos objetivos do treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
68.1.3. Costuma quantificar os objetivos do treino? 68.1.3.1. Como o faz?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
68.1.4. Quais estratégias você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
68.1.5. Como você avalia se o objetivo foi alcançado pelo atleta?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
68.1.6. Em que se baseia para definir os objetivos dos treinos no dia a dia?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
68.1.7. Você enfatiza diferentes objetivos para distintas competições?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

68.1.7.1. Por quê?	
68.2. Se NÃO , por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
69. Quais os conhecimentos e capacidades que o atleta precisa possuir?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
70. Que tipo de atitudes que os atletas precisam possuir no treino? 70.1. E nas competições?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
71. Quais são as estruturas do seu treino individual? 71.1. Especifique.	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão

Obs.: sugiro que organize a numeração das perguntas de acordo com o objeto de investigação.
Ex. Tema 2 – perguntas 2.1. etc.

Sua avaliação será de grande valia para minha pesquisa.
MUITO OBRIGADO!

Anexo 7 – Protocolo de Entrevista / Versão 3

UNIVERSIDADE LUSÓFONA

Faculdade de Educação Física e Desporto

Curso de Doutoramento

Objetivo: Descrever o processo de pensamento do treinador de tênis expert em treino de atletas juvenis, acerca dos seguintes temas: experiências, fontes de conhecimentos, adequação dos conhecimentos, planeamento e intervenção pedagógica.

Avaliador:

Especialidade:

Local: Rio de Janeiro

Data:

Instruções: estimado (a) avaliador (a), venho solicitar a sua preciosa colaboração, no sentido de examinar e avaliar os construtos deste instrumento (protocolo de entrevista). O intuito é determinar a sua validação, para ser aplicado na minha investigação intitulada: **Processo de pensamento e ação do treinador de tênis**. Vossa Senhoria verificará cada pergunta, assinalando: “**concordo**” ou “**discordo e/ou deve mudar**”, as que discordar, por gentileza apresente as sugestões e os respectivos comentários.

Agradeço de antemão a sua colaboração e ajuda.

1. Aspectos sociodemográficas:

1.1. Faixa etária:

- () 20 a 24 anos
- () 25 a 29 anos
- () 30 a 34 anos
- () 35 a 39 anos
- () 40 a 44 anos
- () 45 a 49 anos
- () 50 a 54 anos
- () 55 a 59 anos
- () 60 a 64 anos
- () + de 65 anos

1.2. Sexo:

- () Masculino () Feminino

1.3. Estado civil:

- (x) Casado (a)
- () União estável
- () Solteiro (a)
- () Divorciado (a)
- () Viúvo (a)
- () Outros

1.4. Naturalidade (UF): _____

2. Experiência

- 2.1. Com quantos anos iniciou a prática do tênis?
 - 2.1.1. Comente quais foram as razões?
 - 2.1.2. E onde iniciou a jogar tênis?
- 2.2. Já participou de competições em alguma federação de tênis, como atleta juvenil?
 - 2.2.1. Qual federação?
 - 2.2.2. Qual categoria (faixa etária)?
- 2.3. Há quanto tempo você trabalha com atletas juvenis de tênis?
- 2.4. Quantos atletas juvenis você treinou, em média por ano, desde o início de sua carreira como treinador de tênis?
- 2.5. Já acompanhou alguma equipe ou um (a) atleta nas competições da Confederação Brasileira de Tênis (CBT)?
 - 2.5.1. Onde?
 - 2.5.2. Quando?
- 2.6. Quantos atletas você está treinando atualmente?
- 2.7. Quantos atletas de tênis jogam competição em nível nacional?
- 2.8. Quais foram os seus melhores resultados como treinador de tênis, em nível nacional?
- 2.9. Atualmente, qual é o ranking dos seus atletas, em nível estadual?
 - 2.9.1. Em nível nacional?

3. Fontes de conhecimento

- 3.1. Qual é o seu grau de escolaridade?
- 3.2. Qual foi o curso?
 - 3.2.1. Há quantos anos concluiu?
- 3.3. Em sua opinião, a formação acadêmica tem influência decisiva na sua função como treinador?
 - 3.3.1. Justifique:
- 3.4. É registrado no Conselho Regional de Educação Física (CREF)?
 - 3.4.1. Em qual categoria?
 - 3.4.2. Há quanto tempo?
- 3.5. Já participou dos cursos de capacitação da CBT?
 - 3.5.1. Quantos?
 - 3.5.2. Qual foi o último?
- 3.6. Como você avalia esse último curso?
- 3.7. Costuma aplicar os conhecimentos adquiridos nos cursos?
 - 3.7.1. Dê exemplos?
- 3.8. Já participou de Congressos ou Workshops internacionais para treinadores, promovidos pela *International Tennis Federation* (ITF)?
 - 3.8.1. Quantos?
 - 3.8.2. Qual foi o último?
- 3.9. Você concorda com as condições atuais de formação de treinador? () Sim () Não
 - 3.9.1. Por quê?
 - 3.9.2. E como deveriam ser as condições de acesso à formação de treinador e a formação contínua do treinador?
- 3.10. Qual a importância que você dá à experiência prática comparada aos conhecimentos adquiridos nos cursos?

4. Adequação dos conhecimentos

- 4.1. Pensando sobre conhecimento teórico e prático, há algum deles que você considera mais importante para o treino?
- 4.2. Procura observar e/ou interagir com outros treinadores?

- 4.2.1. Se SIM, com qual frequência?
 - 4.2.1.1. Do mesmo clube?
 - 4.2.1.2. De outro clube?
- 4.2.2. Se NÃO, por quê?
- 4.3. Você já utilizou vídeos de treino?
 - 4.3.1. Se SIM, com que objetivos?
 - 4.3.2. Se NÃO, por quê?
- 4.4. Em sua opinião, o treinador precisa possuir certos conhecimentos e competências para exercer a profissão?
 - 4.4.1. Se SIM, dê dois exemplos de cada.

5. Planejamento do treino

- 5.1. Em sua opinião, o planejamento do treino é necessário?
- 5.2. Quais as razões que o levam a planejar ou não planejar o treino dos seus atletas juvenis?
- 5.3. O que considera ser mais importante no desenvolvimento do planejamento do treino de atletas juvenis?
- 5.4. Os atletas participam do planejamento dos treinos?
 - 5.4.1. SIM, quando? E como?
 - 5.4.2. NÃO, por quê?
- 5.5. Em sua opinião, o planejamento do treino pode sofrer alguma modificação prática de forma inesperada?
 - 5.5.1. Justifique:
- 5.6. Você utiliza as áreas do treinamento (técnico, capacidades motoras, tático e psicológico) como base de planejamento dos treinos?
 - 5.6.1. Quais os critérios utilizados?
- 5.7. O calendário de competições tem influência no planejamento do treino?
 - 5.7.1. Se SIM, de que maneira?
 - 5.7.1.1. Quais as competições oficiais que se baseia?
 - 5.7.2. Se NÃO, por quê?
- 5.8. Como avalia os efeitos do planejamento dos treinos sobre o rendimento do atleta?

6. Intervenção pedagógica

- 6.1. Atualmente, quantos atletas você treina em grupo?
 - 6.1.1. E quantos individualmente?
- 6.2. Normalmente, qual é a forma de tratamento pessoal que você utiliza quando fala diretamente com o atleta?
 - 6.2.1. Por quê utiliza esta forma?
- 6.3. Como se constitui as partes do seu treino no dia a dia?
- 6.4. Você tem o hábito de dar instrução ao (s) atleta (s) em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?
 - 6.4.1. Justifique:
 - 6.4.2. Como você apresenta as instruções?
- 6.5. Você estimula a autoinstrução dos atletas?
- 6.6. Você oferece sugestões e/ou lembretes para o (s) atleta (s) durante o treino?
- 6.7. Qual o grau de importância de cada área do treino?
(Escolha um valor para cada área).
Técnico () Capacidades motoras () Tático () Psicológico ()
 - 1. Muito importante
 - 2. Importante
 - 3. Indiferente
 - 4. Pouco importante

5. Nada importante

6.8. Qual a área do treino que você mais ressalta quando trabalha especificamente, as cinco situações de jogo?

6.8.1. Por quê?

6.9. Como você trabalha as situações de jogo no dia a dia? (Geral, específica ou mista).

6.9.1. Por quê?

6.9.2. E na pre-competição, qual delas é enfatizada?

6.9.3. Por quê?

6.10. Você costuma utilizar de treinos progressivos?

6.10.1. Por quê?

6.11. Utiliza jogos como exercícios de treino?

6.11.1. Dê Exemplos.

6.12. Costuma interrogar os atletas durante o treino? (O que fez? E como fez?).

6.13. Procura ouvir as opiniões dos atletas durante o treino?

6.13.1. Por quê?

6.14. O que você mais procura observar no atleta durante o treino?

6.15. Você deixa os atletas sozinhos em certa parte do treino?

6.15.1. Por quê?

6.16. Utiliza materiais auxiliares no treino? Sim () Não ()

6.16.1. Se SIM, quais?

6.16.1.1. Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?

6.16.2. Se NÃO, por quê?

6.17. Quando proporciona momentos de descanso e hidratação para o atleta ou ao grupo de atletas?

6.17.1. O que define o momento de descanso e hidratação?

6.17.2. O atleta opina sobre o momento de descanso e hidratação?

Treino em grupo:

6.18. Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?

6.19. Os atletas participam da organização do grupo no treino?

(Deslocamento, posicionamento, início e fim).

6.20. Há atletas mais habilidosos no grupo dos menos habilidosos?

6.20.1. Qual a razão?

6.21. Há atletas mais experientes no grupo dos menos experientes?

6.21.1. Qual a razão?

6.22. Quais os motivos para a constituição de grupos heterogêneos ou homogêneos?

6.23. Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?

6.23.1. Por quê?

6.24. Você estabelece para o grupo os objetivos que deseja alcançar no treino?

6.25. Há objetivos individuais no mesmo grupo de treino?

6.25.1. Se SIM, dê exemplos.

6.25.2. Se NÃO, por quê?

6.26. Como intervém quando o grupo não alcança os objetivos?

6.27. Como avalia se o objetivo foi alcançado pelo grupo?

6.28. Costuma fazer elogios ao (s) atleta (s) durante os treinos?

6.28.1. Por quê?

6.29. De que maneira é dado o feedback pedagógico para grupo?

6.29.1. E quando é dado?

Treino individual

6.30. Como se define quais os atletas que irão treinar individualmente?

6.30.1. Há influência: Família? Atleta? Treinador? Clube?

- 6.31. Quem define a frequência desses treinos?
 - 6.31.1. Justifique.
- 6.32. Você tem alguma preferência de sexo ou idade, para a escolha dos atletas que vão treinar?
 - 6.32.1. Qual o motivo?
- 6.33. Você explica ao atleta, qual o objetivo que deve ser alcançado por ele em cada parte do treino?
 - 6.33.1. Se SIM, como o faz (Verbal, não verbal).
 - 6.33.2. Se NÃO, por quê?
- 6.34. Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades durante o treino?
- 6.35. O atleta participa da definição do grau de dificuldade dos objetivos do treino?
- 6.36. Costuma quantificar os objetivos do treino?
 - 6.36.1. Como o faz?
- 6.37. Quais estratégias você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?
- 6.38. Em que se baseia para definir os objetivos dos treinos no dia a dia?
- 6.39. Você enfatiza diferentes objetivos para distintas competições?
 - 6.39.1. Por quê?
- 6.40. Como você avalia se o objetivo foi alcançado pelo atleta individualmente?
- 6.41. Quais os conhecimentos e capacidades que o atleta precisa possuir?
- 6.42. Que tipo de atitudes que os atletas precisam possuir no treino?
 - 6.42.1. E nas competições?
- 6.43. Quais são as estruturas (partes) da sessão de treino individual?
 - 6.43.1. Especifique.

Anexo 8 – Avaliação do PE / Versão 3
Professor Dr. 01

UNIVERSIDADE LUSÓFONA

Faculdade de Educação Física e Desporto

Curso de Doutoramento

Protocolo de entrevista ao treinador

Objetivo: Descrever o processo de pensamento do treinador de tênis expert em treino de atletas juvenis, acerca dos seguintes temas: experiências, fontes de conhecimentos, adequação dos conhecimentos, planeamento e intervenção pedagógica.

Avaliador: PhD – EFD 01

Especialidade: Professor do Departamento de Educação Física e Desporto UFRRJ

Local: Rio de Janeiro

Data: 17 / 01 / 2018

Instruções: estimado (a) avaliador (a), venho solicitar a sua preciosa colaboração, no sentido de examinar e avaliar os construtos deste instrumento (protocolo de entrevista). O intuito é determinar a sua validação, para ser aplicado na minha investigação intitulada: **Processo de pensamento e ação do treinador de tênis de campo**. Vossa Senhoria verificará cada pergunta, assinalando: “**concordo**” ou “**discordo e/ou deve mudar**”, as que discordar, por gentileza apresente as sugestões e os respectivos comentários.

Agradeço de antemão a sua colaboração e ajuda.

1. Aspectos sociodemográficos:

1.1. Faixa etária:

() 20 a 24 anos

() 25 a 29 anos

() 30 a 34 anos

() 35 a 39 anos

() 40 a 44 anos

() 45 a 49 anos

() 50 a 54 anos

() 55 a 59 anos

(X) 60 a 64 anos

() + de 65 anos

1.2. Sexo:

(X) Masculino () Feminino

1.3. Estado civil:

1.4. Naturalidade (UF):

2. Experiências do treinador

2.1. Com quantos anos iniciou a prática do tênis?

(x) Concordo

2.1.1. Comente quais foram as razões?

() Discordo ou deve mudar a questão

2.1.2. E onde iniciou a jogar tênis?

Comentários

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

2.2. Já participou de competições em alguma federação de tênis, como atleta juvenil? 2.2.1. Qual federação? 2.2.2. Qual categoria (faixa etária)?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Como treinador: 2.3. Há quanto tempo você trabalha com atletas juvenis de tênis?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
2.4. Quantos atletas juvenis você treinou, em média por ano, desde o início de sua carreira como treinador de tênis?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
2.5. Já acompanhou alguma equipe ou um (a) atleta nas competições da Confederação Brasileira de Tênis (CBT)? Sim () Não () 2.5.1. Onde? 2.5.2. Quando?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
2.6. Quantos atletas você está treinando atualmente?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
2.7. Quantos atletas de tênis jogam competição em nível nacional?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
2.8. Quais foram os seus melhores resultados como treinador de tênis, em nível nacional?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
2.9. Atualmente, qual é o ranking dos seus atletas, em nível estadual? 2.9.1. Em nível Nacional?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
3. Fontes de conhecimentos.	
3.1. Qual é o seu grau de escolaridade?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
3.2. Qual foi o curso? 3.2.1. Há quantos anos concluiu?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
3.3. Em sua opinião, a formação acadêmica tem influência decisiva na sua função como treinador? 3.3.1. Justifique:	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
3.4. É registrado no Conselho Regional de Educação Física (CREF)? 3.4.1. Em qual categoria? 3.4.2. Há quanto tempo?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
3.5. Já participou dos cursos de capacitação da CBT? 3.5.1. Quantos? 3.5.2. Qual foi o último?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
3.6. Se, SIM Como você avalia esse último curso?	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
3.7. Costuma aplicar os conhecimentos adquiridos nos cursos? 3.7.1. Dê exemplos?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
3.8. Já participou de Congressos ou Workshops internacionais para treinadores, promovidos pela International Tennis Federation (ITF)? 3.8.1. Quantos? 3.8.2. Qual foi o último?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
3.9. Você concorda com as condições atuais de formação de treinador? () Sim () Não 3.9.1. Por quê? 3.9.2. Em sua opinião, como deveriam ser as condições de acesso à formação de treinador? 3.9.3. E como deveria ser a formação contínua do treinador?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
3.10. Qual a importância que você dá à experiência prática comparada aos conhecimentos adquiridos nos cursos?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

4. Adequação dos conhecimentos	
4.1. Pensando sobre conhecimento teórico e prático, há algum deles que você considera mais importante para o treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
4.2. Procura observar e/ou interagir com outros treinadores? 4.2.1. Se SIM, com qual frequência? 4.2.1.1. Do mesmo clube? 4.2.1.2. De outro clube? 4.2.2. Se NÃO, por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
4.3. Você já utilizou vídeos de treino? 4.3.1. Se SIM, com que objetivos? 4.3.2. Se NÃO, por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
4.4. Em sua opinião, o treinador precisa possuir certos conhecimentos e competências para exercer a profissão? 4.4.1. Se SIM, dê dois exemplos de cada.	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
5. Planejamento do treino desportivo	
4.5. Em sua opinião, o planejamento do treino é necessário?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
4.6. Quais as razões que o levam a planejar ou não planejar os treinos dos seus atletas juvenis?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
4.7. O que considera ser mais importante no desenvolvimento do planejamento do treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
5.4. Os atletas participam do planejamento dos treinos? 5.4.1. SIM, quando? E como? 5.4.2. NÃO, por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
5.5. Em sua opinião, o planejamento do treino pode sofrer alguma modificação prática de forma inesperada? 5.5.1. Justifique:	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
5.6. Você utiliza as áreas do treinamento (técnico, capacidades motoras, tático e psicológico) como base de planejamento dos treinos? 5.6.1. Quais os critérios utilizados?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
5.7. O calendário de competições tem influência no planejamento? 5.7.1. Se SIM, de que maneira? 5.7.1.1. Quais as competições oficiais que se baseia? 5.7.2. Se NÃO, por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
5.8. Como avalia os efeitos do planejamento dos treinos sobre o rendimento do atleta?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6. Intervenção pedagógica	
6.1. Atualmente, quantos atletas você treina em grupo? 6.1.1. E quantos individualmente?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.2. Normalmente, qual é a forma de tratamento pessoal que você utiliza quando fala diretamente com o atleta? 6.2.1. Por quê utiliza esta forma?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.3. Como se constitui as partes do seu treino no dia a dia?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.4. Você tem o hábito de dar instrução ao (s) atleta (s) em todas as partes do treino ou somente em algumas partes? 6.4.1. Justifique: 6.4.2. Como você apresenta as instruções?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.5. Você estimula a autoinstrução dos atletas?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

6.6. Você oferece sugestões e/ou lembretes para o (s) atleta (s) durante o treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.7. Qual o grau de importância de cada área do treino? (Escolha um valor para cada área). Técnico () Capacidades motoras () Tático () Psicológico () 1 Muito importante 2 Importante 3 Indiferente 4 Pouco importante 5 Nada importante	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.8. Qual a área do treino que você mais ressalta quando trabalha, as cinco situações de jogo? Definir as situações de jogo 6.8.1. Por quê?	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
6.9. Como você trabalha as situações de jogo no dia a dia? (Geral, específica ou mista). 6.9.1. Por quê? 6.9.2. E na pré-competição, qual delas é enfatizada? 6.9.3. Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.10. Você costuma utilizar de treinos progressivos? (Do menor para o maior) tênue para o mais forte 6.10.1. Por quê?	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
6.11. Utiliza jogos como exercícios de treino? 6.11.1. Dê Exemplos.	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.12. Costuma indagar (interrogar) os atletas durante o treino? (O que fez? E como fez?).	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
6.13. Procura ouvir as opiniões dos atletas durante o treino? 6.13.1. Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.14. O que você mais procura observar no atleta durante o treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.15. Você deixa os atletas sozinhos em certa parte do treino? 6.15.1. Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.16. Utiliza materiais auxiliares no treino? SIM () NÃO () 6.16.1. Se SIM, quais? 6.16.1.1. Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho? 6.16.2. Se NÃO, por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.17. Quando proporciona momentos de descanso e hidratação para o atleta ou ao grupo de atletas? 6.17.1. O que define o momento de descanso e hidratação? 6.17.2. O atleta opina sobre o momento de descanso e hidratação?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Treino em grupo: 6.18. Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.19. Os atletas participam da organização do grupo no treino? (Deslocamento, posicionamento, início e fim).	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.20. Há atletas mais habilidosos no grupo dos menos habilidosos? 6.20.1. Qual a razão?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.21. Há atletas mais experientes no grupo dos menos experientes? 6.21.1. Qual a razão?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.22. Quais os motivos para a constituição de grupos heterogêneos ou homogêneos?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.23. Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas? 6.23.1. Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

6.24. Você estabelece para o grupo os objetivos que deseja alcançar no treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.25. Há objetivos individuais no mesmo grupo de treino? 6.25.1. Se SIM, dê exemplos. 6.25.2. Se NÃO, por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.26. Como intervém quando o grupo não alcança os objetivos?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.27. Como avalia se o objetivo foi alcançado pelo grupo?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.28. Costuma fazer elogios ao (s) atleta (s) durante os treinos? 6.28.1. Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.29. De que maneira é dado o feedback pedagógico para grupo? 6.29.1. E quando é dado?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Treino individual	
6.30. Como se define quais os atletas que irão treinar individualmente? 6.30.1. Há influência: Família? Atleta? Treinador? Clube?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.31. Quem define a frequência desses treinos? 6.31.1. Justifique.	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.32. Você tem alguma preferência de gênero (sexo) ou idade, para a escolha dos atletas que vão treinar? 6.32.1. Qual o motivo?	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
6.33. Você explica ao atleta, qual o objetivo que deve ser alcançado por ele em cada parte do treino? 6.33.1. Se SIM, como o faz (Verbal, não verbal). 6.33.2. Se NÃO, por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.34. Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades durante o treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.35. O atleta participa da definição do grau de dificuldade dos objetivos do treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.36. Costuma quantificar os objetivos do treino? 6.36.1. Como o faz?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.37. Quais estratégias você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.38. Em que se baseia para definir os objetivos dos treinos no dia a dia?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.39. Você enfatiza diferentes objetivos para distintas competições? 6.39.1. Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.40. Como você avalia se o objetivo foi alcançado pelo atleta individualmente? (ordenamento das questões)	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
6.41. Quais os conhecimentos e capacidades que o atleta precisa possuir?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.42. Que tipo de atitudes que os atletas precisam possuir no treino? 6.42.1. E nas competições?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.43. Quais são as estruturas (partes) da sessão de treino individual? 6.43.1. Especifique. (Ordenamento das questões)	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão

Sua avaliação foi de grande valia para minha pesquisa.

MUITO OBRIGADO!

**Anexo 9 – Avaliação do PE / Versão 3
Treinador de Tênis 01**

UNIVERSIDADE LUSÓFONA

Faculdade de Educação Física e Desporto

Curso de Doutoramento

Protocolo de entrevista ao treinador

Objetivo: Descrever o processo de pensamento do treinador de tênis expert em treino de atletas juvenis, acerca dos seguintes temas: experiências, fontes de conhecimentos, adequação dos conhecimentos, planeamento e intervenção pedagógica.

Avaliador: Treinador de Tênis 01

Especialidade: Treinamento de atleta juvenil / Zona Norte

Local: Rio de Janeiro

Data: 12 / 01 / 2018

Instruções: estimado (a) avaliador (a), venho solicitar a sua preciosa colaboração, no sentido de examinar e avaliar os construtos deste instrumento (protocolo de entrevista). O intuito é determinar a sua validação, para ser aplicado na minha investigação intitulada: **Processo de pensamento e ação do treinador de tênis de campo**. Vossa Senhoria verificará cada pergunta, assinalando: “**concordo**” ou “**discordo e/ou deve mudar**”, as que discordar, por gentileza apresente as sugestões e os respectivos comentários.

Agradeço de antemão a sua colaboração e ajuda.

1. Aspectos sociodemográficos:

1.1. Faixa etária:

- 20 a 24 anos
- 25 a 29 anos
- 30 a 34 anos
- 35 a 39 anos
- 40 a 44 anos
- 45 a 49 anos
- 50 a 54 anos
- 55 a 59 anos
- 60 a 64 anos
- + de 65 anos

1.2. Sexo: Masculino Feminino

1.3. Estado civil:

1.4. Naturalidade (UF):

2. Experiências do treinador	
2.1. Com quantos anos iniciou a prática do tênis? 2.1.1. Comente quais foram as razões? 2.1.2. E onde iniciou a jogar tênis?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão Comentários:
2.2. Já participou de competições em alguma federação de tênis, como atleta juvenil? 2.2.1. Qual federação?	<input type="checkbox"/> Concordo <input checked="" type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

2.2.2. Qual categoria (faixa etária)? Especificar melhor tais categorias.	
Como treinador:	(x) Concordo
2.3. Há quanto tempo você trabalha com atletas juvenis de tênis?	() Discordo ou deve mudar a questão
2.4. Quantos atletas juvenis você treinou, em média por ano, desde o início de sua carreira como treinador de tênis?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
2.5. Já acompanhou alguma equipe ou um (a) atleta nas competições da Confederação Brasileira de Tênis (CBT)? Sim () Não ()	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
2.5.1. Onde?	
2.5.2. Quando?	
2.6. Quantos atletas você está treinando atualmente?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
2.7. Quantos atletas de tênis jogam competição em nível nacional?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
2.8. Quais foram os seus melhores resultados como treinador de tênis, em nível nacional?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
2.9. Atualmente, qual é o ranking dos seus atletas, em nível estadual?	(x) Concordo
2.9.1. Em nível Nacional?	() Discordo ou deve mudar a questão
3. Fontes de conhecimentos.	
2.10. Qual é o seu grau de escolaridade?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
2.11. Qual foi o curso?	(x) Concordo
3.2.1. Há quantos anos concluiu?	() Discordo ou deve mudar a questão
2.12. Em sua opinião, a formação acadêmica tem influência decisiva na sua função como treinador? 3.3.1. Justifique:	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
2.13. É registrado no Conselho Regional de Educação Física (CREF)?	(x) Concordo
3.4.1. Em qual categoria?	() Discordo ou deve mudar a questão
3.4.2. Há quanto tempo?	
2.14. Já participou dos cursos de capacitação da CBT?	(x) Concordo
3.5.1. Quantos?	() Discordo ou deve mudar a questão
3.5.2. Qual foi o último?	
2.15. Como você avalia esse último curso?	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
2.16. Costuma aplicar os conhecimentos adquiridos nos cursos?	(x) Concordo
3.7.1. Dê exemplos?	() Discordo ou deve mudar a questão
2.17. Já participou de Congressos ou Workshops internacionais para treinadores, promovidos pela International Tennis Federation (ITF)?	(x) Concordo
3.8.1. Quantos?	() Discordo ou deve mudar a questão
3.8.2. Qual foi o último?	
2.18. Você concorda com as condições atuais de formação de treinador? () Sim () Não	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
3.9.1. Por quê?	
3.9.2. Em sua opinião, como deveriam ser as condições de acesso à formação de treinador?	
3.9.3. E como deveria ser a formação contínua do treinador?	
2.19. Qual a importância que você dá à experiência prática comparada aos conhecimentos adquiridos nos cursos?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
4. Adequação dos conhecimentos	
2.20. Pensando sobre conhecimento teórico e prático, há algum deles que você considera mais importante para o treino? Pode ocorrer indução na resposta.	() Concordo (X) Discordo ou deve mudar a questão
2.21. Procura observar e/ou interagir com outros treinadores?	(x) Concordo
4.2.1. Se SIM , com qual frequência?	() Discordo ou deve mudar a questão
4.2.1.1. Do mesmo clube?	
4.2.1.2. De outro clube?	
4.2.2. Se NÃO , por quê?	
2.22. Você já utilizou vídeos de treino?	(x) Concordo
4.3.1. Se SIM , com que objetivos?	() Discordo ou deve mudar a questão
4.3.2. Se NÃO , por quê?	

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

2.23. Em sua opinião, o treinador precisa possuir certos conhecimentos e competências para exercer a profissão? 4.4.1. Se SIM , dê dois exemplos de cada.	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
5. Planejamento do treino desportivo	
2.24. Em sua opinião, o planejamento do treino é necessário?	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
2.25. Quais as razões que o levam a planejar ou não planejar os treinos dos seus atletas juvenis?	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
2.26. O que considera ser mais importante no desenvolvimento do planejamento do treino?	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
5.4. Os atletas participam do planejamento dos treinos? 5.4.1. SIM , quando? E como? 5.4.2. NÃO , por quê?	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
5.5. Em sua opinião, o planejamento do treino pode sofrer alguma modificação prática de forma inesperada? 5.5.1. Justifique:	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
5.6. Você utiliza as áreas do treinamento (técnico, capacidades motoras, tático e psicológico) como base de planejamento dos treinos? 5.6.1. Quais os critérios utilizados?	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
5.7. O calendário de competições tem influência no planejamento do treino? 5.7.1. Se SIM , de que maneira? 5.7.1.1. Quais as competições oficiais que se baseia? 5.7.2. Se NÃO , por quê?	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
5.8. Como avalia os efeitos do planejamento dos treinos sobre o rendimento do atleta?	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6. Intervenção pedagógica	
6.1. Atualmente, quantos atletas você treina em grupo? 6.1.1. E quantos individualmente?	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6.2. Normalmente, qual é a forma de tratamento pessoal que você utiliza quando fala diretamente com o atleta? 6.2.1. Por quê utiliza esta forma?	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6.3. Como se constitui as partes do seu treino no dia a dia?	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6.4. Você tem o hábito de dar instrução ao (s) atleta (s) em todas as partes do treino ou somente em algumas partes? 6.4.1. Justifique: 6.4.2. Como você apresenta as instruções?	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6.5. Você estimula a autoinstrução dos atletas?	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6.6. Você oferece sugestões e/ou lembretes para o (s) atleta (s) durante o treino?	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6.7. Qual o grau de importância de cada área do treino ? (Escolha um valor para cada área). Técnico () Capacidades motoras () Tático () Psicológico () 1. Muito importante 2. Importante 3. Indiferente 4. Pouco importante 5. Nada importante	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6.8. Qual a área do treino que você mais ressalta quando trabalha especificamente, as cinco situações de jogo? 6.8.1. Por quê?	<input type="checkbox"/> Concordo <input checked="" type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6.9. Como você trabalha as situações de jogo no dia a dia? (Geral, específica ou mista). 6.9.1. Por quê? 6.9.2. E na pre-competição, qual delas é enfatizada? 6.9.3. Por quê?	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6.10. Você costuma utilizar de treinos progressivos? Talvez fases atingidas 6.10.1. Por quê?	<input type="checkbox"/> Concordo <input checked="" type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6.11. Utiliza jogos como exercícios de treino? 6.11.1. Dê Exemplos.	<input type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6.12. Costuma indagar os atletas durante o treino? (O que fez? E como fez?). O verbo questionar seria melhor...	<input type="checkbox"/> Concordo <input checked="" type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

6.13. Procura ouvir as opiniões dos atletas durante o treino? 6.13.1. Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.14. O que você mais procura observar no atleta durante o treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.15. Você deixa os atletas sozinhos em certa parte do treino? 6.15.1. Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.16. Utiliza materiais auxiliares no treino? SIM () NÃO () 6.17. 6.16.1. Se SIM , quais? 6.16.1.1. Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho? 6.16.2. Se NÃO , por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.18. Quando proporciona momentos de descanso e hidratação para o atleta ou ao grupo de atletas? 6.17.1. O que define o momento de descanso e hidratação? 6.17.2. O atleta opina sobre o momento de descanso e hidratação?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Treino em grupo:	
6.19. Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.20. Os atletas participam da organização do grupo no treino? (Deslocamento, posicionamento, início e fim).	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.21. Há atletas mais habilidosos no grupo dos menos habilidosos? 6.20.1. Qual a razão?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.22. Há atletas mais experientes no grupo dos menos experientes? 6.21.1. Qual a razão?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.23. Quais os motivos para a constituição de grupos heterogêneos ou homogêneos?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.24. Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas? 6.23.1. Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.25. Você estabelece para o grupo os objetivos que deseja alcançar no treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.26. Há objetivos individuais no mesmo grupo de treino? 6.25.1. Se SIM , dê exemplos. 6.25.2. Se NÃO , por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.27. Como intervém quando o grupo não alcança os objetivos?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.28. Como avalia se o objetivo foi alcançado pelo grupo?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.29. Costuma fazer elogios ao (s) atleta (s) durante os treinos? 6.28.1. Por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.30. De que maneira é dado o feedback pedagógico para grupo? 6.29.1. E quando é dado?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
Treino individual	
6.31. Como se define quais os atletas que irão treinar individualmente? 6.30.1. Há influência: Família? Atleta? Treinador? Clube?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.32. Quem define a frequência desses treinos? 6.31.1. Justifique.	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.33. Você tem alguma preferência de gênero (sexo) ou idade, para a escolha dos atletas que vão treinar? 6.32.1. Qual o motivo?	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
6.34. Você explica ao atleta, qual o objetivo que deve ser alcançado por ele em cada parte do treino? 6.33.1. Se SIM , como o faz (Verbal, não verbal). 6.33.2. Se NÃO , por quê?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.35. Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades durante o treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.36. O atleta participa da definição do grau de dificuldade dos objetivos do treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão
6.37. Costuma quantificar os objetivos do treino? 6.36.1. Como o faz? Não está claro, seria no treino prático?	() Concordo (x) Discordo ou deve mudar a questão
6.38. Quais estratégias você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?	(x) Concordo () Discordo ou deve mudar a questão

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

6.39. Em que se baseia para definir os objetivos dos treinos no dia a dia?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6.40. Você enfatiza diferentes objetivos para distintas competições? 6.39.1. Por quê?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6.41. Como você avalia se o objetivo foi alcançado pelo atleta individualmente?	<input type="checkbox"/> Concordo <input checked="" type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6.42. Quais os conhecimentos e capacidades que o atleta precisa possuir?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6.43. Que tipo de atitudes que os atletas precisam possuir no treino? 6.42.1. E nas competições?	<input checked="" type="checkbox"/> Concordo <input type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão
6.44. Quais são as estruturas (partes) da sessão de treino individual? 6.43.1. Especifique. <i>Não está claro, seria no treino prático?</i>	<input type="checkbox"/> Concordo <input checked="" type="checkbox"/> Discordo ou deve mudar a questão

Observação: Sugeriu que no título da tese fosse acrescentada a palavra “campo” para identificar claramente a modalidade desportiva em estudo.

Sua avaliação foi de grande valia para minha pesquisa.

MUITO OBRIGADO!

**Anexo 10 – Protocolo de Entrevista
Versão Final**

UNIVERSIDADE LUSÓFONA

Faculdade de Educação Física e Desporto

Curso de Doutoramento

Protocolo de entrevista ao treinador

Objetivo: Descrever o processo de pensamento do treinador de tênis expert em treino de atletas juvenis, acerca dos seguintes temas: experiências, fontes de conhecimentos, adequação dos conhecimentos, planeamento e intervenção pedagógica.

Avaliador:

Especialidade:

Local: Rio de Janeiro

Data:

1. Aspectos sociodemográficas:

1.1. Faixa etária:

- 20 a 24 anos
- 25 a 29 anos
- 30 a 34 anos
- 35 a 39 anos
- 40 a 44 anos
- 45 a 49 anos
- 50 a 54 anos
- 55 a 59 anos
- 60 a 64 anos
- + de 65 anos

1.2. Sexo:

- Masculino
- Feminino

1.3. Estado civil:

- Casado (a)
- União estável
- Solteiro (a)
- Divorciado (a)
- Viúvo (a)
- Outros

1.4. Naturalidade (UF):

2. Experiência

- 2.1. Com quantos anos iniciou a prática do tênis?
 - 2.1.1. Comente quais foram as razões?
 - 2.1.2. E onde iniciou a jogar tênis?
- 2.2. Já participou de competições como jogador? () Sim () Não
 - 2.2.1. Qual circunstância?
 - 2.2.2. Qual federação? Em qual categoria? (Faixa etária)
- 2.3. Há quanto tempo você trabalha com atletas juvenis de tênis?
- 2.4. Quantos atletas juvenis você treinou, em média por ano, desde o início de sua carreira como treinador de tênis?
- 2.5. Já acompanhou atletas em viagem?
 - 2.5.1. Onde?
 - 2.5.2. Quando?
- 2.6. Quantos atletas você está treinando atualmente?
- 2.7. Quantos atletas de tênis jogam competição em nível nacional?
- 2.8. Quais foram os seus melhores resultados como treinador de tênis, em nível nacional?
- 2.9. Atualmente, qual é o ranking dos seus atletas, em nível estadual?
 - 2.9.1. E em nível nacional?

3. Fontes de conhecimento

- 3.1. Qual é o seu grau de escolaridade?
- 3.2. Qual foi o curso?
 - 3.2.1. Há quantos anos concluiu?
- 3.3. Em sua opinião, a formação acadêmica tem influência decisiva na sua função como treinador?
 - 3.3.1. Justifique:
- 3.4. É registrado no Conselho Regional de Educação Física (CREF)?
 - 3.4.1. Em qual categoria?
 - 3.4.2. Há quanto tempo?
- 3.5. Já participou dos cursos de capacitação da CBT?
 - 3.5.1. Quantos?
 - 3.5.2. Qual foi o último?
- 3.6. Como você avalia esse último curso?
- 3.7. Costuma aplicar os conhecimentos adquiridos nos cursos?
 - 3.7.1. Dê exemplos?
- 3.8. Já participou de Congressos ou Workshops internacionais para treinadores, promovidos pela *International Tennis Federation* (ITF)?
 - 3.8.1. Quantos?
 - 3.8.2. Qual foi o último?
- 3.9. Você concorda com as condições atuais de formação de treinador? () Sim () Não
 - 3.9.1. Por quê?
 - 3.9.2. E como deveriam ser as condições de acesso à formação de treinador e a formação contínua do treinador?
- 3.10. Qual a sua opinião, acerca da experiência prática comparada aos conhecimentos adquiridos nos cursos?

4. Adequação dos conhecimentos

- 4.1. Como você compreende a relação entre a teoria e a prática para o treino de atletas juvenis?
- 4.2. Procura observar e/ou interagir com outros treinadores?
 - 4.2.1. Se SIM, com qual frequência?

- 4.2.1.1. Do mesmo clube?
- 4.2.1.2. De outro clube?
- 4.2.2. Se NÃO, por quê?
- 4.3. Você já utilizou vídeos de treino?
 - 4.3.1. Se SIM, com que objetivos?
 - 4.3.2. Se NÃO, por quê?
- 4.4. Em sua opinião, quais os conhecimentos e as competências que o treinador precisar possuir para exercer a profissão.
 - 4.4.1. Se SIM, dê dois exemplos de cada.

5. Planejamento do treino

- 5.1. Em sua opinião, o planejamento é fundamental para carreira do atleta juvenil?
 - 5.1.1. Porquê?
- 5.2. Quais as razões que o levam a planejar ou não planejar o treino dos seus atletas juvenis?
- 5.3. O que considera ser mais importante no planejamento do treino de atletas juvenis?
- 5.4. Os atletas participam do planejamento dos treinos?
 - 5.4.1. SIM, quando? E como?
 - 5.4.2. NÃO, por quê?
- 5.5. Em sua opinião, o planejamento do treino pode sofrer alguma modificação prática de forma inesperada?
 - 5.5.1. Justifique:
- 5.6. Você utiliza as áreas do treinamento (técnico, capacidades motoras, tático e psicológico) como base de planejamento dos treinos?
 - 5.6.1. Quais os critérios utilizados?
- 5.7. O calendário de competições tem influência no planejamento do treino?
 - 5.7.1. Se SIM, de que maneira?
 - 5.7.1.1. Quais as competições oficiais que se baseia?
 - 5.7.2. Se NÃO, por quê?
- 5.8. Como avalia os efeitos do planejamento dos treinos sobre o rendimento do atleta?

6. Intervenção pedagógica

- 6.1. Atualmente, quantos atletas você treina em grupo?
 - 6.1.1. E quantos individualmente?
- 6.2. Normalmente, qual é a forma de tratamento pessoal que você utiliza quando fala diretamente com o atleta?
 - 6.2.1. Por quê utiliza esta forma?
- 6.3. Como se constitui as partes do seu treino no dia a dia?
- 6.4. Você tem o hábito de dar instrução ao (s) atleta (s) em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?
 - 6.4.1. Justifique:
 - 6.4.2. Como você apresenta as instruções?
- 6.5. Você estimula a autoinstrução dos atletas?
- 6.6. Você oferece sugestões e/ou lembretes para o (s) atleta (s) durante o treino?
- 6.7. Qual o grau de importância de cada área do treino? (Escolha um valor para cada área).
Técnico () Capacidades motoras () Tático () Psicológico ()
 - 1. Muito importante
 - 2. Importante
 - 3. Indiferente
 - 4. Pouco importante
 - 5. Nada importante

- 6.8. Quando você trabalha os golpes de fundo de quadra, voleio, saque, devolução e passador, qual a área do treino que você mais ressalta?
6.8.1. Por quê?
- 6.9. Como você trabalha as situações de jogo no dia a dia? (Geral, específica ou mista).
6.9.1. Por quê?
6.9.2. E na pre-competição, qual delas é enfatizada?
6.9.3. Por quê?
- 6.10. Você costuma utilizar nos treinos práticos, exercícios pautados em fases progressivas?
() **Sim** () **Não**
6.10.1. Por quê?
- 6.11. Utiliza jogos como exercícios de treino?
6.11.1. Dê exemplos.
- 6.12. Você costuma questionar os atletas durante o treino? (Ex. O que fez? E como fez?).
- 6.13. Procura ouvir as opiniões dos atletas durante o treino?
6.13.1. Por quê?
- 6.14. O que você mais procura observar no atleta durante o treino?
- 6.15. Você deixa os atletas sozinhos em certa parte do treino?
6.15.1. Por quê?
- 6.16. Utiliza materiais auxiliares no treino? Sim () Não ()
6.16.1. Se SIM, quais?
6.16.1.1. Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?
6.16.2. Se NÃO, por quê?
- 6.17. Proporciona momentos de descanso e hidratação para o atleta ou ao grupo de atletas?
6.17.1. O que define o momento de descanso e hidratação?
6.17.2. O atleta opina sobre o momento de descanso e hidratação?

Treino em grupo:

- 6.18. Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?
- 6.19. Os atletas participam da organização do grupo no treino?
(Deslocamento, posicionamento, início e fim).
- 6.20. Há atletas mais habilidosos no grupo dos menos habilidosos?
6.20.1. Qual a razão?
- 6.21. Há atletas mais experientes no grupo dos menos experientes?
6.21.1. Qual a razão?
- 6.22. Quais os motivos para a constituição de grupos heterogêneos ou homogêneos?
- 6.23. Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?
6.23.1. Por quê?
- 6.24. Você estabelece para o grupo os objetivos que deseja alcançar no treino?
- 6.25. Há objetivos individuais no mesmo grupo de treino?
6.25.1. Se SIM, dê exemplos.
6.25.2. Se NÃO, por quê?
- 6.26. Como intervém quando o grupo não alcança os objetivos?
- 6.27. Como avalia se o objetivo foi alcançado pelo grupo?
- 6.28. Costuma fazer elogios ao (s) atleta (s) durante os treinos?
6.28.1. Por quê?
- 6.29. De que maneira é dado o feedback pedagógico para grupo?
6.29.1. E quando é dado?

Treino individual

- 6.30. Como se define quais os atletas que irão treinar individualmente?
6.30.1. Há influência: Família? Atleta? Treinador? Clube?

- 6.31. Quem define a frequência desses treinos?
 - 6.31.1. Justifique.
- 6.32. Você tem alguma preferência de sexo ou idade, para a escolha dos atletas que vão treinar?
 - 6.32.1. Qual o motivo?
- 6.33. Você explica ao atleta, qual o objetivo que deve ser alcançado em cada parte do treino?
 - 6.33.1. Se SIM, como o faz (Verbal, não verbal).
 - 6.33.2. Se NÃO, por quê?
- 6.34. Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades durante o treino?
- 6.35. O atleta participa da definição do grau de dificuldade dos objetivos do treino?
- 6.36. Você costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino?
 - 6.36.1. Como o faz? (De que maneira)
- 6.37. Quais estratégias você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?
- 6.38. Em que se baseia para definir os objetivos dos treinos no dia a dia?
- 6.39. Você enfatiza diferentes objetivos para distintas competições?
 - 6.39.1. Por quê?
- 6.40. Como você avalia se o objetivo foi alcançado pelo atleta individualmente?
- 6.41. Quais os conhecimentos e capacidades que o atleta precisa possuir?
- 6.42. Que tipo de atitudes que os atletas precisam possuir no treino?
 - 6.42.1. E nas competições?
- 6.43. Quanto tempo você utiliza para cada parte do treino?
 - 6.43.1. E o que é feito em cada uma? Especifique

Anexo 11 – Protocolo de entrevista
Resposta de um treinador

UNIVERSIDADE LUSÓFONA

Faculdade de Educação Física e Desporto

Curso de Doutoramento

Protocolo de entrevista ao treinador

Objetivo: Descrever o processo de pensamento do treinador de tênis expert em treino de atletas juvenis, acerca dos seguintes temas: experiências, fontes de informações, adequação dos conhecimentos, planeamento e intervenção pedagógica.

Avaliador: Wanderlei Pacheco

Especialidade do participante: Treinador de tênis infanto-juvenil

Local: Rio de Janeiro

Data: 14/03/2018

1. Aspectos sociodemográficas:

1.1. Faixa etária:

- 20 a 24 anos
- 25 a 29 anos
- 30 a 34 anos
- 35 a 39 anos
- 40 a 44 anos
- 45 a 49 anos
- 50 a 54 anos
- 55 a 59 anos
- 60 a 64 anos
- + de 65 anos

1.2. Sexo:

- Masculino
- Feminino

1.3. Estado civil:

- Casado (a)
- União estável
- Solteiro (a)
- Divorciado (a)
- Viúvo (a)
- Outros

1.4. Naturalidade (UF): Rio de Janeiro

2. Experiência

2.1. Com quantos anos iniciou a prática do tênis?

Iniciei na faixa dos 10 anos

2.2.1. Comente quais foram as razões?

Incentivo do meu pai, aqui próximo da minha casa tinha um clube de tênis e foi aí que comecei.

2.2.2. E onde iniciou a jogar tênis?

No clube Luso brasileiro

2.2. Já participou de competições como jogador? () **Sim** (X) **Não**

2.2.1. Qual circunstância?

2.2.2. Qual federação? Em qual categoria? (Faixa etária)

Por que? Porque era mais difícil, era muito distante dos lugares e não tínhamos treinadores de tênis no clube.

2.3. Há quanto tempo você trabalha com atletas juvenis de tênis?

O trabalho com juvenil foi depois da formação acadêmica, foi um processo de mais conhecimento e envolvimento com o esporte e aí foi o momento que iniciei com a formação de juvenil de alto rendimento. Foi na época de 1988.

2.4. Quantos atletas juvenis você treinou, em média por ano, desde o início de sua carreira como treinador de tênis? 5 a 10 atletas por ano.

2.5. Já acompanhou atletas em viagem? (X) **Sim** () **Não**

2.5.1. Onde? Já corremos muitos estados do Brasil, vamos lá, todos da região sudeste, alguns do sul, centro oeste e nordeste.

2.5.2. Quando? Foi alguma coisa na década de 90 e agora praticamente agora a partir de 2017 um empenho grande também.

2.6. Quantos atletas você está treinando atualmente?

Atualmente, 5 atletas juvenis.

2.7. Quantos atletas de tênis jogam competição em nível nacional?

Todos jogam, inclusive alguns COSATs (Competições Sul-americana).

2.8. Quais foram os seus melhores resultados como treinador de tênis, em nível nacional? Fui campeão brasileiro da série G2 da categoria 15/16 anos e semifinalista de dois COSATs.

2.9. Atualmente, qual é o ranking dos seus atletas, em nível estadual?

O meu melhor está entre os 10 primeiros do ranking estadual.

2.9.1. E em nível nacional? Eles estão entre os 100 jogadores. Mas, tem um no top 10.

3. Fontes de conhecimento

3.1. Qual é o seu grau de escolaridade?

Superior completo mais alguns cursos de pós-graduação lato sensu

3.2. Qual foi o curso?

Educação Física

3.2.1. Há quantos anos concluiu?

Foi em 1990, já tem uns 30 anos.

3.3. Em sua opinião, a formação acadêmica tem influência decisiva na sua função como treinador? Tem função decisiva e determinante na minha função. Hoje sou muito dependente das informações extraídas do meio acadêmico, isso é incontestável.

3.1. Justifique:

A gente tinha na universidade um suporte muito grande de biomecânica e fisiologia, no qual tínhamos acesso, ou seja, contato intenso, além do fato de ter sido atleta. Por este motivo hoje temos um olhar muito apurado por conta do mundo acadêmico.

3.4. É registrado no Conselho Regional de Educação Física (CREF)?

(X) **Sim** () **Não**

3.4.1. Em qual categoria?

Graduado

3.4.2. Há quanto tempo?

Logo após o termino do curso de Educação Física busquei pelo registro, (1998).

3.5. Já participou dos cursos de capacitação da CBT? () **Sim** (X) **Não**

3.5.1. Quantos?

3.5.2. Qual foi o último? Por que? Porque tive dúvida na formação dos atletas, a CBT visava muito os treinadores da formação prática, e aí me sentia a parte, por isso não frequentava este ambiente. Não se compara com a formação acadêmica.

3.6. Como você avalia esse último curso?

Sem Resposta

3.7. Costuma aplicar os conhecimentos adquiridos nos cursos?

() **Sim** () **Não**

3.7.1. Dê exemplos?

3.8. Já participou de Congressos ou Workshops internacionais para treinadores, promovidos pela *International Tennis Federation* (ITF)? (X) **Sim** () **Não**

3.8.1. Quantos? Três cursos

3.8.2. Qual foi o último?

São Paulo – 2005 em fisiologia do tênis.

3.9. Você concorda com as condições atuais de formação de treinador?

() **Sim** (X) **Não**

3.9.1. Por quê? É uma discussão complexa, na minha visão o treinador precisa ter uma formação acadêmica e se quiser se especializar em esporte de rendimento cabe ao treinador. Mas, depende da vontade do treinador.

3.9.2. E como deveriam ser as condições de acesso à formação de treinador e a formação contínua do treinador? Na opinião, o acesso tinha que ser por via acadêmica.

O treinador não pode parar de estudar, a informação muda constantemente. Precisa sempre buscar novos conhecimentos dentro de cada grau de treinador.

3.10. Qual a sua opinião, acerca da experiência prática comparada aos conhecimentos adquiridos nos cursos? Os conhecimentos adquiridos nos cursos promovidos pela ITF são de grande importância para prática do treinador. Porque muitas informações vêm de base de pesquisa e de instituições muito importantes ligada ao esporte.

4. Adequação dos conhecimentos

4.1. Como você compreende a relação entre a teoria e a prática para o treino de atletas juvenis? Os dois são de uma importância muito grande, na formação de atleta juvenil de alto rendimento, o treinador precisa de uma vivência nos ambientes prático nas esferas estadual, nacional e internacional. O treinador com uma boa base teórica do treinamento favorece a base prática.

4.2. Procura observar e/ou interagir com outros treinadores? (X) **Sim** () **Não**

4.2.1. Se SIM, com qual frequência?

Normalmente, acontece nos torneios, é quando você tem contato com outros treinadores, você procura ouvir outras opiniões e também dou as minhas opiniões sem ser soberbo, sempre procurando conversar sobre trabalhos técnicos. Mas, também é um pouco difícil porque o treinador não gosta de se expor ou falar sobre o treino diário.

4.2.1.1. Do mesmo clube?

Sempre trocamos ideia.

4.2.1.2. De outro clube?

Sim, treinadores de outros clubes principalmente de outro estado.

4.2.2. Se NÃO, por quê?

4.3. Você já utilizou vídeos de treino? (X) **Sim** () **Não**

4.3.1. Se SIM, com que objetivos?

Porque o atleta tem uma percepção fora do que ele faz, ele não se vê.

4.3.2. Se NÃO, por quê?

4.4. Em sua opinião, quais os conhecimentos e as competências que o treinador precisar possuir para exercer a profissão.

4.4.1. Dê dois exemplos de cada.

Ter conhecimento no momento da comunicação e ter uma relação (educação).
Competência, ter uma capacidade técnica para a demonstração.

5. Planejamento do treino

5.1. Em sua opinião, o planejamento é fundamental para carreira do atleta juvenil?

Sim Não

5.1.1. Porquê? A ideia de planejar é buscar resultados positivo, é base, sem planejamento não tem resultado.

5.2. Quais as razões que o levam a planejar ou não planejar o treino dos seus atletas juvenis?

As razões em planejar é favorecer a busca do resultado positivo para o atleta.

5.3. O que considera ser mais importante no planejamento do treino de atletas juvenis?

Com base no calendário, dentro do que será feito durante o ano e aí você organiza os ciclos de treinamento, porque tem as variáveis desde a parte técnica, parte intelectual, parte emocional e aí você vai compondo e recebendo o feedback do atleta.

5.4. Os atletas participam do planejamento dos treinos? Sim Não

5.4.1. SIM, quando? E como?

5.4.2. NÃO, por quê?

Porque são menores e aí o treinador tem essa responsabilidade.

5.5. Em sua opinião, o planejamento do treino pode sofrer alguma modificação prática de forma inesperada? Sim Não

5.5.1. Justifique: O treinador precisa ter a capacidade de modificar o treino, até porque o treino acontece em um espaço aberto e aí você não pode exagerar na parte física ou quando chove você tem que compor o treino em uma área coberta. Tem que ter essa flexibilidade. Ter um imprevisto bem coerente.

5.6. Você utiliza as áreas do treinamento (técnico, capacidades motoras, tático e psicológico) como base de planejamento dos treinos? Sim Não

5.6.1. Quais os critérios utilizados?

Vai depender do período do treinamento, exemplo na pré-temporada eu procuro enfatizar a parte física e assim vai.

5.7. O calendário de competições tem influência no planejamento do treino?

Sim Não

5.7.1. Se SIM, de que maneira?

Decisiva, porque e por meio dela que eu organizo os ciclos de treinamento.

5.7.1.1. Quais as competições oficiais que se baseia? Depende, normalmente me baseio nas competições nacionais.

5.7.2. Se NÃO, por quê?

5.8. Como avalia os efeitos do planejamento dos treinos sobre o rendimento do atleta?

Eu avalio se o resultado desejado foi alcançado, as vezes vai além. Principalmente em competições de âmbito nacional.

O mais importante é perceber se houve a consolidação do padrão de jogo. Ou seja, se o atleta estar mais consciente da forma que ele se coloca em quadra.

O treinador tem o atleta como seu ganha pão, e aí se faz muita avaliação subjetiva, além da falta de tempo para trabalhar.

6. Intervenção pedagógica

6.1. Atualmente, quantos atletas você treina em grupo?

No treino de hoje, temos trabalhado com seis atletas em duas quadras.

6.1.1. E quantos individualmente?

Dois atletas neste grupo, com o intuito de fazer um treino a parte com mais volume.

6.2. Normalmente, qual é a forma de tratamento pessoal que você utiliza quando fala diretamente com o atleta?

Sempre chamei pelo nome, até entre eles eu exigia o tratamento pelo nome.

6.2.1. Por quê utiliza esta forma?

Para obter um ambiente de respeito, em níveis ético e moral.

6.3. Como se constitui as partes do seu treino no dia a dia?

Depende da programação do treino, tem treino com objetivo de volume dava-se mais tempo. Aquecimento, parte específica, redução do treino e avaliação.

6.4. Você tem o hábito de dar instrução ao (s) atleta (s) em todas as partes do treino ou somente em algumas partes? **(X) Sim () Não**

O tempo inteiro em todas as partes eu dava instrução.

6.4.1. Justifique:

Fazia isso para otimizar o resultado.

6.4.2. Como você apresenta as instruções?

O tempo todo é verbal no treino, até porque o papel do treinador de alto rendimento é cobrar muito do atleta e em considerações pontuais, você usa o visual. Uso vídeos com orientação tática, relatos e até vídeos de jogos.

6.5. Você estimula a autoinstrução dos atletas? **(x) Sim () Não**

Justifique: Porque na quadra o atleta precisa resolver, ou seja, ter o discernimento do que fazer na quadra com base no que foi treinado. Tem que ter autonomia de perceber e decidir, isso tem que ter porque é uma questão de maturidade.

O tênis exige que o atleta desenvolva maturidade para obter o resultado.

6.6. Você oferece sugestões e/ou lembretes para o (s) atleta (s) durante o treino?

(X) Sim () Não

6.1. Justifique: A ideia é reforçar o lado emocional do atleta em questões técnicas e táticas.

6.7. Qual o grau de importância de cada área do treino? (Escolha um valor para cada área).

Técnico (1) Capacidades motoras (1) Tático (1) Psicológico (1)

1. Muito importante 2. Importante 3. Indiferente 4. Pouco importante 5. Nada importante

6.8. Quando você trabalha os golpes de fundo de quadra, voleio, saque, devolução e passador, qual a área do treino que você mais ressalta?

Depende do atleta, temos que ter a capacidade de completar a lacuna. Mas, o aspecto tático é primordial.

6.8.1. Por quê? Conhecendo o tático o atleta consegue jogar com qualquer outro atleta.

6.9. Como você trabalha as situações de jogo no dia a dia? (Geral, específica ou mista).

O trabalho misto para o momento do jogo, usa-se mais variáveis, o trabalho específico para lapidar ou fazer o ajuste fino e o geral pode ser um trabalho de transição

6.9.1. Por quê?

Vai depender da época do treinamento, as três são importantes.

6.9.2. E na pré-competição, qual delas é enfatizada?

Enfatizo a mista, preparatório para o jogo.

6.9.3. Por quê? Para visar uma condição ótima do atleta para o jogo. Ali é para ganhar força mental.

6.10. Você costuma utilizar nos treinos práticos, exercícios pautados em fases progressivas?

(X) Sim () Não

6.10.1. Por quê?

Para favorecer a escala de exigência de volume e repetição.

6.11. Utiliza jogos como exercícios de treino? **(X) Sim () Não**

Muitos, em algumas situações sim, pode ser que no treino possa ter um atleta que tenha um nível melhor que o outro.

6.11.1. Dê exemplos.

Jogos de contagem (vantagem para o atleta mais jovem ou nível técnico mais baixo).
Jogos que você pode limitar o espaço da quadra para um determinado atleta.

6.12. Você costuma questionar os atletas durante o treino? **(X) Sim () Não**

(Ex. O que fez? E como fez?).

Muitas vezes, porque quando há o questionamento você faz o atleta pensar na jogada ou num golpe.

6.13. Procura ouvir as opiniões dos atletas durante o treino? **(X) Sim () Não**

6.13.1. Por quê?

Contudo, você precisa perceber a veracidade da colocação (opinião) que ele passa. E perceber é uma relação íntima.

6.14. O que você mais procura observar no atleta durante o treino?

O empenho e o interesse (motivação) do atleta juvenil.

6.15. Você deixa os atletas sozinhos em certa parte do treino? **() Sim (X) Não**

Só em último caso, é importante estar junto em quadra.

6.15.1. Por quê?

Para manter o atleta sempre motivado no treino.

6.16. Utiliza materiais auxiliares no treino? **Sim (X) Não ()**

6.16.1. Se SIM, quais?

Cones, arco, canhão, corda, canhão etc

6.16.1.1. Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?

Sim, o atleta ajuda montar um circuito, atuam juntos para otimizar o tempo.

6.16.2. Se NÃO, por quê?

6.17. Quando proporciona momentos de descanso e hidratação para o atleta ou ao grupo de atletas? Quando percebo que caiu o rendimento do atleta ou quando termina um determinado treino.

6.17.1. O que define o momento de descanso e hidratação?

O tempo ou a necessidade de hidratação ou descanso do atleta.

6.17.2. O atleta opina sobre o momento de descanso e hidratação? **(X) Sim () Não**

6.17.2.1. Justifique: Porque é válido ouvir o atleta sobre essa questão, ele é a melhor pessoa para falar se precisa descansar ou beber água.

Treino em grupo:

6.18. Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?

Normalmente é o nível técnico, pode ter um atleta de idade menor, mas tem apresentado um nível técnico bom.

6.19. Os atletas participam da organização do grupo no treino? **(X) Sim () Não**

(Deslocamento, posicionamento, início e fim).

Porém, não era determinante. Porque eu que definia. Em alguns casos eu acatava.

6.20. Há atletas mais habilidosos no grupo dos menos habilidosos? **(X) Sim () Não**

6.20.1. Qual a razão?

Motivar os menos habilidosos e exigir um melhor comportamento deles.

6.21. Há atletas mais experientes no grupo dos menos experientes? **(X) Sim () Não**

6.21.1. Qual a razão?

Dar responsabilidade para os mais experientes.

6.22. Quais os motivos para a constituição de grupos heterogêneos ou homogêneos?

Heterogêneos, normalmente quando se busca algum treino específico para um determinado atleta, exemplo quando quero trabalhar alguma jogada tática procuro colocar o atleta mais forte contra um menos forte. Homogêneos, quando o treino visa situações reais de jogo.

6.23. Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas? **(X) Sim () Não**
6.23.1. Por quê? *No início do treinamento sim, depois o treino é muito rotina e o atleta já conhece o conteúdo.*

6.24. Você estabelece para o grupo os objetivos que deseja alcançar no treino? **(X) Sim () Não**
Porque, tem que haver uma progressão pedagógica.

6.25. Há objetivos individuais no mesmo grupo de treino? **(X) Sim () Não**
6.25.1. Se SIM, dê exemplos.

No grupo tinha atleta que iria jogar também um torneio de dupla e aí no próprio treino exigia alguns comportamentos táticos de dupla. Exemplo, pedia para esse atleta executar voleios fundos. Outro, exigia um serviço mais colocado desse atleta.

6.25.2. Se NÃO, por quê?

6.26. Como intervém quando o grupo não alcança os objetivos?

Tinha que haver uma avaliação da deficiência para poder trabalhar mais.

6.27. Como avalia se o objetivo foi alcançado pelo grupo?

Quando o treino era realizado positivamente.

6.28. Costuma fazer elogios ao (s) atleta (s) durante os treinos? **(X) Sim () Não**
O tempo todo, a base não é a crítica e sim os elogios.

6.28.1. Por quê?

Porque a base é a motivação, o atleta se percebendo como capaz, renderá mais.

6.29. De que maneira é dado o feedback pedagógico para grupo?

Sempre verbal, visando a motivação.

6.29.1. E quando é dado?

Depende do treinamento, se tivesse muito próximo do alcance eu dava o feedback.

Treino individual

6.30. Como se define quais os atletas que irão treinar individualmente?

O treino individual gera custo, custo tem que ser aprovado por quem tem o poder financeiro. Ou seja, a família. Mas, eu indicava e conversava com o responsável.

6.30.1. Há influência: Família? Atleta? Treinador? Clube?

6.31. Quem define a frequência desses treinos?

Eu indicava a frequência do treino, não era determinante. Mas, dependia da aprovação dos pais.

6.31.1. Justifique.

Porque eu observava a necessidade do atleta e indicava a frequência.

6.32. Você tem alguma preferência de sexo ou idade, para a escolha dos atletas que vão treinar? *O que é determinante para a minha satisfação de entrar em quadra para treinar alguém é a educação que o atleta tem e a família tem, não tenho preferência.*

6.32.1. Qual o motivo?

É a preferência de um convívio baseado na educação.

6.33. Você explica ao atleta, qual o objetivo que deve ser alcançado por ele em cada parte do treino? **(X) Sim () Não**

6.33.1. Se SIM, como o faz (Verbal, não verbal).

Verbal, gesto ou demonstração

6.33.2. Se NÃO, por quê?

6.34. Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades durante o treino? **(X) Sim () Não**

6.34. Justifique: De acordo com a capacidade individual, você tem que trabalhar com as situações problemáticas, para evitar a acomodação.

6.35. O atleta participa da definição do grau de dificuldade dos objetivos do treino?

Sim Não

6.35.1. Justifique: Porque é uma decisão particular, que eu defino.

6.36. Você costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino?

Sim Não

6.36.1. Como o faz? (De que maneira)

Muitas vezes eu registro ou conto, muitas vezes a gente faz a percepção individual, verifica o número de acertos ou a capacidade mental do atleta.

6.37. Quais estratégias você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?

Aí, tem que ser diagnóstico do que fez o atleta não alcançar, se é uma questão pessoal de relaxamento, se é uma questão física de incapacidade ou técnica de necessidade de aperfeiçoamento.

6.38. Em que se baseia para definir os objetivos dos treinos no dia a dia?

Aí, após a avaliação ou após o resultado, elaborar o treinamento para que seja recuperada a capacidade ou aperfeiçoada a capacidade.

6.39. Você enfatiza diferentes objetivos para distintas competições? Sim Não

6.39.1. Por quê?

Porque, hoje temos competições coletivas, precisamos trabalhar neste sentido. Nas competições individuais sempre busco vencer.

6.40. Como você avalia se o objetivo foi alcançado pelo atleta individualmente?

Quando foi alcançado o que foi pré-determinado

6.41. Quais os conhecimentos e capacidades que o atleta precisa possuir?

O atleta precisa ter um autoconhecimento das suas capacidades, ele tem que ter o convencimento de que ele é capaz e alguns outros aspectos. O principal é ter a autoconfiança.

6.42. Que tipo de atitudes que os atletas precisam possuir no treino?

O atleta tem que ter a atitude de vencedor, tem que ter uma postura de autonomia, tomada de decisão e de maturidade para entender o que está sendo proposto.

6.42.1. E nas competições?

Sempre de vencedor, não pode ser de outra forma.

6.43. Quanto tempo você utiliza para cada parte do treino?

Depende do objetivo do treinamento. Pode ter 15 a 20 minutos de aquecimento (físico e técnico), 40 a 60 minutos de treino específico e o restante de jogos.

6.43.1. E o que é feito em cada uma? Especifique

Aquecimento, parte específica e jogos (normais ou adaptados).

Transcrição revisada e aprovada pelo treinador.

Assinatura

Anexo 12 – Protocolo de entrevista

Respostas organizadas em categorias

UNIVERSIDADE LUSÓFONA

Faculdade de Educação Física e Desporto

Curso de Doutoramento

Protocolo de entrevista ao treinador

Objetivo: Descrever o processo de pensamento do treinador de tênis expert em treino de atletas juvenis, acerca dos seguintes temas: experiências, fontes de conhecimentos, adequação dos conhecimentos, planeamento e intervenção pedagógica.

Avaliador: Pesquisador principal

Especialista: Treinador de tênis – Atletas juvenis

Local: Rio de Janeiro

Data: 24 de maio de 2018

1. Aspectos sociodemográficas:

1.1. Faixa etária:

() 20 a 24 anos

() 25 a 29 anos

() 30 a 34 anos

() 35 a 39 anos

() 40 a 44 anos

(X) 45 a 49 anos

() 50 a 54 anos

() 55 a 59 anos

() 60 a 64 anos

() + de 65 anos

1.2. Sexo:

(X) Masculino

() Feminino

1.3. Estado civil:

(X) Casado (a)

() União estável

() Solteiro (a)

() Divorciado (a)

() Viúvo (a)

() Outros

1.4. Naturalidade (UF): [Estado do Rio de Janeiro](#)

2. Experiência

2.1. Com quantos anos iniciou a prática do tênis?

Eu tinha 11 anos, eu tinha passado por alguns esportes. Mas, não tinha gostado de nenhum.

2.1.1. Comente quais foram as razões?

Foi através de um convite de um amigo para jogar tênis no condomínio que eu morava.

2.1.2. E onde iniciou a jogar tênis?

Iniciei no condomínio que eu morava Nova Ipanema. Barra da Tijuca - RJ. Mas, como eu gostei fui fazer aula no clube Rio Raquete Mar na Barra da Tijuca. Depois me transferi para ATERJ

2.2. Já participou de competições como jogador? (X) SIM () NÃO

2.2.1. Qual circunstância?

Na categoria juvenil, fiquei entre os 25 melhores jogadores na categoria 17/18 anos.

2.2.2. Qual federação? Joguei pela Federação do Rio de Janeiro. Também, joguei pela Confederação brasileira de Tênis.

Em qual categoria? (Faixa etária) Categoria 17/18 anos.

2.3. Há quanto tempo você trabalha com atletas juvenis de tênis?

Comecei cedo, 21 anos atrás iniciei o trabalho com juvenil.

2.4. Quantos atletas juvenis você treinou, em média por ano, desde o início de sua carreira como treinador de tênis? Não tenho certeza, talvez uns 10 atletas por ano.

2.5. Já acompanhou atletas em viagem? () SIM (X) NÃO

Por que? Por que como sou o coordenador, não posso abandonar os alunos sociais.

2.5.1. Onde?

2.5.2. Quando foi o último?

2.6. Quantos atletas você está treinando atualmente?

Por não ter tempo, estou treinado competitivamente 4 atletas juvenis.

2.7. Quantos atletas de tênis jogam competição em nível nacional? Dois jogam o nacional.

2.8. Quais foram os seus melhores resultados como treinador de tênis, em nível nacional?

Foi um atleta meu chegar na semifinal do brasileiro 2016.

2.9. Atualmente, qual é o ranking dos seus atletas, em nível estadual?

No Rio, tenho um atleta como o primeiro do Ranking Estadual e outro entre os 25.

2.9.1. E em nível nacional? No nacional um no Top 10 e os outros estão acima do Top 100.

3. Fontes de informação

3.1. Qual é o seu grau de escolaridade?

Eu tenho o terceiro grau completo, em dois cursos (Graduação).

3.2. Qual foi o curso? Marketing e em Educação Física (Licenciatura Plena).

3.2.1. Há quantos anos concluiu? Há 12 anos atrás.

3.3. Em sua opinião, a formação acadêmica tem influência decisiva na sua função como treinador?

É sensível a influência, utilizo muitas coisas que eu aprendi na faculdade

(Categoria / **influência decisiva**)

3.3.1. Justifique: Uma coisa complementa a outra. O entendimento explicado em sala de aula é essencial.

3.4. É registrado no Conselho Regional de Educação Física (CREF)? (X) SIM () NÃO

3.4.1. Em qual categoria? Graduado.

3.4.2. Há quanto tempo? Tenho a 2 anos.

3.5. Já participou dos cursos de capacitação da CBT? (X) SIM () NÃO

3.5.1. Quantos? Todos eles.

3.5.2. Qual foi o último? CBT – Nível 3 em 2011.

3.6. Como você avalia esse último curso?

O curso foi caríssimo, precisando ser mais popular do que ele é. Teve coisas muito boas que eu utilizei até hoje.

3.7. Costuma aplicar os conhecimentos adquiridos nos cursos? (X) SIM () NÃO

3.7.1. Dê exemplos? O próprio aquecimento, quando utiliza o lançamento da bola com as mãos no fundo da quadra, objetivando a técnica.

3.8. Já participou de Congressos ou Workshops internacionais para treinadores, promovidos pela *International Tennis Federation* (ITF)? (X) SIM () NÃO

Mais de uma vez, o primeiro sobre lateralidade e psicomotricidade linha suíça, Workshop sul-americano em Foz de Iguaçu durante uma semana com os principais técnicos do Mundo.

3.8.1. Quantos? 2 congressos e 1 Workshop.

3.8.2. Qual foi o último? 2008 no sul do país.

3.9. Você concorda com as condições atuais de formação de treinador? () SIM (X) NÃO

3.9.1. Por quê? Porque na minha opinião, o treinador de tênis deveria fazer uma faculdade correr atrás de um diploma porque engradece muito.

(Categoria / **Ter uma maior exigência**)

3.9.2. E como deveriam ser as condições de acesso à formação de treinador e a formação contínua do treinador? Para trabalhar com tênis competitivo o treinador precisa de uma bagagem competitiva aliada aos conhecimentos do treino. Sou a favor do estudo em instituições acadêmicas para melhorar a condição do treinador

(Categoria / **Universidades de EF**).

O que alavanca a popularidade do tênis são os nossos ídolos. As principais escolas de tênis em nível mundial, têm um plano nacional que mostra onde e como o treinador pode chegar. Exigem do treinador muito estudo para crescer na profissão.

(Categoria / **Por graus de qualificação**)

3.10. Qual a sua opinião, acerca da experiência prática comparada aos conhecimentos adquiridos nos cursos?

Coisas completamente diferentes, uma coisa é você vivenciar aquele medo que é vivido na quadra, outra coisa é você estudar. O conhecimento adquirido fica na memória muscular que nem sempre você irá aprender num curso de capacitação.

(Categoria / os conhecimentos dos cursos foram **um complemento**).

4. Adequação dos conhecimentos

4.1. Como você compreende a relação entre a teoria e a prática para o treino de atletas juvenis?

Os dois são importante e se completam, existem muitas informações na teoria que associada a prática faz a compreensão de um treino adequado e possíveis reflexões.

(Categoria / **Indissociável**)

4.2. Procura observar e/ou interagir com outros treinadores? (X) Sim () Não,

4.2.1. Se SIM, com qual frequência?

Sempre, estamos conversando sobre um treino.

4.2.1.1. Do mesmo clube?

Porque estão perto da gente, a proximidade física favorece.

4.2.1.2. De outro clube?

É raro. Como eu disse, devido à distância (proximidade).

4.2.2. Se NÃO, por quê?

4.3. Você já utilizou vídeos de treino? (X) Sim () Não **Uso muito.**

4.3.1. Se SIM, com que objetivos?

Uso os vídeos de jogadores profissionais como referência técnica para o meu atleta.

(Categoria / **referência com base no treino de profissionais**).

4.3.2. Se NÃO, por quê?

4.4. Em sua opinião, quais os conhecimentos e competências que o treinador precisar possuir para exercer a profissão.

Precisa, ele pode adquirir com estudos e vivência prática. É necessário adquirir, não dar para fazer a escolha do nada. Precisar de muito estudo.

4.4.1. Dê dois exemplos de cada.

Conhecimento prático de jogo para dar à luz ao atleta

(Categoria / **Saberes técnicos e táticos**)

e ter a competência de ajudar o atleta no momento exato de uma situação de jogo.

(Categoria / **Saber executar e corrigir os golpes**)

5. Planejamento do treino

5.1. Em sua opinião, o planejamento é fundamental para carreira do atleta juvenil?

(X) SIM () NÃO É muito necessário.

5.1.1. Porquê?

É a luz para favorecer o seu objetivo micro, meso ou macro. Para atingir esse objetivo você precisa pensar na periodização, no que se refere ao dia, semana, mês e as competições.

(Categoria / **base de sustentação do treino**)

5.2. Quais as razões que o levam a planejar ou não planejar o treino dos seus atletas juvenis?

Para saber o que ele (atleta) precisa melhor nas partes técnica e tática, a curto e a médio prazo.

5.3. O que considera ser mais importante no planejamento do treino de atletas juvenis?

O que ele (atleta) precisa desenvolver em nível de volume de jogo e de tática e a longo prazo.

E saber se a gente está atingindo as metas de acordo com o calendário de competição. Mas, tendo flexibilidade, ou seja, é uma coisa subjetiva.

5.4. Os atletas participam do planejamento dos treinos?

() Sim (X) Não

Não participa, é muito raramente. Ele só participa do calendário.

5.4.1. SIM, quando? E como?

5.4.2. NÃO, por quê? Porque sou eu que sempre planejei o treino.

(Categoria / **Ser atribuição do treinador**).

Mas, ouço as interferências dele e acato numa boa.

5.5. Em sua opinião, o planejamento do treino diário pode sofrer alguma modificação prática de forma inesperada? (X) SIM () Não

5.5.1. Justifique: Quando ao atleta apresenta algum mal-estar ou mesmo um cansaço.

5.6. Você utiliza as áreas do treinamento (técnico, capacidades motoras, tático e psicológico) como base de planejamento dos treinos?

O tempo todo, tem dia específico para um deles. Segunda (Físico e técnico), terça, quarta e quinta (Técnico-tático) e sexta (Mais tática com jogo).

5.6.1. Quais os critérios utilizados?

A técnica compartilhada com as demais.

5.7. O calendário de competições tem influência no planejamento do treino?

(X) Sim () Não

5.7.1. Se SIM, de que maneira?

Total, porque são estes torneios (fortes) que eu utilizo como referência e parâmetro.

(Categoria / **tem influência crucial**)

5.7.1.1. Quais as competições oficiais que se baseia? CBT, yellow league e Tech Set.

5.7.2. Se NÃO, por quê?

5.8. Como avalia os efeitos do planejamento dos treinos sobre o rendimento do atleta?

É tangível, e satisfatório, porque o próprio atleta percebe a evolução no jogo.

(Categoria / **concretizar no jogo o que foi treinado**)

6. Intervenção pedagógica

6.1 Atualmente, quantos atletas você treina em grupo?

Treino dois atletas, atualmente.

6.1.1. E quantos individualmente?

Individualmente, um só atleta.

6.2. Normalmente, qual é a forma de tratamento pessoal que você utiliza quando fala diretamente com o atleta?

Chamo pelo apelido, filhão. Ele é muito íntimo, como se fosse um filho para mim.

6.2.1. Por quê utiliza esta forma?

Porque, já havia uma relação forte (Amizade) desde muito tempo.

6.3 Como constituía as partes do seu treino no dia a dia? Qual tempo para cada parte?

Ela começa com aquecimento, depois para parte técnica (específica) para fazer algum ajuste, percebido num jogo ou no *Scout* feito. E termina com a parte tática ou com um jogo.

6.4. Você tem o hábito de dar instrução ao(s) atleta(s) em todas as partes do treino ou somente em algumas partes? (X) Sim () Não

Justifique: O tempo todo, a comunicação precisa ser muito ampla, eu preciso ter a certeza de que eles estão entendendo o que eu quero nos exercícios.

(Categoria / instrução em todas as partes do treino)

Como você apresenta as instruções?

No caso dos meus atletas, ela é visual e falada (verbal).

6.5 Você estimula a autoinstrução dos atletas? (X) Sim () Não

O tempo todo, porque o tênis é um esporte que você precisa estimular a autoinstrução o tempo todo. Ele precisa ser auto suficiente.

6.6 Você oferece sugestões e/ou lembretes para o (s) atleta (s) durante o treino?

(X) Sim () Não

Durante o treino, fazemos uso de 10 regras instituída em nosso treino de forma lúdica.

6.7. Qual o grau de importância de cada área do treinamento?

1. Muito importante
2. Importante
3. Indiferente
4. Pouco importante
5. Nada importante

Técnico (2) / Capacidades motoras (2) / Tático (2) / Psicológico (1)

Um jogador com menos técnica. Mas, com mais físico e com cabeça (psicológico) melhor consegue ganhar o jogo do jogador com mais técnica.

6.8 Quando você trabalha as situações de jogo (golpes de fundo de quadra, voleio, saque, devolução e passador), qual a área do treinamento que você mais ressalta?

Ressalto a técnica e a tática, ênfase mais a tática, temos uma regra que é colocar a bola em jogo. O volume de jogo é a questão de você produzir um ponto, o tênis é um jogo de tomada de decisão.

6.8.1. Por quê?

Porque, se você consegue trabalhar o volume (quantidade de bolas que eu consigo passar para o outro lado sem errar).

6.9 Como (Forma) você trabalha as situações de jogo no dia a dia? (Geral, específica ou mista).

Eu trabalho aqui de forma mais mista.

6.9.1. Por quê?

Porque, é uma característica minha, herdei quando eu era atleta (experiência própria).

6.9.2. E no pré-competição, qual delas é enfatizada?

Continuo mantendo a mesma forma de trabalho.

6.9.3. Por quê?

Porque o atleta já está acostumado.

6.10. Você costuma utilizar nos treinos práticos, exercícios pautados em fases progressivas?

(x) SIM () NÃO

E as vezes regressivos, quando o atleta ainda não está entendendo o conceito. O progressivo a gente vai dificultando para que ele (Atleta) progrida.

6.10.1. Por quê?

Porque cada vez que você complementa mais, você aumenta a confiança do atleta no que ele está aprendendo.

6.11. Utiliza jogos como exercícios de treino? (x) SIM () NÃO

Muitos exercícios.

6.11.1. Dê exemplos.

Coloco o atleta para jogar comigo, com outros atletas, situações de jogo de forma específica e adaptada, aumento o tamanho da rede, trocar dez bolas antes de começar o ponto para aumentar o volume de jogo dele, só pode bater de direita (*Forehand*).

6.12. Você costuma questionar os atletas durante o treino? (Ex. O que fez? E como fez?).

(x) SIM () NÃO Despertar o raciocínio do atleta.

(Categoria / **Estimular a capacidade de pensar do atleta juvenil**)

6.13. Procura ouvir as opiniões dos atletas durante o treino? (x) SIM () NÃO

6.13.1. Por quê? Porque é uma questão subjetiva, não sabemos como ele vai estar todos os dias, por isso ouço as suas opiniões.

(Categoria / **Para conhecer a percepção do atleta juvenil**)

6.14. O que você mais procura observar no atleta durante o treino?

Observo o volume de jogo, principalmente. Se ele está conseguindo executar tudo aquilo que a gente treina, são tantas variáveis. **Movimentação**, olho na bola, **paciência**, o **comportamento** dele no ponto, se ele consegue se controlar

6.15. **Você deixa os atletas sozinhos em certa parte do treino?** () SIM (X) NÃO

Fico com ele o tempo todo.

6.15.1. Por quê? Porque não tenho esse hábito.

6.16. Utiliza materiais auxiliares no treino? (x) SIM () NÃO

6.16.1. Se SIM, quais?

Cones, rede suspensa, elástico para as pernas, *Medicine Ball*, bolas etc...

6.16.1.1. Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?

(x) SIM () NÃO

Eu e os atletas. Eles me ajudam, sempre para viabilizar. (Categoria / **Os atletas ajudavam**)

6.16.2. Se NÃO, por quê?

6.17. Quando proporciona momentos de descanso e hidratação para o atleta ou ao grupo de atletas?

É subjetivo, quando sinto que ele está mal (Precisando) a gente dar uma pausa.

6.17.1. O que define o momento de descanso e hidratação?

Quando finaliza a quantidade de repetições e o tempo.

6.17.2. O atleta opina sobre o momento de descanso e hidratação?

Sim, e procuro aceitar a opinião dele neste sentido.

Treino em grupo:

6.18. Qual critério você utiliza para organizar o grupo de atletas no treino?

Nível de jogo dos atletas.

6.19. Os atletas participam da organização do grupo no treino?

(Deslocamento, posicionamento, início e fim).

Não, eu que organizo os grupos de treinamento, porque eles irão escolher o grupo de preferência. (Categoria / **Ser atribuição do treinador**)

6.20. Há atletas mais habilidosos no grupo dos menos habilidosos? (x) SIM () NÃO

6.20.1. Qual a razão?

Treinar situações de jogo que não se consegue treinar com atletas do mesmo nível.

6.21. Há atletas mais experientes no grupo dos menos experientes? (x) SIM () NÃO

6.21.1. Qual a razão?

Forma de incentivo aos menos experientes e valorização aos mais experientes.

6.22. Quais os motivos para a constituição de grupos heterogêneos ou homogêneos?

Aproximação de uma competição ou não.

6.23. Você apresenta (verbaliza) o conteúdo do treino para o grupo de atletas?

(x) SIM () NÃO

6.23.1. Por quê?

Para deixar todos conscientes do trabalho que será feito.

6.24. Você estabelece (Fala) para o grupo os objetivos que deseja alcançar no treino, por quê?

(x) SIM () NÃO

Para que eles possam dar mais atenção (Foco) ao treino. Até porque tem dias de treino que buscamos quantidade e/ou qualidade.

6.25. Há objetivos individuais no mesmo grupo de treino?

(x) SIM () NÃO

6.25.1. Se SIM, dê exemplos.

É importante ter. O objetivo do treino é controlar a bola. Mas, posso orientar que um atleta dê *Top Spin* e um outro utilizar do *Slice*.

6.25.2. Se NÃO, por quê?

6.26. Como intervém quando o grupo não alcança os objetivos?

Interrompo o treino e questiono se o objetivo está muito acima para aquele alcance.

6.27. Como avalia se o objetivo foi alcançado pelo grupo?

Minha percepção, quando verifico se o objetivo do treino está bom ou não, se está sendo alcançado ou não. Também, pelos números.

6.28. Costuma fazer elogios ao(s) atleta(s) durante os treinos? (X) SIM () NÃO

6.28.1. Por quê? Porque eu acredito que é uma forma de mostrar que está valendo o esforço apresentado pelo atleta. Ele (Atleta) tem que se sentir bem e enaltecido. Aqui (Treino) tem que ser o ambiente que ele (Atleta) mais ama. Competição, o atleta só participa se amar.

6.29. De que maneira é dado o feedback pedagógico para grupo?

Faço uso das palavras em grande parte do treino. Mas, também procuro demonstrar para eles.

6.29.1. E quando é dado? Sempre que necessário, dentro da minha ótica.

Treino individual

6.30. Como se define quais os atletas que irão treinar individualmente?

Os atletas que não estão assimilando muito bem a informação, acabam treinando em separado de forma individual.

6.30.1. Há influência: Família? Atleta? Treinador? Clube?

Família

6.31. Quem define a frequência desses treinos?

Eu (Treinador) que defini a quantidade de treinos na semana.

6.31.1. Justifique.

É pelo fato de estar com o atleta e saber o que ele (Atleta) necessita naquele momento.

6.32. Você tem alguma preferência de sexo ou idade, para a escolha dos atletas que vão treinar?

Não tenho preferência, mas sempre treinei meninos no juvenil (acaso).

6.32.1. Qual o motivo?

Porque não apresentam vícios (manias) e ai posso ajustar a técnicas (refinar) para competição.

6.33. Você explica ao atleta, qual o objetivo que deve ser alcançado em cada parte do treino?

(X) SIM () NÃO

Exceto, no aquecimento, até porque ele (Atleta) já sabe o que fazer. Nas outras com certeza, principalmente, na parte específica (Técnica e tática).

6.33.1. Se SIM, como o faz (Verbal, não verbal). Utilizo sempre as palavras.

6.33.2. Se NÃO, por quê?

6.34. Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades durante o treino?

(X) SIM () NÃO

Claro, para que ele (Atleta) entenda que a subida é aos poucos (Progressivo).

6.35. O atleta participa da definição do grau de dificuldade dos objetivos do treino?

(X) SIM () NÃO

É importante o feedback dele (Atleta).

6.36. Você costuma quantificar para assegurar os objetivos do treino? (x) SIM () NÃO

Costumo, mas não é em todos os treinos.

6.36.1. Como o faz? (De que maneira)

Faço o *Scout* do treino e no treino propriamente dito, eu verbalizo a quantidade ou determino, que tem um determinado tempo para realização de um exercício.

(Categoria / **Os treinadores contavam**)

6.37. Quais estratégias você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?

Mudamos o objetivo, adapta para um mais alcançável.

(Categoria / **regressão do objetivo**)

6.38. Em que se baseia para definir os objetivos dos treinos no dia a dia?

Na necessidade do atleta e aproximação das competições.

6.39. Você enfatiza diferentes objetivos para distintas competições? (X) SIM () NÃO

6.39.1. Por quê? Porque depende da importância da competição. Mas, sempre com objetivos modestos para distintas competições.

6.40. Costuma fazer a avaliação do alcance dos objetivos junto com o atleta no final da sessão treino? Como você avalia se o objetivo foi alcançado pelo atleta individualmente?

Quando, eu percebo que o treino foi satisfatório para mim e para o atleta.

(Categoria / **Atleta satisfeito com o treino**)

6.41. Quais os conhecimentos e capacidades que o atleta precisa possuir?

Capacidade, ter a parte psicológica muito grande para não atrapalhar a tomada de decisão, que depende desse grupamento de conhecimentos adquirido em quadra. Decisão, concentração, ter a cabeça de atleta (Forte) para não sair do jogo.

6.42. **Que tipo de atitudes que os atletas precisam possuir no treino?**

Ter atitude positiva, porque no tênis você trabalha com uma coisa chamada frustração o tempo todo. É um reflexo da vida.

6.42.1. E nas competições?

Atitude também, ela não muda. A competição é reflexo do treino, atitude positiva sempre voltada para o êxito e não para o fracasso.

6.43. Quanto tempo você utiliza para cada parte do treino?

Depende, normalmente 15 a 25 minutos na primeira parte, na específica no mínimo 45 minutos e no final entorno de 25 a 30 minutos.

6.43.1. E o que é feito em cada uma? Especifique

No aquecimento, aumento da temperatura do corpo e ajuste biomecânicos, na específica técnica e tático e no final tático ou jogo.

Anexo 13 – Discordâncias nas análises Intra-observador

Treinador	Intervenção em discordância	Análises		Consideração 3ª análise
		1ª	2ª	
TAJ01 ID 6	3. “ <u>O que é preciso para um bom jogo de fundo?</u> Vamos lá, <u>potência, regularidade e precisão</u> ”.	Instrução RE	Instrução TE	Instrução TE “O questionamento se refere o que fazer”.
	89. “Procura não se irritar, <u>procura sempre mais uma jogada boa</u> ”. O que a pessoa deseja de imediato? Isso aí, mais uma chance”.	FP – Critério SC	FP – Critério R	Critério R “Orientou o atleta a buscar sempre uma bola certa”.
	95. “Um pouco mais de concentração, foco na bola, aonde tocar nela, <u>para ter a regularidade mais ampla</u> ”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Para ter a constância na batida precisa de um bom desempenho motor”.
	109. “Não precisa ficar assim. Sabe por que? Porque você gosta dessa bola para <u>acelerar</u> ”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “Valencia física”.
	114. “Não adianta desafiar o risco. <u>Para que entrar nesta bola?</u> ”	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Atacar a bola”.
	140. “Aí! Esse é o saque! Saque tático para primeiro serviço, a bola para incomodar sair um pouco mais curta e <u>domina o seu saque</u> ”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Controlar/coordenar”.
TAJ02 ID 7	39. “Está bom! Sua batida está boa”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério SC “Não ficou claro”.
	45. “Olha! Levantou demais, aqui”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo DE	Objetivo DE “Especificou o erro”.
	52. “Melhorou muito a tua vontade, aqui no <u>movimento</u> ”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “O atleta mostrou disposição na execução do golpe”.
	63. “Essa é de defesa, <u>bate a bola com Spin</u> ”.	FP – Objetivo AP	FP – Objetivo P	Objetivo P “Gerar efeito na bola”.
	79. “Procura manter esse golpe aí. Isso!”	FP – Objetivo AP	FP – Objetivo DC	Objetivo DC “Refere-se a forma correta do golpe”.
	99. “Bolas altas, <u>tem que ficar ligado nisso</u> ”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Ficar atento para reagir”.
	116. “Amanhã treinaremos saque e devolução, não estavam bons”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério SC	Critério SC “Não ficou claro”.
TAJ03 ID 6	3. “Vamos gente, isso é para hoje, poxa. Está demorando demais”.	FP – Critério Perf.	Afetividade Negativa	Afetividade Negativa “Reprovou a conduta dos atletas”.
	12. “ <u>Vamos manter a bola em jogo</u> , isso! É só isso! Capricha”!	Instrução – FE	FP – Critério R	Critério R “Orientação para acertar mais a bola em quadra”.
	29. “Valeu! Valeu! É isso que eu quero, bola na quadra, Isso”!	FP – Objetivo AP	FP – Objetivo DC	Objetivo DC “Expôs o comportamento correto do atleta”.
	48. “Vai! Você não pode parar, mexendo as pernas”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo DE	Objetivo DE “Especificou uma falha do atleta”.
	70. “Essa bola veio muita cruzada, era do seu parceiro, tem que prestar atenção nisso”.	FP – Critério SC	FP – Critério R	Critério R “O atleta errou a jogada”.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

	103. “ <u>Você teve a chance de ganhar o ponto</u> , mas errou o golpe e ficou com aquilo na cabeça”.	FP – Critério SC	FP – Critério R	Critério R “O atleta teve a chance e perdeu o ponto”.
TAJ04 ID 10	17. “ <u>Puxa, pisa (Base) e bate a bola</u> ”!	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Sequência do golpe”.
	23. “Fica na batida, fica”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério SC “Não ficou claro”.
	57. “ <u>A preocupação é a profundidade</u> , não é a pancada”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R “Manter a bola no fundo da quadra”.
	100. “Vem! Vem! Não! Demorou! <u>Você foi todo para o lado no meio do caminho</u> ”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Mudança de posicionamento”.
	180. “Você conseguiu visualizar o ponto de contato?”	FP – Critério Perf.	FP – Critério SC	Critério Perf. “Time de batida.”
	207. “Capricha esse primeiro voleio, qualidade”.	FP – Critério R	FP – Critério SC	Critério SC “Não fica claro o critério”.
	212. “Olha a terminação excessiva”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Exagerou na fase final do movimento”.
	220. “Vamos controlar a bola em quadra com calma”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R “Acertar mais a bola em quadra”.
	224. “Não deixa ela (Bola) cair de mais”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Reagir no tempo adequado”.
	235. “Avança! Demorou a ler que a bola estava curta”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério SC	Critério Perf. “Percepção da jogada”.
TAJ05 ID 4	28. “Isso! Agora tenta bater a bola assim.”	FP – Critério Perf.	FP – Critério SC	Critério Perf. “Mostrou o movimento”.
	37. “Isso! Olhando bem aqui a bola”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Visualizar o ponto de contato”.
	41. “Bate bem alta essa bola.”	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Ponto de contato, requer tempo de reação”.
	43. “Para! Para! Está subindo aqui, tem que subir até lá”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Correr para rede”.
TAJ06 ID 1	60. “ <u>Mantenha esse ritmo</u> , se forçar vai errar”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Ter regularidade”.
TAJ07 ID 7	8. “ <u>Batem a bola na paralela</u> , isso”!	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R “Acertar a bola na direção”.
	12. “Vai entra! <u>Deixou a bola cair e jogou muito longe a bola</u> ”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “Não chegou bem”.
	19. “Você está conseguindo fazer isso no jogo?”	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério SC “Não ficou claro”.
	38. “Pega em cima! Pega em cima! Valeu”!	Afetividade Positiva	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Pegar na ascendente”.
	57. “Isso! Viu como você fez? Isso aí”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério SC “Não ficou claro”.
	126. “ <u>Tira do meio esta bola e bate firme</u> ”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R “Acertando a bola muito no meio”.
	135. “Rápido, cruza os voleios”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R “Acertar a direção”.
TAJ08 ID 8	8. “Melhorou? Então, lembra que é uma questão de <u>postura</u> ”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf.

			“Trata-se de equilíbrio, atitude e posicionamento”.
	10. “Continua, briga com isso. Quanto mais <u>sustentar</u> melhor”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.
	38. “ <u>Não deixa cair</u> (Bola), <u>mantém em jogo</u> ”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.
	53. “Vai! Regula o <i>time</i> de batida, usa a mudança de direção alta também e o <i>flat</i> na paralela”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.
	58. “Lembra quando você deu na bola aqui de forma simples?”	FP – Critério R	FP – Critério SC
	65. “Está mais cansado, não está? E está querendo dar (agredir) as bolas mais difíceis”.	FP – Critério R	FP – Critério SC
	80. “Se ficar batendo dessa maneira, você está entregando o jogo”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.
	95. “O que você tem que fazer nessa primeira bola?”	FP – Critério R	FP – Critério SC
TAJ09 ID 7	7. “1ª estação: Usando essa raquete (capa) vão correr, girar, bater no <i>stroker</i> e voltar”.	Instrução FE	Instrução TE
	8. “2ª escada, faz o <i>Split Step</i> dentro da escada e pisa para fora bater”.	Instrução FE	Instrução OE
	9. “3ª bater a bola na esquerda aqui comigo”.	Instrução FE	Instrução OE
	43. “Eu quero a raquete aqui”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.
	109. “Você está lá atrás, precisa <u>girar ela</u> (Bola) <u>alta para jogar lá no fundo</u> ”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.
	112. “Essa bola, <u>you tem que jogá-la bem funda</u> , atenção na terminação”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.
	139. “Joga a primeira bola cruzada e alta.”	FP – Critério R	FP – Critério Perf.
TAJ10 ID 8	15. “Temos que ter essa bola padrão A. Jogadores <i>Top</i> não erram bolas iniciais”.	FP – Critério R	FP – Critério SC
	17. “A 1ª bola cruzada, qual era a sua ideia nessa bola?”	FP – Critério R	FP – Critério SC
	25. “Mantenha a profundidade no ponto”!	FP – Critério Perf.	FP – Critério R
	59. “Se quiser sacar mais chapado, tem que girar a raquete”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.
	96. “Se ele mexesse o punho no exercício anterior o que aconteceria?”	FP – Critério R	FP – Critério Perf.
	108. “Se a bola estiver baixa, vai para frente assim”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério SC
			FP – Critério Perf.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

	127. “A bola está baixinha, você abre a face da raquete um pouquinho mais ou um pouquinho menos? Isso”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério SC	Critério Perf. “Ajustar no braço o golpe”.
	134. “Tenta voleiar a onde o seu copinho da raquete está apontando para a bola”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério SC “Não ficou claro”.
TAJ11 ID 6	11. “Controlando a bola no quadrado”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R Acertando em quadra”.
	54. “Não chega batendo na bandeja (Chapado)”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Orientou o atleta a evitar o golpe chapado”.
	64. “Empurra mais (Prolongar), para a bola chegar controlada”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Fazer o <i>follow through</i> que é uma fase do golpe”.
	79. “Atenção! Essa bola tem que ser lá no fundo”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R “Acertar no fundo”.
	84. “Você quando precisa mudar a direção da bola perde um pouco o controle”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R Mudança de direção tende a errar a bola”.
	116. “Não! Essa bola você já acelerou”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Deu velocidade na terminação”.
TAJ12 ID 3	9. “Aí! Viu como você bateu essa bola? É isso aí”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério SC “Não ficou claro”.
	24. “A sua bola (Batida) precisa incomodar um pouquinho mais”.	FP – Critério R	FP – Critério SC	Critério R “Acertar para exigir”.
	71. “Entra um pouquinho mais, está esperando a bola”.	Objetivo AN	Objetivo P	Objetivo P “Orientou o atleta”.
TAJ13	Não houve discordância			
TAJ14 ID 4	32. “Você está mantendo a mesma consistência nas séries”?	FP – Critério R	FP – Critério SC	Critério R Bolas certas em quadra”.
	62. “Jogou bem esse ponto, dominou as ações”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “O atleta apresentou um bom desempenho”.
	63. “Defendeu bem, tenta jogar o ponto no contra-ataque também”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “Orientou o atleta ter mais reação no ponto”.
	85. “Acelerou bem essa devolução e garantiu o ponto”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R “Ganhou o ponto”.

As intervenções em discordância foram definidas por um *expert* graduado

Legendas: ID – Intervenção em Discordância / RE – Resultado do Exercício / TE – Técnica do Exercício / P – Prescritivo / SC – Sem Critério / R – Resultado / Perf. – Performance / AN – Avaliativo Negativo

Fonte: Dados obtidos nas análises intra-observador.

Anexo 14 – Discordâncias nas análises Inter-observadores

Treinador	Intervenção em discordância	Análises		Consideração
		1º Observador	2º Observador	3º Observador
TAJ01 ID 17	2. “Agora vamos treinar os golpes de fundo de quadra”.	Instrução FE	Instrução OE	Instrução OE “O treinador apresentou o treino a ser feito”.
	3. “O que é preciso para um bom jogo de fundo? Vamos lá, potência, regularidade e precisão”.	Instrução FE	Instrução RE	Instrução TE “O questionamento se refere o que fazer”.
	6. “Olha mais a bola.”	FP – Objetivo P	FP – Objetivo DC	Objetivo P “Orientou o atleta a ter o foco na batida.”
	22. “Na potência que vocês irão trabalhar de direita e de esquerda e tem um fator que é mais importante do que o tema principal do treino, que é o desenvolvimento de foco” ¹	Instrução FE	FP – Objetivo P	Objetivo FE “O treinador disse que o atleta precisa de atenção para atingir o objetivo do treino”.
	40. “Bolas cruzadas, bem cruzadas”.	Instrução OE	FP – Objetivo P	Objetivo OE “Passou para os atletas o que seria feito no treino”.
	42. “Essa bola entra um pouquinho mais dentro da quadra, você estava inteiro, só que não cabia tanto impacto”.	FP – Objetivo P	FP – Objetivo AN	Objetivo P “Tinha orientado o atleta um melhor posicionamento”.
	58. “Você tem aeróbico para aguentar o tempo do exercício.”	FP – Objetivo AP	FP – Objetivo P	Objetivo AP “O treinador considerou que o atleta tinha mais capacidade de realizar o treino.”
	66. “Já não teve concentração, não deixa o nível cair”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério SC “Não ficou claro o critério”.
	80. “Vamos! Termina bem o exercício”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério SC “Não ficou claro o critério”.
	84. “Dá o gás nesta sequência” ¹	Afetividade Positiva	FP – Objetivo P	Afetividade Positiva “O treinador motivou o atleta”.
	92. “Um pouquinho mais de precisão aqui, está”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R “Exigiu um acerto mais apurado do atleta”.
	95. “Um pouco mais de concentração, foco na bola, aonde tocar nela, para ter a regularidade mais ampla”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Exigiu mais atenção na regularidade”.
	103. “Deixou-a escapar um pouco. O tempo dela foi atrasado”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo P	Objetivo DE “O treinador apontou um erro do atleta”.
	106. “Atenção! Atenção! A bola está indo um canudo”.	Afetividade Positiva	FP – Objetivo P	Afetividade Positiva “Chamou a atenção do atleta para ficar ligado”.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

	112. “Essa bola você tem e sabe como fazer”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério SC “Não ficou claro o critério.”
	127. “Olha para ela (Bola), vamos!”	Afetividade Positiva	FP – Objetivo P	Objetivo P “Ordenou o atleta a ficar ligado na bola”.
	142. “Saltou um pouquinho antes”.	FP – Objetivo DE	FP – Objetivo P	Objetivo DE “Mostrou para o atleta um erro cometido”.
TAJ02 ID 14	3. “Na sua canhota acelera um pouquinho mais, subindo a raquete.”	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo P	Objetivo P “Aconselhou uma técnica ao atleta”.
	9. “Procura fazer mais assim”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo P	Objetivo P “Orientou um ajuste técnico”.
	26. “Você que vai controlar a bola”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Para ter regularidade”.
	27. “Não é para forçar muito, mas mantém firme, está! A bola na meia altura para eles dois. Não precisa acelerar demais também, dominando para os dois lados, mantendo o padrão e trocar o máximo de bola possível”.	Instrução TE	FP – Objetivo P	Instrução TE “O treinador deu uma orientação”.
	34. “Aqui a preparação”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo P	Objetivo P “Determinou a técnica do golpe para o atleta”.
	37. “A sua direita vai ficar muito boa com essa preparação, porque você vai ter mais tempo para fazer o contato a frente”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo P	Objetivo P “O treinador estabeleceu a técnica correta”.
	39. “Está bom! Sua batida está boa”.	FP – Critério SC	FP – Critério P	Critério SC “Não ficou claro”.
	45. “Olha! Levantou demais, aqui.”	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo P	Objetivo DE “Descreveu um erro feito pelo atleta”.
	54. “Isso! É esse o golpe. Você está melhor mesmo”.	FP – Critério SC	FP – Critério P	Critério P “O treinador do movimento”.
	58. “Assim, ela será melhor do que a esquerda. Aqui que está a grande direita”.	Objetivo AP	FP – Objetivo P	Objetivo AP “O treinador fez uma avaliação positiva”.
	63. “Essa é de defesa, bate a bola com <i>Spin</i> ”.	FP – Objetivo AP	FP – Objetivo P	Objetivo P “O treinador orientou uma forma de batida”.
	66. “Se receber a bola por aqui, pode ir para a <i>winner</i> mesmo”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério R “O treinador orientou buscar o resultado”.
	73. “Aqui olha! Quando você fez isso a bola entrou”.	FP – Objetivo DE	FP – Objetivo DC	Objetivo DE “O treinador descreveu um erro do atleta”.
	85. “Era lá mesmo, no meio”.	FP – Critério R	FP – Critério SC	Critério R “Apontou a área para o atleta acertar”.
TAJ03 ID 18	14. “Sem exagero! Poxa!”	Afetividade Negativa	FP – Objetivo AN	Afetividade Negativa “Reprovou a conduta dos atletas”.

20. “Vamos acertar a regularidade para termos volume”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “Orientou para buscar mais volume”.
23. “Manter a bola no meio controlada, nada de querer dar <i>Spin</i> de mais, só o movimento simples e eficiente para favorecer o aquecimento”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “o treinador pediu para controlar a bola e o movimento”.
26. “Vamos caprichar mais aí para que isso possa ser possível”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério SC “Não ficou o critério”.
33. “Se você perceber que ela está longa ou se está curta, <u>you tem que se antecipar.</u> ”	FP – Objetivo AN FP – Critério SC	FP – Objetivo P FP – Critério Perf.	Objetivo P / Perf. “O atleta errou a jogada.”
39. “Valeu! Bem executado o golpe”.	Afetividade Positiva	FP – Objetivo AP	Objetivo AP “Avaliou positivamente o golpe do atleta”.
64. “Lá na altura do T, isso, está ótimo, só põe em quadra, isso aí!”	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo AP	Objetivo AP “Avaliou positivamente o resultado conseguido pelo atleta”.
67. “Você tem um peso grande no seu erro, você tem que concentrar para evitar o máximo errar”.	FP – Objetivo DE	FP – Objetivo AN	Objetivo DE “Descreveu que o atleta valoriza muito o erro”.
70. “Essa bola veio muita cruzada, era do seu parceiro tem que prestar atenção nisso”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo P	Objetivo DE “O treinador faz uma correção de jogada”.
71. “Mais rápido, dava para você ter pego essa bola e ter feito melhor essa bola”.	FP – Objetivo AP	FP – Objetivo P	Objetivo AN “O treinador criticou a jogada do atleta”.
80. “Capricha no saque, confiança, vamos”.	Afetividade Positiva	FP – Objetivo P	Afetividade Positiva “Estimulou o atleta”.
90. “Boa bola! Certo, nada de...”	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo AP	Objetivo AP “O treinador avaliou o golpe do atleta”.
93. “Está bom, ele estava lá atrás e aí você voleiou curto”.	FP – Critério SC	FP – Critério R	Critério R “Apontou o êxito conseguido na jogada”.
95. “Olha! Conseguiram fazer uma bola dessa, vem para frente, não fica lá esperando o adversário fazer outra bola cruzada, vem para frente para diminuir esse ângulo”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “Orientou o atleta a ganhar espaço para favorecer um melhor posicionamento”.
100. “Vamos lá! Combinou a jogada com ele? É um Set Point, vai!”	FP – Critério SC	FP – Critério R	Critério R “Fez a pergunta objetivando o resultado”.
103. “Teve a chance de ganhar o ponto, mas errou o golpe e ficou com aquilo na cabeça. Logo depois teve a mesma chance e acabou jogando a bola para fora. Se tivesse com a cabeça boa, tinha feito um golpe vencedor”.	FP – Critério SC	FP – Critério R	Critério R “O treinador fez uma descrição da ação do atleta no jogo, com o intuito do resultado”.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

	118. “Que deixada! Muito boa! Sensacional! Boa bola! Boa bola!”	Afetividade Positiva	FP – Objetivo AP	Afetividade Positiva “O treinador ressaltou a boa jogada do atleta.”
	140. “Boa Bola! Abriu o corredor bate lá! Isso aí”.	Afetividade Positiva	FP – Objetivo AP	Afetividade Positiva “O treinador exaltou a boa jogada do atleta”.
TAJ04 ID 12	1. “Vamos fazer o trabalho da mãozinha <u>para aquecer</u> . Aqui no fundo de quadra”.	Instrução FE	Instrução OE	Instrução FE “O treinador apresentou o objetivo do treino”.
	3. “Tenta abrir mais cedo, já girou? Já gira logo o ombro”.	FP – Objetivo P	FP – Objetivo I	Objetivo P “Orientou a posição do atleta”.
	8. “Agora no ar, direto”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério SC	Critério Perf. “O treinador incentivou entrar na bola direto, isso requer velocidade”.
	19. “Boa! Foi bacana essa jogada, gostei”.	Afetividade Positiva	FP – Objetivo AP	Afetividade Positiva “O treinador emitiu uma satisfação com a jogada”.
	42. “Não deixa a bola cair tanto. Não deixa cair tanto, tem que acelerar”.	FP – Objetivo AN	FP – Objetivo DE	Objetivo DE “O treinador descreveu um comportamento equivocado do atleta”.
	49. “Vamos controla! Não adianta dar pancada de qualquer jeito”.	FP – Objetivo AN	FP – Objetivo DE	Objetivo AN “O treinador coibiu o golpe do atleta”.
	51. “Em quadra. Isso, não é pancada de qualquer jeito”.	FP – Objetivo AN	FP – Objetivo DE	Objetivo AN “O treinador criticou a atitude do atleta”.
	57. “A preocupação é a profundidade, não é a pancada”.	FP – Objetivo DE	FP – Objetivo P	Objetivo DE “Especificou um erro do atleta”.
	59. “Lembra, foco na profundidade e não na pancada”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R “Orientou que acertasse a batida profunda”.
	67. “Ok. Só faltam duas séries. Não bate andando! Não bate andando”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “O atleta foi orientado a melhorar o posicionamento”.
	94. “Bolão! Excelente! Excelente! Vamos! Vamos”.	Afetividade Positiva	FP – Objetivo AP	Afetividade Positiva “O treinador deu um incentivo”.
	102. “Vamos! Vem para frente, vamos filhão! Vamos! Vem para frente, Vem! Aí! Gostei”.	Afetividade Positiva	FP – Objetivo AP	Afetividade Positiva “O treinador incentivou o atleta”.
	103. “Vem para a frente. Avança! Avança! Ótima!”	Afetividade Positiva	FP – Objetivo AP	Objetivo P “Mandou o atleta avançar na jogada”.
	117. “Está pegando muito por baixo, tem que ser um pouco menos por baixo. É mais nas costas dela. Só não quero essa patada”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R “O treinador orientou o atleta acertar a bola melhor”.

	118. “Dobra um pouquinho mais o joelho para ela não subir”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R Orientou uma melhor a base para não errar”.
	119. “Olha a diferença! Você vai regular isso aí com o joelho”.	FP – Objetivo DE	FP – Objetivo P	Objetivo DE “O treinador apontou um erro do atleta”.
	127. “Olha a diferença de bola, é outra bola. Foi bem melhor agora vamos padronizar a batida”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo AP	Objetivo DC “Descreveu uma jogada bem-feita pelo atleta”.
	128. “É isso aí! Vamos chegar melhor em todas elas”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo P	Objetivo DC “Apontou uma jogada boa do atleta”.
	176. “Vai trabalhando o seu corpo em relação ao ponto de contato. Você chegar e colocar a sua batida ali. Quanto mais repetir a sua batida neste ponto, é que você consegue de fato acertar a bola e vai ficar mais confiante”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R “O treinador especificou o local que o atleta tinha que acertar”.
	207. “Capricha esse primeiro voleio, qualidade”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério SC “Não ficou claro o critério”.
	224. “Não deixa ela (Bola) cair de mais”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Orientou o atleta sobre o ponto de contato com a bola”.
TAJ05 ID 5	7. “Isso! Foi muito bom! Bem relaxado e bem solto”.	Afetividade Positiva	FP – Objetivo AP	Afetividade Positiva “O treinador parabenizou o atleta pelo golpe realizado”.
	44. “É isso! Boa! Eu quero que você sinta essa diferença”.	Afetividade Positiva	FP – Objetivo AP	Afetividade Positiva “Deu força ao atleta, por causa do golpe realizado”.
	88. “Olha bem a bola para jogar na paralela”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “Orientou o atleta a ajustar o corpo para jogar na paralela”.
	97. “Saiu a bola de lá, já prepara o golpe”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo P	Objetivo P “Orientou que o atleta tivesse atitude”.
	126. “Vocês vão jogar uma partida em dupla”.	Instrução FE	Instrução OE	Instrução OE “O treinador apresentou o que os atletas fariam”.
TAJ06 ID 13	7. “Controlem a bola e o golpe (Movimento) lá de trás.”	Instrução FE	FP – Objetivo P	Objetivo FE “Deu a instrução para controlar a bola.”
	19. “Isso aí, então fica atento na bola dele”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo P	Objetivo DC “Expôs um comportamento correto do atleta”.
	24. “Vamos fazer agora, a direita (<i>Forehand</i>) <u>na cruzada</u> e esquerda (<i>Backhand</i>) <u>na paralela</u> ”.	Instrução FE	Instrução OE	Instrução FE “Apresentou o objetivo do treino”.

	25. “Um (Atleta) fica alternando a bola e o outro só mantém a bola no lado direito da quadra”.	Instrução TE	Instrução OE	Instrução FE “Apresentou o objetivo do treino”.
	35. “Agora vamos trocar o lado, esquerda cruza e direita (Paralela) na paralela”.	Instrução FE	Instrução OE	Instrução FE “Apresentou o objetivo do treino”.
	37. “Vamos! Procura trabalhar mais esse jogo de pernas aí”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo P	Objetivo P “Orientou o atleta a trabalhar mais o jogo de pés”.
	45. “O braço cansa e vai vir o erro mesmo, o importante é continuar fazendo a movimentação e a técnica”.	Instrução TE	FP – Objetivo P	Objetivo P “Aconselhou o atleta a manter o trabalho”.
	65. “Então, trabalha mais as pernas aí”.	FP – Objetivo AN	FP – Objetivo P	Objetivo P “Determinou que o atleta mexesse as pernas”.
	69. “O exercício é consistência, preciso de mais sequência de bolas”.	FP – Objetivo AN	FP – Objetivo P	Objetivo AN “O treinador ponderou sobre a sequência feita pelo atleta”.
	71. “A sua bola está saindo aqui, o que você acha que precisa fazer”?	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “Cobrou do atleta um melhor o rendimento”.
	72. “Experimenta dar mais efeito na próxima bola”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Exigiu mais ajuste para melhorar o contato na bola”.
	77. “Se concentra para ter mais troca de bolas”.	FP – Objetivo DE	FP – Objetivo P	Objetivo DE “Apontou a falta de atenção do atleta”.
	95. “Troca! Saque fechado agora e mantenha o mesmo objetivo”.	FP – Objetivo DE	FP – Objetivo P	Instrução FE “Instruiu o atleta a manter o mesmo objetivo.”
TAJ07 ID 9	17. “Relaxem um pouco o braço. Agora vamos fazer as cruzadas.”	Instrução FE	Instrução OE	Instrução FE “O treinador apresentou o objetivo do treino”.
	81. “Vem nela (Bola) por baixo”.	Afetividade Positiva	FP – Objetivo P	Objetivo P “O atleta recebe uma orientação”.
	98. “Agora vou querer que a bola do meio seja aberta (<i>Inside-out</i>) e da extremidade seja para fora (<i>Inside-in</i>)”.	Instrução TE	Instrução OE	Instrução FE “O treinador apresentou o objetivo do treino”.
	103. “Agora <u>inverte a direção</u> , no meio <i>inside-in</i> e a extremidade <i>inside-out</i> ”.	Instrução TE	Instrução OE	Instrução FE “O treinador apresentou o objetivo do treino”.
	110. “Na ponta dos pés, vai! Bem rápidos!”	Afetividade Positiva	FP – Objetivo P	Objetivo P “Ordenou o atleta trabalhar mais os pés”.
	117. “Procura bater mais fundo esse <i>Smash</i> ”.	Instrução FE	FP – Objetivo P	Objetivo P “Orientou o atleta busca a profundidade”.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

	123. “Agora faremos 15 bolas, voleios cruzados e <i>Smash</i> ”.	Instrução FE	Instrução OE	Instrução FE “O treinador apresentou o objetivo do treino”.
	124. “Vai entra e voleia firme!”	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Exigiu um melhor rendimento do atleta.”
	143. “Agora, vamos treinar saque aberto!”	Instrução FE	Instrução OE	Instrução FE “Apresentou o objetivo do treino aos atletas”.
TAJ08 ID 6	15. “Vamos fazer mais um bloco (Exercício) e tenta lembrar da respiração”.	Instrução OE	Instrução FE	Instrução OE “O treinador ordenou a repetição do exercício”.
	29. “Você vai bater a bola somente no lado direito da quadra, enquanto ele (Atleta F) vai te balançar, jogando bolas alternadas”.	Instrução FE	Instrução OE	Instrução FE “O treinador especificou o que os atletas deveriam fazer”.
	30. “Direita cruzada e esquerda paralela, você vai medir a intensidade do <i>Time</i> , até porque você que vai estar correndo”.	Instrução FE	Instrução TE	Instrução FE “Apresentou o objetivo do treino aos atletas”.
	63. “Se treinar oito bolas assim estaremos muito bem, vamos!”	Afetividade Positiva	FP – Objetivo AP	Afetividade Positiva “O treinador elogiou a batida do atleta”.
	73. “Não pode deixar o jogo ficar tão fácil assim, se errou três ou quatro bolas procura equalizar (equilibrar) o jogo”.	Instrução TE	FP – Objetivo P	Objetivo P “O treinador disse o que o atleta deveria fazer no jogo”.
	83. “Agora vocês vão jogar um <i>Set</i> completo.”	Instrução OE	Instrução FE	Instrução OE “O treinador avisou o treino que seria feito.”
TAJ09 ID 19	1. “Vamos aquecer, executando o <i>Backhand</i> da base”.	Instrução OE	Instrução FE	Instrução OE “Comunicou o que seria feito aos atletas”.
	4. “Isso tem que sentir a bola girando”.	FP – Objetivo P	FP – Objetivo AP	Objetivo P “O treinador aconselhou o atleta”.
	14. “Alonga mais o seu braço, ele está muito flexionado na hora do contato”.	FP – Objetivo DE	FP – Objetivo P	Objetivo DE “Foi descrito um erro executado pelo atleta”.
	19. “Ainda pode dar mais uma puxadinha, gerando o efeito”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo P	Objetivo DC “Apresentou uma ação do atleta enfatizando o efeito no golpe”.
	20. “Na devolução, vocês têm que focar o queixo no ombro na preparação e na terminação”.	Instrução TE	FP – Objetivo P	Objetivo P “Aconselhou os atletas num gesto técnico”.
	25. “Preciso do ritmo desse movimento”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério SC	Critério Perf. “Referiu-se a um movimento veloz.”
	33. “Joga a cabeça da raquete mais rápido.”	FP – Objetivo P	Instrução TE	Objetivo P “Orientou o atleta para ser mais ágil com a raquete”.
	36. “Vai! Mão esquerda funcionando!”	Afetividade Positiva	FP – Objetivo P	Objetivo DE “Frisou o não uso da mão oposta”.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

	42. “Tira a bola da rede, tira a bola da rede”.	FP – Objetivo DE	FP – Objetivo P	Objetivo DE “O treinador mostrou um erro do atleta”.
	43. “Eu quero a raquete aqui”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Mostrou a posição da raquete para um melhor ponto de contato”.
	44. “Atenção! <i>Split</i> e gira o corpo, raquete aberta, bate a bola e volta para base.”	FP – Objetivo P	Instrução OE	Objetivo P “Orientou o ajuste das fases do golpe.”
	46. “Você precisa ganhar um pouquinho mais de consistência”.	FP – Objetivo DE	Instrução RE	Objetivo DE “mostrou uma falha do atleta na performance”.
	53. “Vocês vão para a outra quadra e bate a 1ª bola na cruzada e abre o ponto”.	Instrução FE	Instrução OE	Instrução FE “Apresentou o propósito do treino”.
	54. “Você vai fazer o <i>Split</i> no bambolê e girar o corpo para bater a bola com <i>Spin</i> ”.	Instrução TE	Instrução OE	Instrução TE “Orientou a forma pretendida na execução da ação motora”.
	61. “Vamos lá! Procura se estruturar melhor no jogo de perna”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério SC	Critério Perf. “Referiu-se a uma melhor movimentação”.
	66. “Você está cansado. E a expressão corporal é fogo, por isso não pode demonstrar para o adversário”.	FP – Objetivo AN	FP – Objetivo DE	Objetivo AN “Avaliou um comportamento inadequado do atleta”.
	80. “Agora vamos fazer uma série de 8 bolas. Uma batida lá atrás e uma aqui a frente”.	Instrução OE	Instrução FE	Instrução FE “O treinador mostrou o objetivo do treino”.
	104. “A face da raquete aberta, vamos!”	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “O ajuste da raquete para favorecer o rendimento”.
	121. “Isso aí, ganhar tempo para se posicionar e bater a bola subindo”.	FP – Objetivo P	FP – Objetivo DC	Objetivo DC “Descreveu uma ação correta do atleta”.
TAJ10 ID 13	2. “Você controla 3 bolas dentro daquelas áreas e na quarta bola vai para disputa do ponto”.	Instrução FE	Instrução OE	Instrução FE “Apresentou a finalidade do exercício aos atletas”.
	22. “Atenção! Nesse ponto teve 4 chances de subir à rede e não subiu, não desperdiça a chance!”	FP – Objetivo AN	FP – Objetivo DE	Objetivo AN “Apontou um erro no comportamento do atleta”.
	27. “Viu como aquela bola lá no ângulo machucou mais, do que aquela que veio reta aqui!”	FP – Objetivo AP	FP – Objetivo DC	Objetivo AP “Avaliou satisfatoriamente a batida do atleta”.
	32. “Isso mesmo. Mas, não esqueça de manter a bola em quadra”.	Instrução FE	FP – Objetivo P	Objetivo P “O treinador deu uma orientação”.
	38. “Atenção, quando você erra não adianta ficar assim, controle-se”.	FP – Objetivo AN	FP – Objetivo DE	Objetivo AN “Avaliou a postura errônea do atleta após a perda de um ponto”.
	41. “Presta atenção, quando chegar mal execute a batida	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

	alta e profunda, chegou bem vai para definição”.			“Essa orientação foi direcionada ao rendimento do atleta”.
	47. “Nas primeiras bolas você não precisa regaçar ele, basta ficar numa velocidade mais tranquila”.	FP – Objetivo DE	FP – Objetivo P	Objetivo DE “O treinador descreveu uma ação errônea do atleta”.
	71. “Para o saque “quique” a bola tem que estar por aqui e não lá”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Objetivo Perf. “Para o saque “quique” é necessário o domínio do movimento”.
	78. “Neste exercício, vocês mantem a cabeça da raquete alta em relação ao punho e faça o golpe seguindo a altura da rede”.	Objetivo P	Instrução TE	Objetivo P “O treinador emitiu uma orientação ao atleta”.
	93. “Agora, vou lançar as bolas com a raquete, evitem fazer o <i>Backswing</i> muito longo e mantem punho firme no contato”.	Objetivo P	Instrução TE	Instrução TE “o treinador instruiu a técnica a ser usada no exercício”.
	122. “Está começando certinho o voleio e depois faz isso aqui”.	Objetivo P	Objetivo DC	Objetivo P “Sugeriu uma outra ação motora no golpe”.
	131. “Não abaixa o tronco, abaixa o joelho”.	Objetivo DE	Objetivo P	Objetivo DE “O treinador descreveu um erro do atleta”.
	140. “Não mexe no ângulo da raquete”.	Objetivo AN	Objetivo P	Objetivo AN “O treinador analisou a pega errônea da raquete por parte do atleta”.
TAJ11	4. “Só de continental de direita e de esquerda, ninguém de <i>Eastern</i> ”.	Instrução TE	Instrução FE	Instrução TE “Orientou o uso de uma técnica de empunhadura”.
ID 14	12. “Ok! Agora só <i>Eastern</i> de direita e esquerda (Pegada) para trabalhar o <i>Top Spin</i> ”.	Instrução TE	Instrução OE	Instrução TE “Pedi para os atletas usarem uma única empunhadura para gerar o efeito estabelecido”.
	19. “Atenção! Agora você está acabando com o treino”.	Objetivo AP	Objetivo AN	Objetivo AP “Avaliou positivamente o jogo do atleta”.
	23. “Bate a bola um pouco mais alta da rede”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério R “A orientação recebida objetivava o resultado da batida”.
	30. “O que não pode é jogar na rede e não precisa contar o número de bolas”.	Objetivo DE	Objetivo AN	Objetivo DE “Especificou uma ação errônea do atleta”.
	39. “Não pode errar a bola na rede, põe a bola com <i>Top Spin</i> lá no fundo”.	Objetivo AN	Objetivo P	Objetivo DE “O treinador expôs o erro do atleta”.
	57. “Você controla a bola, batendo na cruzada”.	Instrução FE	Instrução OE	Instrução FE “Orientou o objetivo para o atleta”.
	60. “Atenção no <i>Backswing</i> para ajudar o golpe”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf.

				“O <i>Backswing</i> é uma fase da biomecânica do golpe”.
	82. “Atenção! Está perdendo a mão, as vezes sai uma bola forte outra fraca, ache o meio termo e mantem”.	Objetivo AN	Objetivo DC	Objetivo DE “O treinador expôs um golpe errôneo do atleta”.
	84. “Você quando precisa mudar a direção da bola perde um pouco o controle”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R Mudança de direção tende a errar a bola”.
	97. “Agora, vamos treinar saque e devolução”.	Instrução OE	Instrução FE	Instrução OE “Apresentou o exercício a ser feito aos atletas”.
	99. “Atenção! Sempre objetivando o controle da bola, cada um com a sua função”.	Objetivo P	Instrução RE	Instrução FE “Apresentou o objetivo do treino aos atletas”.
	116. “Não! Essa bola você já acelerou”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Deu velocidade na terminação”.
	122. “Não precisa colocar força na devolução”.	Objetivo AN	Objetivo P	Objetivo P “Aconselhou o atleta num golpe”.
TAJ12 ID 15	14. “Porque você está se defendendo, procura projetar o corpo para frente”.	Objetivo P	Objetivo DC	Objetivo P “O treinador aconselhou o atleta”.
	23. “Agora vocês troquem de posição”.	Instrução OE	Instrução FE	Instrução OE “Manteve o mesmo exercício, só trocou a função dos atletas”.
	28. “Isso! Dar dois passos para trás e depois projeta o corpo para frente”.	Objetivo P	Objetivo AP	Objetivo P “O treinador orientou o atleta”.
	41. “Agora vamos jogar pontos”.	Instrução OE	Instrução FE	Instrução OE “Apresentou o exercício”.
	48. “Cuidado você está flexionando bem. Mas, está entrando por cima da bola”.	Objetivo AN	Objetivo DE	Objetivo DE “Descreveu a ação motora errônea do atleta”.
	56. “Trabalha mais essa bola. Você foi logo para a definição”.	Objetivo AN	Objetivo P	Objetivo P “O treinador aconselhou o atleta”.
	71. “Entra um pouquinho mais, está esperando a bola”.	Objetivo AN	Objetivo P	Objetivo P “O treinador orientou o atleta”.
	78. “Pode ser um pouquinho mais firme esse voleio, armou muito lá atrás”.	Objetivo DE	Objetivo P	Objetivo P “O treinador aconselhou o atleta”.
	88. “Sua bola precisa ser mais funda, porque eles estão montando nela”.	Objetivo AN	Objetivo P	Objetivo DE “Descreveu uma batida errônea do atleta”.
	99. “Desequilibrado na corrida e ainda vai jogar na paralela. Amassa um pouquinho mais na cruzada e muda na hora certa para paralela”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “O treinador orientou que o atleta tivesse um rendimento melhor”.
114 “Você usa pouca as pernas e bate muito em pé, tenta abrir	Objetivo AN	Objetivo P	Objetivo DE	

	um pouco mais a base e jogar o peso para frente”.			“O treinador apresentou a base errônea do atleta”.
	120. “Viu como não pode mudar para paralela de qualquer jeito, porque assume muito risco”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério R “A mudança descontrolada do golpe provocou o erro”.
	130. “Vocês estão fazendo o jogo sem pensar na tática”.	FP – Critério SC	FP – Critério R	Critério R “O uso da tática é para ganhar o ponto”.
	137. “Visualizou a tática desse lado?”	FP – Critério SC	FP – Critério R	Critério R “Questionou o modo usado para ganhar o ponto”.
	149. “Valeu pessoal, bom treino. Abraço”.	Afetividade Positiva	Objetivo AP	Objetivo AP “Avaliou positivamente o treino dos atletas”.
TAJ13	3. “Iniciem com batidas livres e depois abriremos uma contagem de 12 batidas para cada jogador da dupla”.	Instrução FE	Instrução OE	Instrução FE “O treinador o objetivo para os atletas”.
ID 13	12. “Agora é você, fica atenta no controle do movimento (biomecânica)”.	Instrução TE	Objetivo P	Objetivo P “O treinador orientou o atleta”.
	31. “Entra! Entra, agora é hora de bater essa bola longa”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério R “Orientou acertar golpes profundos”.
	42. “Você vai para o outro lado agora e segura o padrão”.	Instrução OE	Instrução RE	Instrução FE “Disse para o atleta o objetivo do treino”.
	43. “Vocês continuam batendo a bola”.	Instrução TE	Instrução OE	Instrução OE “Pedi para continuar com o mesmo exercício”.
	56. “A sua bola está passando bem rente à rede, eu quero ver a parábola na trajetória”.	Objetivo AN	Objetivo DE	Objetivo DE “Mencionou uma batida que poderia ser melhor”.
	77. “Ok, agora é a sua vez, a ideia é manter o mesmo padrão”.	Instrução FE	Instrução RE	Instrução FE “Disse para o atleta manter o mesmo propósito”.
	78. “Sim você tem razão, é mais fácil angular uma bola que já vem angulada”.	Objetivo P	Objetivo AP	Objetivo AP “Avaliou de forma positiva a visão do atleta”.
	94. “Essa bola (Cruzada), se você deixar abrir vai correr muito mais, além de oferecer espaço para o oponente”.	Objetivo P Critério Perf.	Objetivo DE Critério R	Objetivo P / Critério perf. “Chamou a atenção do atleta, com o intuito de rendimento”.
	101. “Vamos fazer o mesmo exercício para o lado esquerdo”.	Instrução OE	Instrução FE	Instrução OE “O treinador passou o mesmo exercício”.
	109. “A bola bem cruzada, você pode entrar de <i>slice</i> , mas se conseguir entrar de <i>top spin</i> melhor ainda”.	Critério Perf.	Critério R	Critério Perf. “Os efeitos exigem uma boa biomecânica”.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

	112. “Essa é a última sequência, vamos dar gás”.	Instrução FE	Instrução TE	Instrução FE “O treinador exigiu que os atletas dessem mais energia no exercício”.
	120. “Só que o jogador simples tem que alternar o tempo todo a bola e a dupla tem que jogar atrás da base”.	Instrução FE	Instrução OE	Instrução FE “O treinador apresentou o objetivo do treino aos atletas”.
TAJ14 ID 5	2. “Agora peguem as bolas e comecem a bater no quadradinho (área de serviço)”.	Instrução OE	Instrução FE	Instrução OE “Disse para os atletas o exercício a ser feito”.
	9. “Procurem jogar a bola dentro do quadradinho para acertarmos logo as 20 bolas”.	Objetivo P	Instrução RE	Objetivo P “O treinador orientou a ação dos atletas”.
	55. “Apresenta sempre essa postura de vitória”.	Critério Perf.	Critério R	Critério Perf. “A postura refere-se ao rendimento do atleta”.
	79. “Rompe a inércia mais cedo para garantir essa devolução dentro da quadra na cruzada”.	Critério Perf.	Critério R	Critério Perf. “A orientação objetivou ao rendimento do atleta”.
	80. “Projeta o corpo para frente nesse <i>slice</i> , a ideia é diminuir o tempo do adversário para ganhar o ponto”.	Critério Perf.	Critério R	Critério R “Orientou a conduta motora do atleta para ganhar o ponto”.

As intervenções em discordância foram definidas por um *expert* graduado

Legendas: ID – Intervenção em Discordância / RE – Resultado do Exercício / TE – Técnica do Exercício / P – Prescritivo SC – Sem Critério / R – Resultado / Perf. – Performance / AN – Avaliativo Negativo

Fonte: Dados obtidos nas análises intra-observador.

Anexo 15 – Discordâncias nas análises Intra-observador e Inter-observadores

Treinador	Intervenção em discordância	Análises Intra Observador	Inter Observadores	Consideração Observador Mor
TAJ01 ID 8	2. “Agora vamos treinar os golpes de fundo de quadra”.	Instrução FE	Instrução OE	Instrução OE “O treinador apresentou o treino a ser feito”.
	3. “O que é preciso para um bom jogo de fundo? Vamos lá, potência, regularidade e precisão”.	Instrução TE	Instrução FE	Instrução TE “O questionamento se refere o que fazer”.
	89. “Procura não se irritar, procura sempre mais uma jogada boa”. O que a pessoa deseja de imediato? Isso aí, mais uma chance”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R “Orientou o atleta a buscar sempre uma bola certa”.
	92. “Um pouquinho mais de precisão aqui, está”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R “Pedi para o atleta fosse certo num determinado ponto da quadra”.
	95. “Um pouco mais de concentração, foco na bola, aonde tocar nela, para ter a regularidade mais ampla”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Para ter a constância na batida precisa de um bom desempenho motor”.
	109. “Não precisa ficar assim. Sabe por que? Porque você gosta dessa bola para acelerar”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “Valencia física”.
	114. “Não adianta desafiar o risco. Para que entrar nesta bola?”	FP – Critério Perf.	FP – Critério SC	Critério Perf. “Questionou o atleta porque atacou a bola (Precisa de um melhor tempo de reação)”.
	140. “Aí! Esse é o saque! Saque tático para primeiro serviço, a bola para incomodar sair um pouco mais curta e você dominar o seu saque”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo P	Objetivo DC “Especificou uma ação motora correta do atleta na execução do golpe”.
TAJ02 ID 9	9. “Procura fazer mais assim”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo P	Objetivo P “O treinador orientou o atleta uma outra forma de executa do movimento”.
	26. “Você que vai controlar a bola”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Para ter regularidade”.
	34. “Aqui a preparação”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo P	Objetivo P “Determinou a técnica do golpe para o atleta”.
	37. “A sua direita vai ficar muito boa com essa preparação, porque você vai ter mais tempo para fazer o contato a frente”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo P	Objetivo P “O treinador estabeleceu a técnica correta”.
	39. “Está bom! Sua batida está boa”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério SC “Não ficou claro o critério”.
	45. “Olha! Levantou demais, aqui”.	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo DE	Objetivo DE “Especificou o erro feito pelo atleta”.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

	52. “Melhorou muito a tua vontade, aqui no movimento”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério SC	Critério Perf. “O atleta mostrou disposição na execução do golpe”.
	99. “Bolas altas, tem que ficar ligado nisso”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “Ficar atento para reagir”.
	116. “Amanhã treinaremos saque e devolução, não estavam bons. Ok?”	FP – Critério SC	FP – Critério R	Critério SC “Não ficou claro critério”.
TAJ03 ID 11	3. “Vamos gente, isso é para hoje, poxa. Está demorando demais”.	Afetividade Negativa	FP - Objetivo Perf.	Afetividade Negativa “Reprovou chateado a conduta dos atletas”.
	23. “Manter a bola no meio controlada, nada de querer dar Spin de mais, só o movimento simples e eficiente para favorecer o aquecimento”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “O treinador pediu para controlar a bola e o movimento”.
	29. “Valeu! Valeu! É isso que eu quero, bola na quadra, Isso!”	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo AP	Objetivo DC “Expôs o comportamento correto feito pelo atleta”.
	33. “Se você perceber que ela está longa ou se está curta, você tem que se antecipar”.	FP – Objetivo AN	FP – Objetivo P	Objetivo P “Orientou o comportamento do atleta no golpe”.
	39. “Valeu! (Nome), bem executado (Golpe)”.	Afetividade Positiva	FP – Objetivo AP	Objetivo AP “Avaliou de forma positiva o golpe do atleta”.
	48. “Vai! Você não pode parar, mexendo as pernas”.	FP – Objetivo DE	FP – Objetivo DC	Objetivo DE “Especificou uma falha de comportamento do atleta”.
	64. “Lá na altura do T, isso, está ótimo, só põe em quadra, isso aí!”	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo AP	Objetivo AP “Avaliou de forma positiva o resultado conseguido pelo atleta”.
	71. “Mais rápido, dava para você ter pego essa bola e ter feito melhor essa bola”.	FP – Objetivo AP	FP – Objetivo AN	Objetivo AN “O treinador criticou a jogada do atleta”.
	90. “Boa bola! Certinho, curtinho, nada de...”	FP – Objetivo DC	FP – Objetivo AP	Objetivo AP “O treinador avaliou bem o golpe do atleta”.
	93. “Está bom, ele estava lá atrás e aí você voleiou curto”.	FP – Critério SC	FP – Critério R	Critério R “Apontou o êxito conseguido na jogada”.
	100. “Vamos lá! Combinou a jogada com ele? É um Set Point, vai!”	FP – Critério SC	FP – Critério R	Critério R “Fez a pergunta com atenção no resultado”.
TAJ04 ID 5	17. “Puxa, pisa (Base) e bate a bola!”	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Sequência a execução de um golpe”.
	23. “Fica na batida, fica”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério SC “Não ficou claro o critério”.
	103. “Vem para a frente. Avança! Avança! Ótima!”	Afetividade Positiva	FP – Objetivo P	Objetivo P

				“O treinador mandou o atleta avançar na jogada”.
	180. “Você conseguiu visualizar o ponto de contato”	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Time de batida.”
	235. “Avança! Demorou a ler que a bola estava curta.”	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Percepção da jogada.”
TAJ05 ID 3	37. “Isso! Olhando bem aqui a bola”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério SC	Critério Perf. “Visualizar o ponto de contato.”
	41. “Bate bem alta essa bola”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “Ponto de contato, entende-se tempo de reação”.
	43. “Para! Para! Você está subindo aqui, e tem que subir até lá”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério SC	Critério Perf. “Movimentação para subida”.
TAJ06 ID 1	60. “Mantenha esse ritmo, se forçar vai errar”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “Ter regularidade”.
TAJ07 ID 6	38. “Pega em cima! Pega em cima! Valeu!”	FP – Critério Perf.	Afetividade Positiva	Critério Perf. “Pegar na ascendente”.
	81. “Vem nela (Bola) por baixo”.	Afetividade Positiva	FP – Objetivo P	Objetivo P “O treinador orientou o atleta a entrar na bola”.
	98. “Agora vou querer que a bola do meio seja aberta (<i>Inside-out</i>) e da extremidade seja para fora (<i>Inside-in</i>)”.	Instrução TE	Instrução FE	Instrução FE “O treinador apresentou o objetivo do treino”.
	103. “Agora inverte a direção, no meio <i>inside-in</i> e a extremidade <i>inside-out</i> ”.	Instrução TE	Instrução FE	Instrução FE “O treinador apresentou o objetivo do treino”.
	110. “Na ponta dos pés, vai! Bem rápidos!”	Afetividade Positiva	FP – Objetivo P	Objetivo P “Ordenou o atleta trabalhar mais os pés”.
	117. “Procura bater mais fundo esse <i>Smash</i> .”	Instrução FE	FP – Objetivo P	Objetivo P “Orientou o atleta busca a profundidade.”
TAJ08 ID 3	8. “Melhorou? Então, lembra que é uma questão de postura”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério SC	Critério Perf. “Mencionou que se trata de postura. Remetendo: ao equilíbrio, a atitude e ao posicionamento.”
	10. “Continua, briga com isso. Quanto mais sustentar melhor”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “Refere-se à consistência do golpe”.
	73. “Não pode deixar o jogo ficar tão fácil assim, se errou três ou quatro bolas procura equalizar (equilibrar) o jogo”.	Instrução TE	FP – Objetivo P	Objetivo P “O treinador disse o que o atleta deveria fazer no jogo”.
TAJ09 ID 6	7. “1ª estação: Usando essa raquete (capa) vão correr, girar, bater no <i>stroker</i> e volta para o cone”.	Instrução TE	Instrução OE	Instrução TE “Disse o que deveria ser feito o exercício”.
	36. “Vai! Mão esquerda funcionando!”	Afetividade Positiva	FP – Objetivo DE	Objetivo DE “Frisou que o atleta não usava a mão oposta”.
	80. “Agora vamos fazer uma série de 8 bolas. Uma batida lá atrás e uma aqui a frente”.	Instrução OE	Instrução FE	Instrução FE “O treinador mostrou o objetivo do treino”.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

	112. “Essa bola, você tem que jogá-la bem funda, atenção na terminação.”	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “Enfatezou a terminação do golpe”.
	121. “Isso aí, ganhar tempo para se posicionar e bater a bola subindo”.	FP – Critério Perf.	FP – Objetivo DC	Objetivo DC “Descreveu uma ação correta do atleta”.
	139. “Joga a primeira bola cruzada e alta”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “Exige do corpo”.
TAJ10 ID 3	93. “Agora, vou lançar as bolas com a raquete, evitem fazer o <i>Backswing</i> muito longo e mantem punho firme no contato”.	Objetivo P	Instrução TE	Instrução TE “Instruiu a técnica a ser usada no exercício”.
	96. “Se ele mexesse o punho no exercício anterior o que aconteceria?”	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R “O atleta erraria a batida (golpe)”.
	134. “Tenta voleiar a onde o seu copinho da raquete está apontando para a bola”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério SC “Não ficou claro o critério”.
TAJ11 ID 5	23. “Bate a bola um pouco mais alta da rede”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério R “A orientação recebida objetivava o resultado”.
	39. “Não pode errar a bola na rede, põe a bola com <i>top spin</i> lá no fundo”.	FP – Objetivo AN	FP – Objetivo DE	Objetivo DE “Expôs um golpe errôneo do atleta”.
	60. “Atenção no <i>backswing</i> para ajudar o golpe”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério Perf. “ <i>Backswing</i> é uma fase do golpe”.
	82. “Atenção! Está perdendo a mão, as vezes sai uma bola forte outra fraca, ache o meio termo e mantem”.	FP – Objetivo AN	FP – Objetivo DE	Objetivo DE “O treinador expôs um golpe errôneo do atleta”.
	84. “Você quando precisa mudar a direção da bola perde um pouco o controle”.	FP – Critério R	FP – Critério Perf.	Critério R Mudança de direção tende a errar a bola”.
TAJ12 ID 11	9. “Aí! Viu como você bateu essa bola? É isso aí”.	FP – Critério SC	FP – Critério Perf.	Critério SC “Não ficou claro o critério”.
	24. “A sua bola (Batida) precisa incomodar um pouquinho mais”.	FP – Critério R	FP – Critério SC	Critério R “Acertar para exigir”.
	48. “Cuidado você está flexionando bem. Mas, está entrando por cima da bola”.	Objetivo AN	Objetivo DE	Objetivo DE “Descreveu a ação errônea do atleta”.
	56. “Trabalha mais essa bola. Você foi logo para a definição”.	Objetivo AN	Objetivo P	Objetivo P “O treinador aconselhou o atleta”.
	78. “Pode ser um pouquinho mais firme esse voleio. Armou muito lá atrás”.	Objetivo DE	Objetivo P	Objetivo P “Orientou a uma melhor execução do golpe”.
	88. “Sua bola precisa ser mais funda, porque eles estão montando nela”.	Objetivo AN	Objetivo DE	Objetivo DE “Descreveu uma batida errônea do atleta”.
	114 “Então, você usa pouca as pernas e bate muito em pé, tenta abrir um pouco mais a base e jogar o peso para frente”.	Objetivo AN	Objetivo DE	Objetivo DE “Apresentou uma ação motora errônea do atleta”.
	120. “Viu como não pode mudar para paralela de qualquer jeito, porque assume muito risco”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério R “A mudança descontrolada do golpe provocou o erro”.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

	130. “Vocês estão fazendo o jogo sem pensar na tática”.	FP – Critério SC	FP – Critério R	Critério R “O uso da tática é para ganhar o ponto”.
	137. “Visualizou a tática desse lado?”	FP – Critério SC	FP – Critério R	Critério R “Questionou o modo de ganhar o ponto”.
	149. “Valeu pessoal, bom treino. Abraço”.	Afetividade Positiva	Objetivo AP	Objetivo AP “Avaliou positivamente o desempenho dos atletas”.
TAJ13 ID 6	12. “Agora é você, fica atenta no controle do movimento (Biomecânica)”.	Instrução TE	Objetivo P	Objetivo P “O treinador orientou o atleta para controlar o golpe”.
	31. “Entra! Entra, agora é hora de bater essa bola longa”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério R “Orientou acertar golpes profundos”.
	42. “Você vai para o outro lado agora e segura o padrão”.	Instrução OE	Instrução FE	Instrução FE “Disse para o atleta o objetivo do treino”.
	43. “Vocês continuam batendo a bola”.	Instrução TE	Instrução OE	Instrução OE “Pedi para continuar com o mesmo exercício”.
	56. “A sua bola está passando bem rente à rede, eu quero ver a parábola na trajetória”.	Objetivo AN	Objetivo DE	Objetivo DE “Mencionou uma batida que poderia ser melhor”.
	78. “Sim você tem razão, é mais fácil angular uma bola que já vem angularada”.	Objetivo P	Objetivo AP	Objetivo AP “Avaliou de forma positiva a visão do atleta”.
TAJ14 ID 3	62. “Jogou bem esse ponto, dominou as ações”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “O atleta apresentou um bom desempenho no jogo”.
	63. “Se defendeu bem, tenta jogar o ponto no contra-ataque também”.	FP – Critério Perf.	FP – Critério R	Critério Perf. “Orientou o atleta ter mais reação durante o ponto”.
	80. “Projeta o corpo para frente nesse <i>slice</i> , a ideia é diminuir o tempo do adversário para ganhar o ponto”.	Critério Perf.	Critério R	Critério R “Orientou a ação motora para vencer os pontos”.

As intervenções em discordância foram definidas por um *expert* graduado

Legendas: ID – Intervenção em Discordância / RE – Resultado do Exercício / TE – Técnica do Exercício / P – Prescritivo SC – Sem Critério / R – Resultado / Perf. – Performance / NA – Avaliativo Negativo

Fonte: Dados obtidos nas análises intra-observador.

Anexo 16 – Análise comparativa entre o pensamento e comportamento do treinador

Observações: TAJ01

Questões:	Intervenção pedagógica	Pensamento do treinador	Análise do comportamento do treinador	
			Congruência Observada neste treino	Divergência Não observada neste treino
1 (6.4). Tem o hábito de dar instrução ao atleta em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?		“Dou instrução em todas as partes do treino”.	Observamos que o treinador emitiu as instruções em todas as partes do treino.	
2 (6.5) Estimula a autoinstrução ao atleta no treino?		“ Sim , porque o atleta precisa resolver os problemas, e ter o discernimento do que fazer na quadra com base no que foi treinado”.		Não observamos indagações do treinador sobre possíveis soluções de um problema ocorrido no treino.
3 (6.6) Oferece sugestões e/ou lembretes para o atleta no treino?		“ Sim , porque a ideia é reforçar o lado emocional do atleta nas questões técnicas e táticas”.	Observamos que o treinador ofereceu conselhos para os atletas no treino.	
4 (6.10) Utiliza exercícios pautados em fases progressivas no treinamento?		“ Sim , para favorecer a escala de exigência de volume e repetição.”	O treinador ministrou parte do treino baseado em fases progressivas.	
5 (6.11) Utiliza jogos como exercícios de treino?		“ Sim , em algumas situações sim”.	Observamos que o treinador jogou pontos com os atletas juvenis.	
6 (6.12). Costuma questionar os atletas durante o treino?		“ Sim , muitas vezes, porque quando há o questionamento, você faz o atleta pensar na jogada ou num golpe”.	Notamos que o treinador questionou os atletas durante o treino. No entanto, eram dúvidas sobre determinados comportamento ou jogada.	
7 (6.13). Procura ouvir as opiniões do atleta durante o treino?		“ Sim , você precisa perceber a veracidade da colocação (Opinião) que ele passa.”	Observamos que o treinador nos intervalos do treino ouvia as ideias dos atletas juvenis.	
8 (6.16.1.1). Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?		“ Sim , o atleta ajuda montar um circuito, atuam juntos para otimizar o tempo”.	Observamos que os atletas ajudaram o treinador a colocar os materiais auxiliares em quadra, seguindo as orientações recebidas.	
9. (6.18) Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?		“Normalmente é o nível técnico”.	Percebemos no treino que os atletas apresentavam o mesmo nível técnico.	
10 (6.19) Os atletas participam da organização do grupo no treino?		“ Sim , os atletas participam da organização do grupo no treino?”		Não foi observada a participação dos atletas na organização do grupo de treino, foi o treinador que organizou.
11 (6.23) Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?		“No início do treinamento sim , depois o treino é muito rotina e o atleta já conhece o conteúdo”.		Não foi observado apresentação do tema do treino aos atletas juvenis.
12 (6.24). Estabelece para os atletas o objetivo que se deseja alcançar no treino?		“ Sim , porque, tem que haver uma progressão pedagógica.”		Não observamos o treinador estipular o objetivo que queria alcançar no treino.
13 (6.28). Elogia o(s) atleta(s) durante o treino?		“ Sim , o tempo todo, a base não é a crítica e sim os elogios”.	Notamos que o treinador emitia elogios constantemente para os atletas.	
14 (6.34). Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades no treino		“ Sim , de acordo com a capacidade individual, você tem que trabalhar com as situações problemas, para evitar a acomodação”.	Observamos que o treinador estipulou certos pontos da quadra para dificultar o acerto da jogada e exigiu potência nos golpes.	
15 (6.36). Costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino?		“ Sim , muitas vezes eu registro ou conto [...], verifica o número de acertos”.	Observamos que o treinador contava o número de jogadas certas dos atletas.	
16 (6.37). Qual estratégia você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?		“Eu faço um diagnóstico do que fez o atleta não alcançar o objetivo e apresento para ele”.	Notamos que o treinador parou o treino e apresentou as razões do não êxito para o atleta.	
Percentual da congruência entre o pensamento e o comportamento do treinador			12 = (75%)	4 = (25%)

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Observações: TAJ02

Questões:	Intervenção pedagógica	Pensamento do treinador	Análise do Comportamento do treinador	
			Congruência	Divergência
1 (6.4). Tem o hábito de dar instrução ao atleta em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?		“Sim, ofereço em todas as partes do treino”.	Observada neste treino Observamos que o treinador emitiu algum tipo de instrução nas partes programada de treino.	Não observada neste treino
2 (6.5). Estimula a autoinstrução ao atleta no treino?		“Sim, incito tanto no acerto, quanto no erro”.		Não observamos o treinador despertando a autoinstrução nos atletas.
3 (6.6). Oferece sugestões e/ou lembretes para o atleta no treino?		“Sim, forneço para melhorar a capacidade do atleta”.	Observamos que o treinador ofereceu lembretes para o atleta.	
4 (6.10). Utiliza exercícios pautados em fases progressivas no treinamento?		“Sim, utilizo para estimular o raciocínio do atleta”.		Não observamos os exercícios de treino baseados em fases progressivas.
5 (6.11). Utiliza jogos como exercícios de treino?		“Sim, uso o jogo de pontos para diferentes situações”.	Notamos que o treinador utilizou um jogo adaptado no treino.	
6 (6.12). Costuma questionar os atletas durante o treino?		“Sim, eu faço para conhecer a sensibilidade e o raciocínio do atleta”.	Observamos um questionamento muito limitado, quase desprezível.	
7 (6.13). Procura ouvir as opiniões do atleta durante o treino?		“Sim, é importante para saber o sentimento do atleta durante o treino”.		Não foi observado o treinador ouvindo a opinião dos atletas. Os atletas só seguiram o programa de treino.
8 (6.16.1.1). Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?		“Não, eu que organizo os materiais sozinho”.	Foi observado que o treinador organizou sozinho os materiais nos exercícios.	
9 (6.18). Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?		“Vai muito pelo nível técnico, no tênis é assim”.	Observamos que o grupo de atleta estava no mesmo nível técnico.	
10 (6.19). Os atletas participam da organização do grupo no treino?		“Não, cabe ao treinador a organização do grupo”.	Foi observado que a organização do grupo de treino partiu do treinador.	
11 (6.23). Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?		“De vez em quando, eu os lembro”.	Observamos que o treinador apresentou o conteúdo para os atletas no treino.	
12 (6.24). Estabelece para os atletas o objetivo que se deseja alcançar no treino?		“Sim, eu estabeleço para que se tenha consciência do que será feito”.		Observamos que o treinador não apresentou a meta a ser atingida.
13 (6.28). Elogia o(s) atleta(s) durante o treino?		“Sim, o elogio é uma forma de estímulo para o atleta”.	Notamos que o treinador elogiou os atletas durante o treino.	
14 (6.34). Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades no treino		“Tem que possuir, porque o tênis é um jogo feito de dificuldades”.	Observamos que o treinador fez exercícios com grau de dificuldade para os atletas, no que tange a intensidade.	
15 (6.36). Costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino? Qual procedimento?		“Faço na parte específica, pedindo para o(s) atleta(s) contar(em) ou eu conto”.		Não foi observado a quantificação das repetições no treino.
16 (6.37). Qual estratégia você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?		“Eu procuro diminuir as repetições para ver se o atleta vai atingir um objetivo mais próximo do pré-estabelecido”.	Observamos que os atletas atingiram os objetivos pretendidos.	
Percentual da congruência entre o pensamento e o comportamento do treinador			11 = 69%	5 = 31%

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Observações: TAJ03

Questões:	Intervenção pedagógica	Pensamento do treinador	Análise do Comportamento do treinador	
			Congruência	Divergência
			Observada neste treino	Não observada neste treino
1 (6.4). Tem o hábito de dar instrução ao atleta em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?		“Sempre que necessário [...], até porque os atletas já sabem o que fazer no exercício seguinte”.	Mesmo sendo insuficiente, observamos que o treinador emitiu instruções aos atletas.	
2 (6.5). Estimula a autoinstrução ao atleta no treino?		“Sim, é importante o atleta precisa ter a noção do que está acontecendo e ter o discernimento de agir da melhor maneira possível para buscar a própria evolução”.		Não observamos o treinador estimular a autoinstrução ao atleta.
3 (6.6). Oferece sugestões e/ou lembretes para o atleta no treino?		“Eu não faço, pra não criar dependência”.	Mesmo dizendo que não, observamos que o treinador ofereceu lembrete para os atletas.	
4 (6.10). Utiliza exercícios pautados em fases progressivas no treinamento?		“Sim, porque eu acho que dar um melhor entendimento para o atleta juvenil”.		Não foi observado exercícios pautados em fases progressivas.
5 (6.11). Utiliza jogos como exercícios de treino?		“Sim, principalmente, quando está em véspera de competição”.	Foi observado que o treinador utilizou jogo (Set) no treino.	
6 (6.12). Costuma questionar os atletas durante o treino?		“Sim, questiono. Perguntando porque você fez uma determinada jogada se o ideal seria uma outra”.		Observamos que o treinador não questionou os atletas no treino.
7 (6.13). Procura ouvir as opiniões do atleta durante o treino?		“Sim, “Porque é uma via de mão dupla, o treinador precisa saber o que o atleta está sentindo”.	Notamos que o treinador ouviu as opiniões dos atletas no treino.	
8 (6.16.1.1). Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?		“Os atletas participam da organização para otimizar, colocando os materiais nos lugares previamente estabelecido”.	Observamos o treinador orientar dois atletas na colocação dos materiais em quadra.	
9 (6.18). Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?		“Nível técnico e idade”.	Notamos que o grupo de atletas possuía a mesma condição técnica.	
10 (6.19). Os atletas participam da organização do grupo no treino?		“Às vezes sim e às vezes não. Porque acaba querendo treinar só num determinado grupo de atletas”.	Percebemos que a organização do grupo de treino foi feita pelo treinador, sem a participação dos atletas.	
11 (6.23). Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?		“Sim, momentos antes do início do treino”.	Mesmo sendo de forma escassa, observamos o treinador apresentar o conteúdo do treino para os atletas.	
12 (6.24). Estabelece para os atletas o objetivo que se deseja alcançar no treino?		“Sim, porque é importante mostrar os objetivos para sabermos o que queremos alcançar”.		Observamos que o treinador não apresentou o objetivo a ser atingido.
13 (6.28). Elogia o(s) atleta(s) durante o treino?		“Não, os atletas precisam ser incentivados e não elogiados”.	Observamos o treinador elogiando os atletas no treino.	
14 (6.34). Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades no treino		“Sim, o grau de dificuldade vai sendo progressivo, exigindo mais atenção dos atletas”.		Não foi observado exercícios com algum grau de dificuldade para os atletas.
15 (6.36). Costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino? Qual procedimento?		“Eu conto o número de bolas certas, até os atletas atingirem o objetivo”.		Não percebemos a quantificação das repetições durante o treino.
16 (6.37). Qual estratégia você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?		“Eu chamo para conversar e oriento para que volte com mais coragem para treinar de forma satisfatória”.	Observamos o treinador conversando com determinados atletas após o não êxito no treino.	
Percentual da congruência entre o pensamento e o comportamento do treinador			10 = 63%	6 = 37%

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Identificação: TAJ04

Questões:	Intervenção pedagógica	Pensamento do treinador	Análise do Comportamento do treinador	
			Congruência	Divergência
			Observada neste treino	Não observada neste treino
1 (6.4). Tem o hábito de dar instrução ao atleta em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?		“Sim, ...eu preciso ter a certeza de que eles estão entendendo o que eu quero”.	Observamos que o treinador ofereceu instrução aos atletas.	
2 (6.5). Estimula a autoinstrução ao atleta no treino?		“Sim, o tênis é um esporte que você precisa estimular a autoinstrução o tempo todo. Ele precisa ser auto suficiente”.		Não foi observado o estímulo da autoinstrução ao atleta.
3 (6.6). Oferece sugestões e/ou lembretes para o atleta no treino?		“Sim, durante o treino, fazemos uso de 10 regras instituída em nosso treino de forma lúdica”.	Notamos que o treinador ofereceu alguns lembretes para os atletas no treino.	
4 (6.10). Utiliza exercícios pautados em fases progressivas no treinamento?		“Sim, o progressivo a gente vai dificultando para que o atleta progrida”.	Foi observado exercícios de treinos pautados em fases progressivas.	
5 (6.11). Utiliza jogos como exercícios de treino?		“Sim, coloco o atleta para jogar comigo, com outros atletas, situações de jogo de forma específica e adaptada”.	Observamos que o treinador jogou contra os atletas na parte final do treino.	
6 (6.12). Costuma questionar os atletas durante o treino?		“Sim, ...despertar o raciocínio do atleta no treino”.	Foi observado questionamentos feitos pelo treinador aos atletas no treino.	
7 (6.13). Procura ouvir as opiniões do atleta durante o treino?		“Sim, porque é uma questão subjetiva, não sabemos como ele vai estar todos os dias, por isso ouço as suas opiniões”.	Notamos que o treinador ouviu as opiniões dos atletas no treino.	
8 (6.16.1.1). Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?		“Sim, me ajudam para viabilizar o treino”.	Percebemos que o treinador teve ajuda dos atletas na organização dos materiais.	
9 (6.18). Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?		“Nível de jogo dos atletas”.	Observamos que o grupo de atletas tinha o mesmo padrão de jogo.	
10 (6.19). Os atletas participam da organização do grupo no treino?		“Não, eu que organizo os grupos de treinamento”.	Observamos que o treinador organizou o grupo de atletas para o treino.	
11 (6.23). Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?		“Sim, para deixar todos conscientes do trabalho que será feito”.	Foi observado que o treinador apresentou o conteúdo para o grupo de atletas.	
12 (6.24). Estabelece para os atletas o objetivo que se deseja alcançar no treino?		“Sim, para que eles possam dar mais atenção (Foco) ao treino”.		Não percebemos o treinador estabelecer o objetivo a ser alcançado.
13 (6.28). Elogia o(s) atleta(s) durante o treino?		“Sim, porque é uma forma de mostrar que está valendo o esforço apresentado”.	Observamos que o treinador elogiava os atletas no treino.	
14 (6.34). Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades no treino		“Sim, para que o atleta entenda que a subida é aos poucos”.	Foi observado que os exercícios tinham graus de dificuldades, ou seja, com intensidade.	
15 (6.36). Costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino? Qual procedimento?		“Sim, mas não é em todos os treinos, eu verbalizo ou determino a contagem”.	Observamos que as repetições eram quantificadas pelo treinador em voz alta.	
16 (6.37). Qual estratégia você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?		“Mudamos o objetivo, adaptar para um mais alcançável”.		Não foi observada esta estratégia sendo feita pelo treinador.
Percentual da congruência entre o pensamento e o comportamento do treinador			13 = 81%	3 = 19%

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Identificação: TAJ05

Questões:	Intervenção pedagógica	Pensamento do treinador	Análise do Comportamento do treinador	
			Congruência	Divergência
			Observada neste treino	Não observada neste treino
1 (6.4). Tem o hábito de dar instrução ao atleta em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?		“Sim, porque são adolescentes e é sempre bom deixar claro o que se deseja naquele treino”.	Observamos que o treinador deu instrução em todas as partes do treino.	
2 (6.5). Estimula a autoinstrução ao atleta no treino?		“Sim, porque o atleta estará sozinho na competição e aí terá que resolver o problema”.		Não foi observado o fomento da autoinstrução aos atletas.
3 (6.6). Oferece sugestões e/ou lembretes para o atleta no treino?		“Sim, mesmo fazendo pouco, é uma forma de mantê-lo no foco”.	Notamos que o treinador sugeriu um tipo de ação para o atleta durante o treino.	
4 (6.10). Utiliza exercícios pautados em fases progressivas no treinamento?		“Sim, porque o atleta precisa ter confiança e se preparar para o máximo”.		Não observamos o treinador aplicar exercícios baseado em fases progressivas.
5 (6.11). Utiliza jogos como exercícios de treino?		“Sim, jogar com o placar de 30 a 0 ou de 0 a 30, e saque voleio, tem que subir na terceira bola.”	Mesmo sendo na parte final do treino, o treinador colocou os atletas para jogar set.	
6 (6.12). Costuma questionar os atletas durante o treino?		“Sim, para força a raciocinar no treino”.	Foi observado que o treinador questionou um dos atletas no treino.	
7 (6.13). Procura ouvir as opiniões do atleta durante o treino?		“Sim, porque o atleta juvenil tem a sua dificuldade e necessidade”.		Não foi observado os atletas expressando suas opiniões.
8 (6.16.1.1). Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?		“Eu geralmente preparo os materiais em quadra. Porque eu chego antes”.	Vimos o treinador sozinho organizando os materiais auxiliares em quadra.	
9 (6.18). Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?		“Por nível técnico de jogo do atleta”.	Notamos que o grupo de treino tinha o mesmo nível técnico de jogo.	
10 (6.19). Os atletas participam da organização do grupo no treino?		“Não, porque quem decide é o treinador a melhor organização do grupo”.	Observamos que o grupo de treino foi organizado pelo treinador.	
11 (6.23). Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?		“Apresento, mas a cada 15 dias, porque o atleta já sabe o que vai ser feito (tema) no período de treino e precisa ter essa interação”.	Percebemos que o treinador apresentou os temas de treino para os atletas.	
12 (6.24). Estabelece para os atletas o objetivo que se deseja alcançar no treino?		“Sim, mesmo sendo atletas, eu preciso mantê-los atentos”.	Observamos que o treinador determinou ao atleta um objetivo a ser atingido.	
13 (6.28). Elogia o(s) atleta(s) durante o treino?		“Sim, porque eu acho que eles (atletas) merecem, porque estão ali (no treino) num esforço grande. É importante dar um estímulo”.	Foi observado que o treinador ofereceu elogios aos atletas durante o treino.	
14 (6.34). Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades no treino		“Sim, porque o atleta de competição precisa treinar dificuldade”.	Vimos que o treinador ministrou exercícios com grau de dificuldade, exigindo intensidade.	
15 (6.36). Costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino? Qual procedimento?		“Sim, é fundamental, não tenho feito muito nos treinos”.	Observamos que o treinador orientou os atletas a executarem uma quantidade de bolas durante um exercício.	
16 (6.37). Qual estratégia você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?		“A gente aqui insiste muito no treino, a dificuldade do atleta é muito grande e o treinador tem que ser perseverante e ajudar o atleta a melhorar bastante”.	Notamos que o treinador insistiu com o exercício até um determinado atleta atingir o objetivo pretendido.	
Percentual da congruência entre o pensamento e o comportamento do treinador			13 = 81%	3 = 19%

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Identificação: TAJ06

Questões:	Intervenção pedagógica	Pensamento do treinador	Análise do Comportamento do treinador	
			Congruência	Divergência
			Observada neste treino	Não observada neste treino
1 (6.4). Tem o hábito de dar instrução ao atleta em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?		“Sim, os atletas precisam saber o que eu quero daquele treino”.	Vimos que o treinador deu instrução aos atletas nas partes do treino.	
2 (6.5). Estimula a autoinstrução ao atleta no treino?		“Sim, porque o atleta precisa resolver as situações que ocorrem no jogo”.		Não foi observado o estímulo da autoinstrução aos atletas.
3 (6.6). Oferece sugestões e/ou lembretes para o atleta no treino?		“Sim, porque as vezes os atletas esquecem de continuar o trabalho”.	Vimos que o treinador sugeriu ações para os atletas no treino.	
4 (6.10). Utiliza exercícios pautados em fases progressivas no treinamento?		“Sim, para o atleta poder se adaptar ao exercício, que é mais puxado”.		Não foi observado exercícios pautados em fase progressiva durante o treino.
5 (6.11). Utiliza jogos como exercícios de treino?		“Sim, adaptados como saque-voleio, devoluções de deixada ou atacando”.	Notamos que o treinador jogou alguns <i>tie breaks</i> com os atletas no início do treino.	
6 (6.12). Costuma questionar os atletas durante o treino?		“Sim, pergunto qual foi o objetivo dele naquela determinada bola”.	Observamos que o treinador fez questionamentos para os atletas no treino.	
7 (6.13). Procura ouvir as opiniões do atleta durante o treino?		“Sim, para interagir e tirar as dúvidas do atleta”.	Percebemos nos intervalos que o treinador ouviu as opiniões dos atletas.	
8 (6.16.1.1). Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?		“Os atletas ajudam a organizar, porque eles fazem parte do treino”.	Notamos que os atletas ajudaram o treinador a distribuir os materiais em quadra para realizarem o exercício.	
9 (6.18). Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?		“Por idade, nível técnico e sexo”.	Vimos que o grupo de treino era do mesmo sexo e nível técnico de jogo.	
10 (6.19). Os atletas participam da organização do grupo no treino?		“Não, para não dar margem de se organizar grupinhos (panela)”.	Observamos que o treinador orientou a formação do grupo de treino.	
11 (6.23). Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?		“Porque eu acho importante que saibam, na verdade já sabem o que irão fazer a semana inteira e aí fica mais fácil conduzir o treino”.	Mesmo sendo de forma escassa, foi observado que houve a apresentação do conteúdo.	
12 (6.24). Estabelece para os atletas o objetivo que se deseja alcançar no treino?		“Sim, para saberem trabalhar em grupo”.		Não observamos que o treinador estivesse estabelecido para os atletas os objetivos a serem atingidos.
13 (6.28). Elogia o(s) atleta(s) durante o treino?		“Sim, é uma forma de recompensa quando atingem a meta do treino”.	Observamos que o treinador elogiava os atletas quando alcançavam o objetivo.	
14 (6.34). Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades no treino		“Sim, eu vou aumentando o grau de dificuldade de acordo com a evolução do atleta”.	Foi observado que houve exercícios com graus de dificuldades, objetivando volume.	
15 (6.36). Costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino?		“Sim, eu peço para que eles façam a contagem”.		Não foi observado a quantificação das bolas certas.
16 (6.37). Qual estratégia você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?		“Eu volto (regressão), diminuo a quantidade de bolas até chegarmos no objetivo principal”.		Notamos que o treinador manteve o mesmo objetivo no treino.
Percentual da congruência entre o pensamento e o comportamento do treinador			11 = 69%	5 = 31%

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Identificação: TAJ07

Questões:	Intervenção pedagógica	Pensamento do treinador	Análise do Comportamento do treinador	
			Congruência	Divergência
			Observada neste treino	Não observada neste treino
1 (6.4). Tem o hábito de dar instrução ao atleta em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?		“Sim, porque o adolescente sempre esquece, o que se propôs a ser treinado”.	Observamos que o treinador emitiu instruções em todas as partes do treino.	
2 (6.5). Estimula a autoinstrução ao atleta no treino?		“Sim, faço pergunta (questiono), porque faz o atleta a pensar”.		Não foi observado o estímulo da autoinstrução aos atletas durante o treino.
3 (6.6). Oferece sugestões e/ou lembretes para o atleta no treino?		“Sim, para fazer o atleta pensar no que poderia ter sido feito naquele momento”.	Foi observado que o treinador fez uma sugestão a um dos atletas.	
4 (6.10). Utiliza exercícios pautados em fases progressivas no treinamento?		“Sim, porque vai mostrando fase a fase, num crescente ou não”.		Não observamos exercícios baseados em fases progressivas.
5 (6.11). Utiliza jogos como exercícios de treino?		“Sim, jogos de passada, <i>smash</i> e voleios, jogar com o 2º saque, bolas cruzadas e saque-voleio”.		Não foi observado a utilização de jogos como exercícios de treino.
6 (6.12). Costuma questionar os atletas durante o treino?		“Sim, para estimular o self-coach no atleta.”	Mesmo sendo um único questionamento efetivo, o treinador questionou os atletas no treino.	
7 (6.13). Procura ouvir as opiniões do atleta durante o treino?		“Sim, para saber o sentimento dele e saber se o exercício está adequado”.		Não observamos o treinador dar ouvidos as opiniões dos atletas.
8 (6.16.1.1). Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?		“Eu que organizo e as vezes peço para ajudarem, isso depende do treino”.	Percebemos que o treinador organizou os materiais sozinho em quadra.	
9 (6.18). Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?		“A técnica, ou seja, o nível de jogo”.	Notamos que o grupo de atletas possuía mesmo nível técnico de jogo.	
10 (6.19). Os atletas participam da organização do grupo no treino?		“Sim, as vezes ouço o que eles desejam. Mas, sou eu que decido”.		Não foi observado a participação dos atletas na organização do grupo de treino.
11 (6.23). Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?		“Não, os atletas já sabem o que vai ser treinado”.	Observamos que o treinador apresentou o tema do treino para os atletas.	
12 (6.24). Estabelece para os atletas o objetivo que se deseja alcançar no treino?		“Sim, para exigir atenção no exercício (treino)”.		Não vimos o treinador estabelecer o resultado a ser alcançado.
13 (6.28). Elogia o(s) atleta(s) durante o treino?		“Sim, ...estimula o querer melhorar”.	Foi observado que o treinador elogiou o grupo de atletas por ter atingido o objetivo do treino.	
14 (6.34). Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades no treino		“Sim, e o que irá acontecer na competição (será exigido essa dificuldade)”.	Notamos que o treinador ministrou exercícios com certo grau de dificuldade na intensidade.	
15 (6.36). Costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino? Qual procedimento?		“Sim, previamente, defino o número de bolas”.	Observamos que o treinador quantificou contando o número de bolas certas.	
16 (6.37). Qual estratégia você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?		“Eu paro e converso com ele, isso acontece muito e dar força”.	Vimos que o treinador foi conversar com um dos atletas por não está conseguindo realizar o exercício completo.	
Percentual da congruência entre o pensamento e o comportamento do treinador			10 = 63%	6 = 37%

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Identificação: TAJ08

Questões:	Intervenção pedagógica	Pensamento do treinador	Análise do Comportamento do treinador	
			Congruência Observada neste treino	Divergência Não observada neste treino
1 (6.4). Tem o hábito de dar instrução ao atleta em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?		“Sim, de acordo com a necessidade [...] é preciso dar a instrução para assegurar a atenção no treino”.	Percebemos que o treinador ofereceu instruções aos atletas.	
2 (6.5). Estimula a autoinstrução ao atleta no treino?		“Sim, para estimular os atletas a pensarem como irão resolver determinados problemas”.		Não observamos o treinador exercita a autoinstrução com os atletas.
3 (6.6). Oferece sugestões e/ou lembretes para o atleta no treino?		“Sim, para que ele faça o que nós tínhamos conversado sobre o treino”.	Notamos que o treinador sugeriu que um dos atletas apresentasse mais controle emocional no treino.	
4 (6.10). Utiliza exercícios pautados em fases progressivas no treinamento?		“Sim, “para mostrar que o atleta é capaz de atingir diferentes graus de exigência no treino”.		Não foi observado exercícios pautados em fases progressivas.
5. (6.11). Utiliza jogos como exercícios de treino?		“Sim, jogos semiabertos: Cruza uma bola e joga o ponto, mudou a direção da bola está valendo o ponto, bate e vai a rede”.	Vimos a utilização do jogo normal (Set) como exercício de treino.	
6 (6.12). Costuma questionar os atletas durante o treino?		“Sim, para saber a opinião dele (aspecto técnico) ou qual era a intenção na jogada (tático)”.	Observamos alguns questionamentos dado pelo treinador aos atletas.	
7 (6.13). Procura ouvir as opiniões do atleta durante o treino?		“Sim, para ter noção do que está sendo treinado e do comportamento dele para aprimorar”.	Observamos que o treinador parou o treino para ouvir a opinião de um dos atletas.	
8 (6.16.1.1). Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?		“Eu que organizo os materiais em quadra para colocar no lugar certo”.	Foi observado que os materiais auxiliares foram organizados pelo próprio treinador.	
9 (6.18). Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?		“...utilizava o critério técnico quando o objetivo era o treino tático e quando era o treino técnico usava outros critérios”.	Observamos que o treinador utilizou dois tipos: A técnica para jogar e a tática a faixa etária.	
10 (6.19). Os atletas participam da organização do grupo no treino?		“Não, porque nós que sabemos o que queremos no treino”.	Vimos que a organização do grupo de treino foi feita pelo treinador.	
11 (6.23). Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?		“Sim, para que eles se concentrem no que irão fazer”.	Percebemos que o treinador apresentou o conteúdo do treino para os atletas.	
12 (6.24). Estabelece para os atletas o objetivo que se deseja alcançar no treino?		“Sim, para exigir o melhor do atleta”.	Observamos que o treinador apresentou a meta a ser alcançada pelos atletas.	
13 (6.28). Elogia o(s) atleta(s) durante o treino?		“Sim, porque os atletas gostam de receber elogios, se sentem valorizados”.	Foi observado que o treinador em algum momento elogiou um atleta.	
14 (6.34). Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades no treino		“Sim, para exigir mais atenção (Concentração) no treino”.	Notamos que houve exercícios com sobrecarga na intensidade.	
15 (6.36). Costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino? Qual procedimento?		“Sim, pela questão dos números de bolas que a gente tem a necessidade de treinar, e é feita de voz alta (contagem)”.		Não foi observado a contagem de bolas nos exercícios de treino.
16 (6.37). Qual estratégia você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?		“...trabalhamos uma quantidade menor de bolas e verifico se existe a possibilidade de executar uma progressão gradativa”.	Notamos que o treinador reduziu uma quantidade de bolas certas para todos os atletas, até atingir o número programado.	
Percentual da congruência entre o pensamento e o comportamento do treinador			13 = 81%	3 = 19%

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Identificação: TAJ09

Questões:	Intervenção pedagógica	Pensamento do treinador	Análise do Comportamento do treinador	
			Congruência	Divergência
			Observada neste treino	Não observada neste treino
1 (6.4). Tem o hábito de dar instrução ao atleta em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?		“Sim, somente para reforçar o que está previsto”.	Observamos que o treinador deu instruções aos atletas.	
2 (6.5). Estimula a autoinstrução ao atleta no treino?		“Sim, a ideia é fazê-lo (atleta) aprender a se corrigir”.		Não foi observado a incitação aos atletas da autoinstrução.
3 (6.6). Oferece sugestões e/ou lembretes para o atleta no treino?		“Sim, para manter a atenção”.	Vimos o treinador dar um lembrete sobre uma determina conduta a ser feita.	
4 (6.10). Utiliza exercícios pautados em fases progressivas no treinamento?		“Sim, é a melhor forma, todo o processo de ensino há uma progressão”.		Não observamos treinos baseados em fases progressivas.
5 (6.11). Utiliza jogos como exercícios de treino?		“Sim, o jogo só começa depois que o atleta bate uma bola na corrida”.	Vimos que o treinador colocou os atletas para jogarem na quadra ao lado.	
6 (6.12). Costuma questionar os atletas durante o treino?		“Sim, quando o atleta faz alguma escolha impulsiva”.	Percebemos que o treinador questionava os atletas durante o treino.	
7 (6.13). Procura ouvir as opiniões do atleta durante o treino?		“Não, porque eu falo demais. Mas eu preciso ouvir mais os atletas, já iniciei este trabalho de ouvir mais”.		Não foi observado esta conduta do treinador.
8 (6.16.1.1). Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?		“Eu organizo sozinho os materiais, para ganhar tempo”.	Notamos que o treinador organizou sozinho os materiais em quadra.	
9 (6.18). Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?		“O critério técnico”.	Observamos que o grupo de treino apresentava o mesmo nível técnico.	
10 (6.19). Os atletas participam da organização do grupo no treino?		“Não, para não fazerem a panelinha”.	O treinador que organizou o grupo de atletas para o treino.	
11 (6.23). Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?		“Sim, por causa da organização”.	Vimos que o treinador apresentou o tema do treino para os atletas.	
12 (6.24). Estabelece para os atletas o objetivo que se deseja alcançar no treino?		“Sim, para favorecer a programação ou o plano B”.		Não vimos o treinador estabelecer os objetivos a serem alcançados.
13 (6.28). Elogia o(s) atleta(s) durante o treino?		“Sim, para favorecer a motivação”.	Mesmo sendo no final do treino, vimos o treinador elogiar o grupo de atletas.	
14 (6.34). Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldade no treino		“Sim, vai aumentando, de acordo com que ele (atleta) vai acertando”.	Observamos que o treinador apresentou treinos com grau de dificuldade no volume e na intensidade.	
15 (6.36). Costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino? Qual procedimento?		“Sim, por meio de séries ou quantidades, eu faço a contagem das bolas ou dos golpes certos”.	Foi observado a quantificação das repetições do golpe, por meio da contagem feita pelo treinador.	
16 (6.37). Qual estratégia você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?		“Regressão ou situações fechadas”.	Notamos que o treinador fez treinos fechados para os atletas terem a chance de praticar.	
Percentual da congruência entre o pensamento e o comportamento do treinador			12 = 75%	4 = 25%

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Identificação: TAJ10

Questões:	Intervenção pedagógica	Pensamento do treinador	Análise do Comportamento do treinador	
			Congruência	Divergência
			Observada neste treino	Não observada neste treino
1 (6.4). Tem o hábito de dar instrução ao atleta em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?		“Sim, porque é a única maneira de estar com eles e poder direcionar o treino”.	Vimos que o treinador deu a instrução aos atletas.	
2 (6.5). Estimula a autoinstrução ao atleta no treino?		“Sim, por meio de perguntas para que eles descubram o próprio caminho”.		Não vimos o treinador suscitar a autoinstrução aos atletas.
3 (6.6). Oferece sugestões e/ou lembretes para o atleta no treino?		“Sim, para que a informação seja processada pelo atleta”.	Observamos que o treinador ofereceu sugestão	
4 (6.10). Utiliza exercícios pautados em fases progressivas no treinamento?		“Sim, “...apresentar para o atleta juvenil o que fazer e como fazer, para depois ele próprio [...] resolver o problema mais difícil”.		Não foi observado exercícios baseados em fases progressivas.
5 (6.11). Utiliza jogos como exercícios de treino?		“Sim, limitar o espaço da quadra na disputa do ponto, contagem favorável e desfavorável”.	Vimos o treinador realizar jogos adaptados no treino.	
6 (6.12). Costuma questionar os atletas durante o treino?		“Sim, fazê-lo (atleta) pensar, e não ficar esperando a resposta”.	Observamos que o treinador fez questionamentos aos atletas.	
7 (6.13). Procura ouvir as opiniões do atleta durante o treino?		“Sim, procuro ouvir as opiniões dos atletas durante o treino”.	Notamos o treinador escutando as ideias dos atletas sobre um determinado treino.	
8 (6.16.1.1). Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?		“Eu organizo na maioria do tempo para agilizar”.	O treinador organizou os materiais sozinho.	
9 (6.18). Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?		“Nível do jogador”.	Percebemos que o grupo de atletas apresentava o mesmo padrão técnico.	
10 (6.19). Os atletas participam da organização do grupo no treino?		“Sim, eles pedem para treinar com o atleta melhor, as vezes são atendidos”.	Vimos o treinador acatar a opinião dos atletas na formação do grupo de treino num determinado exercício.	
11 (6.23). Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?		“Não, se você comunicar que o treino terá mais volume, mentalmente eles já ficam derrubados”.		Foi observado a apresentação do tema de treino aos atletas
12 (6.24). Estabelece para os atletas o objetivo que se deseja alcançar no treino?		“Sim, mais na parte tática do treino”.		Não observamos o treinador dizer o que se espera do atleta no exercício.
13 (6.28). Elogia o(s) atleta(s) durante o treino?		“Sim, para motivar o atleta”.	Observamos que o treinador emitiu elogios ao grupo de atletas.	
14 (6.34). Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades no treino		“Sim, por isso trabalhamos gradualmente com exercícios específicos”.	Percebemos treinos com graus de dificuldades na intensidade.	
15 (6.36). Costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino? Qual procedimento?		“Sim, no treino tático quantificamos por meio de uma determinada quantidade pré-estabelecida”.	Quantificou as repetições durante um educativo.	
16 (6.37). Qual estratégia você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?		“Eu faço a regressão ou adapto novas situações”.	Vimos o treinador regressar num exercício e depois retornar ao treino programado.	
Percentual da congruência entre o pensamento e o comportamento do treinador			12 = 75%	4 = 25%

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Identificação: TAJ11

Questões:	Intervenção pedagógica	Pensamento do treinador	Análise do Comportamento do treinador	
			Congruência	Divergência
			Observada neste treino	Não observada neste treino
1 (6.4). Tem o hábito de dar instrução ao atleta em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?		“Sim, o exercício tem que ter objetivo, a partir daí tem que haver a instrução”.	Observamos que o treinador deu instrução aos atletas em todas as partes do treino.	
2 (6.5). Estimula a autoinstrução ao atleta no treino?		“Sim, por meio de perguntas, fazer o atleta a pensar”.		Não vimos ser estimulado a autoinstrução.
3 (6.6). Oferece sugestões e/ou lembretes para o atleta no treino?		“Sim, quando eu percebo que ele (atleta) está deixando de lado o objetivo”.	Percebemos que durante o treino foi oferecido lembretes para os atletas.	
4 (6.10). Utiliza exercícios pautados em fases progressivas no treinamento?		“Sim, para proporcionar confiança ao atleta”.		Não foi observado exercícios pautados em fases progressivas.
5 (6.11). Utiliza jogos como exercícios de treino?		“Sim, pontos combinados com situações específicas”.	Observamos que o treinador jogos adaptados para os atletas.	
6 (6.12). Costuma questionar os atletas durante o treino?		“Sim, para estimular uma melhor compreensão do golpe ou jogada realizada”.	Vimos que o treinador questionou os atletas no treino.	
7 (6.13). Procura ouvir as opiniões do atleta durante o treino?		“Sim, para desenvolvermos junto o treino”.		Não observamos o treinador dar atenção aos atletas para ouvir as suas opiniões.
8 (6.16.1.1). Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?		“Normalmente faço sozinho para ganhar tempo”.	Foi observado que o treinador organizou sozinho os materiais auxiliares.	
9 (6.18). Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?		“Nível de jogo”.		Observamos que no grupo de treino havia atleta com nível de jogo diferente.
10 (6.19). Os atletas participam da organização do grupo no treino?		“Não, porque normalmente eu faço e para não formar panelinha”.	O treinador que definiu a composição do grupo de treino.	
11 (6.23). Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?		“Para eles (atletas) terem noção do que fazer”.	Mesmo sendo uma quantidade baixa, o treinador apresentou o conteúdo para os atletas.	
12 (6.24). Estabelece para os atletas o objetivo que se deseja alcançar no treino?		“Sim, só faço uma vez a cada parte”.	Em um único momento, o treinador estabeleceu o objetivo que o atleta deveria alcançar.	
13 (6.28). Elogia o(s) atleta(s) durante o treino?		“Sim, para motivar”.	Notamos que o treinador elogiou o grupo de atletas no treino.	
14 (6.34). Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades no treino		“Sim, sempre de acordo com a capacidade do atleta”.	Vimos que os exercícios possuíam graus de dificuldades no volume.	
15 (6.36). Costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino? Qual procedimento?		“Sim, eu peço para acertar um determinado número de batidas dentro da quadra”.	Notamos que o treinador pediu para os atletas fazerem a contagem de bolas para atingir o objetivo estabelecido.	
16 (6.37). Qual estratégia você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?		“Eu faço a regressão para atingirem confiança e devagar tento repetir o objetivo inicial”.	Num momento do treino o treinador jogou a bola mais fácil pra o atleta acertar o <i>Time</i> de batida.	
Percentual da congruência entre o pensamento e o comportamento do treinador			12 = 75%	4 = 25%

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Identificação: TAJ12

Questões:	Intervenção pedagógica	Pensamento do treinador	Análise do Comportamento do treinador	
			Congruência	Divergência
			Observada neste treino	Não observada neste treino
1 (6.4). Tem o hábito de dar instrução ao atleta em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?		“Sim, para que ele (atleta) possa ter tempo de assimilar a informação”.	Observamos que o treinador emitiu instrução na parte inicial e principal.	
2 (6.5). Estimula a autoinstrução ao atleta no treino?		“Sim, para ele criar uma independência, porque nem sempre estarei lá, até porque na quadra ele estará sozinho o tempo todo”.		Não foi percebido no treino o estímulo da autoinstrução aos atletas.
3 (6.6). Oferece sugestões e/ou lembretes para o atleta no treino?		“Sim, as vezes o atleta não captou bem o que eu disse, e aí eu dou o lembrete”.	Notamos que o treinador possibilitou lembretes para os atletas.	
4 (6.10). Utiliza exercícios pautados em fases progressivas no treinamento?		“Sim, para o atleta poder adquirir confiança no treino e ser desafiado”.		Não observamos no treino exercícios pautados em progressividade.
5 (6.11). Utiliza jogos como exercícios de treino?		“Sim, Saque e devolução com disputa de pontos, jogos na cruzada e jogos buscando profundidade”.	Foi observado jogos adaptados como exercício de treino.	
6 (6.12). Costuma questionar os atletas durante o treino?		“Sim, para o atleta pensar no exercício que está sendo feito. E ter condições de chegar no objetivo do treino”.	Vimos que o treinador fez questionamentos ao grupo de atletas.	
7 (6.13) Procura ouvir as opiniões do atleta durante o treino?		“Sim, para saber o porquê de uma determinada escolha, se poderia fazer uma outra jogada.”	Percebemos que o treinador conversava com os atletas sobre o treino.	
8 (6.16.1.1). Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?		“Normalmente, faço sozinho”.	Notamos que o treinador organizou os materiais sozinho.	
9 (6.18). Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?		“Usamos o critério técnico e idade também”.	Observamos que o grupo de treino estavam na mesma faixa etária e no mesmo nível técnico.	
10 (6.19). Os atletas participam da organização do grupo no treino?		“Sim, para desenvolver autonomia do atleta no próprio treino”.	Percebemos que os atletas deram sugestão na formação do grupo de treino.	
11 (6.23). Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?		“Sim, para que os atletas possam se engajar mais no treino ao conhecer o conteúdo”.	Vimos que o treinador apresentou o conteúdo do trino aos atletas.	
12 (6.24). Estabelece para os atletas o objetivo que se deseja alcançar no treino?		“Sim, para garantir a atenção no exercício”.		Não observamos o treinador estabelecer o objetivo a ser atingido pelos atletas.
13 (6.28). Elogia o(s) atleta(s) durante o treino?		“Sim, porque o atleta responde melhor”.	Observamos que o treinador fez elogios aos atletas.	
14 (6.34). Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades no treino		“Sim, porque se não houver uma dificuldade tende os atletas relaxarem”.	Notamos que os exercícios possuíam graus de dificuldades para os atletas na intensidade.	
15 (6.36). Costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino? Qual procedimento?		“Sim, eu defino uma quantidade de sequência possível, e realizo a contagem”.	Vimos que o treinador contou o número de bolas certas pré-estabelecida.	
16 (6.37). Qual estratégia você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?		“Faço regressão no objetivo”.	Numa dificuldade de um atleta, percebemos que o treinador facilitou a saída de bola para esse atleta.	
Percentual da congruência entre o pensamento e o comportamento do treinador			13 = 81%	3 = 19%

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Identificação: TAJ13

Questões:	Intervenção pedagógica	Pensamento do treinador	Análise do Comportamento do treinador	
			Congruência	Divergência
			Observada neste treino	Não observada neste treino
1 (6.4). Tem o hábito de dar instrução ao atleta em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?		“Sim, é importante em todas as partes para tentar assegurar a atenção do atleta”.	Notamos que o treinador deu instruções em todas as partes do treino.	
2 (6.5). Estimula a autoinstrução ao atleta no treino?		“Sim, faço exercícios para ele (atleta) aprender a sair do problema e resolver os problemas”.		Não foi observado o treinador orientar a autoinstrução aos atletas.
3 (6.6). Oferece sugestões e/ou lembretes para o atleta no treino?		“Sim, procuro exemplificar e fazer ele (atleta) pensar no que a gente conversou e colocar em prática”.	Foi observado que o treinador fez sugestões para os atletas.	
4 (6.10). Utiliza exercícios pautados em fases progressivas no treinamento?		“Sim, isso precisa ser feito em todas as partes do treino para fomentar a confiança do atleta”.		Mesmo tendo séries de exercícios, não foi observado treinos com fases progressivas.
5 (6.11). Utiliza jogos como exercícios de treino?		“Sim, a ideia é tirar o atleta da área de conforto, com jogos sacar e ganhar o ponto em duas bolas, saque-voleio e mudança de direção”.	Observamos que o treinador utilizou jogos adaptados como exercícios de treino.	
6 (6.12). Costuma questionar os atletas durante o treino?		“Sim, quando percebo que ele não está conseguindo, eu procuro levantar questionamento”.	Vimos que o treinador questionou os atletas no treino.	
7 (6.13). Procura ouvir as opiniões do atleta durante o treino?		“Sim, para saber o que o atleta está pensando e saber o ponto de vista dele”.	Notamos que o treinador ouviu a opinião de um dos atletas.	
8 (6.16.1.1). Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?		“Normalmente, arrumo sozinho. Para não perder tempo de treino”.	Vimos que o treinador organizou os materiais em quadra.	
9 (6.18). Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?		“O nível de jogo que é o parâmetro da constituição do grupo de treino”.	Percebemos que os atletas estavam no mesmo nível de jogo.	
10 (6.19). Os atletas participam da organização do grupo no treino?		“Não, sempre defino o grupo que irá treinar”.	Observamos que o treinador indicou o grupo de treino.	
11 (6.23). Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?		“Sim, para deixar ciente do que vai acontecer no treino”.	Notamos que o treinador o conteúdo de treino para os atletas.	
12 (6.24). Estabelece para os atletas o objetivo que se deseja alcançar no treino?		“Sim, para exigir a cooperação de todos”.		Não foi observado que o treinador pretendia alcançar nos objetivos estabelecido para o treino.
13 (6.28). Elogia o(s) atleta(s) durante o treino?		“Sim, é uma forma de estimular o atleta e puxar por ele”.	Percebemos que o treinador emitiu elogios aos atletas.	
14 (6.34). Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades no treino		“Sim, você tem que manter um grau de dificuldade para exigir dele (atleta)”.	Vimos que os exercícios de treino apresentavam graus de dificuldade no volume.	
15 (6.36). Costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino? Qual procedimento?		Sim, eu faço contagem, também uso do tempo”.	Observamos que o treinador realizou a contagem das bolas certas.	
16 (6.37). Qual estratégia você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?		“Procuro conversar para estimular ou faço regressão. Mas, depende de como está o comportamento do atleta para se valer da melhor estratégia”.	Notamos que o treinador chamou um atleta para conversar no momento em que estava errando.	
Percentual da congruência entre o pensamento e o comportamento do treinador			13 = 81%	3 = 19%

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

Identificação: TAJ14

Questões:	Intervenção pedagógica	Pensamento do treinador	Análise do Comportamento do treinador	
			Congruência	Divergência
			Observada neste treino	Não observada neste treino
1 (6.4). Tem o hábito de dar instrução ao atleta em todas as partes do treino ou somente em algumas partes?		“As instruções são dadas de acordo com a necessidade, eles precisam ser independentes. Às vezes damos a instrução para assegurar o objetivo do treino”.	Observamos que o treinador deu instrução em todas as partes do treino.	
2 (6.5). Estimula a autoinstrução ao atleta no treino?		“A independência do atleta é o grande segredo para ele suportar bem o treino, ter uma boa performance na quadra e ele conseguir na maioria das vezes ter as soluções dos problemas, as vezes a gente o deixa sofrer um pouco, bater um pouco a cabeça para estimular isso neles”.	Observamos que o treinador elaborou perguntas para estimular a autoinstrução.	
3 (6.6). Oferece sugestões e/ou lembretes para o atleta no treino?		“As vezes os atletas precisam deste lembrete para melhorar o rendimento, ou porque já passou tantos comandos que eles esquecem”.	Percebemos que o treinador emitiu sugeriu uma ação para o atleta.	
4 (6.10). Utiliza exercícios pautados em fases progressivas no treinamento?		“Para desenvolver a confiança do atleta em seu jogo”.		Não observamos exercícios pautados em fases de progressividades.
5 (6.11). Utiliza jogos como exercícios de treino?		“Mudança de direção, a gente cria um exercício fechado para o atleta entender. E depois uma situação aberta, o ponto abre a partir de uma tomada de decisão”.	Vimos que o treinador fez jogos como exercício de treino.	
6 (6.12). Costuma questionar os atletas durante o treino?		“Tento não parar o treino para não perder a dinâmica. Mas, se um erro acontece com muita frequência é hora de parar e questionar o que está acontecendo, mostrar que o atleta poderia fazer melhor”.	Notamos que o treinador questionou um atleta após um erro.	
7 (6.13). Procura ouvir as opiniões do atleta durante o treino?		“Se não houver esta dinâmica o treino não funciona, se o treino for muito impositivo a resposta do atleta será pior”.	Foi observado trocas de ideias entre o treinador e o grupo de atletas.	
8 (6.16.1.1). Os atletas ajudam organizar os materiais? Ou você organiza sozinho?		“Sim, somos um time, todos têm que se ajudar. E é importante que tenha essa organização de equipe e aí fica bem melhor trabalhar”.	Observamos que os atletas ajudaram na organização dos materiais.	
9 (6.18). Qual critério você usa para organizar o grupo de atletas no treino?		“Nível técnico, respeitando o objetivo”.	Notamos que o grupo de atletas estavam no mesmo nível técnico.	
10 (6.19). Os atletas participam da organização do grupo no treino?		“Não, porque é uma situação imposta pela gente”.	Percebemos que o treinador definiu o grupo de atletas para o treino.	
11 (6.23). Você apresenta o conteúdo do treino para o grupo de atletas?		“Para favorecer a assimilação, a gente acredita que a assimilação só se dar, quando o atleta entende o porquê de estar fazendo aquilo. O atleta passa não ser um robô (Repetir). Mas, ver aquilo como uma coisa positiva para ele no futuro”.	Vimos que o treinador apresentou o tema do treino para os atletas.	
12 (6.24). Estabelece para os atletas o objetivo que se deseja alcançar no treino?		“Para tentar assegurar a atenção dos atletas no que está sendo proposto”.		Não observamos o treinador estabelecer o objetivo a ser alcançado.
13 (6.28). Elogia o(s) atleta(s) durante o treino?		“Porque a nossa linha de trabalho é manter os atletas felizes e motivados o tempo inteiro. O elogio é um	Observamos que o treinador fez elogios aos atletas no treino.	

PROCESSO DE PENSAMENTO E ACÇÃO EM TREINADORES DE TÊNIS DE CAMPO

	feedback que mostra ao atleta a certeza do caminho e ele deve continuar daquela forma”.		
14 (6.34). Os objetivos precisam possuir algum grau de dificuldades no treino	“Tem que ser desafiador para que o atleta tenha um melhor domínio do jogo, se for muito fácil para mim não funciona e muito difícil também não funciona”.	Notamos que os objetivos dos exercícios possuíam graus de dificuldades no volume e na intensidade.	
15 (6.36). Costuma quantificar as repetições para assegurar os objetivos do treino? Qual procedimento?	Se vai fazer uma sessão de volume, define a quantidade, a carga vai ser mais longa. Se vai fazer um ajuste técnico tem que ser uma quantidade possível de ser feita eu conto, sem deixar o atleta muito cansado”.	Vimos que o treinador contou o número de serviços e devoluções dos atletas num exercício.	
16 (6.37). Qual estratégia você utiliza, quando o atleta não alcança o objetivo no treino?	“Ver com o atleta o motivo, saber porque ele não está encontrando as soluções”.		Não observamos essa conduta do treinador, pelo fato do exercício não estabelecer uma meta.
Percentual da congruência entre o pensamento e o comportamento do treinador		13 = 81%	3 = 19%

Fonte: Dados obtidos no próprio estudo.